

**Espaço-vivo:  
as variáveis de um espaço-vivo investigadas na cidade de  
Diamantina, do ponto de vista dos músicos**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia –  
Tratamento da Informação Espacial, como requisito parcial à  
obtenção do título de Doutor.

**Área de Concentração:** Análise Espacial  
**Orientador:** Oswaldo Bueno Amorim Filho  
**Doutorando:** Claudia Regina Vial Ribeiro

PUC-MG  
Belo Horizonte  
2006

**Claudia Regina Vial Ribeiro**  
clvial@gmail.com

**Espaço-vivo:  
as variáveis de um espaço-vivo investigadas na cidade de  
Diamantina, do ponto de vista dos músicos**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia –  
Tratamento da Informação Espacial da Pontifícia Universidade  
Católica de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do  
título de Doutor.

Orientador: Oswaldo Bueno Amorim Filho

Belo Horizonte  
2006

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

R484e Ribeiro, Cláudia Regina Vial  
Espaço-vivo : as variáveis de um espaço-vivo investigadas na cidade de Diamantina, do ponto de vista dos músicos / Cláudia Regina Vial Ribeiro. Belo Horizonte, 2006.  
287f. : Il.

Orientador: Oswaldo Bueno Amorim Filho  
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial

1. Espaços urbanos – Diamantina (MG). 2. Geografia humana. 3. Análise espacial. 4. Arquitetura. 5. Urbanismo. I. Amorim Filho, Oswaldo Bueno. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial. III. Título.

CDU: 711.434

Claudia Regina Vial Ribeiro

**Espaço-vivo:  
as variáveis de um espaço-vivo investigadas na cidade de  
Diamantina, do ponto de vista dos músicos**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em  
Geografia – Tratamento da Informação Espacial da  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como  
requisito parcial à obtenção do título de Doutor.  
Belo Horizonte, 2006.

---

Prof. Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho (orientador) - Programa de Pós  
Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial/  
PUCMinas.

---

Profa. Dra. Andréa Lisly Gonçalves – Departamento de História / UFOP.

---

Prof. Dr. Leonardo Barci Castriota - Escola de Arquitetura/ UFMG.

---

Prof. Dr. João Francisco de Abreu - Programa de Pós Graduação em  
Geografia - Tratamento da Informação Espacial / PUCMinas.

---

Prof. Dr. Leônidas Conceição Barros - Programa de Pós Graduação em  
Geografia - Tratamento da Informação Espacial / PUCMinas.

*A Jane Amélia Soares e ao Altino Barbosa Caldeira,  
pela dedicação competente com que se dispuseram a acompanhar  
meus passos rumo ao conhecimento.*

## AGRADECIMENTOS

Com alegria, faço os agradecimentos, pois esta tese foi construída com a colaboração de várias pessoas e instituições. A elas o meu reconhecimento.

Aos entrevistados que me acolheram e compartilharam comigo suas vivências.

Ao professor Oswaldo Bueno Amorim Filho, pela orientação, confiança e constante incentivo.

Ao professor e colega Altino Barbosa Caldeira, pela generosidade com que se dispôs a ser um locutor qualificado, paciente e atento no percurso desta pesquisa, apontando desvios e acertos que muito contribuíram para norteá-la e desenvolvê-la.

Em especial, a Jane Amélia Soares, pela amizade e generosidade em colocar à minha disposição tanto tempo e trabalho. Por sua hospitalidade, comprometimento e competência profissional, vi-me inteiramente acolhida em meus momentos de inquietação e entusiasmo. Sua orientação – para com a minha formação profissional e pessoal – no que tange as questões fundamentais humanas, muito significou ao longo de todo este percurso.

À coordenação e colegas do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ciências Humanas – NEPCH, pelos dez anos compartilhados juntos, incentivando e semeando a alegria da construção do conhecimento.

A Luciana Valadares e a Karine Arimatéia, pelo apoio e disponibilidade, fornecendo um suporte fundamental para a elaboração desta tese.

A Kátia Bueno, pelas boas conversas e sugestões valiosas durante o percurso.

A meus familiares, sempre presentes ao longo deste trabalho e de minha vida.

Ao Maurício Pereira Santos, Dayse Lúcida Silva, Maria Helena Ribeiro Hugo, João Walter de Almeida, Thaís Ramos Fonte Boa do Nascimento, Nancy Moura Botelho, Raquel Maria da Cruz e seus irmãos Reginaldo e Eduardo que, em Diamantina, colocaram-se sempre à minha disposição.

Ao professor José Flávio Morais Castro, pela disponibilidade em contribuir neste trabalho.

Ao Thiago Guedes de Oliveira e ao Wagner Barbosa Batella, pelo grande auxílio nesta pesquisa.

À Prefeitura Municipal de Diamantina, por disponibilizar o material necessário à pesquisa.

Ao FIP/ PucMinas , pela bolsa de pesquisa durante o ano de 2004.

À Universidade Fumec/Face, pelo apoio e patrocínio dos exemplares desta tese.

Ao Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial, PucMinas, pela oportunidade de realizar este trabalho.

Aos professores, colegas e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial, PucMinas, pelo carinho com que sempre fui recebida.

*... procê ver como é que é as coisa, né? ele tava tão pesado que uma das galha tava cá embaixo... já foram caindo, caindo... eles já foram tomar o lugar dela... no princípio, folhas como está agora... folhas verdinhas... depois vem as folhas seca... não, as flores... não, antes das flores vem as folhas seca... joga aquilo tudo no chão pra vim as flores... agora o quê que tem lá? Parecendo até lágrimas verde... as vagens de semente... tá lá as vagens... oh aí o quê que é a natureza de Deus... dá o verde... dá as folhas sujando o chão tudo... depois vem as flores também joga tudo no chão, todo mundo pisa, suja... depois vem a natureza volta outra vez... e já vai mostrando o quê que é... as vagens cumpridas, né? com semente..*

Amélia

## RESUMO

Esta tese busca repensar alguns parâmetros de compreensão sobre aspectos que fundamentam os espaços urbanos, tomando como referência a noção de **espaço-vivo**. A construção desse arcabouço conceitual apóia-se nas diretrizes do paradigma emergente da Ciência Pós-Moderna e da Geografia Humanística, ambas voltadas para a reintrodução da pessoa como centro do conhecimento e da investigação espacial.

Buscamos compreender alguns referenciais com os quais construímos as significações de lugares vitalizados que estamos chamando de espaços-vivos, ou seja, o nosso objetivo é saber quais as referências mais relevantes que qualificam um espaço como “vivo”. Partimos do pressuposto de que só podemos compreender esta significação veiculada nos espaços da cidade, se ouvirmos a voz das pessoas que nela vivem; portanto algumas qualificações atribuídas a estes espaços podem ser reveladas por seus habitantes. Para essa investigação, escolhemos como sujeitos-pretexo os músicos e como contexto-pretexo a cidade de Diamantina, em Minas Gerais.

Diamantina apresenta uma imagem urbana peculiar. Como “cidade média”, merece especial atenção pelo seu importante papel mediador entre grandes centros urbanos e áreas rurais adjacentes. Elevada à Monumento da Humanidade pela Unesco em 1999, Diamantina também faz parte do Circuito do Diamante e da Estrada Real.

Acreditamos que a explicitação de alguns significados agregados aos espaços da cidade de Diamantina pode contribuir com importantes implicações nas tomadas de decisões sobre ela, pois permitem fornecer diretrizes para viabilizar futuros projetos de intervenção, tais como planejamentos urbanísticos e turísticos, políticas urbanas e patrimoniais, assim como prever conseqüências.

Para elaboração da pesquisa, realizamos visitas de campo, documentação fotográfica e utilizamos também dados geográficos e urbanos existentes construindo representações gráficas e cartográficas da Cidade. Para buscar compreender com quais elementos os nossos sujeitos qualificam os espaços de Diamantina, realizamos entrevistas e elaboramos uma análise interpretativa de seu conteúdo. Essa análise revelou alguns lugares qualificados pelos sujeitos como possíveis “espaços-vivos” da cidade de Diamantina, apresentados em formas de textos, quadros, mapas e fotos.

Palavras-chave: Geografia Humanística, Percepção dos lugares valorizados, Arquitetura, Urbanismo.

## ABSTRACT

This thesis invites the reader to rethink some of the parameters of comprehension of the aspects which urban spaces are founded on, having as reference the notion of **living spaces**. This conceptual body construction is based on the emerging paradigm lines of post-modern science and humanistic geography, both interested in placing the human being back into the center of knowledge and space investigation.

The authors discuss some of the concepts on which the significations of lively places are built. That is, this study's goal is to determine the most relevant reference points which qualify a space as a "living" one. Bringing light to some of the significations aggregated with the city spaces can help in the decision-making process involving the city itself. They provide direction lines to make viable future intervention projects, such as urbanistic and tourist projects, urban and property politics, as well as foreseeing consequences.

It was considered that this signification connected to the city spaces can only be truly understood if the voices of their inhabitants are heard. Some of the qualifications attributed to these spaces can be revealed by significant dwellers. In this project, the city of Diamantina was chosen as the context for the investigation, and local musicians were chosen as subjects.

Diamantina shows a peculiar urban image. It is a medium-sized city and it deserves special attention for its important role as a mediator between large urban centers and adjacent rural areas. Diamantina entered the UNESCO World Heritage List in 1999 and is also part of the Diamond Circuit and of the Royal Road.

The data was collected during field trips and also through an existing geographic and urbanistic data bank, which provided graphic and cartographic representations of the city. Interviews with the subjects, as well as an interpretative analysis of these interviews, help to understand which elements are used by our subjects to qualify the spaces of the city. This analysis revealed the places the subjects qualify as possible living spaces of Diamantina, shown in the form of texts, charts, maps and photographs.

Keywords: humanistic geography, perception of valued places, architecture, urbanism

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 . Vista panorâmica da cidade de Diamantina .....	61
2: Vista da rua Macau de Baixo .....	74
3: Vista da área central de Diamantina com a Igreja do Carmo.....	78
4: Vista da área central com ruas Macau de Cima, Macau do Meio e Macau de Baixo, destacando o Hotel Tijuco, a Igreja de São Francisco e a Santa Casa de Misericórdia.....	82
5: Densidade de viagens semanais por ônibus desde Diamantina.....	98
6: Horas de viagem de ônibus entre Diamantina e cidades da área de influência..	109
7: Rua Augusto Nelson.....	116
8: Rua Direita.....	116
9: Rua Campos Carvalho.....	116
10: Praça JK.....	116
11: Largo Dom João.....	119
a) Vista da Estação de Ferro.....	119
b) Edifícios comerciais.....	119
c) Esquina comercial.....	119
d) Vista do jardim público.....	119
12: Av. Sílvio Felício dos Santos.....	119
a) Vista da Avenida.....	119
b) Trecho comercial da Avenida.....	119
c) Instalações comerciais.....	119
13: Bairro Bom Jesus.....	120
a) Interior do bairro.....	120
b) Prédio no bairro Bom Jesus.....	120
14: Bairro de Fátima.....	120
a) Prédios no bairro.....	120
b) Residências.....	120
c) Trecho no bairro.....	120
d) Prédios.....	120
15: Bairro Jardim e Centro	120
16: Bairros Fátima e Jardim, ao fundo o Rio Grande.....	120
17: Bairro Romana.....	121
18: Bairro Palha.....	121
a) Rua comercial.....	121
b) Trecho do bairro.....	122
c) Rua que acessa a Vila Orminda.....	122
19: Bairro Jardim .....	122
a) Vista do bairro.....	122
b) Vista da serra.....	122
20: Vista geral bairro Rio Grande.....	122
21: Bairro Rio Grande ao fundo.....	122
22: Rio Grande, Fátima e Jardim à direita.....	122
23 : Bairro Rio Grande.....	122
a) Residência I.....	122
b) Residência II.....	122
c) Residência III.....	122
24: Vista do bairro Purquéria e Vila Operária.....	123
25: Vila Operária.....	123
26: Vista do bairro Purquéria, Vila Operária e zona periurbana.....	123
27: Bairro Cidade Nova.....	124

28: Vila Arraiolos.....	124
a) Vista geral.....	124
b) Acesso e muro do condomínio.....	124
29: Bairro Bela Vista.....	124
a) Vista geral.....	124
b) Rua da Abolição.....	124
30: Bairro Cazuza.....	125
31: Vila Orminda.....	125
a) Via de acesso à Extração.....	125
b) Vista geral .....	125
c) Vista da ponte.....	125
32: Vista da Serra dos Cristais, a partir da rua das Mercês.....	128
33: Croquis Serra dos Cristais .....	129
a) Corte esquemático: a Serra dos Cristais se impõe pela marcante presença	129
b) Corte esquemático: a luz natural, ao bater sobre a Serra reflete-se sobre a	
cidade.....	129
c) Planta esquemática: a paisagem se “abre” rumo ao Pico Itambé.....	129
34: Sistema de desembocadura das ruas no centro histórico.....	130
a) Praça Joubert Guerra em direção ao largo da Quitanda.....	130
b) Rua do Carmo.....	130
c) Rua Macau de Cima em direção à Praça JK.....	130
35: Cenas do cotidiano na praça Conselheiro da Mata.....	131
36: Cenas do cotidiano no centro histórico.....	132
37: Passagem rua São Francisco.....	133
a) Trecho da passagem.....	133
b) Ponto mais alto.....	133
38: Passagem rua Macau do Meio.....	133
39: Apresentação de banda.....	133
40: As “Pastorinhas”.....	133
41: Café no Beco.....	133
42: Evento da Tropeiragem no Mercado Velho.....	134
43: Postal do Mercado Velho com tropeiros, no ano de 1982.....	135
44: Feira de sábado no Mercado Velho.....	137
45: Condomínio - Rua Macau de Baixo.....	138
a) Acesso.....	138
b) Interior do Condomínio.....	138
c) Muro de uma residência .....	138
46: Residencial Juca Neves.....	138
a) Vista da rua.....	138
b) Muro do Condomínio.....	138
47: Largo D. João .....	146
48: Cenas do Largo D. João.....	150
49: Foto antiga da atual Av. Sílvio Felício dos Santos.....	150
50: Separação física entre o Largo e a Praça Sagrado Coração de Jesus.	150
51: Vestígio do antigo laguinho.....	150
52: Estrutura de um coreto.....	150
53: Transformações urbanas no Largo Dom João.....	152
54 Prédio da Estação Ferroviária, atualmente ocupado pelo Corpo de Bombeiros	155
55: Antigo leito do trem de ferro, atual Av. Getúlio Vargas ou “Linha”.....	156
a) Vista em direção à Vila Operária.....	156
b) Vista em direção ao Bairro Purquéria.....	156
56: Um dos locais por onde passava o trem de ferro, nos arredores de	
Diamantina.....	158
57: Praça de Esportes.....	159

58: Igreja Sagrado Coração de Jesus.....	160
59: Vitrais da Igreja Sagrado Coração de Jesus .....	161
60: Vista da Igreja do Seminário, o traçado da antiga linha de ferro e bairros periféricos .....	162
61: Mercado Velho.....	164
62: Implantação do Mercado Velho.....	166
63: Mercado Novo.....	172
a) Acesso próximo a Rodoviária.....	172
b) Acesso próximo a Praça Sagrado Coração de Jesus.....	172
c) Interior do Mercado .....	172
64: Centro Histórico.....	173
65: Antiga Sé – década de 1920.....	175
66: Catedral Metropolitana.....	175
67: Croquis de transformações do entorno urbano da Catedral.....	178
68: Antigos retábulos da Sé.....	179
69: Diamantina e o Pico do Itambé.....	181
70: Mendanha.....	194
71: Biribiri.....	194
72: Extração.....	194
73: Vista do córrego Quatro Vinténs, no bairro Rio Grande.....	195
74: Cena da procissão na Semana Santa – Rua do Contrato.....	205
75: Transformação da estrutura física urbana do Carnaval antigo e do atual .....	217
76: Cena do cotidiano – Praça Joubert Guerra.....	222
77. Semantograma de perguntas/respostas	258
GRAFICO 1: Relações externas das pousadas de Diamantina - Semana Santa, 2005.....	99
2: Procedência dos turistas – Casa da Gloria, Casa do JK e Museu do Diamante julho 2004.....	100
3: Lugar mais bonito da cidade.....	262
4: Lugar mais bonito fora da cidade .....	262
5: Imagem da cidade .....	265
6: Originalidade da cidade.....	265
7: Transformações ocorridas na cidade.....	269
8: Transformações positivas e negativas ocorridas na cidade.....	269
9: Resumo respostas/ espaço vivo.....	272
10:Deslocamentos externos.....	272
MAPA 1: Diamantina: localização em Minas Gerais e no Brasil .....	62
2: Caminhos para Minas Gerais no início do século XVIII.....	65
3: Evolução da rede de caminhos do Vale do Jequitinhonha – início do séc. XVIII ao séc. XX.....	66
4: Diamantina: núcleos iniciais de formação – séc. XVIII.....	68
5: Diamantina traçado urbano do centro histórico.....	71
6: Diamantina: imóveis tombados pelo IPHAN.....	81
7: Diamantina : principais vias de acesso.....	86
8: Diamantina: base física, distritos e povoados.....	88
9: Diamantina : espaço de relações externas.....	105
10: Diamantina: morfologia e estrutura funcional do espaço urbano.....	112
11: Diamantina: morfologia e estrutura funcional do espaço urbano - localização das áreas fotografadas.....	113
12: Diamantina: bairros.....	114
13: Diamantina : área central: usos predominantes.....	117
14: Diamantina: pontos mirantes e cruzeiros.....	186
15: Diamantina: principais deslocamentos em busca de lazer, a partir da sede	

municipal .....	193
16: Diamantina: igrejas católicas na área urbana de Diamantina.....	225
17: Diamantina: lugares de evitamento associados ao imaginário.....	232
18: Diamantina: deslocamentos para atividades musicais.....	235
QUADRO 1: Demonstrativo das classificações hierárquicas de Diamantina.....	90
2: Largo Dom João- referencia ao passado.....	149
3: Largo Dom João – referencia atual.....	154
4: Mercado Velho – referencia ao passado.....	170
5: Atual Centro Histórico.....	174
6: Associações cromáticas.....	190
7: Paisagem sonora – tempo passado.....	198
8: Paisagem sonora – tempo presente.....	198
9: Paisagem sonora – tipos de som / passado e presente.....	198
10: As festas e os lugares onde elas ocorrem.....	206
11: Espaço-vivo – Espaço não-vivo.....	241
12: Lugar mais bonito da cidade.....	261
13: Lugar mais bonito fora da cidade.....	263
14: Imagem da cidade.....	264
15: Originalidade da cidade .....	266
16: Lembrança da cidade que traria de volta.....	267
17: Transformações ocorridas na cidade.....	268
18: Resumo parcial da análise de algumas respostas.....	270
19: Resumo respostas/ espaço vivo.....	271
20: Igrejas citadas.....	274
21: Bairros citados.....	275
22: Festas .....	276
23: Mercado Velho - memória de infância.....	277
24: Mercado Velho - outras referências .....	278
25: Largo D. João, Praça Sagrado Coração de Jesus, Igreja do Seminário - memórias da infância.....	279
26: Largo D. João – Referência: trem de ferro.....	280
27: Pão de Santo Antonio.....	281
28: Antiga Sé.....	282
29: Carnaval.....	283
30: Comentários sobre a vista.....	284
31: Comentários gerais sobre a cidade de Diamantina.....	285
32: Comentários sobre a música.....	286
33: Comentários sobre o garimpo.....	287
TABELA 1: Distância aos principais centros e municípios limítrofes e/ou centralizadores de serviços públicos Diamantina.....	85
2: Matriz de Relações Externas de Diamantina.....	102
3: Espaço de Relações Externas de Diamantina.....	106
4: Dados sobre as cidades da área de influência de Diamantina.....	107
5: Aspectos e lugares mais repetidos.....	259
6: Matriz de intensidade com que alguns itens ou lugares repetidos foram ênfatisados.....	260
7: Deslocamentos externos.....	273

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
APRESENTAÇÃO .....	15
METODOLOGIAS E TÉCNICAS .....	18
<b>PARTE 1 – FUNDAMENTOS DO ESPAÇO-VIVO</b> .....	20
1.1. O ESPAÇO VIVO NO CONTEXTO DO NOVO PARADIGMA DA CIÊNCIA E NA GEOGRAFIA HUMANÍSTICA .....	21
1.2. A CONSTRUÇÃO DAS VARIÁVEIS DA NOÇÃO DE ESPAÇO-VIVO.....	38
1.2.1. O CORPO E AS DISTÂNCIAS PESSOAIS.....	39
1.2.2. A POSIÇÃO GEOGRÁFICA.....	40
1.2.2.1. Limite e apoio .....	40
1.2.2.2. Possibilidade de abertura e de movimentos de expansão.....	41
1.2.2.3. Estado de ânimo.....	42
1.2.3. O ESPAÇO PÚBLICO .....	44
1.2.3.1. Possibilidade de encontro e diálogo com o outro.....	44
1.2.3.2. Matriz de sensibilidade da cultura .....	45
1.2.3.3. Microacontecimentos na vida cotidiana .....	48
1.2.4. A CASA COMO MORADA: CONFIANÇA E HOSPITALIDADE .....	49
1.3. DETERIORAÇÃO DO ESPAÇO-VIVO.....	51
1.3.1. ESPAÇOS DO MEDO: A PARANÓIA DA SEGURANÇA.....	52
1.3.2. ESPAÇOS IMPESSOAIS: OS NÃO-LUGARES.....	54
1.3.3. ALIENAÇÃO NOS ESPAÇOS.....	55
<b>PARTE 2 – A CIDADE DE DIAMANTINA</b> .....	59
2.1 A CIDADE PESQUISADA .....	60
2.1.1. O CONTEXTO HISTÓRICO.....	61
2.1.1.1. Do século XVIII ao século XX.....	82
2.1.2. A CIDADE NO ESPAÇO .....	85
2.1.3. O ESPAÇO DA CIDADE .....	111
2.1.4. OBSERVAÇÕES SOBRE ALGUNS ASPECTOS URBANOS DO CENTRO HISTÓRICO .....	127
2.1.4.1. Considerações sobre a paisagem observada.....	128
2.1.4.2. A relação dos habitantes com o lugar .....	131
2.1.4.3. A hibridação dos espaços-vivos e não vivos.....	134

2.2	DIAMANTINA NA VISÃO DOS MÚSICOS.....	140
2.2.1	OS MÚSICOS COMO OUVINTES PRIVILEGIADOS DE UM ESPAÇO VIVO.....	141
2.2.2	ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	144
2.2.2.1.	O largo D. João: o trem de ferro, a igreja do Seminário e a Praça de Esportes.....	146
2.2.2.1.1	Lembrança do trem de ferro.....	155
2.2.2.1.2	Praça de Esportes .....	159
2.2.2.1.3.	Basílica do Sagrado Coração de Jesus .....	160
2.2.2.2	O Mercado Velho .....	164
2.2.2.3	O Centro Histórico .....	173
2.2.2.4	A paisagem da cidade.....	181
2.2.2.4.1.	A percepção do sítio e do traçado urbano.....	182
2.2.2.4.2.	Pontos mirantes.....	184
2.2.2.4.3.	Luminosidade, cor e condições climáticas.....	188
2.2.2.4.4.	Contato com a natureza.....	191
2.2.2.4.5.	Topocídio.....	195
2.2.2.4.6.	Paisagem sonora .....	198
2.2.2.5	O espaço das festas, rituais e músicas.....	205
2.2.2.5.1	Festas religiosas.....	209
2.2.2.5.2	Carnaval.....	214
2.2.2.5.3	Serestas.....	219
2.2.2.5.4	Outras festas.....	220
2.2.2.6	O espaço da vida cotidiana .....	222
2.2.2.6.1.	Som dos sinos .....	223
2.2.2.6.2.	Missas.....	223
2.2.2.6.3.	Nome das ruas.....	226
2.2.2.6.4	Bairros.....	226
2.2.2.6.5.	Atividades comunitárias voluntárias.....	233
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	237
	REFERÊNCIAS.....	242
	ANEXO 1 – A música e a cidade de Diamantina.....	254
	ANEXO 2 – Perfil da entrevista elaborada.....	257
	ANEXO 3 – Fichas e quadros de análise das entrevistas.....	258

## **INTRODUÇÃO**

---

## **Apresentação**

Vivemos um contexto de mudanças aceleradas no tempo e no espaço. Fazemos contato, em tempo real, com qualquer parte do planeta. Somos bombardeados por uma profusão de imagens que nos dão notícias instantâneas sobre vários lugares. Assistimos a drásticas e velozes transformações nas fisionomias das cidades e das paisagens, muitas vezes, tornando obsoletas as referências espaciais até então sustentadas pela presença física de um tempo e espaço reconhecíveis. Surgem novas demandas e proliferam-se os “não-lugares” (AUGE, 1994), locais comprometidos pela relação impessoal e pela não-comunicação.

Cada vez mais, as cidades se estendem territorialmente, muitas vezes alterando, de modo predatório, o meio ambiente. A lógica do espaço urbano que vigora atualmente orienta-se, predominantemente, pelo valor mercantil que tende a “desenhar” a cidade, favorecendo interesses de grupos hegemônicos. Além disso, verifica-se uma tendência de asfixiamento do espaço público e de isolamento das pessoas no espaço privado, “protegidas” por aparatos de segurança cada vez mais sofisticados. Constata-se também, em várias aglomerações urbanas, leis inadequadas de uso e ocupação do solo, planos diretores mal orientados e certas políticas patrimoniais e ambientais que colocam em risco a própria cidade.

Diante desse contexto, esta tese busca repensar alguns parâmetros de compreensão sobre aspectos que fundamentam os espaços urbanos, tomando como referência a noção de espaço-vivo. Na construção desse conceito, baseamos-nos nos valores do novo paradigma emergente da ciência pós-moderna e da geografia humanística, ambos voltados para a reintrodução da pessoa como centro do conhecimento.

Este novo paradigma científico exige que alteremos nosso modo de pensar a relação entre o homem e a natureza e entre o homem e o espaço. Ele firma-se na relação dialógica entre pessoas, orientadas pela responsabilidade, solidariedade e cooperação na construção de um mundo hospitaleiro. Por sua vez, a geografia humanística recoloca a pessoa como centro da investigação espacial, exigindo-nos lidar com uma complexidade de variáveis, com a incerteza e com a transdisciplinaridade. A geografia humanística destaca as significações que outorgamos aos espaços em que vivemos. Desta forma, as

pesquisas neste campo dedicam-se à compreensão das interações entre pessoa, espaço e significados, valorizando as experiências e os sentimentos que estabelecemos com esses espaços e articulando os aspectos geográficos com os antropológicos, filosóficos e sociológicos.

Apoiando-nos nessas diretrizes do novo paradigma científico e da Geografia Humanística, desenvolvemos a construção do arcabouço conceitual do que estamos nomeando espaço-vivo. Trata-se de um lugar que atua como um receptáculo de nossas atividades significativas direcionadas ao encontro do outro. Nele, nos colocamos como responsáveis, solidários e participativos na construção do mundo em que vivemos, afastando-nos da visão individualista, egocentrista e ensimesmada do “eu”.

Nesta tese, buscamos compreender alguns referenciais com os quais construímos as significações desses lugares vitalizados que estamos chamando de espaços-vivos, ou seja, o nosso objetivo é saber quais as referências mais relevantes que qualificam um espaço como “vivo”. Acreditamos que a explicitação de alguns desses significados agregados aos espaços urbanos pode contribuir com importantes implicações nas tomadas de decisões sobre a própria cidade, pois permite fornecer diretrizes para viabilizar futuros projetos de intervenção, tais como planejamentos urbanísticos e turísticos e políticas urbanas e patrimoniais, assim como prever suas conseqüências.

Partimos do pressuposto de que só podemos compreender esta significação veiculada nos espaços da cidade, se ouvirmos a voz das pessoas que nela vivem, e que, portanto, algumas qualificações atribuídas a estes espaços podem ser reveladas por seus habitantes significativos. Para essa investigação, escolhemos como contexto-pretexto a cidade de Diamantina e como sujeitos-pretexto os músicos.

A cidade de Diamantina, em Minas Gerais, apresenta uma imagem urbana peculiar, caracterizada por uma urbanística orgânica, própria das cidades históricas mineiras. Como “cidade média” (AMORIM FILHO,1978), merece especial atenção por seu importante papel mediador entre grandes centros urbanos e áreas rurais adjacentes. Essas características, entre outras, contribuíram para a preservação de sua vitalidade. Elevada à condição de Monumento da Humanidade pela Unesco em 1999, Diamantina possui o seu conjunto arquitetônico e urbanístico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sedia vários fóruns e debates nacionais e internacionais de turismo, assim como faz parte do Circuito do Diamante e da Estrada Real.

Como sujeitos, escolhemos pessoas vinculadas à atividade musical de Diamantina, de manifestação popular, que nasceram e vivem na cidade e adjacências,

que exercem a atividade musical e se apresentam, entre vários lugares, nos espaços públicos da cidade. Partimos da intuição de que as pessoas vinculadas à atividade musical, pelo fato de serem treinadas a escutar, possuem uma sensibilidade para “ter ouvido para ouvir o outro”, no sentido de “receber” e “hospedar<sup>1</sup>”, noções relevantes nesta tese. A escolha dos músicos como sujeitos de pesquisa também levou em consideração a tradição musical de Diamantina.

Organizamos esta tese em duas partes. Na primeira, construímos a argumentação conceitual que fundamenta a noção do que estamos chamando de espaço-vivo, composta por três capítulos. No primeiro, situamos o objeto da pesquisa dentro do arcabouço científico atual de mudança paradigmática e dos pressupostos da geografia humanística. No segundo capítulo, construímos a estrutura conceitual que sustenta a noção de espaço-vivo. No terceiro capítulo, apresentamos alguns obstáculos à construção de espaços-vivos.

A segunda parte da tese contextualiza a cidade de Diamantina, lugar onde investigaremos o conceito estudado. Esta parte divide-se em dois capítulos. O primeiro apresenta Diamantina do ponto de vista histórico e geográfico, de suas relações externas, de sua morfologia funcional e registra algumas observações que realizamos em campo sobre o centro histórico da cidade. O segundo capítulo apresenta a cidade de Diamantina percebida do ponto de vista dos músicos. Este capítulo justifica a escolha dos músicos como sujeitos relevantes desta pesquisa e, por último, expõe os resultados da análise interpretativa dessas entrevistas, revelando os lugares qualificados pelos sujeitos como sendo possíveis espaços-vivos da cidade de Diamantina.

---

<sup>1</sup> Os sentidos destes verbos serão analisados ao longo da tese.

## Metodologias e técnicas

Esta tese se constitui uma pesquisa qualitativa de viés fenomenológico. Sobre essa ótica epistemológica, o mundo que percebemos corresponde ao pano de fundo sobre o qual construímos as nossas experiências depositando nele nossos valores e significações<sup>2</sup>. Esta tese dirige a atenção à experiência de interação entre as pessoas e os espaços em que vivem. Buscamos compreender algumas significações atribuídas a Diamantina, a partir das narrativas de nossos sujeitos sobre os espaços da cidade. Trabalhamos com as teias de significados, elaborando uma análise interpretativa, construindo o que Geertz (1989) denomina “descrição densa”.

No capítulo 2.1.1 “A cidade pesquisada”, onde apresentamos Diamantina como nosso *locus* de estudo, partimos de dados geográficos e urbanos existentes e construímos representações gráficas e cartográficas da cidade. Conforme técnica sugerida por Amorim Filho (1978, 1997, 2005), elaboramos uma “matriz de equipamentos”, resultando em mapa de relações externas e também executamos cartogramas representando densidade de viagens intermunicipais<sup>3</sup>. Visitas de campos possibilitaram a elaboração de gráficos do movimento de hóspedes em pousadas e de turistas em alguns pontos turísticos.

Realizamos ainda visitas de campo com documentação fotográfica, onde também buscamos informações para analisarmos a estrutura e a morfologia funcional da cidade, baseada no modelo teórico proposto por Amorim Filho (1978, 1997, 2005). Para a observação da cidade, utilizamos os métodos sugeridos por White (1977), entre os quais a observação participante, largamente usada pela Antropologia. Tal técnica torna possível apreender o fluxo do comportamento das pessoas e suas complexas interações com a cidade. Documentamos os registros de campo em forma de textos por meio de croquis e fotografias. Anotamos as observações *in loco* e as reescrevemos, posteriormente, no mesmo dia.

Essas observações sobre a cidade e as entrevistas com nossos sujeitos foram realizadas em oito visitas de campo<sup>4</sup>. Nas três primeiras, fizemos o reconhecimento

---

<sup>2</sup> MERLEAU-PONTY (1971).

<sup>3</sup> Técnica que considera como indicador a circulação intermunicipal de ônibus para estabelecer níveis hierárquicos e áreas de influência.

<sup>4</sup> Trabalho de campo 1: 20 e 21 de dezembro de 2003, trabalho de campo 2: 31 de janeiro a 01 de fevereiro de 2004, trabalho de campo 3: 06 a 10 de abril de 2004, trabalho de campo 4: 03 a 07 de setembro de 2004, trabalho de campo 5: 17 a 20 de setembro de 2004, trabalho de campo 6: 08 a 12

geral da cidade, definimos os músicos como os sujeitos da pesquisa<sup>5</sup> e conduzimos algumas entrevistas exploratórias. As visitas aconteceram em diferentes épocas do ano, o que possibilitou perceber a cidade de Diamantina em várias situações.

Para buscar compreender com quais elementos os nossos sujeitos qualificam os espaços da cidade, optamos pela técnica da entrevista não padronizada, sugerida por White (1977) e também por Taylor (1990). Conforme este autor, a entrevista<sup>6</sup> exige que o pesquisador se aproxime de quem ele estuda e, assim, a ênfase é dada à relação dialógica entre as pessoas. Elaboramos quinze entrevistas que foram gravadas, transcritas e analisadas<sup>7</sup>.

Posteriormente elaboramos uma análise interpretativa do conteúdo desses discursos. Para essa análise, os dados das entrevistas foram tratados conforme técnicas sugeridas por Moles (1995), apresentadas em forma de quadros, tabelas comparativas e semantograma, conforme o Anexo 3. A análise das entrevistas resultou em textos, quadros e mapas, apresentados no capítulo 2.2 – *Diamantina na visão dos músicos*.

---

de outubro de 2004, trabalho de campo 7: 13 a 16 de dezembro de 2004, trabalho de campo 8: 10 a 12 de outubro de 2006.

<sup>5</sup> Os critérios desta escolha serão apresentados no capítulo 2.2.1.

<sup>6</sup> No Anexo 2, apresentamos o perfil da entrevista realizada.

<sup>7</sup> As falas das entrevistas foram transcritas de forma literal preservando-se inclusive, os eventuais erros, próprios da linguagem oral. Para efeito de normalização, as falas serão identificadas através do nome fictício do entrevistado. As 45 horas de gravação das entrevistas foram literalmente transcritas para posterior análise, constando tal material do arquivo pessoal da autora.

## **PARTE 1 - FUNDAMENTOS DO ESPAÇO-VIVO**

## **1. 1. O ESPAÇO-VIVO NO CONTEXTO DO NOVO PARADIGMA DA CIÊNCIA E NA GEOGRAFIA HUMANÍSTICA**

Este capítulo pretende apresentar o contexto dentro da qual esta tese se posiciona, realçando alguns de seus principais aspectos. Esta tese situa-se no atual contexto científico de mudança paradigmática, assim como se insere, também, no campo da Geografia Humanística.

Vivemos um período de transição entre o paradigma dominante da Ciência Moderna e o paradigma emergente de uma Ciência Pós-Moderna. Este novo modelo introduz conceitos muito importantes para a construção da noção de espaço-vivo, tais como o de alteridade (considerar o outro como pessoa e não como objeto), relação pessoal, solidariedade, responsividade, *sensus communis* e relação dialógica. Além disso, este novo paradigma nos propõe maneiras de lidarmos com a complexidade da realidade (com suas incertezas e imprecisões) e nos sugere construir um conhecimento analógico, interpretativo e interdisciplinar.

Por sua vez, a Geografia Humanística, orientada por alguns princípios desse novo paradigma emergente, também contribui para a análise da noção de espaço-vivo, especialmente por buscar incluir a pessoa como centro das investigações espaciais. Desta forma, ela acrescenta aos aspectos geométricos e físicos dos lugares a dimensão humana que, de fato, os fundamentam.

A partir dos séculos XVI e XVII, emergiu no Ocidente o paradigma da Ciência Moderna que se constituiu como uma luta contra as formas de dogmatismo, de autoridade da Igreja e de obscurantismo medieval. Desde então, este modelo de racionalidade tornou-se dominante, infiltrando-se em todos os campos do conhecimento e em nosso modo de pensar e de conceber o mundo. Hoje, assistimos à crise final de sua hegemonia. Vivemos, portanto num momento de transição paradigmática. Conforme Morin (2000, p. 41), encontramos-nos “entre dois mundos: um que está prestes a morrer, mas que não morreu ainda, e outro que quer nascer, mas que não nasceu ainda”.

Para compreender os fenômenos, o paradigma dominante armou-se de uma lógica capaz de simplificá-los, reduzindo a sua complexidade. As idéias que presidiam a observação e a experimentação correspondiam às idéias claras e simples da Matemática. Dessa forma, o conhecimento, considerado como seguro e digno de confiança, era apenas aquele que podia ser medido e demonstrado por ela. As evidências da experiência imediata, as sensações, o imaginário e os sentimentos foram relegados a um *status* inferior pela impossibilidade de serem quantificados com precisão e passaram a ser considerados falsos e indignos de serem objetos de investigação científica (MOLES, 1995).

O paradigma dominante da modernidade distinguiu o sujeito do objeto, tornando-os estanques e incomunicáveis. Conhecer significava dividir e classificar. Assim, o objeto de pesquisa foi separado do meio em que estava inserido para poder ser observado. Esse isolamento privilegiou o conhecimento dos elementos em detrimento dos conjuntos, das relações e das interações, só possíveis de acontecer no contexto.

O objeto de estudo foi também esquarterado e isolado em campos disciplinares hermeticamente fechados, fazendo com que os estudos do homem e da natureza se fragmentassem em partes não comunicantes entre si. Além disso, o objeto foi estudado sem levar em conta o observador, na tentativa de impedir que este o “contaminasse” com suas experiências, preferências, valores e ideologias, comprometendo assim os resultados e a construção de um conhecimento “seguro” e “verdadeiro”.

Nesta concepção, a natureza, considerada distinta do ser humano, era passiva, eterna, reversível, um mecanismo cujos elementos se podiam desmontar e depois se relacionar sob forma de leis. Buscava-se mais controlá-la e dominá-la do que compreendê-la.

A Ciência Moderna considerava que atrás da aparente desordem existia sempre uma ordem oculta e se desenvolveu nesta busca. De acordo com Boaventura Santos

(2001), o conhecimento implicava uma progressão de um estado A, designado por ignorância, para um estado ou ponto B, designado saber. O paradigma dominante considerou a ignorância (A) como caos, e buscou a ordem como o saber (B) a ser alcançado.

Concebeu-se assim um conhecimento instrumental, funcional, utilitário e regulatório, baseado na formulação de leis, cujo pressuposto continha a idéia de ordem e de estabilidade do mundo, a noção de que o passado se repetia no futuro e a concepção de um espaço-tempo estático e eterno a flutuar num espaço vazio: a idéia de um mundo-máquina.

Esse “conhecimento regulação” do paradigma dominante constituiu-se um dos pilares da idéia de progresso, de desenvolvimento e de evolução, justificando a colonização, o imperialismo, a dominação de algumas nações sobre outras, assim como a exploração predatória dos recursos naturais.

Houve resistências aos princípios do paradigma da ciência moderna. Vozes divergentes levantaram-se contra a consolidação exclusiva desse modo mecanicista de ver o mundo, mas, de modo geral, esse modelo predominou – e ainda predomina – como base do pensamento da cultura ocidental.

Sob a égide deste paradigma, grandes avanços tecnológicos foram realizados e muitas descobertas revolucionaram o mundo. Mas, tais avanços não foram capazes de responder à complexidade das realidades humanas, como a morte, a origem e o sentido da existência. A Ciência Moderna pôde tratar problemas simples e mensuráveis, mas suas práticas se mostraram insuficientes diante da crescente complexidade da realidade e onde a medida e a precisão eram incertas.

Paradoxalmente, os avanços da Ciência Moderna permitiram ver a fragilidade dos pilares que até então a sustentavam. Eles começaram a ser abalados pela relatividade de Einstein, pela mecânica quântica com o princípio de incerteza de Heisenberg (ao constatar a interferência do observador no objeto que pesquisava), pelas investigações de Godel e pelos progressos alcançados na microfísica da química e da biologia, principalmente por meio dos estudos do físico-químico Ilya Prigogine. Este cientista mostrou que, longe do equilíbrio, as partículas inauguram novos estados, tomando direções imprevisíveis e irreversíveis. Assim, as pequenas variações, antes desprezadas pelo modelo mecânico, devido a dificuldade de serem medidas com precisão, passaram a inaugurar novos estados; o tempo mecânico, periódico e determinado passou a ser concebido como irreversível, possível e provável. O número de variáveis do sistema aumentou, e este se tornou

complexo; o homem, até então mero espectador da natureza, passou também a influenciar como protagonista na observação da realidade.

Um conhecimento objetivo e rigoroso, como o pretendido pelo paradigma dominante, não podia tolerar a interferência de particularidades humanas e, por isso, estabeleceu dicotomias, como sujeito/objeto, natureza/cultura, vivo/inanimado, espírito/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo. Essas separações continham contradições que eram mascaradas pela sua aparente linearidade. A escolha do objeto era condicionada pelas condições que garantiriam o desenrolar eficiente e simplificado das rotinas de investigação, fruto, portanto, de condições selecionadas pelo próprio pesquisador. Tratava-se assim de um juízo de valor. As trajetórias, valores e crenças do pesquisador, dos quais podia ou não ter consciência, corriam subterrânea e clandestinamente nos pressupostos não ditos de seus discursos científicos, na seleção do objeto e nos modos que escolhia para investigá-lo.

Tudo isso trouxe à tona indícios da crise do paradigma dominante e propiciou uma profunda reflexão epistemológica sobre o conhecimento científico em vários campos do saber. Emergiram, assim, sinais do surgimento de um outro paradigma emergente, denominado por Santos (2001) como o “paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente”, por Prigogine (1996) como uma “nova aliança”, por Capra (1991), como a “nova física” e por Morin (2000) como o “paradigma da complexidade<sup>8</sup>”.

*Complexus* corresponde a tudo aquilo que é tecido simultaneamente, a realidade física, o ser humano, a natureza, a sociedade. Portanto o paradigma emergente que se anuncia tende a ser não dualista, baseado na superação das dicotomias clássicas. Empenha-se em estabelecer conexões e tecer junto instâncias antagônicas até então separadas, substituindo visões fechadas de “isto *ou* aquilo” por visões abertas de “isto *e* aquilo”. Busca restituir o diálogo entre o sujeito e o objeto, entre o homem e a natureza e entre o pesquisador e a sua investigação.

O paradigma emergente assenta-se sobre as bases do *conhecimento emancipação*<sup>9</sup>. Esse conhecimento corresponde a uma trajetória entre um estado de ignorância (A), que Boaventura Santos denomina *colonialismo*, a um estado de saber (B), que este autor designa como *solidariedade*<sup>10</sup>. O colonialismo consiste na concepção do outro como

---

<sup>8</sup> Para aprofundamento sobre o contexto científico atual, ver MORIN (2000), MOLES (1995) e SANTOS (2001, 2002).

<sup>9</sup> SANTOS (2001, p. 55-118)

<sup>10</sup> SANTOS (2001, p. 29, 30, 81, 83).

objeto. Nessa forma de conhecimento, conhecer é progredir no sentido de elevar o outro da condição de objeto à condição de pessoa. Esse conhecimento-reconhecimento é o este mesmo autor designa solidariedade.

Boaventura Santos (2001, p.55-118) enfatiza a solidariedade entre pessoas como um dos pilares fundamentais do novo paradigma emergente de uma ciência pós-moderna, contexto em que procuramos nos situar nesta tese. Ao longo deste trabalho, vamos nos deter, em várias ocasiões, na compreensão deste conceito.

O saber como solidariedade fundamenta-se na relação *entre* pessoas, na cooperação e no valor humano, em oposição à relação entre objetos e ao valor mercantil. No paradigma dominante, predomina uma postura egocêntrica e individualista, que engendra a “coisificação das pessoas” e a “personificação das coisas”. Pessoas, quando reduzidas a indivíduos, tornam-se passíveis de serem tratadas como objetos indiferenciados numa massa anônima e anômica<sup>11</sup>, prontas a serem instrumentalizadas, dominadas e colonizadas.

Em oposição a essa direção, o novo paradigma privilegia um relação dialógica, cujo fundamento firma-se na “relação pessoal com seus constitutivos de cuidado, respeito, *entrecompreensão*<sup>12</sup>, compromisso, consideração e admiração em clima de civilidade, polidez e *responsividade*<sup>13</sup>”. Portanto uma relação pessoal inclui a noção do outro como ser distinto, separado e diferenciado, com nome, voz e rosto<sup>14</sup>.

Segundo Buber (1982), ser homem implica ser solicitado a responder. E assim, ele define três esferas em que o “outro” se coloca diante de nós, solicitando nossa “resposta”. A primeira corresponde à nossa relação com a natureza, através da qual estabelecemos

---

<sup>11</sup> Anomia, termo da Sociologia que significa: 1. desorganização pessoal do tipo que resulta em uma individualidade desorientada e sem lei. 2. Situações sociais em que as próprias normas estão em conflito e o indivíduo tem dificuldade em conformar-se às suas exigências contraditórias 3. Situação social que no caso limite não contém qualquer norma e é conseqüentemente o oposto de sociedade. (DICIONÁRIO de Ciências Sociais. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 52-53.)

<sup>12</sup> Das ações entre: ponderar, corresponder, substituir, introduzir, penetrar, intercalar, encaixar.

Este termo foi palavreado por Garcia e refere-se ao processo de compreensão referente a momentos de apreensão da realidade.

<sup>13</sup> Encontramos o termo “responsividade” em Sennett (2001, p. 75) e em Garcia (2002, p. 9). Conforme este autor, o termo “responsabilidade” pode ser associado ao exercício da tirania e do poder. Quando a pessoa não cumpre uma responsabilidade, pode se sujeitar à manipulação com censura e condenação injusta e violenta. Por sua vez, o termo “responsividade” refere-se a uma “responsabilidade sem temor e o fatalismo que esta última envolve”. Associa-se à justeza e à integridade, fazendo multiplicar as distâncias (entre si e o outro) por um fator positivo.

Usamos o termo responsividade como um neologismo, derivado da palavra responsabilidade. O significado da palavra responsabilidade, como a *obrigação de responder pelas ações próprias ou dos outros* (DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, versão 1.0.5. agosto 2002) pode ser, indevidamente, associada a culpa ou a uma relação servil.

<sup>14</sup> LEVINAS (1980). O rosto do outro tem contornos e traços singulares, tem feição. Encarna biografia e história num contexto. A voz é sinal da presença, testemunha do rosto deste outro.

uma comunhão com todos os seres vivos, como as árvores, as montanhas, os rios etc., fazendo-nos sentir muitas vezes parte de um todo maior. A segunda esfera da presença do outro, destacada por Buber, diz respeito à criação intelectual e artística. Segundo ele, nesta relação silenciosa, não distinguimos nenhum outro palpável e concreto, mas sentimo-nos chamados a responder, criando formas, pensando e atuando. Mas, segundo Buber, a relação por excelência da presença do outro acontece quando ele se apresenta diante de nós como um ser semelhante de carne e osso, nos falando e respondendo-nos, relação que se expressa pela linguagem humana por meio do diálogo.

O paradigma emergente baseia-se na participação de pessoas que partilham interesses comuns e agem orientadas para o *sensus communis*, faculdade extra que nos ajusta a uma comunidade, “sentido especificamente humano, porque a comunicação, isto é, a fala, depende dele” (1995, p. 379). Segundo Arendt, no *sensus communis*, inclui-se a idéia de um sentido comum a todos, isto é, “de uma faculdade do juízo que, em sua reflexão, leva em conta (*a priori*) o modo de representação de todos os outros homens em pensamento, para, de certo modo, comparar seu juízo com a razão coletiva da humanidade. Isso se faz comparando-se nosso juízo com o juízo possível dos outros, e não com o real, e colocando-nos no lugar de qualquer outro homem.

Seguem-se as máximas deste *sensus communis*:

- pensar por si mesmo (a máxima do esclarecimento);
- colocarmos-nos no lugar de todos os outros em pensamento (a máxima da mentalidade alargada);
- e estar de acordo consigo mesmo (a máxima da consistência)”.

Segundo Arendt (1995, p. 379), “em virtude desta idéia de humanidade presente em cada homem particular, que os homens são humanos, e eles podem se dizer civilizados ou humanos porque esta idéia se tornou o princípio de suas ações e de seus juízos”.

Essa noção de *sensus communis* assemelha-se à concepção de “outro generalizado” desenvolvida por George H. Mead (1972, p. 184). Diferente dos animais, podemos interpretar nossas condutas e gestos em símbolos significantes, também denominados de teias de significações por Clifford Geertz (1989). Graças à capacidade de tomarmos consciência dessas significações que estão sendo veiculadas, presentes no contexto sociocultural, podemos “adotar o papel do outro” em pensamento, como referência de regulação de nossa própria conduta. Segundo Mead, esse processo de aprendizado permite que deixemos de ser indivíduos biológicos que se tratam por meio de signos, para nos

tornarmos pessoas, ou seja, organismos com “espírito” que lidam com símbolos significantes.

O *sensus communis* não é algo dado, mas requer um tempo de lenta e cuidadosa construção. Sustenta-se pela renovada disposição de permanecer em luta direcionada para a construção de um bem comum somente possível de ser alcançado na e pela convivência com outras pessoas. Estabelece e consolida os laços humanos, tecendo compromissos a longo prazo num laborioso trabalho para assegurar o seu futuro. Esse senso de “comunidade ética” (BAUMANN, 2003, p. 68) fundamenta-se no reconhecimento da dependência mútua, da necessidade da presença do outro e da convicção íntima da nossa responsabilidade pelo outro. Somos responsáveis para além de nossos compromissos pessoais, de tal forma que nosso senso de valor próprio depende de os “outros” poderem contar conosco, para que possamos juntos tecer uma “rede de responsabilidades éticas” (BAUMANN, 2003, p. 68).

Portanto, o momento de transição paradigmática em que vivemos exige, principalmente, reformular e ampliar a nossa estrutura de pensamento, pois herdeira do modelo mecanicista e simplificador, o maior obstáculo à complexidade, na maioria das vezes, reside dentro do próprio pesquisador.

O pensamento da ciência pós-moderna do paradigma emergente é assumidamente analógico, comparativo, capaz de pensar por imagens e metáforas. Assim, por exemplo, o mundo pode ser visto como um texto, como um jogo, como um palco ou ainda como uma autobiografia (SANTOS, 2001, p.94). Cada uma dessas analogias desvela uma ponta do mundo, fazendo confluir constelações de sentidos capazes de enriquecer o próprio objeto, assim como ampliar e facilitar a sua comunicação e compreensão. Não se trata de amálgamas de sentido, mas de interações e intertextualidades organizadas em torno de projetos locais de conhecimento indiviso. Para transitar nessa complexidade, Prigogine (1996) e Moles (1995) sugerem escolher alguns parâmetros sobre a questão investigada e deixar “cabos soltos” a serem oportunamente retomados e continuados.

O pensamento pós-moderno, sendo analógico, é também assumidamente interpretativo. Incentiva conceitos e teorias desenvolvidas localmente a emigrar para outros lugares cognitivos de modo a poderem ser utilizados fora de seu contexto de origem. Na busca de estabelecer conexões múltiplas e simultâneas, desloca-se e interage, horizontal e velozmente, entre os vários campos do saber; como Hermes que se movimentava entre “mundos” diferentes, buscando conferir sentido ao que era desprovido, ou novos sentidos

aos já existentes. Esses procedimentos convidam o pesquisador a olhar obliquamente o desconhecido, construindo um olhar múltiplo e alado, capaz de aventurar-se em novos territórios disciplinares, diluindo suas fronteiras de modo a fecundar-se reciprocamente, deixando-se contaminar uns pelos outros e gerar novas formas a partir dessa miscigenação transdisciplinar.

A noção de espaço-vivo desenvolvida nesta tese situa-se dentro deste contexto de nascimento paradigmático. Orientada por esses procedimentos, sua construção conceitual foi tecida por analogias e interpretações, estabelecendo mediações lingüísticas e passando de um universo de conceitos para outro. O conceito de espaço-vivo pretende iluminar algumas questões relacionadas aos espaços urbanos e, para transitar em sua complexidade, escolhemos fazer relevo em alguns aspectos, deixando outros em aberto.

O espaço-vivo corresponde a certos espaços urbanos de convivência baseados na solidariedade e na responsabilidade, capazes de contribuir para a construção de um *sensus communis* e de uma cidade mais humana. Mas, para que isso seja possível, exige-se considerar o outro como pessoa, e não como coisa. Desde a intervenção em um espaço privado, à intervenção num espaço urbano ou regional, torna-se importante levar em conta que ali vivem pessoas, e não meros indivíduos. São as pessoas que conferem vida à cidade, que a constroem cotidianamente mediante seus afazeres, por ela responsabilizam-se e respondem. Esse fato torna-se importante na relação com a cidade porque, muitas vezes, seus habitantes são reduzidos a números ou a eleitores, e várias regulações urbanas são instrumentalizadas para impor regras de cima para baixo de como o espaço da cidade deve ser usado.

Dessa forma, um espaço-vivo configura-se como um receptáculo hospitaleiro da atividade humana, recebendo a pessoa e facilitando o crescimento e o desenvolvimento de sua humanidade. O espaço-vivo é uma qualidade do espaço físico, concreto, que sugere às pessoas se encontrarem, trocarem experiências, construindo a si mesmas e ao mundo em que vivem. Mesmo quando sozinhas neste espaço, as pessoas se sentem acompanhadas de toda a humanidade, se incorporam ao “outro generalizado” de Mead ou ao *sensus communis* de Arendt<sup>15</sup>. Portanto, a noção de espaço-vivo não deixa de ter um aspecto utópico, ao pretender restituir aos lugares um valor de um ideal humano – portanto, vivo.

---

<sup>15</sup> De maneira semelhante a Mead e a Arendt, Buber (1982, p. 35) comenta: *Assim como o mais ardoroso falar de um para o outro não constitui uma conversação (...) assim, por sua vez, uma conversação não necessita de som algum, nem sequer de um gesto.*

O espaço-vivo não se configura como uma entidade ancorada em determinado lugar, em estado puro e imóvel. Trata-se de uma qualidade mutável conforme as circunstâncias. Projeta-se numa paisagem, morfologia ou lugar, cujos acontecimentos ou atividades que ali ocorrem favorecem a aproximação das pessoas, promovendo o diálogo e o encontro entre elas.

Dessa forma, pensamos que, para compreender determinado espaço – no nosso caso, o espaço-vivo – não basta entender apenas os seus aspectos funcionais, geométricos ou econômicos. Agregamos aos espaços outros aspectos, não tão palpáveis e visíveis, que correspondem às emoções, sentimentos e significados balizados pelas nossas experiências em relação a eles. Por conseguinte o espaço “materializa” também, e principalmente, algo imponderável, e é justamente esse aspecto que a noção de espaço-vivo busca realçar. Além de “funcionar”, determinado espaço também representa e tem conotações, e conforme o geógrafo Fremont (1980, p. 144-139), aquilo que representa assemelha-se a uma linguagem: “a linguagem dos homens falando com o espaço como um meio de expressão”. E assim, continua ele, “a análise geográfica deveria revelar os lugares, naquilo que representam, isto é, nos aspectos que mostram e nos que velam”.

Os grandes avanços promovidos pela ciência moderna, nos colocaram diante de questões éticas cujas reflexões só podem ser realizadas com a retomada dos estudos humanísticos e com a re-introdução da pessoa no centro do conhecimento, como autora do mundo<sup>16</sup>. Assim, lentamente, assistimos o ressurgimento em vários campos do conhecimento, inclusive na Geografia, de uma orientação humanística, que tenta recolocar o homem como autor e produtor do mundo, em oposição à visão do homem como mero produto de um ambiente (seja físico ou social), ou associado ao modelo econômico.

A atividade geográfica, desde suas origens mais remotas, baseou-se na tradição humanística e nas percepções ambientais de seus praticantes. Mas, principalmente a partir dos anos 60, a Geografia buscou resgatar e revalorizar os estudos humanísticos e a maneira de explorar os lugares e paisagens da terra, com o surgimento de correntes que se opunham aos princípios mecânicos e deterministas da ciência moderna. Uma destas correntes – a Geografia Humanística – surgiu como oposição aos princípios norteadores da Geografia Teórica e Quantitativa, identificada com o Positivismo e o Determinismo, características do paradigma dominante da Ciência Moderna. Neste aspecto, a Geografia Humanística delineou princípios que vão de encontro ao novo paradigma emergente científico.

---

<sup>16</sup> SANTOS (2001).

Segundo Correa (2005, p. 30), a Geografia Humanística assenta-se na “subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real”. Conforme Lencioni (1999, p. 153), essa corrente de pensamento rompeu com a oposição entre sujeito e objeto, afirmando que o pesquisador deve ser participante da realidade que estuda, comprometendo-se com o que analisa.

A Geografia Humanística busca compreender o homem, pelo estudo das relações entre ele e a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e significados a respeito dos lugares. Dessa forma, a discussão sobre o modo do espaço ser percebido e sobre os significados e valores modelados pela cultura e pela estrutura social atribuídos a esse espaço passaram a ser analisados com o objetivo de compreender os sentimentos dos homens por pertencerem a um determinado lugar ou região.

Contudo, tanto Taylor (1990) como Fremont (1980) chamam a atenção para o tênue risco existente nesta abordagem, de poder conduzir a um *environmental determinis*. Esse pressuposto, fundado sobre a exacerbação da diferença – biológica e territorial (da raça e do meio natural) –, logo, do poder sobre o “outro”, justificou e resultou na dominação do homem sobre a natureza, no privilégio tecnológico, no expansionismo político, nas guerras, no colonialismo como essência de progresso de um povo e nas várias formas de totalitarismo, como o nazismo.

Como os “possibilistas”<sup>17</sup> franceses, acreditamos que o meio ambiente onde o homem está inserido geograficamente explica algumas coisas, mas não tudo. Apesar da dependência do ambiente em que vivemos, não somos por ele determinados ou condicionados como ratos de laboratório, pois temos vontade própria, não funcionamos por sinais e respostas prontas e estereotipadas e podemos interferir nessa dependência. De fato, não recebemos estímulos, mas constantes solicitações do meio. E sempre somos solicitados a responder, mesmo em situações-limite<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> Os possibilistas da escola francesa, cujo expoente principal foi Vidal de La Blache (1845-1918), se opuseram à relação determinista entre o homem e meio defendida pelos deterministas como Ratzel. Eles acreditavam que, apesar da natureza oferecer possibilidades ao homem para o exercício das atividades humanas, ele sempre tem liberdade de escolha em sua relação com ela.

<sup>18</sup> Como exemplo, no caso de Helen Keller (2001) que, mesmo sendo cega e muda, descreve a rica e intensa experiência não verbal que o ambiente em que vivia lhe comunicava, exigindo-lhe interagir e a ele responder.

A Geografia Humanística desenvolveu questões ligadas aos significados estéticos, literários, lingüísticos e éticos, ampliando as questões até então investigadas. O tema fundamental da Geografia Humanística refere-se ao espaço vivido e ao conceito de lugar valorizado. A partir desses, outros temas emergiram. Amorim Filho (1999, p. 77) identificou neste campo, vários temas presentes nos estudos dos geógrafos humanistas nos últimos 30 anos, por exemplo, topofilia, topocídio e topofobia, patrimônios culturais, mapas mentais, paisagens, lugares sagrados e míticos, literaturas regionais e urbanas, legislações sobre meio ambiente e paisagens, tempos e espaços experienciais, riscos ambientais e suas avaliações, entre outros.

A abrangência desses temas exigiu buscar conceitos em outras disciplinas, ampliando o diálogo com outros campos de conhecimento que também têm o espaço como objeto, como o urbanismo e a arquitetura. A complexidade dessa investigação delineou um recente campo interdisciplinar de conhecimento denominado Percepção Ambiental<sup>19</sup>. Apesar de as investigações realizadas nesta área fazerem uso de várias metodologias, dos objetivos específicos e os termos muitas vezes serem diferentes, elas tentaram inaugurar um novo olhar sobre o espaço, capaz de recolocar a pessoa como centro de sua investigação.

Segundo Rapoport (1978, p. 15),

*A cidade tem sido um objeto de curiosidade durante muito tempo. (...) Nos últimos anos, surgiu um novo ponto de vista para analisá-la, comumente denominado "Estudos do homem em seu meio ambiente" no qual realizam-se estudos sistemáticos sobre a inter-relação entre as pessoas e o meio ambiente construído. Esta disciplina se distingue pelo enfoque na pessoa...(tradução nossa)*

Moore e Allen (1976, p. 19) também afirmam esta orientação, ao dizerem que *representa um sintoma de que o espaço está começando a ser entendido do ponto de vista da pessoa que o percebe e o experimenta, e não como uma abstração matemática.*

De acordo com Amorim Filho (1999, p. 72), várias orientações epistemológicas convivem no interior deste movimento humanístico, por exemplo, a Axiologia, o Existencialismo, o Idealismo, a Semiologia, a Teoria da Cognição, a Teoria da Gestalt, a Teoria da Comunicação, a Fenomenologia, entre outras. Embora, no contexto nacional, o movimento humanístico na Geografia e em áreas afins tenha adotado certas teorias e

---

<sup>19</sup> Também chamado de Percepção Urbana, EBS- *Environmental Behavior Studies*, Psicologia Ambiental, Ecologia Humana etc.

metodologias, a orientação geral predominante corresponde a Fenomenologia (AMORIM FILHO, 2001).

Entre os vários estudos humanísticos, tanto da Geografia como de áreas afins, realçamos os de Tuan (1980), um dos geógrafos pioneiros que investigou as associações, positivas e negativas, atribuídas aos lugares, partindo do pressuposto de que elas têm papel decisivo na formação de juízos de valor, nos comportamentos e nas ações sobre os lugares e paisagens. Assim como Relph (1976), Tuan apontou para aspectos bastante negligenciados na investigação geográfica, ao incorporar os aspectos estéticos e simbólicos, bem como os valores na análise da construção social do lugar.

Lynch (1960) também um dos precursores dos estudos sobre a relação do homem com o espaço, estudou a capacidade de algumas estruturas urbanas, como os bairros e as vias, orientarem as pessoas e as ajudarem a construir uma imagem legível da cidade. Ferrara (2000), fundamentada na Semiótica, buscou compreender a imagem da cidade de São Paulo, construída a partir do rio Pinheiros. Castello (1999), ancorado na Antropologia e em Lynch, buscou conhecer as imagens que as pessoas tinham do rio Guaíba em Porto Alegre e, a partir deste material, apontou os possíveis lugares da área central capazes de integrar o rio à cidade. Baseado nos estudos de Tuan, Machado (1999) buscou contrastar as percepções sobre a Serra do Mar – SP, do ponto de vista dos técnicos que a estudavam e do de seus moradores.

Atualmente, a Unesp – Rio Claro, SP, destaca-se como um dos centros irradiadores da Geografia Humanística no Brasil, sob a liderança das geógrafas Livia de Oliveira e Lucy Machado. Em 1999, a geógrafa Livia de Oliveira e o arquiteto Vicente Del Rio organizaram o livro *A percepção ambiental; uma experiência brasileira*, que apresenta vários estudos realizados dentro do enfoque da percepção ambiental. Em 2000, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, organizou o primeiro Seminário Internacional “Psicologia e projeto do ambiente construído; interfaces e possibilidades em pesquisa e aplicações”, fomentando o encontro interdisciplinar entre pesquisadores.

Em junho de 2005, ocorreu em Londrina, Paraná, o simpósio nacional sobre “Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente”. Pelos temas apresentados, os estudos humanísticos evoluíram e ampliaram o leque de abordagem, como: “geografia e literatura”, “arte, linguagem e cidade”, “educação, ambiente e percepção”, “natureza e turismo em áreas protegidas”, “a cidade e o planejamento”, entre outros.

Recentemente, em maio deste ano, aconteceu em Bauru, SP, o “Encontro de percepção e paisagem da cidade”, cujos temas foram a “percepção do espaço urbano”, “desenho urbano e paisagem urbana”, “percepção dos espaços de entretenimento”, “riscos e experiência urbana”, entre outros. A abrangência desses temas comprova a diversidade de enfoques, escalas e possibilidades de discussão e de aplicação.

Consciente de que o problema ecológico vem se agravando com o desenvolvimento do capitalismo, provocando a destruição da natureza e a degradação do meio ambiente em escala que põe em risco a existência da humanidade, a Geografia Humanística, junto com outros campos de conhecimento afins, possui grande área de ação na defesa do meio ambiente, na criação de parques e reservas, na preservação e na educação tanto patrimonial como ambiental (ANDRADE, 1987). As questões focadas neste campo de conhecimento configuram-se como oportunidades de debates sobre outras possíveis formas de implantação de sistemas econômicos realmente sustentáveis e humanos, como propõem, por exemplo, os estudos de Boaventura Santos.

Acreditamos que a interpretação do meio ambiente, a partir das pessoas que nele vivem, e a explicitação de alguns significados agregados aos espaços da cidade podem ter importantes implicações nas tomadas de decisões sobre esta, pois podem fornecer diretrizes para viabilizar futuros projetos de intervenção, tais como planejamentos urbanísticos e turísticos, políticas urbanas e patrimoniais, assim como prever conseqüências. O trabalho em conjunto com grupos interdisciplinares, preocupados com a deterioração da vida urbana, agravada pelos problemas de circulação, de transporte, de abastecimento, saneamento e segurança, também possibilita à Geografia Humanística contribuir, fornecendo parâmetros para orientação de políticas de planejamento urbano e regional, tanto no que se refere à legislação urbana, à requalificação de áreas degradadas, ao *design* urbano, e outras aplicações possíveis. Como exemplos, temos:

- Estudos de impacto ambiental: nos EUA exige-se que os estudos de impacto ambiental considerem a percepção e as expectativas da população para a aprovação de projetos ambientais de grande porte.
- Valorização da imagem da cidade: reestruturação da paisagem cotidiana e recuperação da imagem das cidades na cada vez mais acirrada competição nacional e internacional pelo turismo e pela atração de investimentos diversos.

- Diretrizes para a ação pública: consideração do repertório de imagens e expectativas compartilhadas pela população, assim como a sua operacionalização consciente por meio de políticas e programas urbanísticos são fundamentais para nortear a ação pública.
- Requalificação e educação ambiental e patrimonial: fornecem ao poder público estratégias de manipulação das percepções ambientais para consolidar as imagens positivas e reverter as negativas de determinado lugar, fomentando novas expectativas para as áreas de intervenção. Além disso, educa a pessoa para apropriar-se de seu espaço cotidiano, ajudando a construção de sua cidadania, pela consciência de que ele lhe pertence e de que cada um é protagonista e autor no processo da construção e desenho da cidade.
- Estudos de Avaliação Pós-Ocupação – APO: fornece ferramentas e diretrizes tanto para edificações quanto para áreas públicas e urbanas na avaliação do nível de satisfação do usuário.
- Diagnóstico de conflitos: permite aflorar e explicitar os conflitos de interesses e valores, entrando no campo ético. Exige uma escolha de qual valor vai se privilegiar em determinado empreendimento.

Acreditamos que o maior mérito da Geografia Humanística e dos estudos transdisciplinares dela decorrentes foi incluir a pessoa como centro da investigação espacial e fazer despontar possibilidades de ruptura com os paradigmas da Ciência Moderna, constituindo-se, portanto, um modelo de transição. Concordamos com Marandola Jr. (2005), quando diz que o humanismo em geografia não deve ser um rótulo de uma corrente, mas uma postura ética de orientação científica. Pensamos que a abordagem que coloca a pessoa como fundamento do conhecimento, distinguindo-a de “coisa” ou de “objeto”, rechaçando a visão individualista e egocêntrica ainda predominante, não se constitui como alternativa, mas como fundamento de toda a investigação que se dedica à relação do homem com o espaço.

Dessa forma, a noção de espaço-vivo, aqui desenvolvida, baseia-se, tanto nas orientações do novo paradigma científico como nos princípios da Geografia Humanística, justamente pela ênfase dada à pessoa na relação com o espaço. A compreensão dos espaços em que ela vive implica a explicitação e o entendimento dos sentimentos e significados que ela agrega aos lugares. Nenhum espaço é amorfo. O que sustenta a relação do homem

com o espaço é a significação que ele confere a este. Portanto buscamos nesta tese a compreensão de alguns possíveis significados que sustentam essa relação. Onde buscá-los? Na praça do mercado, na feira, isto é, entre os homens em seu laborioso trabalho da construção do tecido “vivo” de seus espaços cotidianos. Para isso, escolhemos a cidade de Diamantina percebida do ponto de vista dos músicos que ali vivem<sup>20</sup>.

A Geografia Humanística assenta-se, principalmente, sobre a noção de “espaço vivido”, que se refere ao conjunto de experiências afetivas que as pessoas vivenciam nos espaços cotidianos, capazes de lhes conferir um sentimento de pertencimento por meio dos lugares, da paisagem e da região. Pertencimento ou “pertencência” entendidos aqui não como uma fixação literal a um lugar, mas inseridos no significado do verbo “pertencer” vinculado a “ser propriedade de”, no sentido de saber-se de direito herdeiro e proprietário do bem comum coletivo. Associa-se também a “ser próprio de” e “ser da obrigação ou responsabilidade”, sentido-se, portanto, “responsável” pelo resguardo, pela multiplicação e duração desse bem comum. O verbo pertencer vincula-se também a “fazer parte de” e a “ter relação com”, incluindo nele a presença do “outro”, entendido aqui de forma metafórica, podendo ser tanto o vizinho, o estranho, o adversário, como a rua, o bairro, a cidade, a paisagem, a natureza, o próprio planeta. E essa inclusão insere um vínculo participativo, que vai contra as formas e sentimentos de desenraizamento, individualismo, auto-suficiência e isolamento. Ao contrário, faz estabelecer uma ligação com uma esfera maior – uma comunidade humana, simultaneamente global e local -, tecida pelas redes de solidariedades e responsabilidades democráticas e participativas.

O espaço vivido baseia-se na experiência, na descoberta, no aprendizado e na reconstrução constante e gradativa da nossa relação com o espaço. Por exemplo, o que experienciamos diante do deserto ou do mar difere do que sentimos diante de um abismo, ou de uma montanha, estando no interior de uma catedral ou confinado numa cela. Essas experiências vão balizar os significados – positivos e negativos - que outorgamos aos espaços e que variam conforme a cultura, a época e os lugares. Essa “bagagem vivencial” se constitui o espaço vivido.

Todo espaço é vivido. Segundo Alonso-Fernandez (1976:244), o espaço possui duplo aspecto: como fator objetivo e material e como fator subjetivo e vivencial. Não se trata de supor que há de um lado a coisa física, material e objetiva – um espaço concreto e geométrico – e de outro a coisa como idéia ou significação – um espaço vivido e

---

<sup>20</sup> A cidade de Diamantina e os sujeitos da pesquisa – os músicos – serão abordados na Parte 2.

impalpável. O espaço sempre é vivido e suas dimensões, tanto físicas quanto vivenciais, formam um todo, construindo e constituindo a nossa existência humana. Segundo Fremont (1980, p. 201),

*seria um erro não querer reconhecer os componentes físicos dos lugares vividos. Mas devem ser restituídos numa perspectiva recentrada sobre o homem. Neste domínio, há sem dúvidas mais a esperar da emergência de uma ecologia humana do que das investigações clássicas da geografia física.*

A noção de “espaço vivido” foi objeto de investigação de muitos pesquisadores, que, por vários caminhos e em diversas áreas de conhecimento, enfatizaram a interação e a influência que determinados lugares exercem sobre as pessoas e vice-versa, tais como Merleau-Ponty (1971), Bollnow (1969) e Fremont (1980). Segundo Merleau-Ponty, o espaço é o meio em que as coisas estão posicionadas e conectadas à vida humana. Bollnow, baseado em Merleau-Ponty e em Bachelard, dedicou-se a expor as estruturas e características do espaço vivido ou *vivencial*.

O espaço vivido enfatiza a noção de lugar, isso porque é o lugar, mais do que o espaço, que se relaciona à existência real e a experiência vivida da pessoa. Mas o lugar, do ponto de vista da Geografia Humanística, transcende sua materialidade, por ser repleto de significados, tanto positivos como negativos. Portanto podemos dizer que os monumentos e as cidades são lugares, como conjunto de significados.

Segundo Relph (1980), o lugar é um foco onde experimentamos eventos significativos de nossa existência, tais como os lugares onde nascemos e/ou crescemos, onde vivemos atualmente ou onde tivemos experiências particulares. Trabalhando com a noção de espaço vivido, Yi-fu Tuan (1983) investigou como o homem entende o mundo sob a perspectiva da experiência, distinguindo a noção de espaço da de lugar, o que não ocorre em nossa experiência cotidiana, na qual espaço e lugar frequentemente se fundem. Um espaço transforma-se em lugar valorizado à medida que o dotamos de valores como os de permanência, de proteção, e muitos outros.

A noção de lugar é muito abrangente para o que aqui pretendemos conceituar: a noção de espaço-vivo. Dessa forma, achamos mais adequado restringi-lo à noção de “morada” (Levinas, 2004), como centro de confiança e hospitalidade.

Nesta tese, partimos da noção de espaço vivido pois todo o espaço humano é vivido, mas nem todo o espaço vivido é vivo. Será vivo quando nele acontecerem relações que contribuem para o nosso crescimento, que facilitem o encontro e a comunhão com o

outro, que fortaleçam nossos sentimentos de confiança, solidariedade e hospitalidade. A noção de espaço-vivo assemelha-se ao que Bollnow (1969) denomina de “espaço habitado”, “espaço da convivência humana”, “espaço amoroso, autêntico e humano”. Pensamos que o estudo sobre a relação entre o homem e os lugares faz sentido quando contribui para promover o encontro e o diálogo entre pessoas que se sentem responsáveis pela construção coletiva do mundo do qual são autoras.

Assim, ao longo dos capítulos que se seguem, teceremos as variáveis do conceito do espaço-vivo. Para a construção destas variáveis que constituem a noção de espaço-vivo, visitaremos quatro âmbitos: o corpo, a posição geográfica, o espaço público e a casa.

## **1.2. A CONSTRUÇÃO DAS VARIÁVEIS DA NOÇÃO DE ESPAÇO-VIVO**

## 1.2.1 O corpo e as distâncias pessoais

O corpo é uma das variáveis que compõem o que chamamos espaço-vivo.

Por existirmos e por sermos corpos, ocupamos um espaço. Assim, nosso corpo é a referência primeira e ponto de partida para qualquer consideração espacial. A partir dele, construímos as relações espaciais com o entorno, tais como em frente, atrás, acima, embaixo, esquerda, direita etc. e, à medida que nos movimentamos, estas relações vão sendo constantemente alteradas, compondo as distâncias entre nossa pessoa e o entorno.

Nesta construção de distâncias, o espaço em nossa volta pode favorecer ou dificultar a nossa livre movimentação, de tal maneira que podemos ter uma sensação de expansão ou uma vivência de constrição pessoal, de aproximação ou de afastamento do mundo. A relação corpo-espaço-vivo implica essas questões de distâncias e desse livre movimentar entre pessoas no mundo.

Conforme Canetti (1995, p. 13-16), criamos e compomos distâncias para podermos conviver, pois precisamos de espaço entre as pessoas e as coisas que nos cercam para nos movimentarmos livremente.

Hall (1981) investigou como essas distâncias afetam os modos pelas quais as pessoas se relacionam e percebem o espaço. Ele enfatizou o papel da cultura na composição dessas distâncias. Segundo este autor, quando estamos numa distância íntima (15 a 45cm), a presença da outra pessoa é inconfundível e pode ser, às vezes, esmagadora. Neste espaço, a distância praticamente é abolida, os corpos se fundem, a visão é fragmentada e o outro é percebido de forma deformada, como em situações da luta e do amor. Na distância pessoal (50 a 120cm), as pessoas se vêem claramente, permitindo a discussão de assuntos de seus interesses. Na distância social (120cm a 350cm) estabelecem-se os negócios impessoais e os discursos formais, e na distância pública (350cm a 750cm) as pessoas situam-se fora do círculo de envolvimento umas das outras.

A distância pode obturar a folga para o movimento livre e, num outro nível, pode abolir o espaço entre as pessoas, fazendo-nos fundir com o outro, afastando-nos, isolando-nos e eliminando-o. A casa, as nossas posses, os cargos que ocupamos e os deslocamentos que pretendemos realizar ou evitar – tudo isso serve para criar, reduzir ou ampliar as distâncias.

Diante disso, pensamos ser apropriada para a noção de espaço-vivo a questão que Barthes (2003, p. XXXVIII) se coloca: “a que distância dos outros devo manter-me, para construir com eles uma sociabilidade sem alienação e uma solidão sem exílio?”

## **1.2.2 Posição geográfica**

### **1.2.2.1 Limite e apoio**

Somos influenciados pela configuração física do contexto geográfico em que nascemos ou vivemos em grande parte de nossa vida, especialmente durante a infância, configuração essa que nos acompanha em memória, fornecendo-nos apoio e estabilidade. Esse espaço em que vivemos é delimitado, no nosso campo visual, pelo horizonte.

Onde quer que estejamos, ao olharmos em redor nos deparamos com essa delimitação visual imposta pelo horizonte. Ele sempre nos acompanha, permanecendo ligado a nós. Portanto, o horizonte engloba o espaço em nossa volta, formando um mundo circundante finito e susceptível de ser abarcado pela vista. Ele nos oferece um limite, o qual não podemos ultrapassar, como um “muro” imaterial que delimita nosso campo visual.

Todas as coisas que encontramos no espaço estão circunscritas pelo marco visual de um horizonte, e nós mesmos só podemos viver dentro de um determinado horizonte. Mas esse limite imposto pelo horizonte contém um elemento de proteção que nos envolve de tal modo que, em determinado horizonte, não nos sentimos como estranhos, ao contrário, nos sentimos “em casa”.

Estamos sempre situados no horizonte sob determinado ponto de vista ou perspectiva. Isso significa que só podemos ver determinado objeto desde um ponto, não de todos de uma vez, e que se o observamos de um lado, os outros ficarão ocultos. Isso implica que nunca vemos um objeto de maneira total, mas apenas parcial, condicionados pelo nosso posicionamento. Assim, a perspectiva configura-se como um ponto de vista no qual estamos situados em relação ao espaço. Ela possibilita ordenar os elementos dentro do horizonte e este, por sua vez, confere-lhe solidez e estabilidade. Dessa forma, perspectiva e

horizonte atam o homem à finitude de sua existência no espaço, colocando-o em determinada situação que lhe permite adquirir firme apoio, além de uma visão panorâmica.

### **1.2.2.2 Possibilidade de abertura e de movimentos de expansão**

Paradoxalmente, o horizonte, além de nos fornecer limite e estabilidade, também nos convida a ir mais além desse campo visual em busca de novas possibilidades de direções. O horizonte e a perspectiva contribuem para nossos movimentos de expansão, pois temos afã de avançar rumo ao crescimento, buscando sempre a abertura de um campo livre para o nosso movimento, ampliando os espaços.

À medida que nos movimentamos, os objetos oferecem às nossas ações uma resistência que devemos superar ou a ela nos render, de tal forma que o espaço pode promover e facilitar o nosso movimento ou se impor como resistência ou obstáculo. O espaço termina onde as coisas impedem a continuação do movimento e também é delimitado, no nosso campo visual, pelo horizonte.

Um outro aspecto dos movimentos de expansão refere-se aos caminhos que traçamos e inventamos, capazes de ampliar os espaços em nossa volta. Assim, um caminho, tal como o horizonte, nos atrai, nos impelindo para frente, nos impulsionando a mudar de um lugar para o outro. Os espaços se abrem pelas vias, nas quais se desenvolvem os trajetos cotidianos, onde pessoas, veículos e mercadorias circulam. Os caminhos também se convertem em estradas e estas em redes, ligando vários pontos de tal forma que, assim que um caminho termina, já um outro se anuncia, alargando o espaço em nossa volta.

No deslocamento rumo ao horizonte, os caminhos põem em movimento a paisagem estática. Porém há diferentes modos de deslocamentos nestes caminhos. Por exemplo, ao percorrermos de automóvel um caminho-estrada, o espaço se abre para nós de forma distinta do que ocorre quando caminhamos a pé. Na estrada, quando conduzimos um automóvel, toda a nossa atenção concentra-se na estreita faixa do caminho. A velocidade em que estamos faz com que o espaço adquira uma realidade intensificada a ponto de nos fazer “romper” com a paisagem, isto é, ela desfila acelerada ao nosso lado e tende a desaparecer, tornando-se um mero panorama ou imagem estática<sup>21</sup>. De forma diferente,

---

<sup>21</sup> Vários pesquisadores investigaram a mudança de percepção espacial do ponto de vista do motorista das autopistas como *The view from the road* (APLLEYARD et al., 1964), *The city as trip* (CARR e

quando percorremos um caminho a pé, estabelecemos uma relação íntima com a paisagem. Portanto o tempo em que nos deslocamos influencia o modo pela qual percebemos o nosso entorno<sup>22</sup>.

### 1.2.2.3 Estado de ânimo

Somos influenciados tanto pela configuração física do contexto geográfico em que nascemos ou vivemos grande parte de nossa vida, quanto pelas condições atmosféricas. Por exemplo, diferentes cores da paisagem produzem distintas disposições de ânimo. As circunstâncias atmosféricas podem ser alegres, luminosas ou sombrias. Um dia com nuvens negras carregadas de chuva pode nos oprimir com a sensação de que o espaço se estreita e se fecha. Nos tons escuros do dia nublado, as coisas parecem menos nítidas e nas neblinas nossas percepções de distâncias ficam alteradas. Ao contrário, a luminosidade de um dia de sol pode modificar nossa disposição anímica na direção da alegria e sensação de abertura no espaço, convidando-nos a sair de casa<sup>23</sup>.

Estes aspectos climáticos e outras configurações físicas do contexto geográfico que nos envolve em grande parte da vida se internalizam em nós e participam ativamente do desenvolvimento de nossa sensibilidade física, percepção e de certas habilidades, construindo nosso temperamento e estado de ânimo singular, ou seja, o nosso “estilo”<sup>24</sup>.

---

SCHISLER, 1969) e *Driving to Work* (WALLACE, 1965) citados por RAPOPORT (1978, p. 48), assim como *Aprendendo com Las Vegas* (VENTURI et al., 2003). RAPOPORT (1978) apresenta também estudos de mapas mentais diferenciados sobre o mesmo lugar de acordo com os diversos modos de deslocamento.

<sup>22</sup> Muitos estudiosos dedicaram-se ao estudo da percepção espacial do ponto de vista daquele que percorre o espaço a pé: o caminhante, o pedestre. Entre eles Cullen (1983) e Ferrara (2000).

<sup>23</sup> O estudo de Dickenson e Amorim Filho (1996) em Diamantina, realçou, entre outros aspectos, a influência das condições do tempo sobre a percepção da pessoa sobre o lugar: uma cidade observada num dia chuvoso e nebuloso, quando o ambiente se apresenta sombrio, provavelmente será menos atraente do que se for observada sob um céu azul e brilhante.

<sup>24</sup> Como exemplo de estudos nesta direção, Lima (1983) elaborou uma análise sociológica influenciada pela situação geográfica, distinguindo, no Brasil, diversos “temperamentos” diferenciados, correspondentes ao homem do litoral, ao homem da floresta, dos campos e da montanha. Tuan (1980) investigou a influência do meio geográfico no desenvolvimento dos sentidos, das habilidades e do modo de conceber o mundo de várias sociedades, por exemplo, os esquimós, os pigmeus Bambuti, os bosquímanos Gikwe etc. Essa influência do meio geográfico aparece também de forma bastante visível na obra de Guimarães Rosa (1985, p. 221) e do poeta Manoel de Barros (2003). Bollnow (1969, p. 260) estudou a influência das condições atmosféricas em nosso estado de ânimo e segundo ele, *el espacio atua sobre el hombre modificándolo y (...) el hombre adquiere determinado modo de ser exclusivamente en la unidad con su espacio concreto*. Segundo este autor (1969, p. 237), *también en el estado de buen humor se ensancha el espacio y el hombre se siente en el, por su ánimo confiado*.

Ao recebermos as informações do nosso ambiente, privilegiamos alguns aspectos significativos mais relacionados a nossas experiências cotidianas em detrimento de outros. Também agregamos à imagem desse ambiente aspectos que ficaram como informação de fundo ou como uma “paisagem velada”, importantes em muitos de nossos sentimentos e comportamentos futuros. Essa construção nos acompanha no decorrer de nossa vida, disponível em nossa memória.

Participam dessa “paisagem velada” os eventos sonoros presentes nos ambientes, constituindo-se também importante aspecto do espaço-vivo. Essa “paisagem sonora” (SCHAFER,2001, p.23) nos acompanha em memória como lembranças afetivas, muitas vezes notada e rememorada quando determinados “sons fundamentais” mudaram ou desapareceram. Os “sons fundamentais” de um ambiente são aqueles ouvidos continuamente ou com uma constância suficiente para formar um fundo contra o qual os outros sons são percebidos, tais como a água, os ventos, as planícies, os pássaros, os insetos, os animais etc. Com frequência, esses sons não são ouvidos conscientemente, pois já se tornaram hábitos auditivos, mas pelo fato de estarem presentes como fundo, sugerem a possibilidade de uma influência profunda e penetrante em nosso comportamento e estado de ânimo. Alguns desses sons, muitas vezes indiscerníveis para as pessoas já imersas neste contexto sonoro, podem ser percebidos por visitantes ou turistas, capazes de apontar o valor ou a originalidade de determinado som que se configura, portanto, como um “marco sonoro<sup>25</sup>” para certa comunidade, inscrevendo-lhe sua marca peculiar e refletindo o seu caráter.

Um outro aspecto da paisagem sonora, importante para a noção de espaço-vivo aqui desenvolvida, diz respeito ao silêncio. Trata-se de uma tela de fundo sobre a qual se esboçam nossas ações, sem o que permaneceriam incompreensíveis ou não poderiam sequer existir. Assim como necessitamos de tempo para dormir, reanimarmos e renovar nossas energias vitais, precisamos também de períodos de quietude para recobrar a tranqüilidade mental e espiritual. Os lugares que propiciam essa quietude e serenidade para nos refazermos, assim como fornecem condições acústicas favoráveis para a comunicação humana, configuram-se como espaços-vivos.

---

<sup>25</sup> SCHAFER (2001, p. 365). Marco sonoro refere-se ao som da comunidade que é único ou que possui qualidades que o tornam especialmente notado pelos habitantes.

## 1.2.3 Espaço público

### 1.2.3.1 Possibilidade do encontro e diálogo com o outro

A esfera pública implica necessariamente a existência de um outro, diverso, que pode ser desconhecido e mesmo inexistente, ainda por vir. Sem esta postura, *a priori*, em direção à alteridade, o que consideramos espaço-vivo não se realiza<sup>26</sup>.

Essa mentalidade fundamentada no outro remete-nos à origem da própria cidade como lugar que reúne pessoas que, desejando viver juntas, em acordos coletivos e gerindo o bem comum, o bem público<sup>27</sup>, cuidam dos espaços públicos e por eles se responsabilizam. Esses espaços públicos podem ser tanto um passeio, uma rua, uma edificação, quanto as leis que regem esta convivência.

Assim, a esfera pública é o palco das discussões, dos conflitos, dos debates e dos acordos entre os cidadãos. Trata-se de um *espaço de diálogo e de comunicação, um plano de expressão, de contaminação e de circulação de forças* (GIL, 2005, p. 30). Nele, negociamos nossas semelhanças e diferenças e aprendemos a ouvir e a responder uns aos outros, num diálogo expressivo de múltiplas vozes que se projetam.

O espaço físico da cidade representa uma das dimensões do espaço público onde a esfera pública, da qual viemos falando, pode se realizar. Palco de nossos percursos diários, dos microlugares e dos microacontecimentos, estes espaços físicos configuram-se como possíveis centros pulsantes de diversidade<sup>28</sup>, tanto de pessoas como de usos, fator que contribui para promover a sua vitalidade. Essa diversidade possibilita também um sentimento de “segurança”. Pessoas diferentes, desconhecidas e estranhas circulando simultaneamente nos espaços permitem uma “supervisão” destes (quando considerados um

---

<sup>26</sup> “Vivemos um tempo unificado e disperso que implica também uma nova espacialidade, não funcional, de inter-relações contínuas. Nesse novo mundo, a multidão das singularidades que cooperam em rede define um campo totalmente diferente do individualismo. As singularidades se definem pelas relações que ligam entre elas, pelo reconhecimento do outro” (NEGRI; COCCO, 2006).

<sup>27</sup> A cidade nasce do desejo dos homens de viver juntos; assim, ela existe antes que a construam (ROCHA, 2006).

<sup>28</sup> JACOBS (2002), BAUMANN (2003, p. 132), BENTLEY *et al* (1999).

bem comum compartilhado), de tal maneira que dão notícias, e mesmo podem interferir nos acontecimentos que ali ocorrem.

### **1.2.3.2 “Matriz de sensibilidade” da cultura**

Uma outra variável da noção de espaço-vivo diz respeito aos significados que uma certa cultura valoriza na orientação da construção dos lugares urbanos, balizados pela sua “matriz de sensibilidade<sup>29</sup>”. Alguns desses significados contribuem, mais ou menos, para a constituição desses lugares como espaços-vivos. Aqui, nos limitaremos a enfatizar três destes aspectos: a solidariedade, a beleza e a memória.

Determinados lugares promovem certos acontecimentos que favorecem relações pessoais mais humanizadas e solidárias. Consideramos lugares humanizadores aqueles orientados para a construção dessa solidariedade, isto é, que acolhem interações entre pessoas que estabelecem entre si relações de reciprocidade e não apenas relações instrumentais entre indivíduos considerados como objeto.

Temos observado que, em nossos espaços de trânsito do dia-a-dia, existe uma rede de microlugares que potencializam a ocorrência de relações de solidariedade. Na maioria das vezes, estes lugares passam despercebidos por nós, por considerá-los pontos insignificantes e desprezíveis, tais como um ponto de ônibus, um assento numa praça, uma esquina numa rua, entre outros. Muitas vezes, mutantes e efêmeros, pois apropriados informalmente por determinadas atividades que se adaptam ao espaço construído, compõem possíveis nós dinâmicos de vitalidade urbana. Nesta tese, pretendemos justamente valorizar esses lugares como pontos potenciais do que chamamos de espaço-vivo, pois neles aninham possibilidades de verdadeiros encontros significativos entre pessoas trocando informações, dando notícias do que ocorre na sua cidade e interferindo na construção desta, na direção do bem comum. Configuram-se como possíveis locais de expressão da cidadania, habitados por pessoas com voz e rosto. Conforme os momentos,

---

<sup>29</sup> Conceito de Geertz, 1997, p. 155. Segundo este autor, a “matriz de sensibilidade” de uma cultura corresponde a um modelo “pedagógico” de sentimentos, pensamentos e organização de experiências vitais materializados através das diversas formas de expressão simbólica de um povo, como as festas, os jogos, as trocas comerciais, os rituais, a música, a dança, etc. Cada uma destas formas de expressão configura-se como “textos” coletivos não verbais que nos “dizem” sobre certas particularidades e significados valorizados por certa cultura. Estes “textos” não são as chaves principais e exclusivas para a compreensão destas culturas, mas nos “dizem alguma coisa sobre algo”, ou seja, através deles podemos ter acesso a algumas particularidades destas culturas. Assim, podemos dizer que os espaços urbanos onde a vida cotidiana acontece, além de “pano de fundo” e abrigo das atividades humanas, também revelam determinados aspectos dessa “matriz de sensibilidade” da cultura.

estas potencialidades podem ser realizadas, levando sempre em consideração as circunstâncias do que ali ocorre.

Outro aspecto de significação cultural diz respeito à matriz de sensibilidade de uma cultura em relação às valorizações de “feio” e “bonito”. Na noção de espaço-vivo que aqui estamos construindo, o belo constitui um parâmetro fundamental. Mas, no senso comum, nos deparamos com a beleza confundida com formas estereotipadas de bom gosto, manipuladas e inculcadas pela mídia a serviço de interesses mercantilistas. Por conseguinte, enfrentamos nesta tese a difícil problemática e o desafio de distinguirmos entre a beleza estereotipada e convencional que deforma nosso olhar para o que é vivo e verdadeiro, e a beleza, tal como Fayga Ostrower (1998, p. 290) nos ensina a ver, sentida como ulterior verdade das coisas. Compartilhamos a concepção de beleza de Ostrower quando ela diz que a beleza é essencial e nela se identifica a verdade das coisas na plenitude de seus significados. Segundo esta autora,

*poder criar beleza representa a realização das mais altas potencialidades espirituais do ser humano, na manifestação de sua consciência sensível. As formas da beleza são poderosas. Elas têm o estranho poder de mobilizar o que de melhor e de mais nobre existe em nós. Cada vez que deparamos com elas em obras de arte, contemplando-as, entregando-lhes nossa alma e tentando captar o mistério da criatividade humana, sentimos que enriquecemos e crescemos em nosso íntimo ser (...) Sentimos-nos vivos, inteiramente vivos e ainda participando de uma Humanidade Maior.*

Dessa forma, um espaço-vivo é necessariamente belo pois traz em si o convite à realização do que somos e temos de melhor, sugerindo-nos movimentos de crescimento da nossa pessoa.

Assim como um espaço-vivo nos convida a alterarmos a nós próprios, ele em si já traz, em seu fundamento, a idéia de transformação. Um espaço-vivo se altera e se transforma ao longo do tempo. Cabem-nos agora as seguintes perguntas: que transformações ocorrem num lugar que possibilitam sua vitalidade? Quais os limites dessas transformações?

Precisamos, em nossas vidas, que as coisas durem e permaneçam, tal como confiamos que o sol nasce todos os dias. Isso nos confere um sentimento mínimo de estabilidade e confiança no mundo ao nosso redor, permitindo organizarmos as nossas experiências cotidianas. O que permanece se fixa em memórias que se materializam em determinados acontecimentos no tempo e no espaço. Como estamos tratando de

questões espaciais, interessa-nos a memória materializada nos espaços, tais como certos lugares ou edificações que são expressões da memória coletiva de uma cultura, revelando os seus significados mais caros, aqueles que ainda nos “falam” de valores que continuamos escolhendo como válidos e importantes na constituição de nossa sociedade.

Esses significados corporificados nas memórias não são estáticos, mas re-significados e atualizados constantemente ao longo do tempo. Este fato permite “permanências em movimento” nos remetendo ao futuro. São transformações que mantêm a vitalidade dos lugares. Podemos citar como exemplos a recuperação da Pinacoteca de São Paulo, o Museu da Língua no prédio da Estação da Luz em São Paulo (ambos projetos de autoria do arquiteto Paulo Mendes da Rocha), a restauração das ruínas do antigo prédio incendiado do Colégio Caraça em Catas Altas, MG, (projeto de autoria do arquiteto mineiro Rodrigo Meniconi), assim como o restauro da igreja Nossa Senhora do Carmo, em Mariana, MG. Neste último exemplo, quando foi incendiada grande parte da edificação, e o altar foi consumido pelo fogo, várias reuniões foram realizadas entre os órgãos envolvidos e a comunidade para se discutirem os caminhos possíveis de recuperação: se iriam deixar vestígios desse acontecimento para as gerações futuras ou se ignorariam e apagariam suas marcas. Também foram levantadas algumas possibilidades sobre o uso do edifício, por exemplo, torná-lo um marco simbólico para lembrar a fragilidade do patrimônio herdado. Mas o edifício foi recuperado como igreja, mantendo vivo o sentido de lugar religioso para a comunidade. Ele era um monumento importante, que agregava atividades que faziam parte do cotidiano e da tradição viva local, reforçando os laços de solidariedade.

Em relação aos limites dessas transformações, podemos pensar como critério para definir o limiar de intervenções possíveis, que poderiam descaracterizar determinado lugar, o comprometimento da memória dos valores que se interessa preservar.

### **1.2.3.3 Microacontecimentos na vida cotidiana**

A vida cotidiana corresponde ao âmbito de nossa experiência imediata em participação social. Nesta esfera, compartilhamos objetivos comuns com os outros, e deles damos notícia, não apenas como presença física entre outros objetos, mas como pessoas

diversas dotadas de semelhante capacidade de pensar, conhecer e discernir. Trata-se do espaço do “nós”, diferente do mundo privado do “eu”.

Essas rotinas cotidianas colaboram para a construção de nossa confiança básica, por sabermos que podemos contar com a companhia de outros e que não estamos sós no mundo. Três pressupostos alicerçam este mundo da vida cotidiana, conforme Schutz (2001, p. 28). O primeiro nos diz que o mundo continua estável em seu “acervo de conhecimento<sup>30</sup>”. O segundo afirma a validação de nossas experiências anteriores, a partir das quais podemos antecipar e ajustar os nossos atos. E o último pressuposto assegura que podemos confiar na nossa capacidade de ação neste mundo, aberto a receber as nossas intervenções.

O nosso cotidiano acontece nos lugares de trânsito diário, que inscrevem microacontecimentos<sup>31</sup> no espaço físico, responsáveis por uma “coreografia” em constante transformação (JACOBS (2002). Por exemplo, nos rituais matinais, ocorre a coleta do lixo, a senhora sai de casa para ir à padaria, o rapaz se dirige à escola, um senhor passa com um cachorro, a loja abre, colocam-se algumas ofertas do lado de fora da porta, uma pessoa empilha caixas vazias... Esses microacontecimentos conferem vitalidade aos lugares de sua ocorrência, como *flashes* momentâneos que se formam e se desfazem, promovendo chances de encontro e reafirmando a nossa confiança na convivência.

Essas rotinas diárias possibilitam desenvolvermos forte apego aos lugares. O poder deste laço pode não ser visível, mas torna-se evidente quando deles nos distanciamos ou quando estes lugares são removidos da paisagem, causando grande senso de perda, como ilustra Quintana (1989, p. 124): *e quantas vezes nós, ao passar por uma velha rua quotidiana, sentimos uma vaga inquietação, uma falta de não sei o que. Vai-se ver, é um simples lanço de muro que demoliram e que, tijolo a tijolo, fazia parte da nossa construção interior, da nossa estabilidade, em suma.*

---

<sup>30</sup> Segundo SCHUTZ (2001, p. 28), *cada paso de mi explicitación y comprensión del mundo se basa, en todo momento, en un acervo de experiencia previa, tanto de mis propias experiencias inmediatas como de las experiencias que me transmiten mis semejantes, y sobre todo mis padres, maestros, etc. Todas estas experiencias, comunicadas e inmediatas, están incluídas en una cierta unidad que tiene la forma de mi acervo de conocimiento, el cual me sirve como esquema de referencia para dar el paso concreto de mi explicitación del mundo.*

<sup>31</sup> MOLES (1995, p. 193-194). De forma semelhante, MORALES (1998) denominou estas ocorrências microscópicas de “ondulações”.

## 1.2.4 Casa como morada: confiança e hospitalidade

Outro âmbito do espaço-vivo é o ponto fixo delimitado no nosso espaço geral de movimentação, disponível a nós como abrigo e ao qual chamamos casa. Esse espaço, diferente do nosso corpo, configura-se como algo fixo do qual podemos nos distanciar, partir e voltar. Porém, para o nosso objetivo que é a compreensão do espaço-vivo, torna-se importante introduzirmos a noção de morada, que se distingue desse conceito de casa.

A casa corresponde à tipologia que apresenta as mais variadas formas, construída por materiais diversos, cuja função é abrigar pessoas. Configura-se como um objeto geométrico, visível e tangível, com qualidades que se traduzem como proteção e recolhimento. Esse recolhimento é entendido como a suspensão imediata e voluntária das solicitações do mundo exterior. A casa como espaço físico nos recolhe, ampara e protege. Mas aqui vamos tratar a casa no nível antropológico-filosófico da morada. O conceito de morada é muito amplo; portanto escolhemos enfatizar os seus aspectos de confiança e hospitalidade, fundamentais para a concepção do espaço-vivo.

Conforme Levinas (1980, p. 135), não chegamos ao mundo vindo de um espaço intersideral a partir do qual, a todo momento, teríamos de recomeçar uma perigosa aterrissagem. Também não somos nele brutalmente lançados e abandonados. Antes de nos depararmos com as adversidades exteriores, somos acolhidos na intimidade protetora de uma morada, entendida como o próprio mundo já construído antes mesmo de aqui chegarmos, por outras pessoas que nos antecederam e por aquelas que diretamente nos receberam.

Bachelard (1989, p. 26) comenta que “a vida começa bem protegida e agasalhada no regaço da casa”, entendida aqui como o útero materno. Analogicamente, essa imagem aproxima-se da idéia de acolhimento e hospitalidade no mundo, desenvolvida por Levinas. Trata-se de noções preciosas nesta tese, já que fundamentam o sentimento de confiança tão importante na noção de espaço-vivo.

Acolher significa receber e hospedar o outro, alguém, uma pessoa singular, livre e autônoma e não algo ou uma coisa. Hospedar é sinônimo de acolher, e ambos os verbos significam receber o outro como pessoa em sua biografia singular, diversa da nossa, com uma disposição de ouvi-la no que ela tem a dizer. Portanto, um espaço como morada é o

espaço da hospedagem, neste sentido que o estamos definindo. Gostaríamos de lembrar que a presença deste outro pode acontecer em vários planos, até mesmo em pensamento, como um “outro generalizado”, conceito desenvolvido por Mead (1972). Também Arendt (1995) nos esclarece a este respeito com a máxima da mentalidade alargada do *sensus communis*: colocarmo-nos no lugar de todos os outros em pensamento.

Recorrendo à idéia de casa, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que essa separação e recolhimento que ela nos propicia, não significa, necessariamente, um solipsismo individualista, mas um desprendimento e abertura em relação ao outro, desde que tenhamos desenvolvido a idéia de “outro generalizado”. Esse momento de recolhimento possibilita refazer nossos acordos internos, delinear novas possibilidades de relações com a gente mesmo, com as outras pessoas e com os elementos em nossa volta.

Retomando a idéia de acolhimento e hospitalidade no mundo, desenvolvida por Levinas, podemos nos “sentir em casa” mesmo estando num país estrangeiro ou num espaço aberto e público, sem a proteção literal de muros e paredes<sup>32</sup>.

No conceito de espaço-vivo aqui desenvolvido, também as reminiscências da infância ou juventude são preciosas, pois nelas ancoram-se as recordações dos espaços vivenciados como morada, centros de confiança e hospitalidade. Nesses lugares vividos como morada aninha-se a vivência de espaços realmente vivos. Conforme Bachelard (1989), as lembranças da infância mantêm “imóvel” um tempo e um espaço vivido como topofílicos, protetores e “felizes”. Ao revivê-los, lembramos novamente desse amparo e calor e nos reconfortamos. A lembrança desses lugares nos reporta, também, à presença de pessoas queridas e significativas de nossa vida.

---

<sup>32</sup> De forma semelhante a Levinas, Bollnow (1969, p.261) comenta que podemos nos sentir *abrazado y sostenido por el espacio* (...) e isto é valido tanto para o espaço concreto de uma casa, como para *el espacio dela pátria y el del extranjero*. Podemos neles nos sentir amparados sem muros e paredes. Segundo este autor (1969, p. 265-267), esta *sensacion y este valor, pues, radican en que se encuentran sustentados por una confianza extrema, enorme, en el mundo y en la vida, que rebasa toda la actividad humana. El secreto de esta confianza es el ultimo misterio de la existencia humana. Y ésta a su vez se encuentra intimamente ligada a la relacion con el espacio; pues el mundo es el mayor espacio em que vive el hombre y con el que puede identificarse a sua vez como con un espacio próprio. Independientemetne de toda proteccion humana, el espacio mismo adquiere ahora el carácter de cobijante* (...) *Así, pues, existe una sucesion gradual de morada*, de tal forma, que podemos dizer, como Bachelard, (1989, p. 116) que *o mundo é um ninho*, um espaço protetor em que podemos nos sentir amparados e “seguros”. E, conforme Rosa (1985, p. 97) *num ninho nunca faz frio*.

### **1.3 DETERIORAÇÃO DO ESPAÇO-VIVO**

---

Às vezes, as estruturas de alguns espaços não realimentam a nossa confiança no mundo, ao contrário, nos isolam, confinam e imobilizam, aumentando com isso o nosso medo. Outros lugares não nos convidam a estabelecer relações pessoais, gerando em nós uma tensão solitária e uma sensação de isolamento e de impossibilidade de comunicação. Também outros nos fixam de forma incondicionada ao tempo presente, comprometendo a construção de nossa memória ao nos destituírem das possibilidades de reconhecimento das contínuas transformações que sofrem os lugares, os tempos e nós mesmos.

Portanto, existem obstáculos à construção de espaços mais humanos, e a seguir escolhemos enfatizar alguns aspectos capazes de “esterilizar” a vitalidade dos lugares, comprometendo o diálogo entre as pessoas e a construção de uma real solidariedade participativa.

### 1.3.1 Espaços do medo – a paranóia da segurança

Atualmente, vivemos um contexto de grande instabilidade, promovido por vários fatores, tais como as grandes desigualdades socioeconômicas entre os povos, a acirrada competitividade e a voracidade da sociedade de consumo. Além dessas circunstâncias, o terrorismo desfaz a sociedade em que confiamos. Estas conjunturas, entre outras, contribuem para gerar insegurança, disseminando um medo difuso e generalizado. Também os meios de comunicação contribuem para ampliar esse medo, alimentando-nos, cotidianamente, com doses homeopáticas de terror e tristeza, com a “boa intenção” de nos proteger e nos informar. Os meios de comunicação, ao privilegiar esses aspectos negativos da realidade, nos apresentam a realidade como sendo, toda ela, má e ameaçadora, como se estivéssemos submetidos, passivamente, às forças de um mundo que se insurge contra nós, com isso minando a nossa confiança no “outro” e em nós mesmos, assim como na capacidade de atuarmos juntos na construção deste mundo.

Faz parte da natureza humana sentir medo, e ele é saudável em muitas circunstâncias, nos avisando de perigos reais. Mas, podemos ficar tomados por medos infundados, que se tornam patológicos e contagiantes. Por exemplo, muitas vezes, consideramos os estranhos perigosos e desenvolvemos mecanismos de defesa para mantê-los à distância, justificando cravar fronteiras defensivas contra eles. E pode ocorrer também, até mesmo quando não existe nenhum perigo à vista, nos sentirmos ameaçados, e inventamos diversas formas de controle e proteção contra esse possível inimigo. Dentre as várias formas do medo, aqui nos interessa apenas essa que diz respeito ao contato com estranhos, já que orienta as diversas formas contemporâneas de conceber os espaços das cidades e das habitações.

O medo influencia o nosso comportamento, a maneira que sentimos, vivemos e pensamos, ditando até os modos pelos quais transitamos e vivenciamos os nossos espaços do cotidiano. Na busca do remédio para o desconforto do medo e da insegurança, criamos em volta de nosso corpo um invólucro “protetor” murado, que funciona como “bolhas” dentro das quais nos deslocamos – saímos da “bolha” de nossa casa, entramos na “bolha” do carro (agora também blindados e com películas que nos tornam “invisíveis”) e fazemos compras dentro das “bolhas” muradas dos *shoppings*

*centers*, na ilusão de estarmos protegidos. Podemos citar como exemplos destas metáforas do medo:

- residências concebidas como “casas-muro” ou “caixas-fortes”, sem nenhum contato visual com a rua;
- condomínios verticais ou horizontais, murados e vigiados 24 horas;
- a privatização dos espaços públicos das ruas, restringindo o livre acesso das pessoas;
- a militarização destas, por meio da fiscalização eletrônica com câmeras de vídeos que monitoram os movimentos dos pedestres.

Esses espaços engendrados pelo medo implicam a negação da liberdade, combinando confinamento espacial com o fechamento social, afastando as pessoas da esfera pública. As ruas, os parques, as lojas, as áreas residenciais tornam-se ilusoriamente mais seguras, e ao mesmo tempo, as pessoas menos livres. Segundo Rocha (2006), a cidade não foi feita para termos segurança, mas para termos confiança uns nos outros.

Porém cada “muro” erguido não é suficiente para restabelecer a confiança e abrandar esse nosso medo. Ao contrário, quanto mais “muros”, maior a suspeita sobre o outro, e paradoxalmente, buscamos maior proteção nos cercando de mais aparatos e produzindo um número crescente de causas convincentes para a sua continuidade.

Dessa forma, o medo não contribui para a construção de espaços-vivos, humanizados, pois funciona como um laboratório de desintegração social, de atomização e de anomia, cujas experiências dissolvem as redes de solidariedade e destroem a confiança mútua.

Na realidade, não acreditamos que o medo vá acabar. Mas ele pode ser enfraquecido, deixar de ser o centro e se deslocar para a periferia, para que possamos realmente estabelecer uma relação pessoal e dialógica com o outro.

### 1.3.2 Espaços impessoais: os não-lugares

Vivemos um contexto de mudanças aceleradas no tempo e no espaço, resultando em consideráveis transformações físicas. Lugares são alterados, construídos e destruídos do dia para a noite. Surgem novas demandas e proliferam os não-lugares<sup>33</sup>, instalações necessárias à circulação acelerada de pessoas e bens – vias expressas, aeroportos, estações e trevos rodoviários – assim como grandes centros comerciais, parques de lazer, cadeias de hotéis e hipermercados (AUGE, 1994).

Escolhemos destacar os não-lugares como um dos obstáculos aos espaços-vivos, pelo fato de se orientarem por relações mecânicas e impessoais. Lembramos que as variáveis da noção do espaço-vivo, que viemos tecendo nesta tese, privilegiam os espaços que convidam as relações pessoais a acontecer, pois acreditamos que elas se configuram como as rochas firmes sobre as quais a confiança e a sensação de “segurança” podem ser construídas.

Os espaços do “não lugar” lidam com indivíduos (clientes, passageiros, usuários, consumidores) identificados e registrados nas entradas e saídas desses estabelecimentos impessoais, não com pessoas com voz e rosto<sup>34</sup>. Paradoxalmente estes não-lugares exercem grande atração. Por exemplo, um estrangeiro de passagem num país que não conhece se sente “seguro” no anonimato das auto-estradas, dos postos de gasolina, das lojas de departamentos, dos hipermercados, dos *shopping-centers* ou das cadeias de hotéis<sup>35</sup>.

Auge (1994, p. 95) comenta que os espaços do não-lugar libertam quem neles penetra de suas determinações habituais. Talvez a pessoa esteja cheia das preocupações da véspera, já preocupada com o dia seguinte, mas esse ambiente do momento a distrai provisoriamente disso e possibilita que ela saboreie, por um tempo, as alegrias passivas da desidentificação. De modo semelhante e complementar a esta colocação de Auge, Levinas (2004, p. 45) considera o não-lugar como o lugar do esquecimento – do esquecimento do outro. Dessa forma, segundo ele, o não-lugar corresponde à realização de uma forma de vida que não contribui para a construção de uma sociedade humana e

---

<sup>33</sup> AUGE (1994), CARLOS (2002), ARANTES (1995).

<sup>34</sup> LEVINAS (2004).

<sup>35</sup> A paisagem sonora de muitos desses não-lugares é marcada pela presença de músicas de fundo (moosak ou música ambiente), criando ilusoriamente um ambiente benéfico e relaxante. Trata-se de fato de “paredes sonoras” (SCHAFER, 2001, p. 141) destinadas a mascarar as perturbações desagradáveis ou a produzir um invólucro do “belo”. De um modo geral, esses ambientes não estimulam a sociabilidade; ao contrário, isolam as pessoas, comprometendo a comunicação entre elas (Schaffer, 2001).

solidária. Pelo contrário, neste não-lugar, constrói-se uma sociedade sem solidariedade, sem amanhã, sem compromissos e sem interesses comuns. Corresponde a uma experiência de individualidade solitária, de uma mediação não humana<sup>36</sup> e de uma não-comunicação.

Os não-lugares estabelecem graus diferenciados de relações impessoais, chegando ao grau máximo de espaço impessoal, no sentido de espaço desumanizado, despersonalizante e destruidor, podendo ser ilustrados pela prisão americana de Guantánamo, em Cuba. Lá, não apenas confinaram os prisioneiros, mas os destituíram de sua humanidade, pois não são tratados como pessoas, isto é, com dignidade e respeito<sup>37</sup>.

### 1.3.3 Alienação nos espaços

No estudo das variáveis estruturantes da noção de espaço-vivo, anteriormente apresentado, enfatizamos a transformação dos lugares como um de seus elementos fundamentais, principalmente no ítem sobre a memória. Neste ítem, vimos que a alteração capaz de manter a vitalidade dos lugares orienta-se pela preservação dos significados caros a certa tradição cultural. Um espaço está vivo quando acolhe esses significados, impregnando-o de elementos temporais que atestam a passagem deste tempo que o transformou.

Podemos influenciar as transformações espontâneas dos lugares, quando, por uma concepção alienante de tempo e espaço, eliminamos as marcas do tempo que a história vinha neles construindo<sup>38</sup>. Tentamos esvaziar os significados da duração

---

<sup>36</sup> Nos não-lugares, muitas vezes, as pessoas se comunicam por meio de máquinas ou indicações gráficas ou textuais e não por intermédio de uma verdadeira comunicação pessoal (AUGE, 1994).

<sup>37</sup> Agamben (2003) compara a prisão americana de Guantánamo, em Cuba, a Auschwitz. Em ambos lugares, as pessoas foram destituídas da identidade pessoal, sem direito a nenhum estatuto jurídico. No campo, todos eram judeus. Em Guantánamo, não são nem prisioneiros de guerra nem acusados, simplesmente todos são detidos. O mundo fechado de Guantánamo revela a natureza arbitrária de várias prisões, que levaram centenas de pessoas ao encarceramento, sem acusação. Somada a essa grave circunstância, tanto a prisão de Guantánamo, como a de Abu Ghraib, perto de Bagdá, no Iraque, são acusadas de tortura, maus-tratos e humilhação de presos.

<sup>38</sup> Kafka (1966) ilustrou em suas obras esta alienação (ou presentificação) do tempo e do espaço. Por exemplo, no início da narrativa de seu livro *O castelo*, o personagem principal tinha um passado, um lugar de referência afetiva vinculado à sua terra natal. Ele sabia o que ia fazer no presente, o motivo que o levou até ali, e pensava no futuro, projetava-se nele. Porém, à medida que a estória decorre, o vínculo com o passado desaparece, o projeto futuro estreita-se e passa a reafirmar o presente, aparentemente como futuro, mas, de fato, um eterno presente. Neste cenário opressor e confinado da narrativa, ninguém pode se transformar, sair (literal e metafóricamente), crescer, comunicar e se encontrar verdadeiramente com outras pessoas.

temporal, apagando os vestígios da passagem deste tempo e a historicidade construída<sup>39</sup>. Mas, como o tempo se impõe numa direção irreversível<sup>40</sup>, toda tentativa de paralisá-lo vai se reverter numa deterioração dos lugares.

Esta concepção reificada do tempo e do espaço orienta algumas formas de se pensar as transformações numa cidade. Enfatizaremos aqui duas destas alternativas possíveis, entre outras. Numa destas alternativas, tendemos a adotar uma postura nostálgica, vivenciando alterações espaciais como “perdas”, na tentativa de congelar um tempo e espaço que não experimentamos mais. Numa outra opção, em nome da modernidade, fazemos *tabula rasa* da historicidade, destruindo lugares com memórias sedimentadas.

Na primeira postura, pretendemos reencontrar, num certo local, uma suposta identidade única, ancorada num *genius loci*<sup>41</sup> imutável e isento de influências, como se fosse possível reter as alterações inerentes ao lugar. Empenhamos-nos em engessar o tempo e o espaço num contínuo presente, chegando até a reproduzir simulacros – lugares verossimilhantes que nos “contam” quem somos, mostrando-nos quem não somos mais. Essa concepção pode resultar na museificação ou petrificação desses lugares que se transformam em verdadeiros cenários ou pastiches. Como ilustração, citamos a cidade gaúcha de Serafina Correa, R.S. (CASTELLO, 2001), local de migração italiana. Na tentativa de vender a cidade como “produto” e conferir-lhe uma “marca”, tentou-se rememorar o legado italiano de forma literal, criando a Via Genova. Trata-se de uma avenida comercial edificada com réplicas de monumentos históricos consagrados italianos, como *Il Castello Inferiore di Marostica*, o *Marosticaffé*, que abriga um café colonial, a *Casa di Romeo*, destinada a uma sorveteria etc. Por meio deste *revival* estético, criou-se de fato um “parque temático”, uma imagem fantasiosa, desconectada do contexto atual da cidade, já miscigenado e transformado.

Na segunda alternativa em que pensamos uma alteração reificada dos lugares, não consideramos o sentido das permanências, devastando precocemente os lugares, também não respeitando o tempo e a memória neles sedimentadas. Nesse caso, nos

---

<sup>39</sup> GABEL (1970) trabalha os conceitos de alienação e falsa consciência baseado nos estudos de reificação de Georg Lukács. Reificação considerada como “coisificação”.

<sup>40</sup> PRIGOGINE (1988). Ilya Prigogine, a partir do estudo dos fenômenos irreversíveis da natureza, fundamenta uma concepção de tempo diferente da concebida pela ciência moderna, introduzindo a noção de flecha do tempo. O tempo passa a ser visto como aquilo que conduz ao homem e não o homem como criador do tempo.

<sup>41</sup> Conceito romano em que se concebia que cada lugar era governado por um *genius loci*, um “espírito guardião”, que presidia tudo o que ocorria naquele lugar. Esse espírito conferia vida às pessoas e aos lugares, acompanhando-os do nascimento à morte e conferindo-lhes um caráter distinto (NORBERG-SCHULZ, 1980).

lembramos das transformações urbanas ocorridas na década de 60, em Nova York, relatadas por Berman (1986). Segundo ele, sob a coordenação de Robert Moses e em nome do desenvolvimento e da modernidade, bairros inteiros, como o Bronx, foram considerados ultrapassados e dizimados para dar lugar à concepção de cidade hiperveloz, sulcada por viadutos e vias expressas. De forma semelhante, Santos (1985) nos relata a experiência do bairro Catumbi, RJ. Considerado obsoleto, deveria ser “apagado do mapa” para dar lugar a novas vias, que facilitariam a circulação de veículos.

Essas posturas em relação às transformações podem levar a uma homogeneização morfológica dos espaços da cidade. Os vestígios do tempo são apagados e as intervenções físicas que ali ocorrem procuram corresponder a um cenário idealizado, igualando os diversos espaços da cidade. Geralmente essa homogeneização corresponde à imposição de modelos fabricados por interesses hegemônicos, que tendem a ser adotados e reproduzidos por outras cidades. Essas alternativas de transformações de uma cidade também colaboram para a privatização dos espaços públicos, uma vez que não se orientam pela gestão do bem comum. Na prática, elas tendem a provocar, além da homogeneização e da privatização dos espaços públicos, também a gentrificação<sup>42</sup>, a segregação espacial e a não-participação dos habitantes. Por exemplo, o *New Urbanism*, corrente urbana que nasceu nos EUA a partir de 80, em nome da “qualidade de vida”, segurança e recuperação histórica, faz proliferar, cada vez mais, um grande número de condomínios fechados marcados pela gentrificação, pelo conservadorismo estilístico, pelo rigoroso controle dos acessos, homogeneidade espacial e uma imagem geral de intolerância, exemplificados pelas cidades planejadas de Celebration e de Seaside, ambas na Flórida. Esses lugares constituem verdadeiros simulacros, espetáculos de um *show* verossímilante com a realidade, tão bem ilustrado pelo filme *O Show de Truman*<sup>43</sup>.

Nenhuma dessas orientações contribui para a civilidade e vitalidade dos espaços que aqui nos interessam, pois fazem do que é intercambiável e em permanentes transformações paralisar-se sob a égide de um valor absoluto, normalmente o mercantil.

Pensamos como Sennett (1997) que os aspectos impessoais e despersonalizantes da vida das cidades não vão desaparecer. Sugerimos então que as tomadas de decisões

---

<sup>42</sup>Expulsão dos moradores mais pobres das áreas de intervenção, que recebem moradores mais abastados ou novas funções elitizadas (JACQUES, citado por JEUDI, 2005, p. 12).

<sup>43</sup> THE TRUMAN SHOW. Paramount Pictures, EUA, 1998. Direção Peter Weir. 102 minutos.

sobre os espaços da cidade possam ser orientadas pelos valores da confiança, da responsividade e da cooperação que orientam a noção de espaço-vivo. Isso implica a ativa e efetiva participação dos habitantes na construção coletiva desses espaços em que vivem, de tal modo que deixem de ser passivos consumidores, contribuintes e expectadores da cena urbana e passem a ser autores e transformadores de seus próprios espaços.

A seguir, apresentaremos a segunda parte da tese, onde aplicaremos o esquema conceitual desenvolvido nesta parte 1 a cidade de Diamantina, tomando como sujeitos os músicos da cidade.

## **Parte 2 - A CIDADE DE DIAMANTINA**

---

A noção de espaço-vivo projeta-se numa morfologia, numa paisagem. Dessa forma, nessa segunda parte da tese, aplicaremos o esquema conceitual até agora desenvolvido para revelar alguns aspectos da cidade de Diamantina, situada em Minas Gerais. No primeiro momento, apresentaremos a cidade do ponto de vista do contexto histórico e geográfico, das relações externas que ela estabelece e de seu espaço intraurbano, assim como algumas observações de campo que realizamos.

Partindo do pressuposto de que a qualificação espacial pode ser revelada por habitantes significativos – os músicos –, no segundo momento desta Parte 2, faremos algumas considerações sobre eles e apresentaremos o resultado das entrevistas realizadas.

Na última parte, pretendemos revelar alguns atributos que os músicos associaram a certos espaços de Diamantina, que consideramos importantes para a vitalidade e o futuro da cidade.

## 2.1 A CIDADE PESQUISADA

---

Diamantina nasceu do entroncamento de caminhos de penetração das minas. Esta posição geográfica convergente favoreceu o seu desenvolvimento e também é responsável por sua atual característica de cidade média<sup>44</sup>. O sítio<sup>45</sup> orientou sua configuração urbana irregular, espontânea, orgânica<sup>46</sup>, traços distintivos das cidades históricas mineiras do período colonial. O fato de se configurar como uma cidade média e possuir uma disposição urbana orgânica são fatores que colaboram para a análise do espaço-vivo, pois estas características contribuíram para que Diamantina mantivesse ao longo dos anos o seu espaço urbano dinâmico e vitalizado, tanto em função das constantes trocas estabelecidas, assim como pela própria fisionomia peculiar de sua configuração espacial.

Assim, este primeiro momento da Parte 2 da tese – 2.1.1. *O contexto histórico* – propõe-se a realizar uma contextualização geográfica e histórica da cidade, realçando alguns aspectos de sua evolução urbana e de sua configuração espacial que nos interessam para a compreensão do espaço-vivo. A seguir, no item 2.1.2. *A cidade no espaço*, teceremos considerações sobre algumas relações externas que atualmente a cidade de Diamantina estabelece, mantendo vigorosa e renovada sua vocação polarizadora. Logo depois, em 2.1.3 *O espaço da cidade*, apresentaremos alguns aspectos de sua estrutura e morfologia intra-urbana. E no capítulo 2.1.4, as observações de campo relativas a alguns aspectos urbanos do centro histórico.

---

<sup>44</sup> Este conceito será tratado no capítulo 2.1.2 – A cidade no espaço.

<sup>45</sup> Os elementos do espaço natural (como o relevo, os substratos do solo, a geologia etc.) são agrupados tradicionalmente sob o nome de sítio geográfico ou apenas sítio. Ele se define como o quadro topográfico no qual a cidade se originou.

<sup>46</sup> Usamos aqui o termo “orgânico(a)” no sentido empregado no Urbanismo. “Urbanística orgânica” (LAMAS, 2000, p.160) baseia-se na “recusa do racionalismo e do traçado geométrico”. Esse “planejamento orgânico” (MUNFORD, 1982, p.329) caracteriza-se por uma configuração espacial irregular das vias, resultando numa complexa composição urbana. Segundo Mello (1985, p.71), as povoações mineiras caracterizam-se por uma “configuração espontânea e orgânica, adaptada às condições do sítio, diversa do racional partido preconizado pelas Leis das Índias”.

## 2.1.1 O contexto histórico



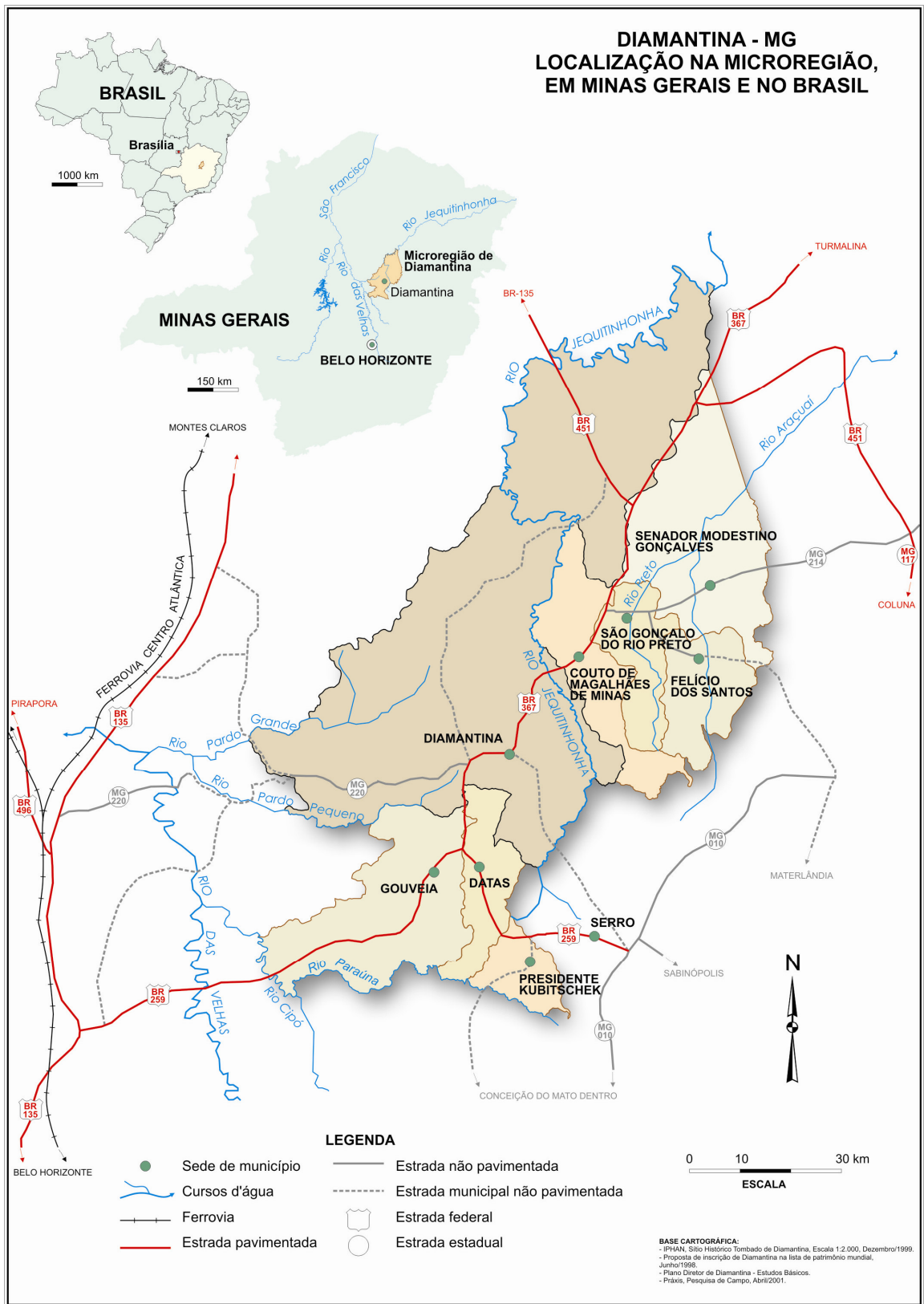
Figura 1: Vista panorâmica da cidade de Diamantina  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004

O município de Diamantina situa-se na região centro-nordeste do estado de Minas Gerais (Mapa 1), em região montanhosa integrante do Planalto Meridional do Espinhaço, com altitudes que variam entre 676m e 1548m. A grande presença de solos rasos de altitude deu origem a campos rupestres com predominância de gramíneas, mas observam-se também formações vegetais típicas do cerrado. Apresenta um clima tropical de altitude, com temperatura média anual de 18,1<sup>0</sup>C e índice médio pluviométrico 1404,7mm por ano. Possui uma área de 3993,3 km<sup>2</sup>. Conforme os dados do censo demográfico de 2000/2001 (IBGE, 2006), o município possui uma população de 44.259 habitantes, sendo que a sede Diamantina possui 29.559 habitantes. Sua posição está determinada pelas coordenadas 18 14' 58" de latitude sul e 43 36'0" de longitude oeste<sup>47</sup>.

A cidade de Diamantina, antigo Arraial do Tijuco, originou-se da descoberta e da exploração de ouro no vale do córrego do Tijuco, em 1713. Pertencia à Comarca do Serro, próximo à sede da Vila do Príncipe, atual cidade do Serro. Os primeiros diamantes foram encontrados em 1720, mas apenas em 1729 a descoberta foi oficializada e notificada à Coroa Portuguesa, que, a partir de então, passou a tomar rígidas medidas de controle sobre a extração das pedras. Em 1731, toda a mineração da área foi suspensa, as concessões de catas e os títulos de propriedades foram cassados, e os negros e os mulatos alforriados, expulsos. Em 1734, foi demarcado o Distrito Diamantino e criada a Intendência dos Diamantes, tornando mais severas as restrições de mineração.

---

<sup>47</sup> ALMG, 2006.



Mapa 1 - Diamantina: localização na Microrregião, em Minas Gerais e no Brasil

A partir de 1771, a exploração mineral passou a ser monopólio da Coroa, e as regras se tornaram ainda mais opressoras com a criação da Real Extração do Diamante e do Regimento Diamantino, conhecido como o “Livro da Capa Verde”. A entrada na demarcação foi controlada, e a abertura de novas estradas impedida. Várias proibições foram impostas à população, ameaçada de pena de morte, expulsão, prisão sumária e confisco dos bens. Aos bacharéis foi vetado o exercício da advocacia; os garimpeiros e os negros, perseguidos. Intensificaram-se as patrulhas, as devassas, as buscas nas residências, bem como as delações.

Apesar das severas punições e do rigor fiscal, o contrabando e o extravio de diamantes eram constantes, assim como proliferavam as minerações clandestinas<sup>48</sup>. A Real Extração foi extinta por decreto em 1832. O clima de perseguição, opressão e desconfiança incitou revoltas, transgressões e conspirações, favorecida pela distância geográfica que o Tijuco se encontrava dos outros centros e pela ausência de meios de comunicação. A luta da população para se libertar do jugo da Coroa propiciou a aproximação dos senhores de seus escravos, dos contrabandistas, dos garimpeiros, que eram perseguidos pelos governantes e do povo que os socorria e avisava quando se sabia de alguma batida dos dragões<sup>49</sup> nas lavras<sup>50</sup>. O contato e o convívio positivo com o “aventureiro-estrangeiro” e as alianças estabelecidas para combater o “inimigo” comum, afrouxaram as hierarquias sociais possibilitando que a participação da população fosse orientada pelo princípio da comunidade participativa<sup>51</sup>.

Diamantina, uma “sociedade de fronteira<sup>52</sup>” marcada pela instabilidade, precariedade e incerteza, foi um dos focos irradiadores de desígnios libertadores que eclodiram mais tarde na Inconfidência Mineira, da qual participou, com importância, o diamantinense Padre José da Silva de Oliveira Rolim, o Padre Rolim. Além disso, ofereceu terreno fértil para a manifestação original, criativa, lúdica, subversiva, emotiva e apaixonada do barroco mineiro em suas várias formas de expressão artística.

---

<sup>48</sup> Durante o período da Real Extração, foram extraídos oficialmente um milhão, trezentos e quarenta e cinco mil quilates de diamantes. FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (1994). Segundo Ferreira (1999), as mensurações oficiais devem ser relativizadas, uma vez que grande parte da produção saía sob a forma de contrabando.

<sup>49</sup> Soldado de cavalaria. (HOUAISS, 2002)

<sup>50</sup> PAULA (1999).

<sup>51</sup> SANTOS (2001).

<sup>52</sup> SANTOS (2001). Termo usado por este autor para designar sociedades que tiveram de ser “inventadas” fora dos esquemas convencionais dominantes da sociabilidade, caracterizadas por um clima de grande instabilidade, precariedade e incerteza. Paradoxalmente, este contexto da “comunidade de fronteira” permitiu uma maneira particular de focar atenção, simultaneamente, no “centro” e nos “limites”, fazendo desenvolver na população um modo de “ver” diferenciado que sustentou a luta pela liberdade e orientou várias formas de manifestações artísticas como o Barroco.

As riquezas geradas ao longo da história do garimpo também marcaram a vida social e cultural da cidade, caracterizada por um apurado refinamento de costumes. O elevado padrão cultural da sociedade abrangia o apreço pelo teatro, literatura, artes em geral, além de festas religiosas e, principalmente, pela música (Anexo 1). Este gosto marcou a formação do perfil sociocultural da cidade e de seus habitantes, mesmo após o declínio da economia diamantífera.

Diamantina configurou-se como um efervescente centro irradiador cultural e econômico, e sua história singular, que acima esboçamos, encontra-se fortemente condicionada pela sua posição geográfica e pelo seu sítio, como veremos a seguir. Segundo Ferreira (1999), as povoações urbanas surgidas com a mineração constituíram uma autêntica rede de localidades, erguidas em decorrência necessidade de diminuir a dependência dos núcleos à beira-mar. Os principais caminhos para Minas, inicialmente trilhados pelas bandeiras e posteriormente muito utilizados na mineração, eram principalmente três<sup>53</sup>: o de São Paulo (Caminho Velho); o do Rio de Janeiro (Caminho Novo, posteriormente denominado Estrada Real) e o da Bahia, este último também muito antigo (Mapa 2).

Desde o princípio do século XVIII, apesar da precariedade dos caminhos e das inúmeras proibições de abertura de estradas por parte da Coroa, Diamantina articulava-se com o centro de Minas e estava conectada a alguns dos espaços mais dinâmicos da economia nacional do período: ao Recôncavo baiano e à cidade de Salvador, ao Rio de Janeiro e a São Paulo.

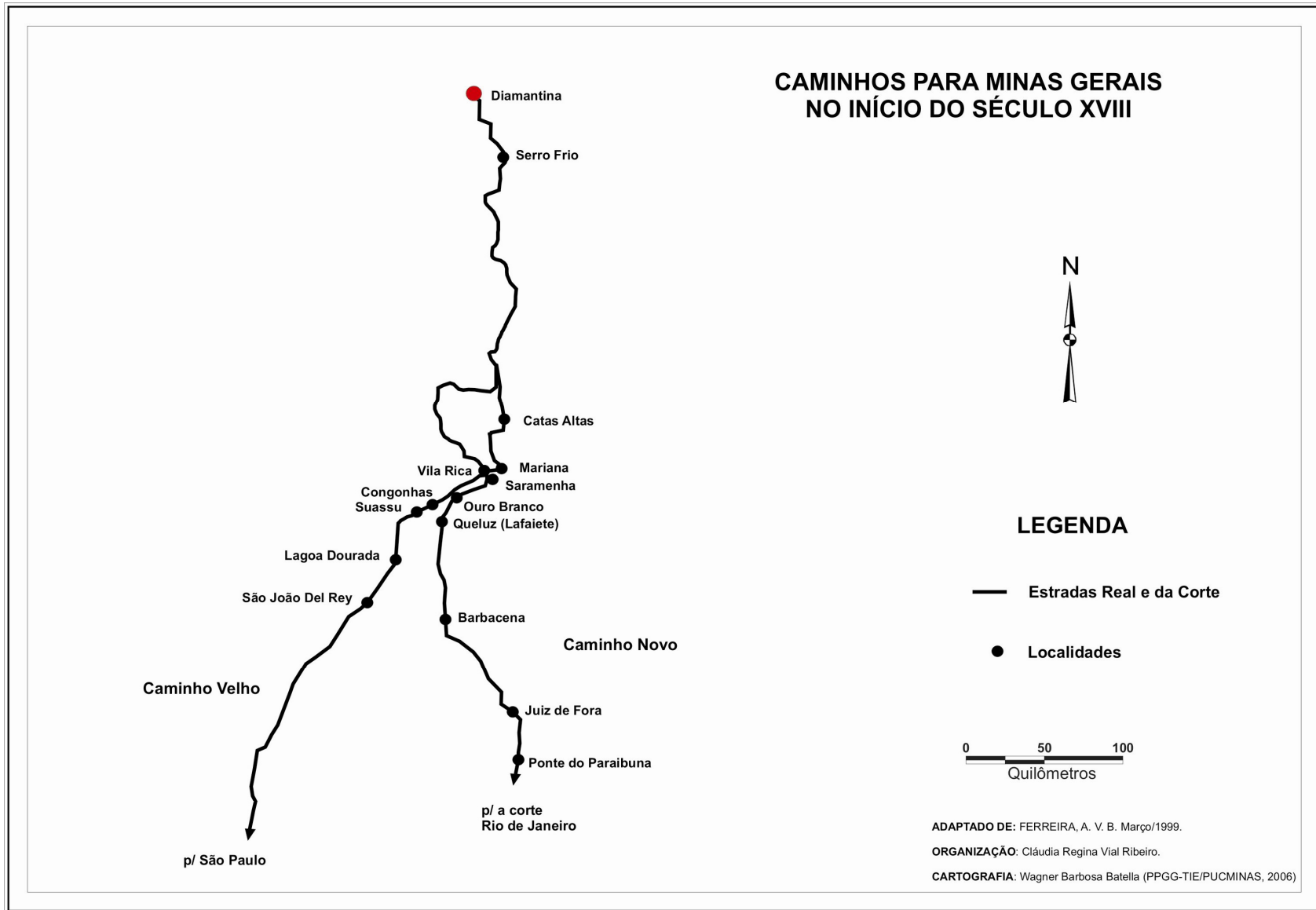
Intensas eram as conexões estabelecidas em direção à Bahia, cujas áreas possuíam relevo menos movimentado em relação ao caminho paulista (Mapa 3)

*Soma-se a isto a perenidade de dois dos principais rios da região do Alto Vale do Jequitinhonha (Jequitinhonha e Pardo), vias de acesso ao interior, que viriam posteriormente a se mostrar navegáveis. A utilização destas vias como rotas fornecedoras de água e alimento e, posteriormente, como vias fluviais para transporte de carga é um fator que não pode ser desprezado, aparecendo como elemento que viria singularizar a relação desta região com a Bahia.<sup>54</sup>.*

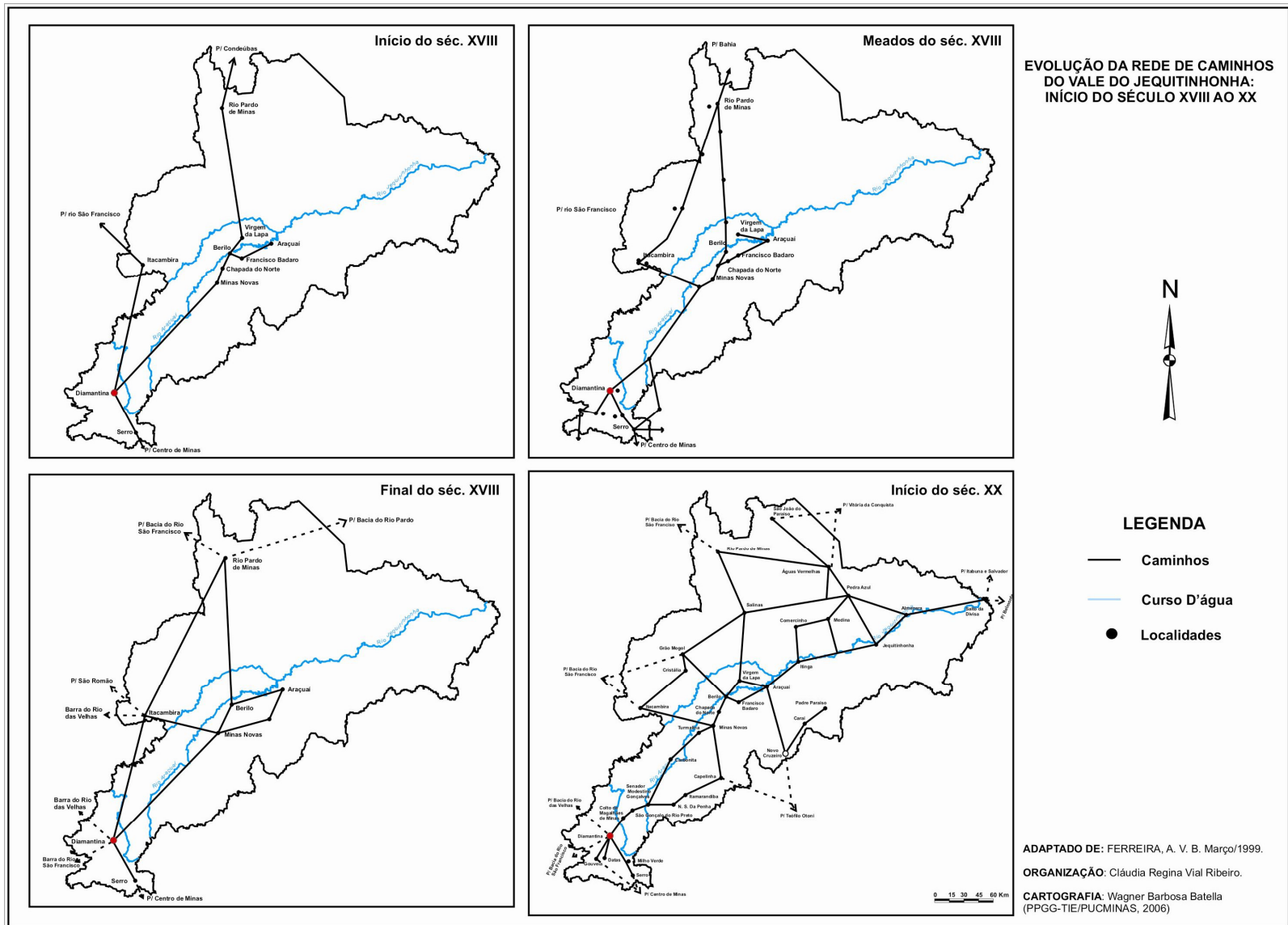
---

<sup>53</sup> Os percursos “Caminho Velho” e “Caminho Novo” fazem parte do atual projeto “Estrada Real”, empreendimento conjunto entre a FIEMG, o Governo do Estado, os municípios e a iniciativa privada, com o objetivo de construir um corredor turístico, como incentivo para a economia das cidades participantes no que se refere ao potencial histórico, cultural, de negócios, gastronômico, rural, religioso, ecoturismo, saúde e esportivo.

<sup>54</sup> FERREIRA (1999, p. 51).



Mapa 2 - Caminhos para Minas Gerais no início do século XVIII



Mapa 3 - Evolução da rede de caminhos do Vale do Jequitinhonha: início do século XVIII ao XX

Esta ocupação teve como principais vetores econômicos a extração mineral – o garimpo – e a pecuária, muito significativa como atividade permanente, que lenta, mas constantemente, ocupava o interior.

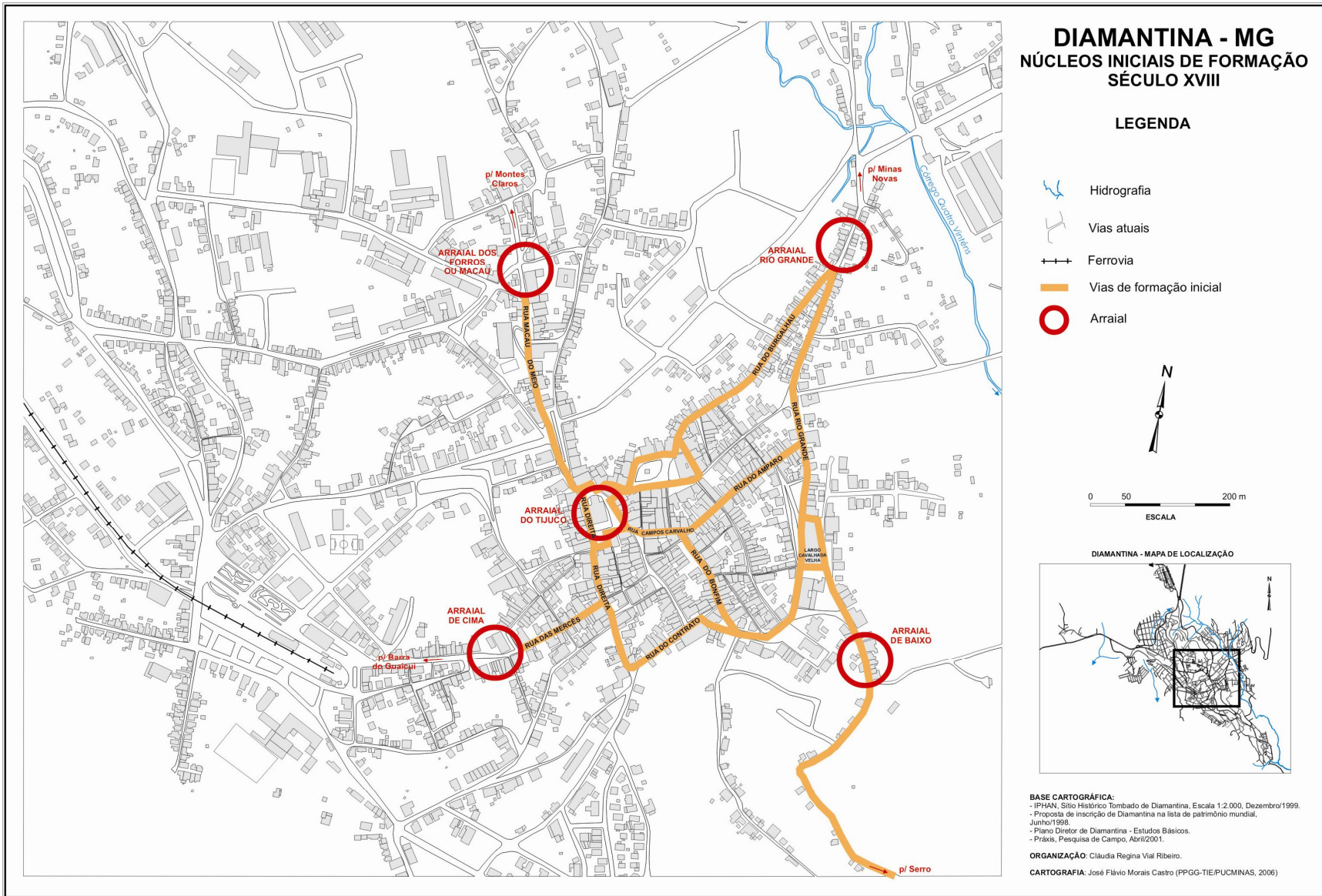
O Arraial do Tijuco ocupou uma elevação que integra o maciço divisor de três bacias hidrográficas: do São Francisco, do Rio Doce e do Jequitinhonha. Situado na encruzilhada de caminhos das três bacias, gozava de posição geográfica favorável a seu desenvolvimento. Distanciava-se, de forma equivalente, de Minas Novas, de Guaicuí, Pirapora, caminho de Paracatu e da Bahia e de Santa Bárbara. Entroncava-se, assim, com as vias que levavam às principais cidades do nordeste mineiro<sup>55</sup>.

Segundo Santos (1956), foi a descoberta e exploração do ouro no vale do córrego do Tijuco que determinou não apenas a origem do Arraial do Tijuco, mas a sua própria configuração inicial, a partir da qual se desenvolveria. Mas cabe observar, conforme Vasconcellos (1975), que, apesar de fruto do diamante, este jamais ocorreu na área ocupada pela povoação, fazendo-se mínima a interferência das minerações na urbanização local, restringindo-se quase ao período de sua iniciação. Com minerações em sua periferia, é provável que a povoação tenha nascido da ligação de pequenos núcleos isolados, vinculados entre si por antigos caminhos que estruturaram a urbanização local.

Santos (1956) fixa o primeiro núcleo habitado na área hoje compreendida pelas ruas do Burgalhau, do Espírito Santo e o Beco da Beata. Vasconcellos (1975, p.109), sugere, dados os caminhos perimetrais, o cruzamento das vias transversais e as condições topográficas locais, que este primeiro núcleo tenha sido transferido mais para a direção o oeste, rumo à atual Catedral. Além desse núcleo inicial, a estrutura urbana foi formada a partir dos Arraiais de Baixo (na entrada do caminho que vinha do Serro), do Rio Grande (na saída da Minas Novas) e o de Cima (na saída para a Barra do Guaicuí). Esses núcleos determinaram uma área triangular cujo centro de gravidade seria o Arraial do Tijuco, ponto para onde os caminhos convergiam. Mais tarde, formou-se o Arraial dos Forros ou Macau (junto ao curso do córrego da Caridade), fazendo crer que o povoamento se estruturasse a partir desses núcleos, conforme Mapa 4.

---

<sup>55</sup> VASCONCELLOS (1975).



Mapa 4 - Diamantina: núcleos iniciais de formação - século XVIII

Os caminhos que ligavam entre si os quatro arraiais periféricos cruzavam-se no Arraial do Tijuco, exatamente onde hoje é o centro urbano da cidade. Por isso mesmo, apesar de contínuos, neste ponto, os arruamentos mudam de nome. Ressalte-se ainda, que além de polarizar como centro de gravidade daquela região, o Arraial do Tijuco gozava da vantagem de dispor de terrenos topograficamente mais favoráveis, com possibilidade de arruamentos transversais à encosta, segundo suas curvas de níveis. Estes arruamentos (Rosário, Bonfim, Carmo, Quitanda e Direita) são, ainda hoje, os mais importantes da cidade. Neste núcleo, chegou a se formar um centro público no largo do Santo Antônio, a partir da Casa da Intendência (atual prédio da Prefeitura Municipal) e da igreja de Santo Antônio (Antiga Sé, demolida em 1933, para a construção da atual Catedral Metropolitana).

A formação do tecido urbano de Diamantina fez-se de acordo com um traçado singular, enquanto a maioria das aglomerações mineiras se estendeu linearmente ao longo dos caminhos de ligação entre os arraiais ou em locais estrategicamente localizados como pontos comerciais de abastecimento da região. O Tijuco, ao contrário dessa configuração usual mineira, adotou a solução quadrangular, concentrada e reticular semelhante às das ocupações litorâneas, que estão de acordo com as regras contidas na Lei das Índias<sup>56</sup>, diferindo destas apenas pela ausência de praças. De acordo com Vasconcellos (1975), embora se possa crer em intervenções diretas da administração no traçado urbanístico do Arraial, e ainda que esse traçado tenha preferido o reticulado e a concentração, sua configuração ocorreu condicionada pelas condições geográficas, topográficas e econômicas. “Enquanto a maioria das povoações mineiras se constituiria espontânea e livremente em torno do comércio interessado no abastecimento local, no Tijuco, o arraial se conteve limitado por acidentes topográficos e pelo controle administrativo, dependendo do comércio e da distribuição”<sup>57</sup>.

Posteriormente, os primitivos caminhos que interligavam os arraiais se transformaram em ruas, multiplicaram-se as vias paralelas e transversais, que normais

---

<sup>56</sup> Princípios urbanísticos recomendados por Portugal e Espanha às suas cidades colonizadas. Uma das normas orientava a organização reticular das cidades, a partir de uma praça onde se iria estabelecer a Casa de Câmara, a cadeia e o pelourinho. Entretanto, a maior parte das vezes, essas orientações não eram obedecidas, senão esporadicamente, conforme permitiam as condições locais ou as impunha, com mais ou menos rigidez, a administração local ou real. Vasconcellos (1975) comenta que Diamantina e Mariana adotaram padrão reticular mais de acordo com os princípios da Lei das Índias; no caso do Tijuco, devido à recomendação das Intendências e da Real Extração. Contudo este mesmo autor afirma que a singular urbanização do Tijuco não é de fácil esclarecimento, dada a falta quase absoluta de documentação; daí, não é possível saber se houve ou não determinações reais que pudessem dar origem à urbanização reticular.

<sup>57</sup> VASCONCELLOS (1975, p.114).

entre si ou interligadas por becos, viriam a constituir o reticulado orgânico da parte urbana da povoação (Mapa 5). A ocupação fora do núcleo central obedeceu às mesmas soluções adotadas pelas povoações de crescimento espontâneo, isto é, balizando caminhos naturais em desordenada expansão. Dessa forma, pelos meados do século XVIII, o Arraial já estava configurado totalmente, tal como se apresenta hoje, salvo em suas expansões periféricas.

Vasconcellos (1975) definiu três principais etapas da evolução urbana da cidade. A primeira, de 1700 a 1720, corresponde à época da exploração do ouro, com povoamento escasso e disperso por vários arraiais. A segunda, de formação polarizada, abrange o período de 1720 a 1750, quando se organizou em reticulado sua parte urbana propriamente dita. A terceira etapa, de 1750 em diante, relativa à sua consolidação e expansão. Contido em seu desenvolvimento pela administração real, por diversos modos, o Arraial não se modificou muito em seu primeiro século de vida. Só a partir de 1831, elevado a Vila Diamantina, e a cidade em 1835, adquiriu a liberdade e a autonomia necessárias a seu progresso.

Do ponto de vista do sítio, a configuração espacial urbana de Diamantina foi, em grande parte, por ele condicionada. Mesmo não correspondendo com exatidão ao modelo espacial urbano das demais cidades mineiras do ciclo do ouro e do diamante, Diamantina possui o mesmo traçado orgânico de ruas tortuosas e intrincadas, conforme a tradição medieval portuguesa, definindo um padrão irregular com arruamentos transversais às encostas, atravessados perpendicularmente por ruas paralelas, travessas e becos<sup>58</sup>.

A grande distância do litoral e da Colônia, a dificuldade de acesso, a existência de mão-de-obra não qualificada, os escassos recursos e um estilo de vida precário e instável são alguns fatores que contribuíram para que, em Minas Gerais, não se adotasse o traçado regular urbano que, mesmo de forma pouco rígida, tentava nortear o estabelecimento dos demais núcleos coloniais no Brasil. Além disso, esses fatores exigiram uma adaptação e uma reinvenção, tanto das formas de sociabilidade como também dos aspectos construtivos e artísticos, manifestados principalmente na arquitetura. Os padrões transplantados dos modelos europeus foram reinterpretados, contextualizados e miscigenados, conforme os materiais e a mão-de-obra disponível, dando origem a soluções originais que caracterizam o barroco mineiro.

---

<sup>58</sup> IPHAN, [199-].



A seguir, realçaremos alguns aspectos característicos do urbanismo orgânico, pois dele resulta um conjunto urbano unitário e coeso, responsável pelo aspecto peculiar das cidades históricas mineiras e também de Diamantina. Destacaremos também alguns traços singulares da manifestação da arquitetura barroca mineira em Diamantina, fortemente vinculada à configuração espacial e ao sítio e, da mesma forma, responsável pela composição singular de sua fisionomia urbana orgânica.

Diferente das cidades portuárias, marítimas ou fluviais, as vilas mineradoras não resultaram das interrupções do trânsito, mas da sua continuidade. A formação urbana dos povoados mineiros está intimamente relacionada com os caminhos que ligavam os antigos arraiais. Esses caminhos ordenadores do espaço urbano foram submetidos ao sítio existente. As ruas deles derivadas acomodavam-se naturalmente ao relevo, “procurando seguir de modo natural as curvas de nível que facilitavam o acesso das mulas e escravos e cansavam menos seus donos” (MELLO,1985, p. 72). Daí o seu caráter irregular, marcado por caminhos que se “abrem” e se “fecham”, que se estreitam em becos e se dilatam em largos.

Nessa composição espacial, as ruas e os largos abrigam várias funções, tais como, canais de circulação, espaços de relações sociais, locais de permanência, de contato e de encontro da comunidade. A coexistência dessas diversas funções confere versatilidade aos espaços públicos urbanos. As ruas são apropriadas pelos pedestres que delas se utilizam como formas de recreação e como palco de manifestações festivas, principalmente religiosas. Elas também se configuram como extensão do mercado, pois nelas também se negocia, se compra e se vende.

Os chafarizes, além de seus aspectos funcionais de abastecimento de água, serviam como marcos urbanos, constituindo-se como centros de convivência social direta e espontânea, centros de reunião de lavadeiras, escravos, aguadeiros (vendedores de água a domicílio), assim como dos homens que por ali faziam negócios de escambo. Os aspectos formais dos chafarizes mineiros sobressaem por maior liberdade compositiva e pelo uso de materiais locais, diferentes das soluções adotadas no litoral, normalmente com expressões mais contidas e organização menos livre, conforme o gosto clássico. Como não chegavam às vilas mineiras mármore ou lioz<sup>59</sup>, nelas os chafarizes foram resolvidos com a linguagem formal barroca, gerando conjuntos compositivos mais livres, leves, movimentados e originais (MELLO,1985, p. 72).

---

<sup>59</sup> Pedra calcária branca e dura usada em forma de placas de revestimento (HOUAISS, 2002).

Os largos (ou praças), resultados de vazios abertos na estrutura urbana e não de um desenho prévio, muitas vezes, também se configuram como “salas de estar” ao ar livre, efeito propiciado pelo sistema de desembocadura de ruas, pela relação proporcional entre as dimensões do espaço vazio e os edifícios ao redor, e pela coesão volumétrica destes. Esses fatores contribuíram para uma sensação de “fechamento<sup>60</sup>” do espaço, responsável pelo seu caráter acolhedor, que propiciou rigorosa coesão de toda a imagem urbana, de tal maneira que o seu contorno parece contínuo a partir de qualquer ponto interno (SITTE, 1992).

Observa-se, nas configurações orgânicas das vilas mineradoras, a coexistência de edifícios e vizinhanças com usos e funções diversificados, porém compatíveis entre si. Sobrados mesclam residência e comércio, assim como coexistem no espaço público o espaço privado, o prédio religioso e o administrativo (Mapa 13). As edificações se amontoam, se interpenetram, multiplicam-se para o alto e para os fundos, escorando-se mutuamente, principalmente porque só há uma rua disponível que importa aproveitar o máximo, fazendo-se mínimas as testadas. Por conseguinte, o espaço privado das edificações “desenha” o espaço público urbano e a ele se submete.

A implantação dos edifícios ocorre de forma variável e contrastante: ora em ambos os lados das ruas, ora apenas em um lado e, às vezes, ausentes em ambos os lados das ruas<sup>61</sup>. A maior parte deles concentra-se na periferia ou no perímetro do quarteirão, em contato direto com a rua, deixando livre a zona posterior de cada lote, na maioria das vezes, de forma alongada. No caso de Diamantina, alguns terrenos se desenvolveram paralelamente às ruas, como a antiga Casa do Contrato (atual Palácio Episcopal)<sup>62</sup>.

Normalmente, usava-se o espaço não construído de cada lote como quintais, pátios, pomares ou jardins privados. Esses quintais, além de compor a paisagem urbana, constituem-se, ainda, verdadeiros “pulmões verdes” da cidade, também responsáveis pela composição e integração entre edifícios e paisagem natural. Em Diamantina, observa-se a presença de vários pátios internos, muito bem aproveitados na correção de níveis, bem como nas ambientações internas das edificações<sup>63</sup>.

Nas edificações, constata-se a ausência de espaço de transição entre as esferas interior/privado e exterior/público. Algumas vezes, balcões e varandas configuram-se

---

<sup>60</sup> *enclosed space*, cf. NORBERG-SCHULZ (1980).

<sup>61</sup> CAMPOLINA (1984).

<sup>62</sup> FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (1994).

<sup>63</sup> FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (1994).

como elementos intermediários entre os espaços público e privado, permitindo uma permeabilidade visual capaz de interconectá-los e mantê-los em contato.

De modo geral, a urbanística orgânica propicia uma escala “humana”, ou seja, estabelece uma relação proporcional entre o tamanho do homem, os volumes dos edifícios e as dimensões do espaço urbano, gerando uma sensação de acolhimento no pedestre.

A variação nos materiais de calçamentos dos pisos (ruas, passeios, etc.) gera uma textura contrastante, prevalecendo o pé-de-moleque, o cajicado e o seixo rolado. Em Diamantina, são famosas as capistranas, faixa de lajes, assentadas entre o piso de seixo rolado, mais comumente no centro das vias públicas (AVILA; GONTIJO; MACHADO, 1996).



Figura 2: Vista da rua Macau de Baixo  
Fonte: ALKIMIM, 2005, p.88.

Do ponto de vista construtivo dos edifícios, predominam os procedimentos construtivos pertinentes ao lugar e ao tempo, aplicados como resposta a problemas do cotidiano. A forma das edificações resulta da adaptação do uso de materiais e recursos construtivos disponíveis, como a taipa, a madeira e o tijolo de adobe. Em Diamantina, observa-se ausência de trabalhos de cantaria<sup>64</sup>. As pedras foram usadas apenas nos alicerces ou misturadas ao barro, nas vedações, à maneira de concreto<sup>65</sup>.

Constata-se nas edificações a ausência de ornamentos, mediante a exploração plástica do mínimo de meios materiais imprescindíveis para a integridade física da

<sup>64</sup> Pedra lavrada ou aparelhada, em forma geométrica, para uso em construções (HOUAISS, 2002).

<sup>65</sup> FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (1994, p.273).

construção<sup>66</sup>. O tratamento plástico das fachadas expõe a estrutura de madeira, revelando seus aspectos construtivos. Observa-se também uma grande diversidade nas aberturas das fachadas a partir de uma mesma matriz geradora – o quadrado –, permitindo manter a lógica formal do conjunto<sup>67</sup>. Neste aspecto, Diamantina tem a particularidade de apresentar os mais variados tipos de janelas características da arquitetura setecentista do Brasil<sup>68</sup>.

Também são características da arquitetura barroca predominante nesta época, da mesma forma responsável pelos efeitos orgânicos da paisagem urbana, os resultados cromáticos contrastantes das molduras das janelas e portas com a caiação branca das alvenarias das fachadas. Especialmente em Diamantina, destacam-se cores vivas e diversificadas nas portas e janelas. Chama a atenção também na cidade o trabalho de madeira dos balcões, principalmente com o uso de treliças, que conferem intimidade e reserva à vida privada. Exemplos notáveis encontram-se na vedação da varanda da Casa da Chica da Silva e do único exemplar autêntico de *muxarabi*<sup>69</sup>, ainda existente em Minas Gerais, em casa no largo da Quitanda.

A predominância de telhados de telhas de barro tipo canal fornece uma imagem peculiar ao conjunto urbano orgânico das vilas mineiras. Em Diamantina, observam-se telhados arrematados nos ângulos por telhas em formato de peito de pomba. Especialmente na cidade, a composição das fachadas também é enriquecida pela peculiaridade dos beirais<sup>70</sup>, muitos deles em cimalthas<sup>71</sup> conjugadas com cachorros<sup>72</sup> entrecortados (por exemplo, na Casa da Chica da Silva).

A grande presença da arquitetura religiosa na vida das cidades mineradoras é atestada pela sua posição de destaque e pelo grande número de igrejas, capelas, passos e, em alguns casos, oratórios nas fachadas. Em Diamantina, a arquitetura religiosa erguida no século XVIII possui algumas peculiaridades de implantação urbana e de características arquitetônicas. Diferente das demais vilas mineiras, nas quais as igrejas normalmente foram erguidas no centro dos largos, circundados por praças ou ruas de forma independente das quadras urbanas, a maioria das igrejas e capelas da cidade encontra-se

---

<sup>66</sup> MACIEL (2006).

<sup>67</sup> CAMPOLINA (1984).

<sup>68</sup> IPHAN, [199-].

<sup>69</sup> Muxarabi ou muxarabiê: balcão mourisco protegido, em toda altura da janela, por grade de madeira (treliças) de onde se pode ver sem ser visto (AVILA; GONTIJO; MACHADO, 1996).

<sup>70</sup> Saliência do telhado sobre as paredes exteriores de um edifício, para atender à sua proteção (AVILA; GONTIJO; MACHADO, 1996).

<sup>71</sup> (AVILA; GONTIJO; MACHADO, 1996). Arremate superior da parede que faz a concordância entre esta e o plano do forro ou do beiral.

<sup>72</sup> Peça geralmente de madeira, que se apóia na parede, em balanço, para sustentar o beiral do telhado.

implantada de forma contínua ao casario, sem expressivas rupturas, gerando uma relação integrada com a estrutura urbana.

A utilização de torre única, geralmente destacada do corpo da construção, também se configura como uma característica singular da arquitetura religiosa de Diamantina. Outra peculiaridade encontra-se na predominância da composição longitudinal no tratamento das fachadas, definida pelos esteios<sup>73</sup> e cunhais<sup>74</sup> de madeira, posicionados verticalmente, enquadrando os demais elementos constitutivos da fachada, como portas e janelas. Peculiares também são os frontões<sup>75</sup> estriados de madeira, nos quais se situam os óculos<sup>76</sup> envidraçados de formas variadas. No interior, observam-se também traços originais, por exemplo, o alto nível de realização formal na pintura da perspectiva dos forros<sup>77</sup>, a adoção de colunas de fuste<sup>78</sup> reto nos retábulos<sup>79</sup> (em vez das tradicionais colunas salomônicas<sup>80</sup>) e o prolongamento da cimalha do retábulo maior nas paredes laterais da capela-mor, responsável pela ambientação unitária do espaço interior.

As características citadas, articuladas juntas e de formas diversas, se constituem em importantes elementos configuradores da imagem urbana da cidade de Diamantina, gerando uma fisionomia coesa e um conjunto harmônico, resultado da unidade na diversidade, tanto das soluções urbanas como arquitetônicas. A configuração orgânica de Diamantina, fruto da contribuição de várias etnias que ali se miscigenaram, reinterpretando criativamente os múltiplos legados culturais, resultou em espaços diversificados, ecléticos e híbridos que possibilitaram uma grande liberdade de apropriação e usos e facilitaram a integração dos moradores.

O sítio condicionou toda essa configuração espacial e a fisionomia da cidade, mantendo indissociável a interação entre o espaço urbano e a paisagem circundante. A topografia local incorporou, na esfera de percepção do pedestre, partes visíveis das montanhas, do céu e das vegetações adjacentes, intercalando-as com os volumes das

---

<sup>73</sup> Peça vertical, de madeira, pedra ou ferro, usada para sustentar parte da parede, teto ou edificação. (AVILA; GONTIJO; MACHADO, 1996)

<sup>74</sup> (AVILA; GONTIJO; MACHADO, 1996). Ângulo externo e saliente, formado por duas paredes convergentes, podendo ser de madeira, pedra ou massa, conforme o sistema construtivo adotado.

<sup>75</sup> Parte superior triangular na fachada principal, normalmente ornamentada.

<sup>76</sup> Abertura ou janela circular ou elíptica, destinada à passagem de ar ou de luz. (AVILA; GONTIJO; MACHADO, 1996).

<sup>77</sup> Especialmente na Igreja Nossa Senhora do Carmo, na igreja Nossa Senhora do Rosário e na igreja de São Francisco, cujos forros são de autoria de José Soares de Araújo.

<sup>78</sup> Parte principal da coluna, entre o arremate superior e a base. (AVILA; GONTIJO; MACHADO; 1996).

<sup>79</sup> Estrutura ornamental, em pedra ou talha de madeira, que se eleva na parte posterior do altar. Às vezes, chamado genericamente de altar. (AVILA; GONTIJO; MACHADO; 1996).

<sup>80</sup> Em forma espiralada.

edificações. O caráter irregular dos espaços gerou efeitos cênicos e de perspectivas capazes de inaugurar, constantemente, novos ângulos de observação. Produziu também uma grande riqueza perceptiva e sensorial, convidando o corpo e todos os seus sentidos a explorar e descobrir a cidade.

A vitalidade urbana manifestou-se nos “vazios” das ruas e dos largos. “Vazios” intimistas, acolhedores, dosados, pulverizados em pequena escala, formando uma “rede” sobre o irregular, denso e orgânico tecido da cidade. Os “vazios” possibilitam uma pluralidade de usos e apropriações não previstas, deixando “em aberto” a reinvenção diária da própria cidade.

O povoado cresceu espontaneamente, amenizando os aclives com traçados sinuosos, absorvendo os terrenos mais favoráveis e rejeitando os impróprios, “participando da vida de seus habitantes como uma entidade também viva e livre das contenções determinadas por regras fixas ou tentativas de racionalização divorciadas da realidade”<sup>81</sup>. Essa configuração urbana orgânica foi marcada por um modo de fazer a cidade ideologicamente comprometida com a construção de suportes para a vida cotidiana, valorizada pela predominância do caráter comunal do espaço público em detrimento do espaço privado.

---

<sup>81</sup> VASCONCELLOS (1959).



Figura 3: Vista da área central de Diamantina com a Igreja do Carmo  
Fonte: IPHAN, [199-].

Segundo Lamas (2000), principalmente a partir da década de 60, os parâmetros urbanísticos orgânicos característicos das cidades antigas foram considerados exemplos de qualidades espaciais. Neste contexto, foram retomados os trabalhos de Sitte (1992) sobre a reinterpretação da composição urbana medieval. Cullen (1983) retomou os estudos de Sitte, redescobrimo os valores visuais e da imagem do espaço urbano, valorizando as seqüências espaciais, a pequena escala e seus pormenores. A imagem da cidade reapareceu no debate como determinante para o bem-estar intelectual e social dos cidadãos. Lynch (1997) defendeu o desenho da cidade a fim de melhorar sua imagem visual. Jacobs (2002) agiu na defesa da revalorização da rua e da praça como lugares primordiais para os contatos sociais cotidianos, focos de vitalidade urbana.

A retomada desses interesses contribuiu para a revalorização da cidade histórica, cujos centros comprovaram um potencial inequívoco para a utilização social e a vida coletiva. Essa atenção foi se impondo, paralelamente, com o alargamento do conceito de patrimônio cultural, arquitetônico e urbanístico. A constatação de que as novas urbanizações ficaram aquém das antigas cidades em qualidade, riqueza formal e estética e

de que formavam tecidos sociais difíceis de recriar colaborou para o apoio de organismos internacionais reconhecidos como a Unesco, culminando no reconhecimento de cidades inteiras ou de parte de cidades como patrimônio mundial, como no caso do tombamento do conjunto arquitetônico e urbano da área central de Diamantina.

A recuperação de alguns parâmetros orientadores da composição urbana orgânica da cidade antiga gerou um movimento denominado “Novo Urbanismo” (LAMAS, 2000), como citamos na primeira parte desta tese. Apesar de firmado na crença de que o entorno urbano pode contribuir para a qualidade de vida das pessoas, esse movimento abriu brechas para interpretações historicistas e revivalistas. A banalização, a repetição e a interpretação literal do repertório morfológico das cidades antigas levaram a um conservadorismo estético, gerando formas descontextualizadas e estereotipadas de um passado espetacularizado. Segundo Lara (2001), nos EUA, o “Novo Urbanismo” celebra 20 anos, marcado pelo conservadorismo estilístico, pela gentrificação, pelo aumento do número de condomínios fechados, pela homogeneidade e por uma imagem geral de intolerância. Ou seja, as idéias de Jacobs e seus colegas foram distorcidas e utilizadas, paradoxalmente, para dar munição à ideologia conservadora, que tomou a defesa da cidade “tradicional” para legitimar um “antimodernismo”, fundado nos valores antidemocráticos da segregação e da exclusão social.

Porém, as características morfológicas da urbanística orgânica continuam a servir de referência para o desenho urbano de vários tipos de empreendimentos<sup>82</sup> e motivo de tema de encontros e discussões<sup>83</sup>. Nesta tese, enfatizamos alguns aspectos dessa morfologia, pois a configuração urbana da área central de Diamantina dela é herdeira. Acreditamos que essa matriz histórica, como fonte de aprendizado, nos permite identificar alguns fatores de ordem físico-urbanística, tributários da peculiar tipificação ambiental encontrada na cidade.

Algumas de suas características espaciais, como a diversidade de usos, a versatilidade, a permeabilidade visual, a valorização do espaço vazio e livre, assim como a predominância do espaço público sobre o privado podem se configurar como fatores capazes de contribuir para a construção de entornos qualitativos. Dessa forma, pensamos que a experiência de Diamantina, que apresenta uma configuração espacial

---

<sup>82</sup> LAMAS (2000).

<sup>83</sup> Como exemplo, *Congresso Internacional de História Urbana Camillo Sitte e a circulação das idéias de estética urbana. Europa e América Latina: 1880-1930*, realizado em Agudos, São Paulo, em 2004, promovido pela Unesp/Campus Bauru e *Scuola di Studi Avanzati*, em Veneza, na Itália.

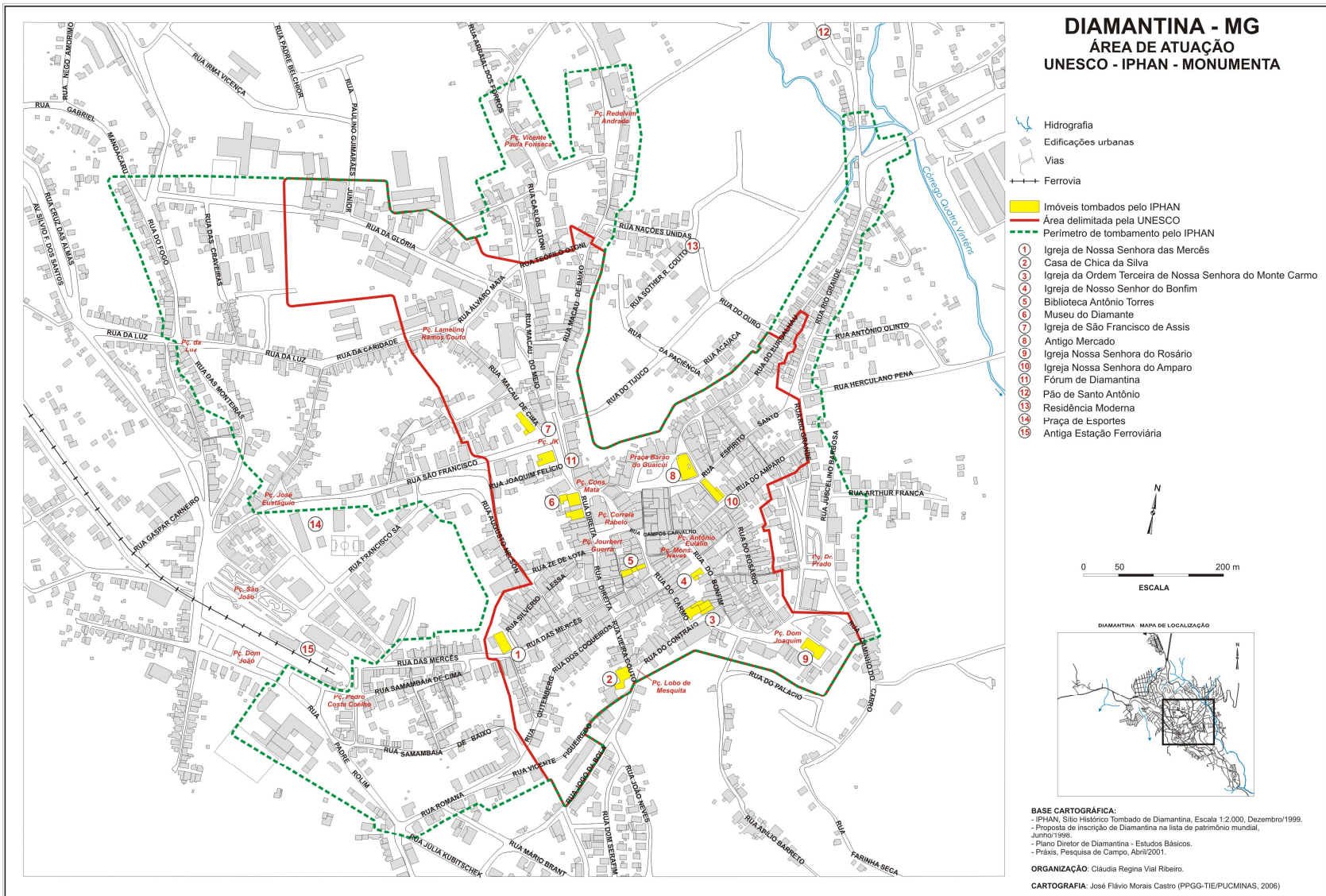
orgânica, já possui elementos facilitadores capazes de oferecer espaços humanizados. Além disso, a reinterpretação dessa matriz histórica pode formular soluções válidas para o futuro, fornecendo-nos subsídios para a prática projectual cotidiana.

Os atributos espaciais encontrados em nossas cidades históricas mineiras representaram um momento importante e exemplar da arquitetura brasileira. Assim também, a arquitetura moderna correspondeu a um momento virtuoso, produzindo características e estratégias espaciais semelhantes, em muitos aspectos, à produção colonial, atestado pelo fato de que todos os conjuntos urbanos e edifícios brasileiros eleitos como Monumentos da Humanidade correspondem aos períodos do Barroco e do Modernismo, como Ouro Preto, Diamantina e Brasília. Especialmente Diamantina (Mapa 6), possui monumentos significativos para a história da arte e da arquitetura no Brasil dos séculos XVIII, XIX e XX, como as igrejas, o edifício do Fórum, o Mercado Municipal, o Museu do Diamante, a Casa da Chica da Silva, a Biblioteca Antônio Torres, o Passadiço da Glória além dos prédios modernistas projetados pelo arquiteto Oscar Niemeyer como o Hotel Tijuco, a Faculdade Federal de Odontologia, a Escola Estadual Professora Júlia Kubistchek e o Diamantina Tênis Clube.

Ao realçar a organicidade espacial de Diamantina, não pretendemos com isso realizar uma apologia saudosista e romântica da cidade colonial, mas estabelecer os componentes geográficos, ambientais, urbanos e arquitetônicos que, durante anos, criaram os parâmetros de uma tradição elaborada pela comunidade em seu conjunto. Não se trata de uma mera preocupação formal. Mais do que isso, a configuração do entorno construído – seja uma casa, um bairro ou uma cidade – se constitui um sistema político em si mesmo. Quando andamos no espaço público, é possível notar de que modo as barreiras físicas ou a sua configuração formal influenciam no que nos é ou não permitido fazer<sup>84</sup>. Trata-se, portanto, de eleição de valores. Pensamos que, de modo geral, a urbanística orgânica se orienta por valores humanos, voltados para acolher e hospedar as pessoas, fornecendo, portanto, possíveis parâmetros para a construção de uma arquitetura pública, de uma cidade humana, de um espaço-vivo.

---

<sup>84</sup> BENTLEY, Ian *et al* (1999).



Mapa 6: Diamantina-MG: Bens tombados  
Fonte:

### 2.1.1.1 Do século XVIII ao século XX

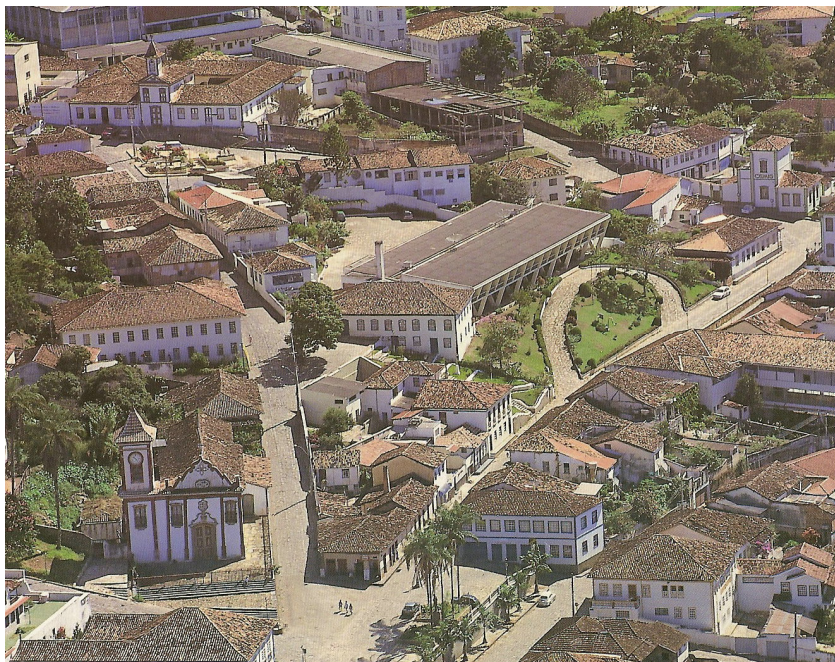


Figura 4: Vista da área central com ruas Macau de Cima, Macau do Meio e Macau de Baixo, destacando-se o Hotel Tijuco, a Igreja de São Francisco e a Santa Casa de Misericórdia

Fonte: IPHAN, [199 - ].

No final do século XIX, a mineração entrou em crise, principalmente com a entrada do diamante sul-africano no mercado internacional. Esta situação provocou a transição para novos padrões de vida econômica em Diamantina, dando início a um processo de diversificação da produção no Município, investindo no comércio, na prestação de serviços e na atividade industrial. Neste momento, iniciou-se um projeto de industrialização do norte de Minas, cujas necessidades regionais seriam satisfeitas pela indústria diamantinense, protegida da concorrência externa pelo relativo isolamento geográfico da região. A partir de 1870, a indústria experimentou surto expressivo no município, e especialmente as fábricas de tecidos representaram o ramo industrial mais dinâmico.

Entre 1870 e 1920, Diamantina firmou-se como importante entreposto comercial do nordeste de Minas Gerais<sup>85</sup>, atraindo até mesmo capital estrangeiro, especialmente

<sup>85</sup> Conforme MARTINS (2000), “a cidade distribuía para todo o norte de Minas, transportados pelas tropas de burros, tecidos, objetos de luxo, ferragens, louça, fumo, sal, querosene, cerveja, vinhos, máquinas de costuras, etc. Recebia produtos agrícolas, carne seca, toucinho, aguardente e rapadura, utensílios e ferragens de ferro, algodão, etc”.

francês. Este momento foi de grande vigor econômico e cultural<sup>86</sup>, estimulado também pela inauguração, em 1914, da estação ferroviária de Diamantina. O ramal da Estrada de Ferro Central do Brasil interligava Diamantina a Corinto, à capital de Belo Horizonte e ao Rio de Janeiro. A chegada da ferrovia, a multiplicação das fábricas, as melhorias urbanas, a apresentação de órgãos públicos, de escolas e hospitais, a força de sua elite política e a riqueza do comércio da cidade conferiram a Diamantina o papel de centro urbano mais destacado do norte/nordeste mineiro, recebendo as alcunhas de “boca do sertão” e de “Atenas do Norte”. A instalação da sede da Arquidiocese na cidade de Diamantina, posteriormente, na década de 30, contribuiu para ampliar a influência da cidade sobre o norte mineiro

A partir da década de 40, a região começou a ser cortada por estradas de rodagem, ampliando as possibilidades de escoamento e circulação da produção de uma vasta área regional que, até aquela época, dependia de Diamantina e das tropas de tropeiros para redistribuir suas mercadorias. Como o comércio diamantinense dependia, para se expandir, de um mercado protegido, a economia do município se viu afetada, e assistiu a um processo de desaceleração econômica, com o fechamento de várias fábricas locais.

Além da expansão da malha rodoviária, Martins (2000) aponta outros obstáculos à expansão econômica de Diamantina naquele momento, por exemplo: grandes emigrações em direção às áreas cafeeiras, fracas ligações monetárias, inexistência de rede bancária, o que inibia a prática de crédito, perda do peso político, emancipação de muitos distritos, crescimento de outros núcleos polarizadores como Montes Claros, Teófilo Otoni e Governador Valadares, além de uma resistência, por parte da própria população, em aderir plenamente às lógicas do mercado, acostumada à tradição comercial baseada na reciprocidade<sup>87</sup>.

---

<sup>86</sup> Segundo MARTINS (2002), este momento de apogeu econômico refletiu-se também no refinamento cultural, atestado pela presença de salão de boliche, pista de patinação, dois cinemas, um teatro, loja de aluguel de bicicletas, clubes recreativos, grêmios literários e grande número de bandas e eventos culturais, especialmente os saraus realizados nas casas de família.

<sup>87</sup> MARTINS (2000) nos diz que em Diamantina do início do século XX, “as atividades econômicas amalgamavam modos de trocas distintos, se aproximando da esfera da reciprocidade e possuindo interfaces com o mercado. No âmbito das trocas governadas pelo princípio da reciprocidade, as interações ocorrem tendo em vista a reprodução material, social e cultural dos grupos envolvidos, com ênfase no valor de uso dos objetos trocados e a presença de uma noção de riqueza que combina, de modo complexo, as idéias de generosidade e de *entesouramento*. No interior do mercado, ao contrário, predominam os objetivos de acumulação, as noções de valor de troca e de capital. O mercado dissocia-se de qualquer tipo de obrigação social, enquanto as trocas comandadas pela reciprocidade associam-se a noções tradicionais de amizade, parentesco, status, hierarquia, fidelidade, redistribuição, etc.”

Esses fatores abalaram a primazia de entreposto comercial que a posição geopolítica de Diamantina, até então, ostentava. Ao mesmo tempo, o automóvel e as rodovias também abriram possibilidades de intercâmbios diversos, ajudando a tecer uma rede urbana na qual, Diamantina, se não reina mais isolada, cumpre ainda um importante papel polarizador na região (como veremos no próximo capítulo), principalmente no setor de comércio e de prestação de serviços.

Neste capítulo, realçamos que o dinamismo e a vitalidade de Diamantina se devem a uma constelação de fatores, como alguns aqui apresentados. Chamamos a atenção para o fato de que, desde a sua origem, Diamantina, principalmente devido à sua posição geográfica estratégica, manteve-se como centro irradiador econômico e cultural, com capacidade de manter interações constantes tanto com seu espaço regional quanto com aglomerações urbanas de hierarquias superiores, possuindo, portanto, características de uma “cidade média<sup>88</sup>”. E ainda hoje, mantém essa vocação polarizadora, desempenhando um papel essencial tanto na vida social como na estruturação do espaço regional, fatores que se somam à manifestação de sua vitalidade, como veremos no próximo capítulo.

---

<sup>88</sup> Conceito que será visto no próximo capítulo

## 2.1.2 A cidade no espaço

Neste capítulo, apresentaremos a “cidade média” de Diamantina, realçando alguns aspectos de sua organização econômica e das relações externas que ela estabelece. As relações externas que uma cidade constrói com outras localidades indicam o seu grau de “abertura”, sugerindo-nos se configurar também como mais um dos fatores capazes de manter e promover, no tempo, a vitalidade de Diamantina.

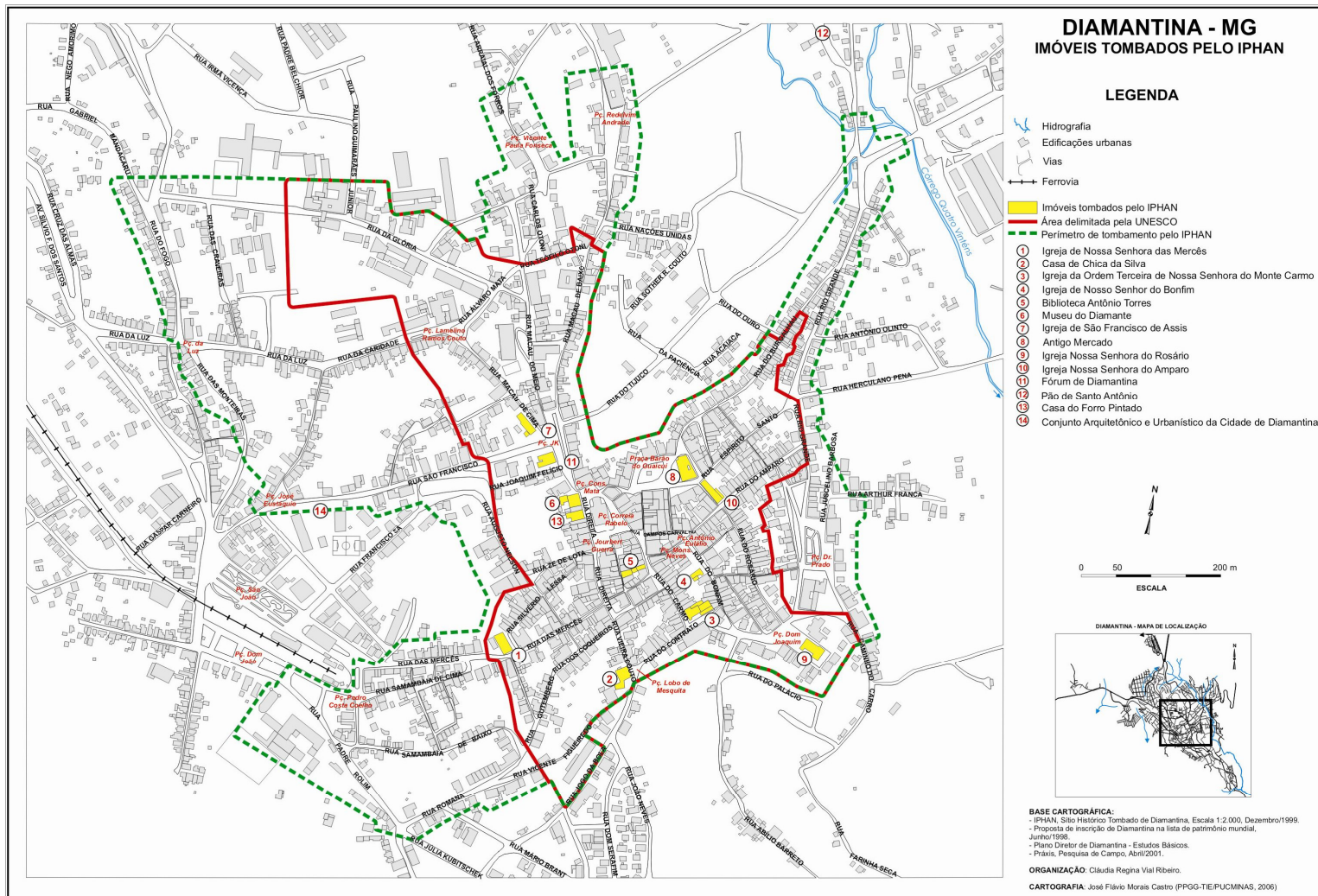
O município de Diamantina dista 292 km da capital estadual Belo Horizonte. As principais rodovias que a servem correspondem às BR-259, BR040, BR-135, BR-367 e, recentemente, a cidade conquistou uma linha aérea regular<sup>89</sup> (Mapa 7). A tabela 1 abaixo, permite visualizar as distâncias entre Diamantina e pólos nacionais e os municípios limitrofes.

TABELA 1  
Distância aos principais centros e municípios  
limitrofes e/ou centralizadores de serviços  
públicos Diamantina

Municípios	Km
Belo Horizonte	292
Brasília	719
São Paulo	878
Rio de Janeiro	727
Vitória	832
Curvelo	124
Datas	34
Gouvêa	34
Montes Claros	265
Serro	88

Fonte: INDI, 2006.

<sup>89</sup> COMPANHIA DE AVIAÇÃO TOTAL LINHAS AÉREAS, com dois vôos semanais.



Mapa 6 - Diamantina: imóveis tombados pelo IPHAN

A cidade situa-se na macroregião central de Minas Gerais, no Alto Vale do Jequitinhonha e integra a microregião Diamantina (Mapa 1), da qual fazem parte os municípios de Diamantina, Couto de Magalhães de Minas, Datas, Felício dos Santos, São Gonçalo do Rio Preto, Gouveia, Presidente Kubistschek e Senador Modestino Gonçalves.

Diamantina limita-se ao sul pelos municípios de Monjolos, Gouveia, Datas e Serro, ao norte pelos municípios de Bocaiúva e Carbonita, a leste por Couto de Magalhães de Minas, São Gonçalo do Rio Preto e Senador Modestino Gonçalves, e a oeste por Buenópolis e Augusto de Lima<sup>90</sup>. O município, além da sede Diamantina, é composto pelos distritos de Conselheiro Mata, Desembargador Otoni, Extração, Guinda, Inhaí, Mendanha, Planalto de Minas, São João da Chapada, Senador Mourão e Sopa, além dos povoados de Baixadão, Maria Nunes, Macacos, Biribiri e Itaipava (Mapa 8).

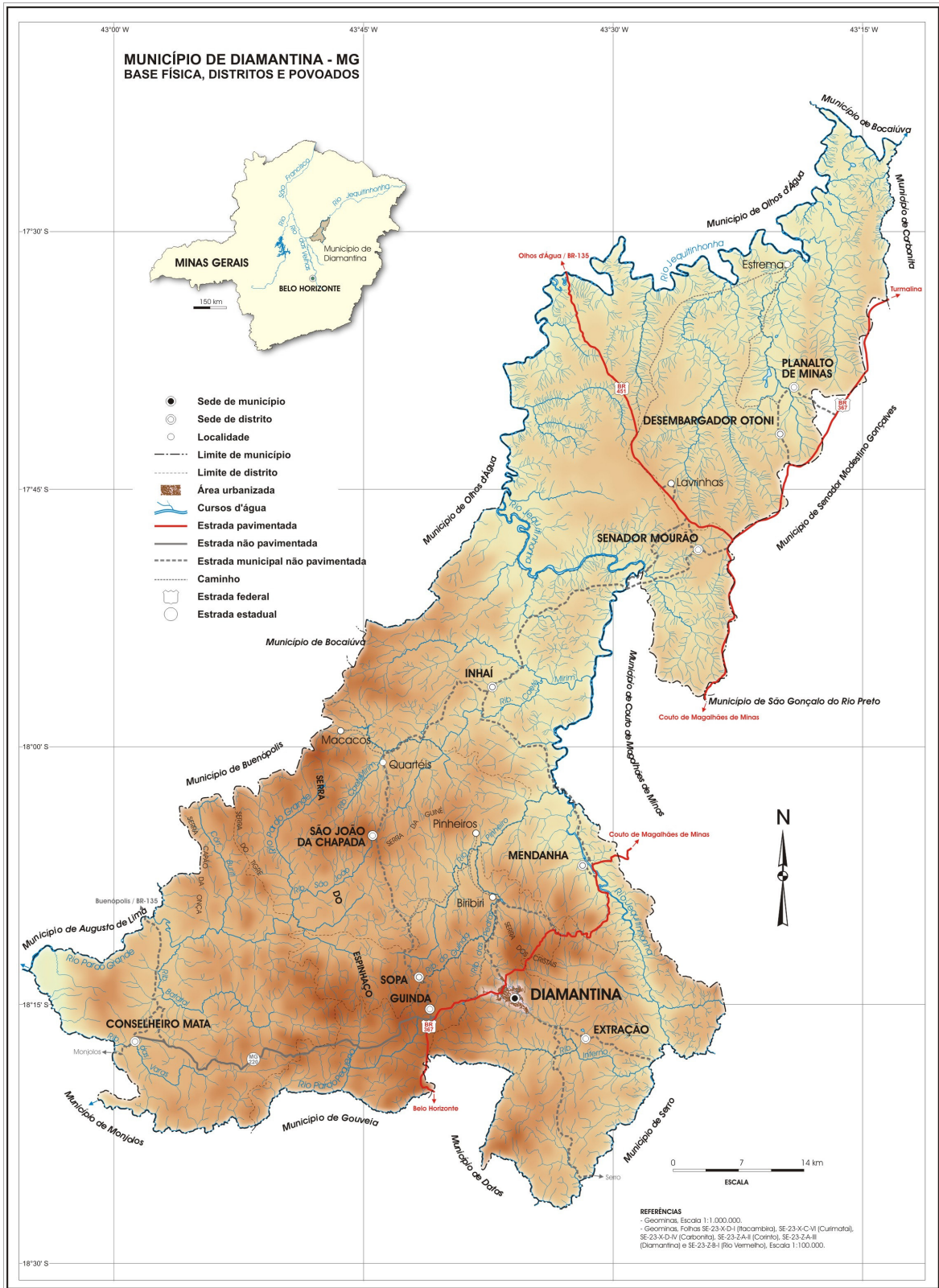
A posição geográfica de Diamantina contribuiu para a sua classificação como “cidade média”, característica esta intimamente ancorada nas relações externas que a estabelece com outras localidades. Por esse motivo, esboçaremos, em breves linhas, alguns atributos próprios das “cidades médias” e as classificações hierárquicas definidas para Diamantina no decorrer do tempo.

Importante ressaltar que uma cidade média, não necessariamente corresponde a uma cidade de porte médio. A noção de porte médio de uma cidade está associada ao seu tamanho, enquanto a de “cidade média” encontra-se vinculada às suas relações externas, ou seja, corresponde àquelas cidades que intermedeiam funções e hierarquias inseridas em redes maiores e comandam uma sub-rede urbana.

Desde a sua origem, Diamantina sustenta a sua vocação polarizadora de centro regional e de cidade média. Mas, uma cidade média peculiar. Condição pela sua história e pela sua posição geográfica, sua indiscutível e importante vocação convergente e intermediadora entre cidades de nível superior, centros menores e o seu meio rural confirmam a classificação de Diamantina como uma cidade média. No entanto, sua reduzida extensão territorial e baixa densidade demográfica fazem-na possuir características de um centro emergente. Esta situação acrescenta interesse à sua abordagem e, somando-se às outras peculiaridades expostas, atesta a importância de seu estudo.

---

<sup>90</sup> SEBRAE-MG (2003).



Mapa 8: Diamantina: base física, distritos e povoados  
 Fonte:

Além disso, as cidades médias se apresentam como temas de estudos e de ações estratégicas de planejamento e crescimento, pois desempenham, entre outras funções, a de agir como barreira às migrações que se deslocam para centros maiores, assim como, de contribuir para maior equilíbrio quanto à distribuição espacial dos homens, das atividades econômicas e das riquezas. Por conseguinte, nos últimos anos, as pesquisas espaciais e os planos de Governo (em nível nacional e regional) têm dado ênfase aos problemas de análise, fortalecimento e dinamização das “cidades médias”, justamente com o objetivo de atingir um maior equilíbrio na rede urbana e no desenvolvimento regional.

Ainda, segundo Arruda e Amorim Filho (2002), um dos aspectos positivos que as cidades médias têm em comum é a qualidade de vida e a escala humana que a mantêm com seus habitantes. Assim, os estudos de axiologia nas cidades médias configuram-se como fundamentais, pois são campos férteis de “lugares valorizados”.

Depois de ter trabalhado alguns anos com o tema das cidades médias na França e realizados vários estudos sobre cidades médias de Minas Gerais, como Formiga e Patos de Minas, Amorim Filho (1978, 1997, 2005) estabeleceu sete critérios gerais que podem ser usados na caracterização, identificação e classificação das cidades médias, nos quais Diamantina se enquadra, guardadas suas devidas particularidades. Segundo o pesquisador:

1. “A cidade média deve ser capaz de manter *interações* constantes e de um nível razoável de intensidade e de qualidade, tanto com seu espaço regional, quanto com aglomerações urbanas de hierarquia superior;
2. a cidade média deve ter as condições necessárias para estabelecer relações de dinamização com o espaço rural micro-regional que a envolve;
3. uma cidade só deve ser considerada média na medida que já apresente uma certa autonomia na criação de pelo menos uma parcela de seus equipamentos de relações externas;
4. o sistema ou rede de cada cidade média devem apresentar uma intensidade e um grau de *conectividade* tais que facilitem as já referidas *interações* com o espaço micro-regional e com os níveis superiores da hierarquia urbana”;
5. a estrutura morfológica interna da cidade média, em consonância com sua posição no processo de evolução, deve apresentar um centro funcional principal, um número variável de subcentros distribuídos nas zonas pericentrais e periféricas e uma periferia<sup>91</sup>.

---

<sup>91</sup> Caracterizaremos estes espaços no próximo capítulo - *O espaço da cidade*.

6. “por outro lado, não deve ser desprezado o fato de que aspectos tais como *tamanho demográfico, estrutura interna e relações externas* das cidades médias podem variar bastante de região para região, sendo naturalmente função do nível de desenvolvimento, da posição geográfica e das condições histórico-sociais da formação de cada uma dessas regiões;
7. finalmente, a noção de cidade média não deve ser confundida, necessariamente, com a noção de centro de polarização regional ou micro-regional. A coincidência não ocorre sempre. Além disso, *as relações* da cidade média com seu ambiente nem sempre são relações apenas de *dominação*, podendo haver, com este ambiente, também relações de *complementaridade, estímulo, dinamização* e, em certos casos, até de *dependência*”.

Diamantina, no período de 1950 a 2001, foi classificada, junto com outras cidades mineiras, em diversos níveis hierárquicos, conforme indica o QUADRO 1.

**QUADRO 1**  
Demonstrativo das classificações hierárquicas de Diamantina

ANO	AUTORES	CLASSIFICAÇÃO
1950	Leloup	Centro intermediário
1960	Leloup	Centro de serviços intermediários
1970	IGA	Centro sub-regional
1982	Amorim Filho, Bueno e Abreu	Nível 3 cidades médias propriamente ditas
1988	Fundação João Pinheiro	Sexto nível
1999	Amorim Filho e Abreu	Nível 4 Centro emergente
2001	Sá	21º lugar no ranking dos centros urbanos emergentes

Fonte: AMORIM FILHO; ARRUDA, 2002.

Segundo Arruda e Amorim Filho (2002) sobre a rede urbana de Minas Gerais, a classificação elaborada nos anos de 1950 e 60 por Leloup<sup>92</sup> definiu Diamantina no contexto das “cidades coloniais”, ou seja, “aquelas remanescentes do período colonial, em que predominou, econômica e culturalmente, o ciclo do ouro e dos diamantes. Esgotado esse ciclo, estes centros voltaram-se para outras funções: religiosa, administrativa, universitária e, a partir de meados do século XX, turística”.

Após essa primeira hierarquização, várias outras hierarquias urbanas setoriais foram realizadas por Leloup até chegar a duas finais: a de 1950 e a de 1960, sendo esta última

<sup>92</sup> LELOUP, Y. *Les villes du Minas Gerais*. Paris: IHEAL, 1970. 311p. *apud* ARRUDA; AMORIM FILHO (2002).

mais complexa que a anterior. Na primeira, de 1950, Diamantina aparece como centro intermediário, abaixo de cidades que realmente possuíam um papel regional significativo, inserindo-se, portanto, na categoria de “centros regionais”. Em 1960, segundo a nova classificação, Diamantina foi posta ao lado de cidades como Araxá, Alfenas e Formiga, todas elas assumindo a posição de “centros de serviços intermediários”. Nesta classificação, o critério adotado foi o de funcionalidade e não necessariamente o de tamanho.

No final da década de 1970, o Instituto de Geociências Aplicadas<sup>93</sup>, desenvolveu um estudo, orientado pelo geógrafo Oswaldo Bueno Amorim Filho, que abordou a hierarquia urbana estadual vigente. Foram considerados os fluxos dos ônibus, verificando o total das viagens que servem a determinado centro e a percentagem desse total que se destina às localidades menores. Considerando que no topo da hierarquia situa-se Belo Horizonte, como metrópole regional, apresentando ligação direta com 147 cidades de porte inferior, o mesmo critério foi adotado para Diamantina, inserindo-se, portanto, no grupo dos “centros sub-regionais”.

Para a década de 80, mais especificamente 1982, foi adotado o estudo realizado por Amorim Filho, Bueno e Abreu<sup>94</sup> cobrindo 102 cidades mineiras acima de 10.000 habitantes, excetuando-se aquelas que faziam parte da RMBH. Conforme essa classificação, cujo topo da hierarquia foi ocupado por Juiz de Fora, Diamantina inseriu-se na categoria de nível 3 (“cidades médias” propriamente ditas), acompanhada por outras tantas, tais como Teófilo Otoni, Araxá, Ubá, Itaúna, Congonhas, Ouro Preto etc. Este nível, no qual situou-se Diamantina, aproximou-se muito mais do conceito de cidades médias do que do de grandes cidades, ocupado pelos níveis imediatamente acima. Conforme referência do estudo adotado, as cidades médias propriamente ditas correspondem àquelas localizadas nas regiões com redes urbanas mais hierarquizadas.

Em 1988, um estudo realizado pela Fundação João Pinheiro<sup>95</sup> definiu 13 grupos de indicadores funcionais com base na subdivisão de 210 funções, sendo 19 ligadas ao comércio atacadista, 43 ao varejista, 60 aos serviços e 88 administrativas. Foram analisadas 722 cidades e optou-se por reproduzir essa hierarquia em seus níveis superiores, ou seja, a

---

<sup>93</sup> INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS APLICADAS – IGA. *A hierarquia urbana de Minas Gerais analisada através da circulação de ônibus intermunicipais*. Belo Horizonte: IGA/SECT, 1980. 60p. *apud* ARRUDA; AMORIM FILHO, 2002.

<sup>94</sup> AMORIM FILHO; M.E.T.; ABREU, J.F. Cidades de porte médio e o programa de ações sócio-educativo-culturais para as populações carentes do Meio Urbano em Minas Gerais. *Boletim de Geografia Teorética*. Rio Claro – São Paulo, 1982, v.12, n.23-24, p.33-46. *apud* ARRUDA; AMORIM FILHO, 2002.

<sup>95</sup> FUNDACAO JOAO PINHEIRO. *Centros de Estudos Regionais: estrutura espacial de Minas Gerais*. Belo Horizonte: 1988. 165p. e anexos *apud* ARRUDA;AMORIM FILHO, 2002.

grande metrópole do Estado, as capitais regionais e as cidades médias. Nesse contexto, Diamantina inseriu-se no sexto nível hierárquico, ao lado de Betim, Ouro Preto, Viçosa etc. A partir do estudo, pode-se constatar que Diamantina situou-se, como centro de microrregião e com 13 municípios subordinados, na zona de influência de Belo Horizonte, no que se refere às redes urbanas.

Na década de 90, Amorim Filho e Abreu<sup>96</sup> elaboraram dois estudos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial da PUC-Minas, alguns deles envolvendo a abordagem de cidades médias e de centros urbanos emergentes. No primeiro estudo, os autores trabalharam com o nível das cidades médias mineiras e posteriormente identificaram as regiões mineiras com maior potencial para o desenvolvimento de parques tecnológicos, bem como quais as cidades médias e centros urbanos emergentes teriam mais condições de se tornarem-se tecnópoles no futuro. Os dados levantados para cada cidade selecionada foram população urbana, índice de desenvolvimento humano, renda familiar *per capita* média, número de indústrias de ponta, total de eixos rodoviários, aeroportos e cursos de ensino superior. Neste estudo, Diamantina apareceu classificada no nível quatro como centro urbano emergente.

Em 2001, o trabalho de Sá<sup>97</sup> retomou a abordagem sobre os centros urbanos emergentes em Minas Gerais. Baseando-se nos fundamentos teóricos desenvolvidos desde 82, foram selecionadas 80 cidades de população oscilando entre 5000 e 50.000 habitantes. Segundo o padrão já adotado, foi excluída a região metropolitana de Belo Horizonte. Neste estudo, foram considerados 49 critérios tidos como mais relevantes (relações externas, infra-estrutura urbana, consumo etc.). Nesta classificação de 2001, Diamantina apareceu em 21º lugar no *ranking* dos centros urbanos emergentes. Esta classificação não traz nenhum demérito, pois, apesar de ser eventualmente considerada como cidade pequena, Diamantina desempenha papel significativo na rede urbana de sua região.

Como se vê, na maioria das classificações expostas, Diamantina aparece como um centro regional, ou uma cidade média propriamente dita, ou, ainda como um centro urbano emergente. Sua classificação, na década de 90, como centro emergente, justifica-se pelo fato de ela apresentar características peculiares que situam a cidade tanto nesta condição, como também na de cidades médias, como veremos no decorrer deste texto. A análise que

<sup>96</sup> AMORIM FILHO; ABREU, J.F. Ciudades intermédias y tecnópoles em Minas Gerais-Brasil. In: *Tiempo y Espacio*. Chillan: U. del Bío-Bío, 2002. v.8, n.9-10, p. 23-32 *apud* ARRUDA; AMORIM FILHO, 2002.

<sup>97</sup> SÁ, P.R.C.de. Os centros urbanos emergentes de Minas Gerais. Belo Horizonte: PUC Minas:2001. 186p. *apud* ARRUDA; AMORIM FILHO, 2002.

se segue tem por objetivo apresentar, em breves linhas, a organização econômica da cidade, logo em seguida, expor as principais direções das relações externas de Diamantina e os espaços em que elas se desenvolvem, ressaltando a capacidade articuladora da cidade, responsável pelo seu dinamismo e vitalidade.

Conforme o SEBRAE-MG (2003), o setor primário de Diamantina representa o segundo ramo de atividade em importância na economia regional, superado pelo setor terciário. Porém apresenta baixo dinamismo devido à pouca inovação tecnológica, à topografia desfavorável para a mecanização e às grandes distâncias dentro do próprio município – o que significa dificuldade de escoamento da produção. Ainda assim, a importância de Diamantina reside no fato de atuar como o principal ponto de troca para os produtos desta região.

No que tange à utilização das terras, predomina a área das pastagens naturais e observa-se uma forte concentração de terras, especialmente em propriedades dedicadas à silvicultura. Grandes extensões de terras são ocupadas com monocultura de eucalipto, para produção de carvão. A coleta de flores nativas configura-se como importante fonte de renda para comunidades locais, principalmente para o distrito de Galheiros, com destaque para a “sempre-viva”<sup>98</sup>.

O município possui setor secundário pouco expressivo, destacando-se a agroindústria (principalmente caseira) e a indústria têxtil. De acordo com o SEBRAE-MG (2002), os principais limitadores para a expansão deste setor estão na ausência de um distrito industrial para as empresas se instalarem e nas reduzidas políticas municipais de incentivo. O município apresenta pequenas confecções, empresas ligadas aos ramos de madeira e mobiliário, produção de tapetes Arraiolo<sup>99</sup> para exportação e outras atividades artesanais. Porém, na maioria dos distritos, predomina a extração mineral sob forma de garimpo<sup>100</sup>.

De acordo com o SEBRAE-MG (2003), apesar da tendência declinante desde a década de 1980, a extração de minerais<sup>101</sup>, especialmente do diamante, configura-se como

---

<sup>98</sup> Designação comum a várias plantas de diferentes gênero e famílias, com flores que secam sem murchar, parecendo vivas, geralmente muito cultivadas como ornamentais e para o comércio de flores (HOUAISS, 2002). A obtenção de sempre-vivas é uma atividade essencialmente extrativista, e muitas espécies estão hoje ameaçadas de extinção. Assim, foi criado em Galheiros o “Projeto Sempre-Vivas” visando ao uso sustentado destas espécies e à melhoria da qualidade de vida local.

<sup>99</sup> Tapete artesanal português.

<sup>100</sup> Enquanto as empresas buscam a modernização de técnicas, os garimpeiros (faisqueiros) realizam a extração de forma manual. Sua ação sobre a paisagem se recompõe pelo ciclo natural, mas o garimpo realizado por tratores e máquinas, compromete a paisagem de forma mais definitiva (NUNES, 2004).

<sup>101</sup> Além do diamante, ouro, pedras britadas e ornamentais (mármore), caulim e manganês. INDI, 2006.

uma atividade muito importante na região, injetando recursos no comércio e aquecendo a economia local por meio de novos investimentos. Segundo Furtado, (2005), o problema atual gira em torno do esgotamento das pedras, mostrando que o sustento de milhares de garimpeiros do município vem sendo comprometido<sup>102</sup>.

O setor terciário é o mais desenvolvido em Diamantina e, juntamente com a infraestrutura de transportes e saúde, faz dela um centro de referência regional de destaque para todo o Alto do Jequitinhonha. Ocorrem trocas comerciais, com a convergência dos serviços agrícolas e oferta de abastecimento e serviços variados para as populações das áreas vizinhas.

Segundo Fremont (1980), os lugares das atividades terciárias desempenham um papel fundamental, tanto na vida social como na estruturação do espaço, pois obedecem, por natureza, às regras de concentração e de permanência. Esses lugares de trocas tornam-se pontos de encontros e enchem-se de significações muito mais fortes que os da função para a qual foram feitos.

Dentre os serviços mais procurados na cidade, destaca-se o equipamento educacional, atestando a permanência do vigor cultural desde a origem da formação da cidade. Diamantina possui várias instituições de ensino, tanto de nível primário, médio e nível superior<sup>103</sup>, com oferta de 30 cursos universitários. Entre os vários tradicionais estabelecimentos de ensino ressaltam-se o Conservatório Lobo de Mesquita e o centenário Colégio Nossa Senhora das Dores, educandário feminino comandado por irmãs vicentinas francesas, que educou diversas gerações de moças do norte de Minas e da Bahia. Destaca-se também o Seminário Sagrado Coração de Jesus, nascido a partir do Ateneu São Vicente de Paula, “escola criada pelas elites locais na década de 1850. Ele foi responsável pela educação secundária dos moços de boa parte de Minas e da Bahia, era dirigido por padres lazaristas franceses”<sup>104</sup>.

Apesar de a vocação educacional promover a vitalidade da cidade, dinamizando inter-relações múltiplas, mesclando hábitos e abrindo-se às várias localidades, o mercado de Diamantina não tem capacidade de absorver a totalidade dos alunos que se formam em suas

---

<sup>102</sup> FURTADO, 2005.

<sup>103</sup> FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (1994, p. 287). Entre as várias faculdades, destacam-se as Fafeid (Faculdades Federais Integradas de Diamantina), Faculdade Federal de Odontologia, Fafidia (Faculdade de Filosofia e Letras de Minas Gerais) mantida pela Fevale (Fundação Educacional do Vale do Jequitinhonha), FCJ (Faculdade de Ciências Jurídicas) e a UFVJM (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri).

<sup>104</sup> MARTINS (2000, p. 290).

escolas, obrigando a maioria a dirigir-se a outros centros. Além disso, a grande demanda de estudantes exige, cada vez mais, espaços de moradia, de eventos e de lazer, que tanto podem ser fator de crescimento como também de degradação espacial da cidade, por exemplo, a instalação de estabelecimentos e a permissão de usos em locais inadequados, que podem vir a causar grandes impactos urbanos negativos, comprometendo a paisagem e/ou afetando a qualidade de áreas residenciais já consolidadas.

Aos serviços da área de educação, segue-se o aparato de saúde, com a presença de vários estabelecimentos, com destaque para o hospital Nossa Senhora da Saúde e a Santa Casa de Misericórdia<sup>105</sup>. No contexto do setor terciário, além da educação e da saúde, merece destaque a atividade turística, uma das principais da economia local. Como apontamos no capítulo anterior, o notável acervo artístico e arquitetônico, religioso e civil de Diamantina vêm sendo objeto de estudo e admiração ao longo de toda sua existência. Patrimônio da Humanidade pela Unesco, a cidade também participa do programa Monumenta/Bid<sup>106</sup> que tem a finalidade de cuidar e recuperar esse patrimônio. O município também faz parte do Circuito do Diamante<sup>107</sup> e do programa da Estrada Real.

Localizada na Serra do Espinhaço e com importantes recursos hídricos, Diamantina também apresenta atrativos naturais em seus arredores, destacando-se o Parque Estadual de Biribiri<sup>108</sup>, o Caminho dos Escravos<sup>109</sup> e várias cachoeiras. Pela sua história peculiar, realçada no capítulo anterior, a cidade possui uma grande tradição festiva, pela religiosidade e pela musicalidade (Anexo 1).

De acordo com o SEBRAE-MG (2003), grande parte da rede hoteleira da cidade, bem como cerca de 80% do comércio é de propriedade de famílias garimpeiras. Segundo o diagnóstico elaborado por essa instituição, apesar de todo o potencial acima citado, a atividade turística ainda é desenvolvida de maneira desordenada e sem preparação. Realça a necessidade de profissionalização e o aumento da qualidade da atividade turística na cidade,

---

<sup>105</sup> SEBRAE-MG (2003).

<sup>106</sup> O Monumenta é um programa de recuperação do patrimônio histórico urbano brasileiro tombado pelo IPHAN e sob tutela federal. Conta com o apoio do BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento, da UNESCO e do IPHAN, ficando para a Prefeitura Municipal o papel de órgão executor.

<sup>107</sup> O Circuito do Diamante engloba também as cidades do Serro (patrimônio histórico e cultural), Presidente Kubitschek (atrativo natural), Couto de Magalhães de Minas (artesanato), Datas (igrejas), Gouveia (artesanato), São Gonçalo do Rio Preto (atrativo natural), Senador Modestino Gonçalves e Felício dos Santos (SEBRAE-MG: 2003).

<sup>108</sup> Embora o parque ainda não esteja de fato implantado, o lugar é de muito interesse. Nele existem as instalações de uma antiga fábrica de tecidos (SEBRAE-MG: 2003).

<sup>109</sup> Calçada de pedra entre Diamantina e Mendanha, usada para acesso à extração de diamantes e construída sobre trecho da antiga Estrada Real (SEBRAE-MG: 2003).

tanto em relação à infra-estrutura de hotelaria e alimentação como de divulgação e planejamento.

Além disso, o turismo encontra-se diante de desafios que podem orientar e determinar o seu futuro. Para ser uma atividade sustentável, precisa conciliar e promover, simultaneamente, os setores ambiental, social e econômico, e não apenas este último como, algumas vezes, presenciamos acontecer, conforme comentários das visitas de observação de campo (cap. 2.1.2.4 ) e também de observações feitas pelos próprios entrevistados (cap. 2.2.3)

Segundo o SEBRAE-MG,

*do ponto de vista de comércio e serviços, Diamantina é referência para o Alto Jequitinhonha, situação favorecida pela presença de inúmeras instituições e órgãos públicos com sede regional no município. Neste sentido, a cidade atrai clientes e polariza uma série de localidades menores, com impactos positivos sobre sua economia. Muitos de seus moradores, contudo, saem da cidade para fazer compras fora, especialmente em Belo Horizonte. (2002, p. 22)*

A seguir, analisaremos as relações externas de Diamantina, os espaços em que elas se realizam, suas intensidades e os equipamentos que as provocam ou as possibilitam. Para isso, foram estudados alguns fluxos de longa distância, por meio de representação gráfica, que mostra as principais direções das relações de Diamantina com seu espaço extra-regional, e as interações regionais, por meio de uma “matriz”, tal como proposta por Amorim Filho (1973, 1978, etc.). Foram ainda considerados os tipos e a evolução dos equipamentos que promovem e mantêm a interação de Diamantina com o exterior. Finalmente, após terem sido estabelecidos os limites do espaço de relações de Diamantina, foram estudadas algumas características relevantes desse espaço.

Tomando como referência os estudos propostos por Amorim Filho (1978, 1997), realizamos alguns registros sobre o movimento de ônibus, de hóspedes de pousadas e de visitantes em pontos turísticos (Fig. 5 e Gráficos 1 e 2 ). Esses estudos permitiram a identificação dos principais centros extra-regionais com os quais Diamantina mantém relações mais intensas e constantes. Essas relações estão associadas ao desenvolvimento atual da cidade e podem ser, em grande parte, de caráter econômico, quanto podem mostrar as principais direções das migrações realizadas a partir de Diamantina, constituindo, portanto, relações do tipo familiar.

No cartograma da Fig. 5, notamos que o espaço de relações mais intensas da cidade se estende rumo ao sudoeste, em direção à capital do Estado, passando por dois municípios significativos – Curvelo e Sete Lagoas –, além da região metropolitana. A predominância

nessa direção se deve a alguns fatores. A posição geográfica de Diamantina, como ponto de interseção de rotas, faz da cidade um lugar de baldeação para o seu espaço regional de influência e, a partir dela, tomam destinos diferentes ou, principalmente, em direção à Belo Horizonte. O grande fluxo de passageiros que se dirige a Belo Horizonte, atestado pela grande quantidade de viagens de ônibus realizadas nesta direção, se origina tanto de Diamantina, como também e principalmente dos vários municípios e distritos que esta polariza na sua área de influência. Outro fator significativo é o número relevante de população urbana e rural em trânsito entre Diamantina/Curvelo/Sete Lagoas e Belo Horizonte, justamente promovendo uma demanda de fluxos nesta direção. Apesar das más condições rodoviárias entre Diamantina e Curvelo, o trecho Diamantina/Belo Horizonte encontra-se todo asfaltado.

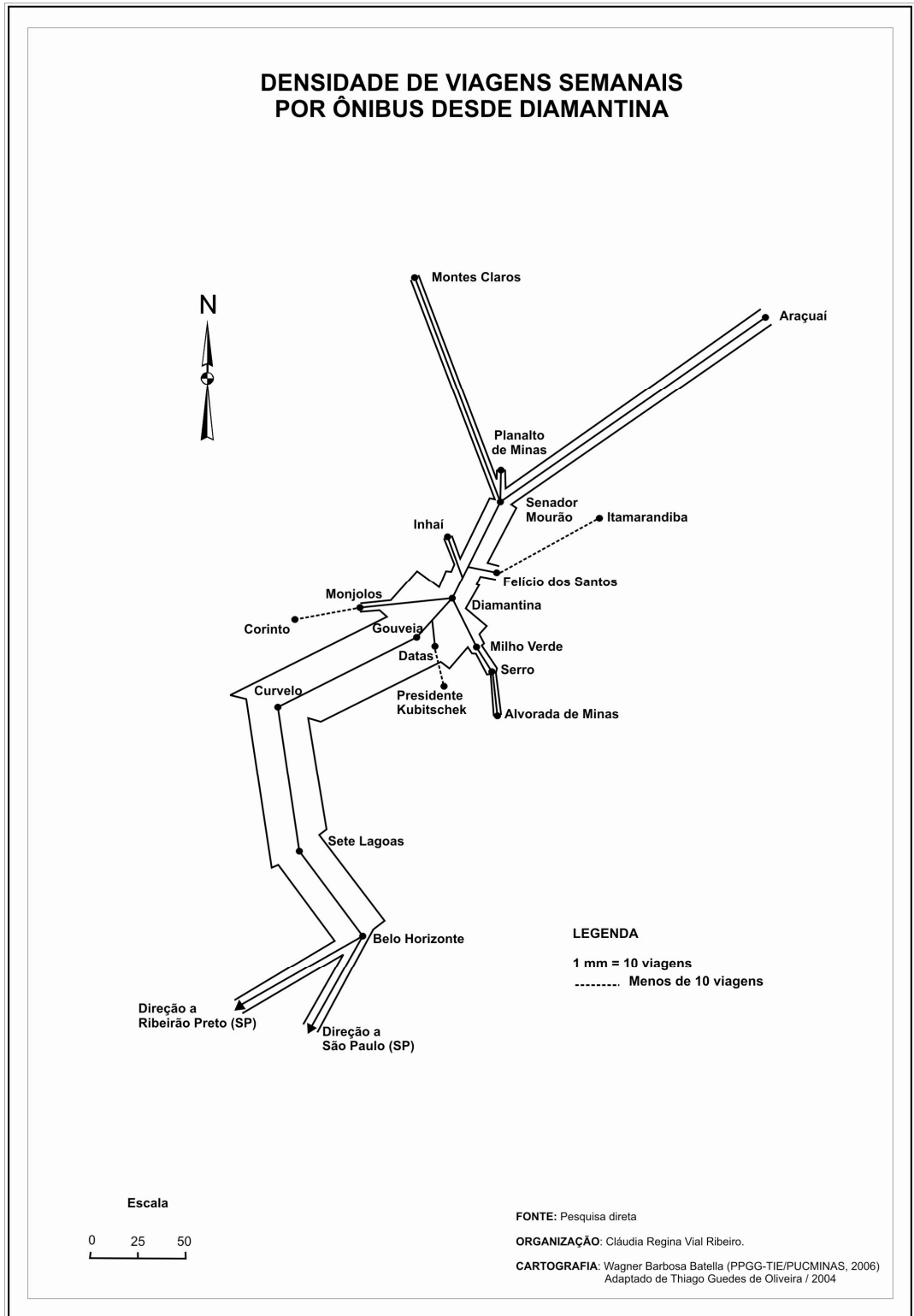


Figura 5 - Densidade de viagens semanais por ônibus desde Diamantina

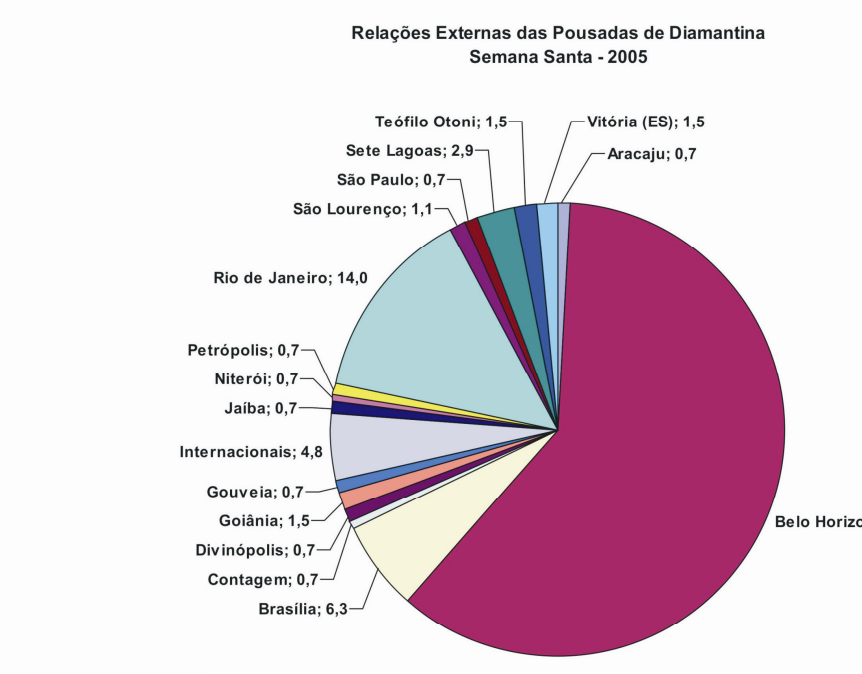


Gráfico 1: Relações externas das pousadas de Diamantina - Semana Santa, 2005  
 Fonte: Pesquisa direta. Organização Cláudia R. Vial Ribeiro.  
 Elaboração: Thiago Guedes de Oliveira

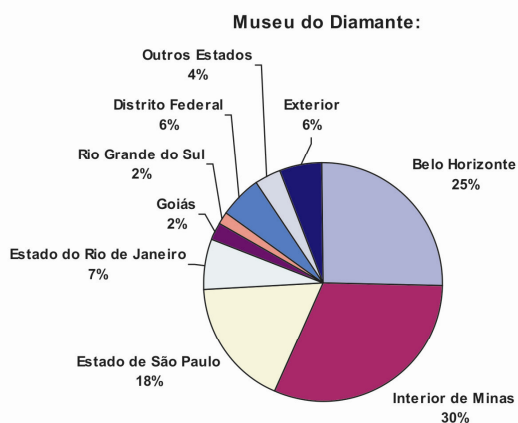
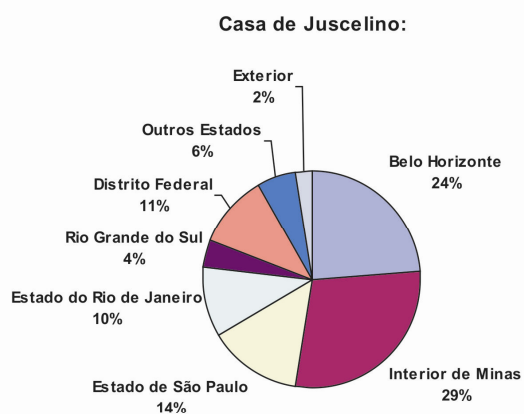
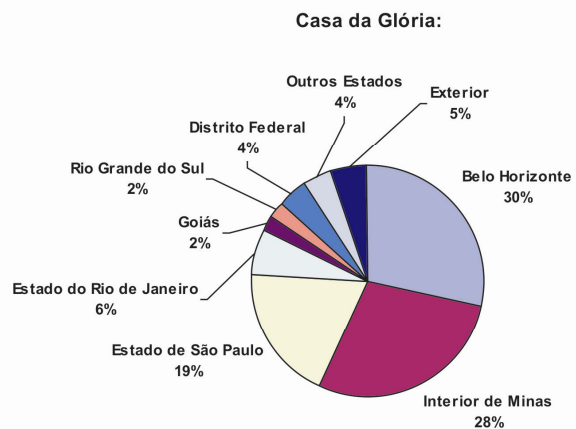


Gráfico 2: Procedência dos turistas – Casa Glória, Casa de Juscelino e Museu do Diamante - Julho, 2004

Fonte: Pesquisa direta. Organização Cláudia R. Vial Ribeiro.  
Elaboração: Thiago Guedes de Oliveira

Os gráficos 1 e 2 informam-nos que a Região Sudeste é a que mais emite visitantes para o município (83%), seguida da Região Centro-Oeste (8%), especialmente o Distrito Federal. A maioria dos visitantes oriundos do Sudeste, 89%, chegam do Estado de Minas Gerais, principalmente da capital Belo Horizonte. Destaca-se a presença de relações internacionais, correspondendo à média de 5% os visitantes proveniente de outros países.

Os dados apresentados nos gráficos 1 e 2 correspondem a dados pontuais obtidos num determinado período do ano, Semana Santa de 2005 e mês de julho de 2004, respectivamente. Salientamos que essa seqüência não é longa o suficiente para afirmar que dados mencionados correspondem à realidade de maneira segura, tendo assim, um valor apenas aproximativo. Durante a coleta de dados, observamos que não havia registros eficientes quanto à procedência dos turistas – as próprias pousadas e pontos turísticos não se preocupam em saber sua origem – fator que dificultou a coleta das informações, assim como, pode vir, até mesmo a comprometer futuras tentativas de planejamento da própria atividade turística. De qualquer forma, os dados obtidos nesta avaliação preliminar coincidem com o diagnóstico elaborado pelo SEBRAE-MG (2003, p.30), segundo o qual “o visitante de Diamantina é basicamente brasileiro, do sexo masculino (59%), residente em Minas Gerais (78%, dos quais 35% da capital), em faixa etária produtiva (69% entre 26 e 50 anos) e com renda familiar superior a 10 salários mínimos (66%)”.

Nas representações gráficas do movimento de ônibus, de hóspedes de pousadas e de visitantes em pontos turísticos de Diamantina, pode-se observar que, além do nível das relações extra-regionais, a cidade mantém intensas relações com sua região. A análise dos tipos, da evolução e da área de ação dos equipamentos de relações externas instalados em Diamantina, irá aprofundar o conhecimento da estrutura do relacionamento regional da cidade.

A cidade de Diamantina apresenta um número considerável de equipamentos de serviço e de comércio. Para compreender o espaço de ação desses equipamentos, construímos uma matriz que descreve essas relações externas (Tabela 2 ), baseada em metodologia proposta por Amorim Filho (1978). Analisamos a ação de 40 equipamentos – comércio e serviços –, sediados em Diamantina, alguns dos quais resultaram do agrupamento de várias unidades de mesma natureza, como no caso das instituições de ensino superior que aparecem somados em uma só unidade.



Os 40 equipamentos considerados não representam a totalidade dos equipamentos de serviço e comércio com ação externa a partir de Diamantina. Todavia, esse número representa uma amostragem bastante significativa do total. Os equipamentos de relações externas presentes em Diamantina foram agrupados, tendo em vista suas funções, em seis tipos:

*1. Serviços relacionados à infra-estrutura regional:*

DER, COPASA, CEMIG, PSIU, INSS, Correios, Fundo Nacional de Previdência.

*2. Serviços educacionais e de assistência médico-social:*

Delegacia Regional de Ensino, Conservatório de Música, Secretaria de Saúde, Hospital Nossa Senhora da Saúde, Santa Casa de Caridade, SEBRAE, SENAC, Ensino superior.

*3. Serviços administrativos, de fiscalização e de policiamento:*

Polícia Civil, Delegacia Regional de Segurança Pública, Agência de Receita Federal, Ministério do Trabalho, Fórum, Tribunais e Juizado, Cartório Eleitoral, Corpo de Bombeiros, OAB, IBGE.

*4. Serviços e comércio voltados para a zona rural:*

EMATER, IDENE, IEF, ITER/MG, IMA, Administração Fazendária, Associação de Garimpeiros

*5. Comércio:*

Concessionárias de automóveis, CDL, Bancos.

*6. Outros serviços:*

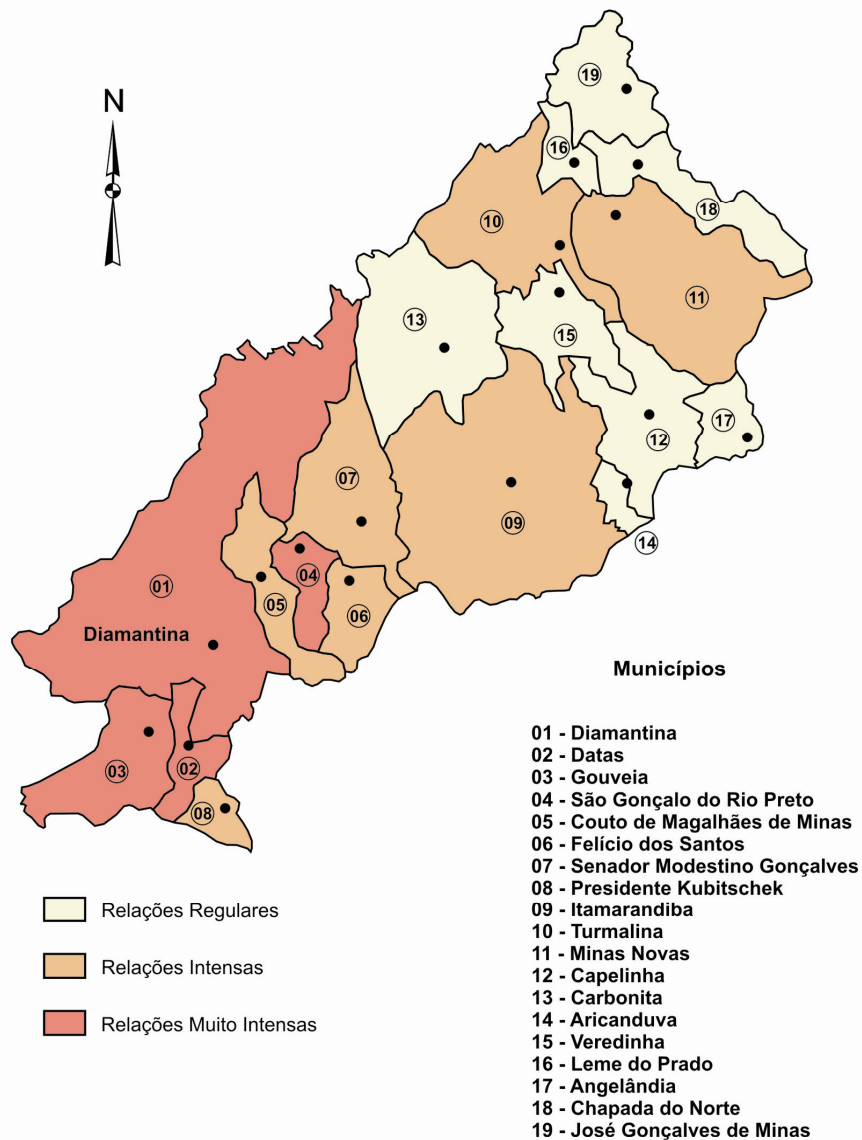
Transmissoras de rádios, Transmissora de televisão, jornais impressos, cobertura de operadoras de celular, Lions Clube, Rotary Clube.

Observa-se que a ação dos equipamentos instalados em Diamantina não se restringe apenas aos seus limites urbanos ou aos do município, ampliando-se, com alcances e intensidades diferentes, aos municípios da região, fator que mostra a importância que ela possui no espaço regional. Chama a atenção o predomínio da atividade educacional e dos serviços de saúde em Diamantina. A presença também de vários equipamentos ligados ao espaço rural enfatiza sua capacidade de exercer ação dinamizadora sobre o espaço rural que a envolve.

Todos os equipamentos listados exercem uma ação extralocal a partir de Diamantina. Essa ação não é homogênea para todos os equipamentos, destacando-se as escolas de nível superior. Observamos que a maior parte dos equipamentos de serviço público considerados têm também sua sede ou centro de comando em Belo Horizonte, o que reforça o poder de polarização desta última sobre a cidade e a região.

Para estabelecer os limites espaciais e demográficos aproximados da atuação dos equipamentos levantados, construímos, a partir da matriz, a representação cartográfica do espaço de relações externas de Diamantina (Mapa 9) e na Tabela 3, apresentamos alguns dados sobre a área e a população das cidades que participam destas relações. Na definição das relações externas, consideramos três níveis de intensidade de relacionamento externo de Diamantina. Os municípios que se colocaram no raio de ação de até 30 equipamentos foram considerados como pertencentes ao espaço de relacionamento muito intenso e constante com Diamantina: Datas, Gouveia e São Gonçalo do Rio Preto. Os municípios que se posicionaram no raio de ação de entre 19 e 27 equipamentos foram considerados como pertencentes ao espaço de relacionamento ainda intenso: Couto de Magalhães de Minas, Felício dos Santos, Senador Modestino Gonçalves, Presidente Kubitschek, Itamarandiba, Turmalina e Minas Novas. Os municípios atingidos por até 5 equipamentos, foram classificados como pertencentes ao espaço de relações regulares com Diamantina: Capelinha, Carbonita, Aricanduva, Veredinha, Leme do Prado, Angelândia, Chapada do Norte e José Gonçalves de Minas. Os municípios não atingidos pelo número mínimo de equipamentos aqui considerado não tiveram seus territórios considerados no espaço de relações externas de Diamantina.

## DIAMANTINA ESPAÇO DE RELAÇÕES EXTERNAS



Escala  
0 11,6 23,2

FONTE: Pesquisa direta / Base: Geominas 1996

ORGANIZAÇÃO: Cláudia Regina Vial Ribeiro.

CARTOGRAFIA: Wagner Barbosa Batella (PPGG-TIE/PUCMINAS, 2006)  
Adaptado de Thiago Guedes de Oliveira / 2004

Mapa 9 - Diamantina: espaço de relações externas

**TABELA 3**  
Espaço de Relações Externas de Diamantina

	Município	Área (km <sup>2</sup> )*	População**	Densidade Demográfica	Pop. Urbana**	Pop. Rural**
	Diamantina	3869,83	44259	11,44	37774	6485
1.	Datas	309,01	5040	16,31	2622	2418
2.	Gouveia	974,93	12004	12,31	7740	4264
3.	São Gonçalo do Rio Preto	313,22	2963	9,46	1724	1239
4.	Couto de Magalhães de Minas	484,05	4007	8,28	3621	386
5.	Felício dos Santos Senador Modestino	358,86	5729	15,96	1944	3785
6.	Gonçalves	948,59	5190	5,47	1454	3736
7.	Presidente Kubitschek	189,55	2951	15,57	1737	1214
8.	Itamarandiba	2736,10	29400	10,75	17717	11683
9.	Turmalina	1153,09	15655	13,58	10158	5497
10.	Minas Novas	1810,77	31134	17,19	7730	23404
11.	Capelinha	965,90	31231	32,33	20066	11165
12.	Carbonita	1454,94	8967	6,16	5562	3405
13.	Aricanduva	243,54	4255	17,47	1060	3195
14.	Veredinha	635,26	5257	8,28	3120	2137
15.	Leme do Prado	281,31	4736	16,84	1541	3195
16.	Angelândia	184,88	7468	40,39	3226	4242
17.	Chapada do Norte José Gonçalves de	827,96	15225	18,39	4863	10362
18.	Minas	382,86	4696	12,27	783	3913

Fonte: \* IBGE

\*\* IBGE - População e Domicílios 2000-2001

\*\*\* IBGE - Produto Interno Bruto dos Municípios 1999-2002

O espaço de relações de Diamantina é composto por 19 municípios de tamanhos e população variáveis. Se o espaço geográfico representado pelas relações externas do Mapa 9 corresponde a um território em que o relacionamento com Diamantina é importante, pode-se supor que os equipamentos com vocação regional a serem instalados na cidade tenham toda a probabilidade de atingir esse espaço, mesmo não sendo com a mesma intensidade. Assim, essa representação espacial esboça um guia de previsões futuras de “políticas locais” de equipamentos com vocação regional, tanto no setor público quanto no setor privado, pois a extensão espacial (18.124,65 km<sup>2</sup>) e o volume demográfico (239.867 habitantes) a serem potencialmente alcançados pela ação destes equipamentos são significativos, como atesta a tabela 4.

**TABELA 4**  
Dados sobre as cidades da área de influência de Diamantina

Níveis de relações	Extensão (Km2)	População Urbana**	População Rural**	Total por nível
Muito intensas	5.466,99	49.860	14.406	64.266
Intensas	7.681,01	44.361	49.405	93.766
Regulares	4.976,65	40.221	41.614	81.835
<i>Totais gerais</i>	18.124,65	134.442	105.425	239.867

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

\*\* IBGE – População e domicílios 2000-2001

O intenso relacionamento entre Diamantina e os municípios de Turmalina e de Minas Novas explica-se pelo fato de eles estarem interligados com acesso asfaltado, enquanto, para Araçuaí, o acesso se faz em pavimentação de terra. Capelinha, Minas Novas e Itamarandiba são os municípios que possuem o maior número de habitantes do espaço de relações de Diamantina, eles mesmos atraindo outros menores. Estes três municípios interligam-se diretamente por asfalto a Diamantina, sugerindo que o desenvolvimento deles origina-se justamente da posição em que se encontravam no secular caminho que interligava Minas a Bahia, por meio do qual o comércio se realizava, conforme mapas 2 e 3.

José Gonçalves de Minas, Leme do Prado e Chapada do Norte situam-se entre Minas Novas e Araçuaí, e provavelmente a esses municípios se dirigem, pois deles estão mais próximos do que de Diamantina.

Carbonita e Veredinha possuem baixa ocupação demográfica. Localizam-se entre Diamantina e Araçuaí, mas pela proximidade de Minas Novas e Capelinha, municípios com maior número de habitantes da área de influência de Diamantina, provavelmente estabelecem com eles contatos mais intensos e constantes. Possivelmente, o mesmo acontece com Aricanduva e Angelândia, ou seja, pela proximidade, estabelecem contatos mais constantes com Minas Novas e Capelinha. Além disso, não podemos desprezar o fato de que Capelinha, Angelândia e Aricanduva não se encontram tão distantes de Teófilo Otoni, sendo talvez por ele polarizadas, o que pode vir também a explicar as relações não tão intensas destes municípios com Diamantina.

Os municípios que se encontram na periferia da área de influência de Diamantina, provavelmente, são polarizados por outros pólos. No sentido norte, possivelmente por Montes Claros, no sentido leste, Teófilo Otoni e Governador Valadares, sul-sudeste, Ipatinga, João Molevade e Belo Horizonte.

A área de influência de Diamantina orienta-se no sentido nordeste, eixo justificado pela presença ao norte-nordeste da Serra do Espinhaço, obstáculo natural que inibe o crescimento dos assentamentos humanos e das redes de transportes. A posição geográfica de Diamantina promove sua autonomia regional, pois estando a nordeste Araçuaí, ao norte, a Serra e a oeste, Curvelo, a importância de sua presença se impõe.

Tendo por base o número de horas necessárias para se atingir Diamantina, de ônibus, a partir das cidades incluídas em seu espaço de relações, a representação espacial apresentada na Fig. 6 mostra os problemas de acessibilidade para municípios como Veredinha, José Gonçalves de Minas e Chapada do Norte, em relação a Diamantina.

Os municípios que fazem parte do espaço de relacionamento de Diamantina possuem apenas o ensino fundamental ou médio, o que atesta a vocação de Diamantina como importante centro educacional, pelo grande número de cursos superiores que oferece. De forma semelhante, a maioria dos municípios não possui muitos equipamentos de saúde, às vezes nenhum, e também por este motivo, a população dessas localidades igualmente se dirige a Diamantina.

## HORAS DE VIAGEM DE ÔNIBUS ENTRE DIAMANTINA E CIDADES DA ÁREA DE INFLUÊNCIA

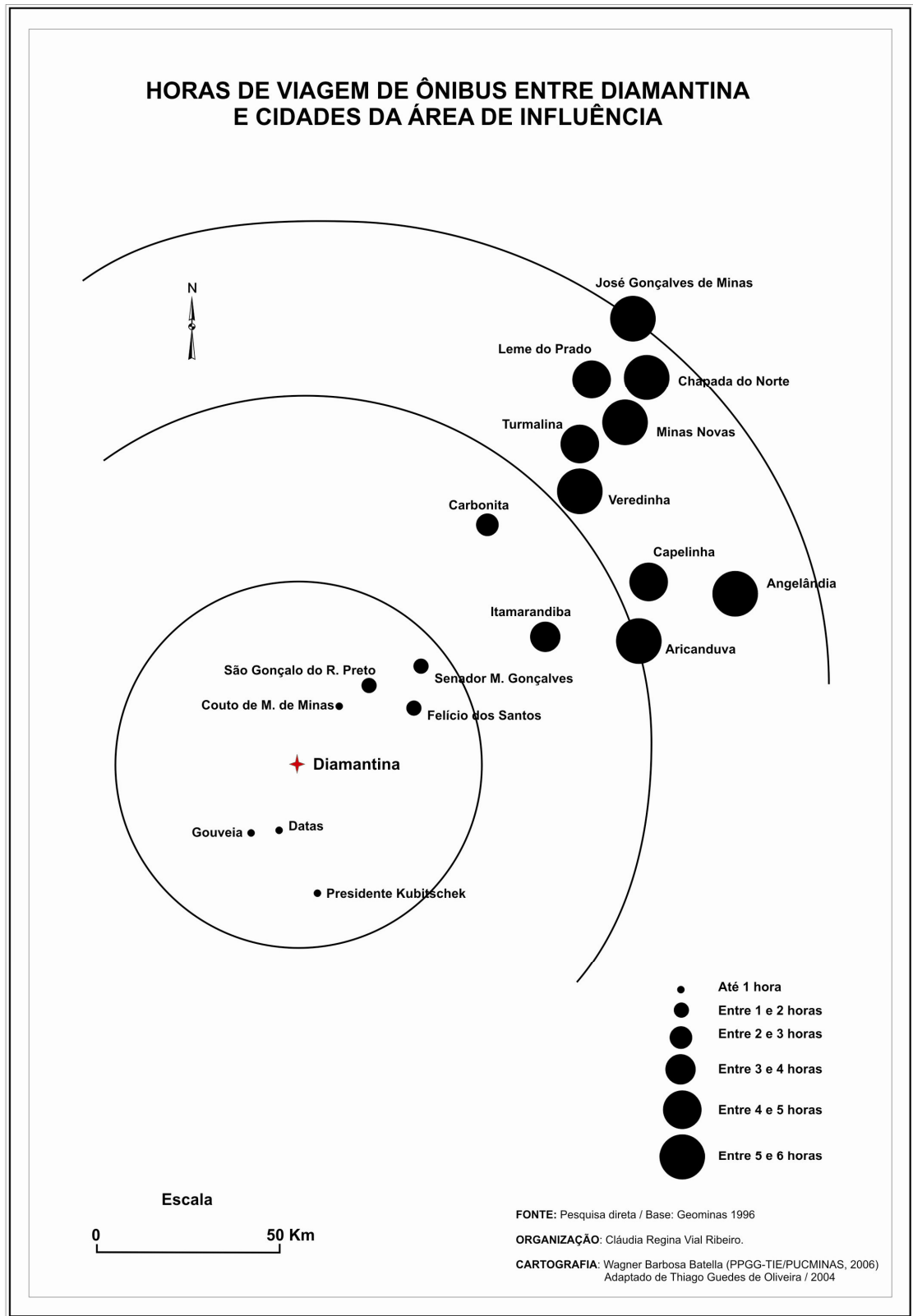


Figura 6 - Horas de viagem de ônibus entre Diamantina e cidades da área de influência

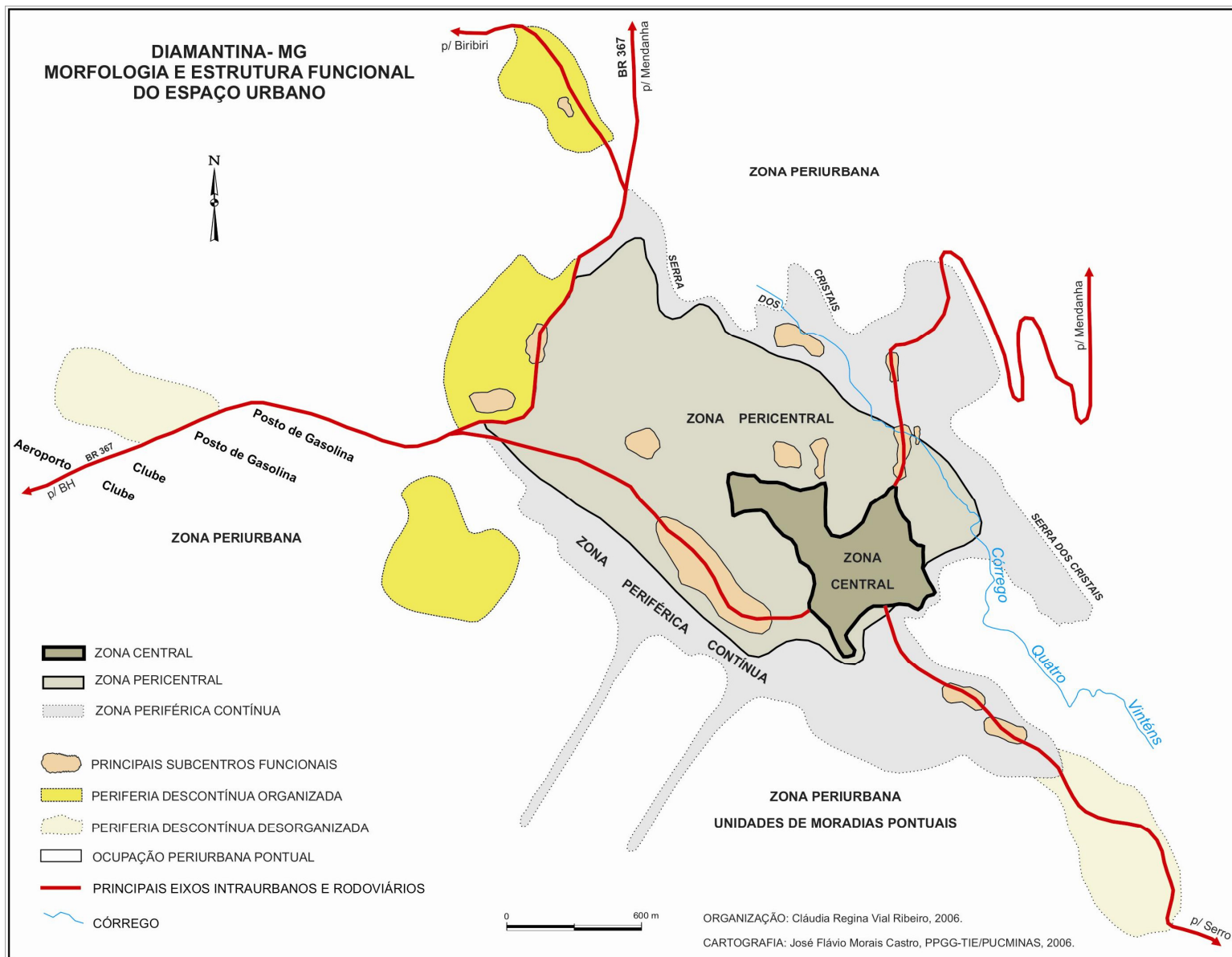
A partir das considerações levantadas neste capítulo sobre alguns aspectos da organização econômica de Diamantina e algumas relações externas que ela estabelece, pode-se dizer que, ao lado de uma polarização regional de comércio e serviços, Diamantina continua a desempenhar também um papel de liderança cultural em toda a região do Alto Jequitinhonha. Chamamos a atenção para o fato de que seu espaço de relacionamento ultrapassa o seu contexto regional e estende-se, graças ao turismo, em nível nacional e também internacional. Como existe, normalmente, uma correlação entre o grau de abertura de um sistema e sua organização estrutural, encontram-se intimamente vinculadas as relações externas de uma cidade e suas características morfológico-estruturais. No próximo capítulo, analisaremos alguns aspectos dessas características de Diamantina, prevendo que apresentarão certa complexidade.

### **2.1.3 O espaço da cidade**

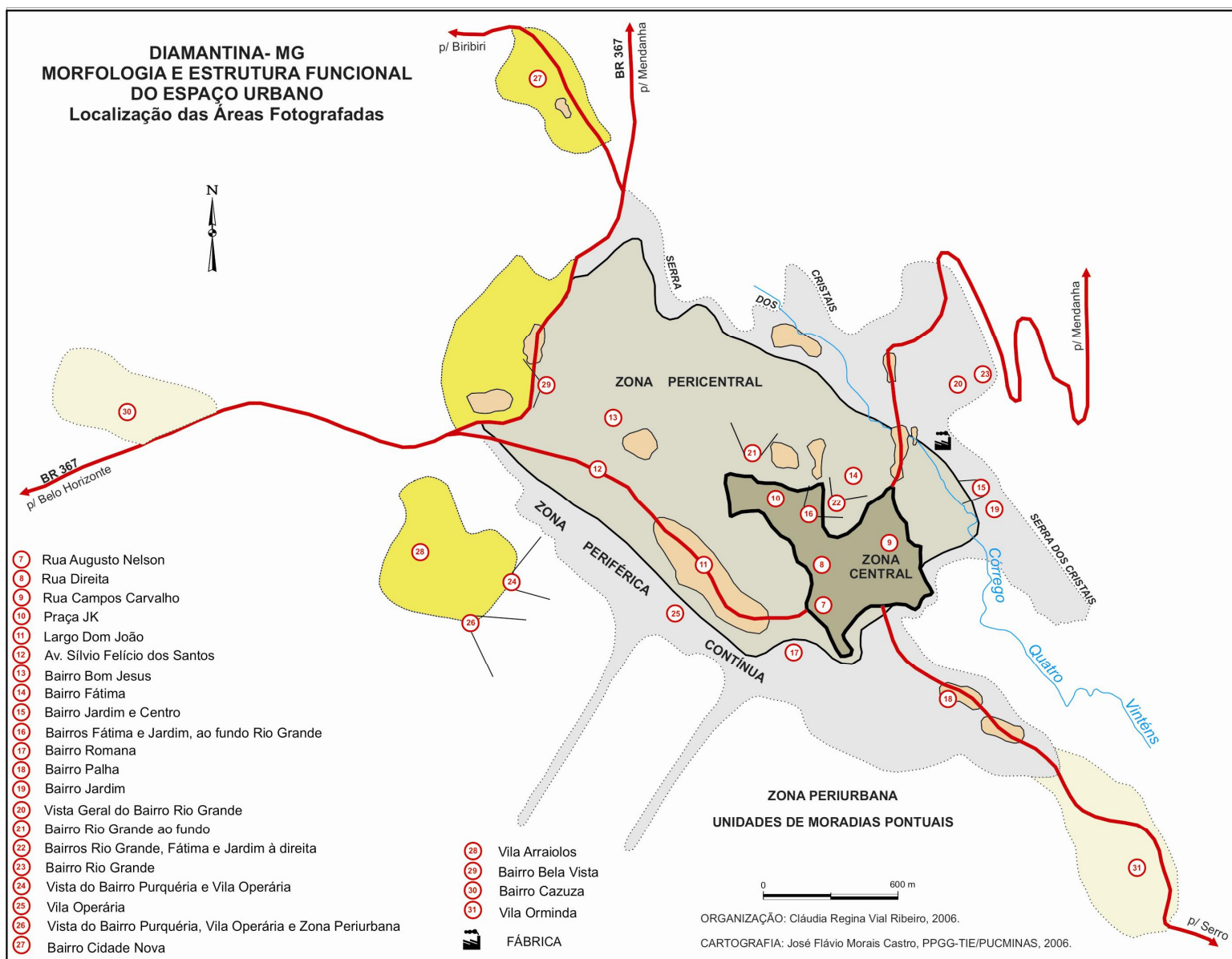
No início dessa segunda parte da tese, apresentamos alguns aspectos da história de Diamantina, realçando os vínculos indissociáveis entre sua origem, sua posição geográfica e seu sítio. Sua posição geográfica foi determinante para o desenvolvimento e, embora tendo alterado sua atividade econômica, Diamantina permanece em lugar de destaque regional, como vimos no capítulo anterior. O sítio condicionou sua configuração urbana, compondo uma fisionomia coesa e singular entre espaço urbano, arquitetura e meio natural. Mas a cidade cresceu e ultrapassou o núcleo original.

Neste capítulo, destacaremos alguns aspectos da atual estrutura morfológica do espaço intra-urbano de Diamantina. Morfologia e estrutura são conceitos muito próximos e, de fato, indissociáveis. A estrutura interna de uma cidade, necessariamente, está vinculada à sua morfologia. A morfologia diz respeito aos aspectos visíveis da realidade das cidades, e a estrutura, à disposição relativa das partes e do todo dos vários espaços que a compõem.

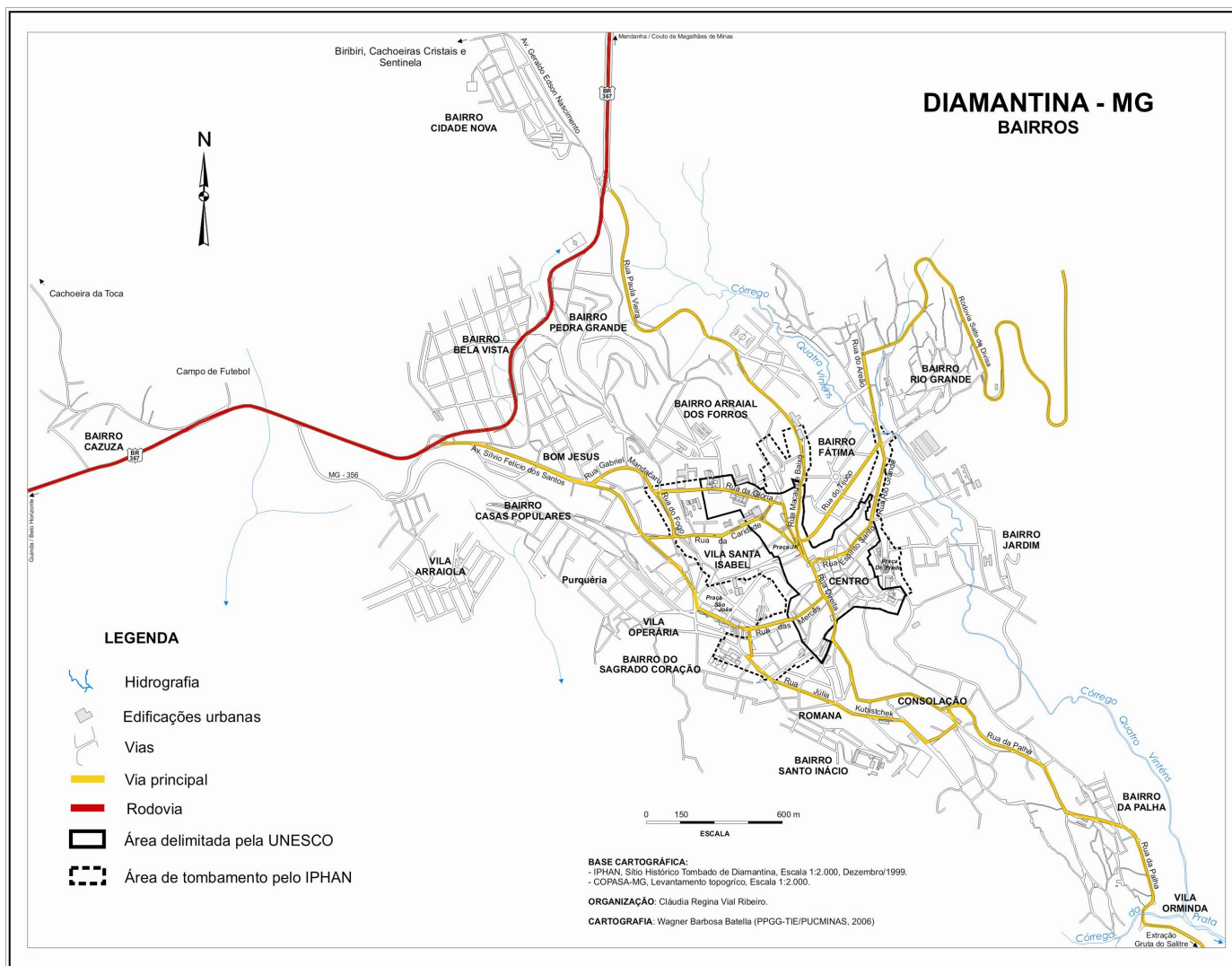
Estamos cientes dos papéis determinantes das políticas públicas, do mercado imobiliário, da legislação urbana e dos agentes envolvidos na dinâmica urbana, em grande parte, responsáveis pela atual estrutura morfológico-urbana de Diamantina. A dinâmica do tecido urbano de Diamantina e sua relação com o sítio definiram divisões morfológico-funcionais que serão analisadas, segundo o modelo teórico proposto por Amorim Filho (1978, 1997, 2005). A estrutura espacial intra-urbana de Diamantina segue, em grandes linhas, tendências observadas nas cidades médias, representada cartograficamente pelo Mapa 10 e ilustrada pelo Mapa 11. A cartografia da cidade permite tornar visível a sua estrutura e as fotos, aqui apresentadas, facilitam a visualização das morfologias resultantes.



Mapa 10 - Diamantina: morfologia e estrutura funcional do espaço urbano



Mapa 11 - Diamantina: morfologia e estrutura funcional do espaço urbano - localização das áreas fotografadas



Mapa 12 - Diamantina: bairros

A área central de Diamantina corresponde ao núcleo funcional tradicional da cidade configurado no século XVIII, tendo o Arraial do Tijuco como ponto convergente dos caminhos que uniam os outros arraiais, como abordamos no contexto histórico. Algumas considerações sobre a singular morfologia deste núcleo original também foram citadas quando, nesse mesmo capítulo, descrevemos algumas características da urbanística orgânica e da arquitetura barroca.

A área central de Diamantina encontra-se bem preservada e é responsável pela projeção turística da cidade e motivo de forte atração nacional e internacional (Fig. 7 a 10). Esta zona configura-se como a “cidade-postal”, concentrando o maior número de monumentos e os principais pontos de interesse turístico (Mapa 6), além de hotéis, pousadas, bares e restaurantes. Aí também se encontram os comércios e serviços pouco frequentes, especialmente os serviços bancários e administrativo-municipais.

Além do fator turístico, a concentração, em área reduzida, de grande número de equipamentos terciários, faz do centro um ponto convergente de pessoas e veículos que constantemente ali circulam. Nessa área, conforme o Mapa 13, predomina o uso não residencial, coexistindo os usos misto, residencial e religioso. A mescla desses usos favorece o constante movimento no local, um dos fatores que promoveu a vitalidade urbana, desde sua origem. Durante a semana, esse movimento é motivado principalmente pelos serviços e atividades comerciais. Segundo Amorim Filho e Sena Filho (2005), em muitas cidades médias, esta área se esvazia nos fins de semana. No caso de Diamantina, o movimento se mantém devido, principalmente, à significativa presença de turistas no local. A posição de ponto de convergência da área central de Diamantina também estimula sua frequente e contínua ocupação, seja por pessoas interessadas em seus serviços, seja por aquelas que por ali passam rumo a outros bairros.

Na área central, também encontramos uma das características apontada por Amorim Filho e Sena Filho (2005), no que diz respeito à presença de sinaleiros luminosos e sinais de trânsito, que buscam ordenar o fluxo de veículos e pessoas. A zona central é formada por um eixo viário principal (Rua Direita), com extensões por ruas e largos adjacentes (Largo da Quitanda, Rua do Carmo, Rua do Amparo), formando uma unidade funcional e paisagística que comanda a maior parte da vida de relações da cidade.



Figura 7: Rua Augusto Nelson.  
No alto à direita, a caixa d'água da Copasa  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004



Figura 8: Rua Direita.  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2006



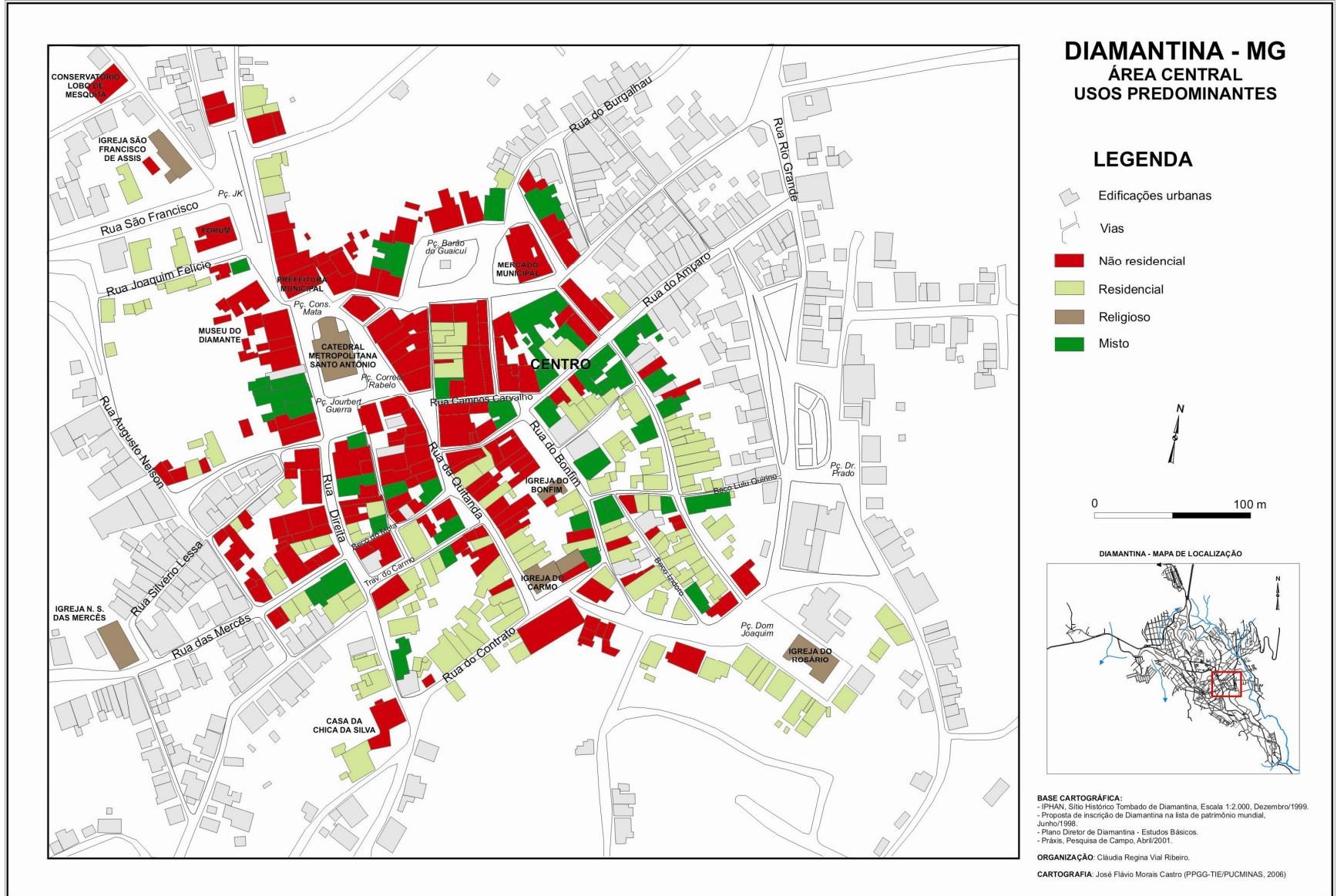
Figura 9: Rua Campos Carvalho  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004



Figura 10: Praça JK  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004

O Plano Diretor de Diamantina<sup>110</sup> delimita o centro histórico de acordo com o limite de tombamento definido pelo IPHAN e o define como Zona de Preservação Rigorosa (ZPR). O Plano inclui como centro histórico de Diamantina a Zona de Preservação Complementar (ZPC), abrangendo parte do bairro Jardim e pequeno trecho próximo à Praça de Esportes (Largo Dom João). Segundo esta diretriz, o tecido urbano e a volumetria das construções desta zona não apresentam grandes contrastes e discrepâncias com relação à ZPR, integrando-se, ao contrário, à imagem urbana do centro histórico.

<sup>110</sup> DIAMANTINA, 1999.



Mapa 13 - Diamantina: área central - usos predominantes

A zona pericentral possui área bastante extensa, abrangendo imediatamente o centro e estendendo-se até encontrar a periferia contínua (Figs. 11 a a 16). Esta área é formada por vários bairros com função predominantemente residencial. A diferenciação morfológica entre os bairros, pelo menos no que diz respeito à habitação, resulta das diferenças socioeconômicas que existem entre os habitantes de cada um dos bairros. Nota-se, na área pericentral, a presença de equipamentos especiais, como hospitais, escolas, estações rodoviárias etc.

Segundo Amorim Filho e Sena Filho (2005), uma das características da zona pericentral é a grande concentração de espaços verdes. No caso de Diamantina, eles estão presentes tanto na área central como na pericentral, frutos da presença de quintais, pátios e pomares, que se configuram como “pulmões verdes” da cidade, herança de sua configuração orgânica, abordada no capítulo 2.1.1, sobre o contexto histórico. A área pericentral apresenta também uma série de subcentros que atendem as necessidades cotidianas da população local. Eles tendem a se formar ao longo dos eixos, de praças de maior movimento e de entroncamentos.

Segundo Amorim Filho (1997), o surgimento e a multiplicação dos subcentros não resultam apenas da dilatação dos espaços pericentrais e periféricos, mas, às vezes, também em razão da distância entre eles e o centro principal. Outro importante fator resulta da especialização funcional do centro principal e dos subcentros. Enquanto o centro principal reúne comércios e serviços pouco comuns, os subcentros pericentrais e periféricos dispõem de comércios e serviços complementares àqueles do centro, com densidades menores e menor alcance geográfico e financeiro. Numa primeira etapa, predomina nos subcentros o comércio de alimentos. Na medida em que a cidade se desenvolve, eles começam a se tornar mais complexos, seja pelo aparecimento de outros tipos de comércio e de serviços, seja por uma especialização voltada não apenas para a população local, mas também para a população de passagem.

A necessidade de criação de novos espaços de moradia, trabalho e circulação traçou diretrizes próprias na expansão urbana da cidade. O núcleo original expandiu-se de forma desordenada. Percebe-se, na área pericentral, a alteração na lógica urbana que guiou o traçado orgânico do centro histórico. A dimensão dos lotes e o modo de implantar os edifícios no terreno foram alterados, assim como novas tipologias foram criadas, por exemplo, vários prédios de apartamentos. Dessa forma, a área pericentral, apesar de contígua ao centro, apresenta, em vários casos, uma morfologia diferenciada, descontínua e sem coesão paisagística, como ilustram as Figs. 11a a 14d.



a)



b)

Figura 11: Largo Dom João  
 a) vista da Estação  
 b) edifícios comerciais  
 c) esquina comercial  
 d) vista do jardim público  
 Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2006



c)



d)



a)



b)



c)

Figura 12: Av. Sílvia Felício dos Santos  
 a) vista da avenida  
 b) trecho comercial da avenida  
 c) instalações comerciais  
 Fonte: Cláudia .R. Vial Ribeiro, 2006



a)

Figura 13: Bairro Bom Jesus

a) interior do bairro

b) prédio no bairro Bom Jesus

Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2006



b)



a)

Figura 14: Bairro Fátima

a) prédios no bairro

b) residências

c) trecho do bairro

d) prédios

Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2006



b)



c)



d)



Figura 15: Bairro Jardim e Centro

Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004



Figura 16: Bairros Fátima e Jardim, ao fundo o Rio Grande

Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004

Esta zona pericentral corresponde, em grande parte, à Zona de Proteção do Centro Histórico (ZPCH) definida pelo Plano Diretor de Diamantina<sup>111</sup>. Segundo este documento, esta zona está

<sup>111</sup> DIAMANTINA, 1999.

*constituída pelas áreas urbanizáveis que envolvem o centro histórico do seu lado mais visível (...). Nesta zona poderão ser aprovadas novas construções, desde que inseridas no tecido urbano existente de acordo com critérios de densidade compatíveis com a infraestrutura urbana e com a imagem da cidade, assim como com os critérios relativos à volumetria das edificações.*

A terceira área que delinea a estrutura da cidade média corresponde à zona periférica que, segundo modelo de Amorim Filho, normalmente assume dois aspectos morfológicos: a periferia contínua (ou em “mancha de óleo”) e a periferia descontínua. O crescimento da periferia contínua ocorre tanto pelo crescimento do tecido urbano em suas bordas, principalmente ao longo das principais vias de penetração da cidade, quanto “pela assimilação de núcleos formados por aglomerados que, no passado, encontravam-se fora desse tecido urbano, embora ligados a ele por rodovias e ferrovias”.

Em Diamantina, notamos a presença da zona periférica contínua na maior parte da área vizinha à zona pericentral. No entanto, devido ao próprio tamanho da cidade, essa passagem é pouco precisa. Muitas vezes, a zona pericentral confunde-se com essa periferia, como ilustram as Figs. 15 e 16, como na passagem do centro ao bairro Romana (Fig. 17) ou do centro ao bairro Jardim (Fig. 19). Neste caso, a serra dos Cristais se impõe como um limite natural. Em alguns casos, essa transição torna-se mais visível, devido aos aspectos das edificações que se tornam mais precárias, como no caso dos bairros Rio Grande, Palha, Bela Vista ou Vila Operária (Figs. 23 a 25). No entanto, a definição de uma área periférica deve-se mais à sua posição de zona limiar na estrutura urbana do que aos seus aspectos morfológicos.



Figura 17: Bairro Romana  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2006



Figura 18: Bairro Palha  
a) rua comercial  
b) trecho do bairro  
c) rua que acessa a Vila Orminda  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2006



b)



c)



a)



b)



Figura 19: Bairro Jardim

- a) vista geral
- b) vista da serra

Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2006

Figura 20: Vista geral bairro Rio Grande  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004



Figura 21: Bairro Rio Grande ao fundo  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004



Figura 22: Rio Grande, Fátima e Jardim à direita  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004



a)



b)



c)

Figura 23: Bairro Rio Grande

- a) residência I
- b) residência II
- c) residência III

Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004



Figura 24: Vista do bairro Purquéria e Vila Operária  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004



Figura 25: Vila Operária  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004



Figura 26: Vista do bairro Purquéria, Vila Operária e zona periurbana com unidades de moradias pontuais  
Fonte: Cláudia R. V. Ribeiro, 2004

Em relação ao crescimento da periferia descontínua, destacam-se duas unidades morfológicas: os bairros resultantes dos loteamentos (unidades ordenadas) e as unidades desorganizadas, muitas vezes denominadas localmente de vilas. As unidades periféricas originadas de loteamentos caracterizam-se pela sua forma geométrica e possuem um nível mínimo de organização, como equipamentos de infra-estrutura básica e lotes de tamanhos mais ou menos uniformes. As vilas, por sua vez, apresentam formas mais variadas em função de sua gênese e de seu sítio, caracterizam-se pela precariedade de suas habitações, construídas em pequenos terrenos, muitas vezes invadidos, e equipamentos mínimos. Normalmente se formam a partir de antigos caminhos rurais, de forma linear ou desenvolvem-se em áreas insalubres de difícil acesso.

Em Diamantina, observam-se áreas periféricas descontínuas organizadas, resultantes de loteamentos, por exemplo, o bairro Cidade Nova. Apesar de ele não se encontrar incorporado fisicamente à malha urbana existente, apresenta equipamentos básicos de infra-estrutura urbana, igreja e lotes de tamanhos mais ou menos regulares (Fig. 27). A Vila Arraiolo configura-se também como exemplo de periferia descontínua organizada, fruto de loteamento (Fig. 28). Porém, diferente da Cidade Nova, não possui subcentro, e sua população apresenta maior poder aquisitivo. Nela está situado um dos condomínios residenciais de Diamantina, cujo acesso está ilustrado na Fig.28b. O Bairro

Bela Vista resultou de loteamento em antiga área de parreiral. Apesar dessa característica, de uma certa forma encontra-se mais bem integrado à malha urbana da cidade, usufruindo também dos serviços e comércios que se encontram ao longo do eixo viário, continuação da BR 367, e dos bairros adjacentes, como Bom Jesus e mesmo o Largo D. João.



Figura 27: Bairro Cidade Nova  
Fonte: Cláudia R. V. Ribeiro, 2006.



Figura 28: Vila Arraiolos  
a) vista geral  
b) acesso e muro do condomínio  
Fonte: Cláudia R. V. Ribeiro, 2006



Figura 29: Bairro Bela Vista  
a) vista geral  
b) rua da Abolição  
Fonte: Cláudia R. V. Ribeiro, 2004



As unidades periféricas descontínuas mal-organizadas, como o bairro Cazusa e a Vila Maria Orminda (Figs. 30 e 31), diferem fisionomicamente das favelas, mas apresentam ocupação esparsa, construções muito precárias e população com dificuldades de se integrar aos circuitos formais que estruturam a vida de relações da cidade.

O Plano Diretor de Diamantina<sup>112</sup> define uma Zona de Urbanização Prioritária (ZUP) que abrange a Vila Orminda, a Vila Arraiolos, parte do bairro Bela Vista e ocupação ao longo do eixo rodoviário Belo Horizonte-Diamantina. Segundo o Plano, a ZUP “abrange as diversas áreas descontínuas, de urbanização precária, nas periferias do tecido urbano”.

<sup>112</sup> DIAMANTINA, 1999.



Figura 30: Bairro Cazuzza  
Fonte: Cláudia R. V. Ribeiro, 2004.



Figura 31: Vila Orminda  
a) via de acesso à Extração  
b) vista geral  
c) vista da ponte  
Fonte: Cláudia R. V. Ribeiro, 2006



b)



c)

Uma auréola periurbana envolve a periferia, última zona geográfica com a presença de certos equipamentos que apresentam características urbanas e que aparecem de modo disperso. Estes espaços periurbanos continuam a ter paisagens e atividades predominantemente rurais, o que faz desta zona uma área de transição entre o urbano e o rural, até que comecem a aparecer os sinais que indicam a presença da zona periurbana de uma outra cidade.

Em direção a Mendanha, implantou-se recentemente o campus universitário, sinalizando possível crescimento da cidade nessa direção. Em direção a Belo Horizonte, nota-se a presença de clubes (Campestre e ABB), casas de campo e aeroporto. Neste eixo, nota-se uma tendência de ocupação comercial e de serviços, com a presença de postos de gasolina, concessionárias de veículos, mecânicas e lojas de peças automobilísticas. Próximo aos clubes, recentemente foi aberto um loteamento residencial (Vale dos

Diamantes), firmando a tendência de crescimento da cidade nesta direção. Tanto este eixo, como aquele em direção a Medanha, configuram-se como os principais vetores de crescimento da cidade, apontando o rumo futuro de suas transformações.

Podemos observar que o sítio de Diamantina também se impõe na estrutura e morfologia da cidade, especialmente ilustrado pela Serra dos Cristais, obstáculo natural que inibe o crescimento da cidade nesta direção, conforme as Figs. 1, 21 e 22. O núcleo original alcançou a cumeada da encosta por ele ocupada e também se expandiu em direção à Serra dos Cristais. Mas, principalmente a partir da década de 70, o vetor de crescimento da cidade dirigiu-se em sentido oposto à serra, dando início à urbanização da outra encosta, em direção ao córrego do Prata, onde se localizam os bairros Vila Operária, Purquéria etc. (Fig. 25). Nesta direção, observa-se também a presença de uma ocupação periurbana pontual, situada entre a zona periférica e a zona rural. Corresponde a edificações espaçadas e descontínuas que “pontuam” o espaço, sinalizando a direção de futuras ocupações, como indica a Fig. 27.

Em Diamantina, os bairros pericentrais e periféricos possuem infra-estrutura básica como água e luz<sup>113</sup>, mas todo o esgoto é jogado no Rio Grande (córrego dos Quatro Vinténs), que deságua no Rio Jequitinhonha. Observa-se nas áreas periféricas ausência de qualidade urbanística e arquitetônica. Além disso, a ruptura com os padrões urbanísticos da área central torna-se mais evidente, como pode-se observar nas Figs. 24 a 26.

De modo semelhante à zona central, a maioria das áreas periféricas da cidade, também cresceu de forma espontânea, organicamente. No entanto, convém distinguir as circunstâncias da construção do centro histórico do contexto das atuais áreas periféricas. No primeiro, a configuração orgânica urbana era regra geral, compartilhada e praticada pelo conjunto da população<sup>114</sup>. A periferia atual experimenta diferentes graus de exclusão no mercado de trabalho, de consumo, imobiliário etc. de grande parte da população da cidade<sup>115</sup>, deixando de ter, portanto, o aspecto positivo do crescimento orgânico que originou Diamantina. Assim, as unidades periféricas representam um dos principais desafios para os administradores e planejadores locais e regionais. Sua presença demonstra que a grande capacidade de atração demográfica da cidade não é acompanhada pela capacidade equivalente de ordenação de crescimento e investimentos básicos nessas áreas.

<sup>113</sup> Segundo o SEBRAE-MG (2003), 97% da área urbana da cidade é coberto pela CEMIG, 99% da área urbana é abastecida pela COPASA e 78% da área urbana possui esgotamento sanitário.

<sup>114</sup> Como descrevemos no capítulo 2.1.1. O contexto histórico.

<sup>115</sup> COSTA, H.C.; BAPTISTA, M.E. *A arquitetura silenciosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p. 263-295. *apud* CASTRIOTA, 1998.

No próximo capítulo, apresentaremos algumas observações registradas nas visitas de campo realizadas na cidade de Diamantina.

#### **2.1.4 Observações sobre alguns aspectos urbanos do centro histórico**

Entre os geógrafos, a prática dos trabalhos de campo à pé existe desde os primórdios da atividade geográfica. Segundo Fremont (1980), na investigação do espaço vivido, o pesquisador apresenta-se como um explorador. Para ele, a palavra e o olhar constituem os primeiros meios do conhecimento, retomando a prática geográfica da relação direta com a vida e seus espaços. Pela palavra, entramos em contato direto com os habitantes. Observamos a paisagem e realizamos longas caminhadas a pé. Assim, colocamo-nos em campo como exploradores, percorrendo o centro de Diamantina com passos lentos como os de um *flâneur*<sup>116</sup>. Como vimos na Parte 1 desta tese, o caminhar a pé estabelece uma relação íntima com o tempo e o espaço, multiplicando as possibilidades de enquadramentos visuais da paisagem, fator que contribui tanto para o nosso enriquecimento perceptivo<sup>117</sup>, como para um conhecimento mais estreito com o lugar. Esse modo lento e atento de apreender a cidade, também é sugerido por Cullen (1971), pois, segundo ele, o ritmo dos passos do pedestre consegue captar ângulos, texturas e perspectivas difíceis de serem apreendidas de outra forma.

Assim, neste capítulo apresentaremos um relato condensado dos trabalhos de campo realizados pela autora em Diamantina, colocando em relevo alguns aspectos espaciais do centro histórico da cidade, que consideramos importantes na noção do espaço-vivo.

---

<sup>116</sup> Andarilho que percorre a cidade a esmo e a pé usando a lentidão do passear como meio para usufruí-la (FERRARA, 2000, p. 121).

<sup>117</sup> CULLEN (1983).

#### 2.1.4.1 Algumas considerações sobre a paisagem observada



Figura 32: Vista da Serra dos Cristais, a partir da rua das Mercês.  
Fonte: Cláudia R. V. Ribeiro, 2004

O sítio peculiar confere à Diamantina sua fisionomia única. Onipresente, ele se impõe de diversas maneiras. A Serra dos Cristais marca imperiosa presença, fornecendo uma sensação de proteção e de estabilidade (Fig. 33, croqui a). Pano de fundo natural do espaço urbano, a serra adquire várias tonalidades conforme os diferentes momentos do dia e das estações. A luz natural, ao bater sobre ela, reflete-se sobre a cidade, causando a impressão de, a cada momento, “surgir uma nova serra”. Essa luminosidade de cores mutantes, refletida pela serra, altera constantemente as tonalidades da cidade, possibilitando gerar distintos estados de ânimo (Fig. 33, croqui b). A Serra dos Cristais delimita, provisoriamente, o campo visual em direção norte-noroeste, mas não o fecha ou confina. Ele se abre rumo ao Pico do Itambé, conduzindo o olhar das pessoas na direção desse horizonte aberto, sugerindo as experiências de expansão e de imensidão (Fig. 33, croqui c).

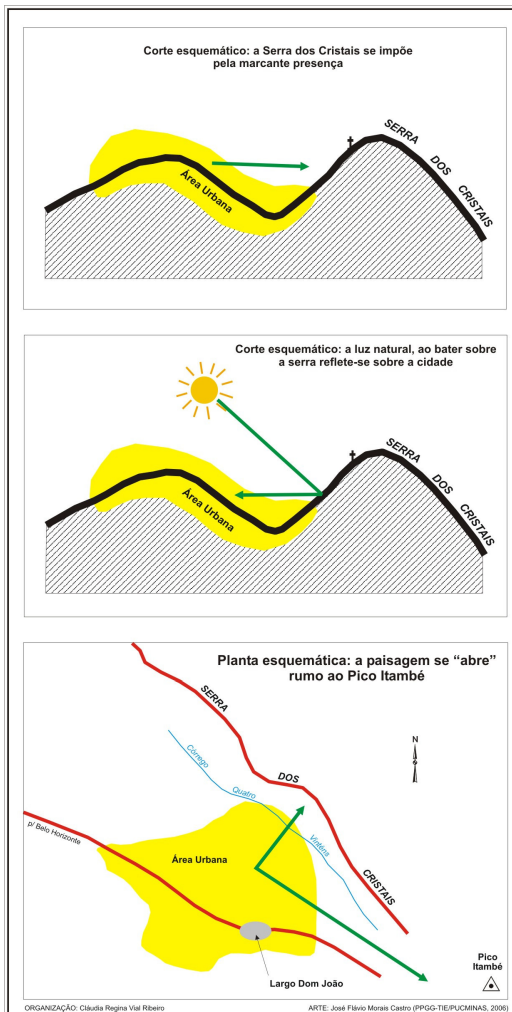


Figura 33: Croquis da Serra dos Cristais

a) Corte esquemático: a Serra se impõe pela marcante presença

b) Corte esquemático: a luz natural, ao bater sobre a Serra, reflete-se sobre a cidade

c) Planta esquemática: a paisagem se "abre" rumo ao Pico Itambé

Fonte: Organização: Cláudia R. Vial Ribeiro.

Arte: José Flávio Morais Castro. TIE, PucMinas, 2006

O traçado urbano da área central gera espaços contrastantes. Irregulares, as ruas se alargam, se "abrem" em largos e se estreitam em becos, promovendo a riqueza perceptiva do percurso (Mapa 5). A configuração espacial desses vazios também se encontra determinada pela disposição das edificações contínuas entre si e dispostas rente ao passeio. As fachadas dos edifícios alinhadas nas ruas configuram-se como "muros internos", que fornecem uma sensação de proteção física, favorecida também pela escala das edificações, que se relaciona com a escala das pessoas de modo harmonioso. A proporção, tanto dos

edifícios como das praças e largos, confere uma dimensão “humana”, ou seja, nada é imenso ou estreito demais.

O sistema de desembocadura das ruas, largos e praças, assim como a interseção entre elas, promove um efeito de “fechamento” do espaço, retendo a possibilidade de “fuga” de suas perspectivas (Fig.34). Essa característica contribui para a coesão visual da imagem urbana e para a sensação de “aconchego” ao se percorrer a cidade, como se ela oferecesse múltiplos e diferenciados “recintos a céu aberto”.



Figura 34: Sistema de desembocadura das ruas no centro histórico  
a) Praça Jourbert Guerra em direção ao largo da Quitanda  
b) rua do Carmo  
c) rua Macau de Cima em direção à Praça JK.

Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004

Nos espaços entre os edifícios, vislumbramos “fragmentos” da paisagem natural, que possibilitam à visão se prolongar para além dos limites urbanos da cidade. Estas pequenas e múltiplas “frestas” enriquecem a experiência espacial, ao oferecer renovados percursos cotidianos.

Portanto, metaforicamente, podemos dizer que Diamantina se “abre” geograficamente pela sua posição estratégica, estendendo-se a caminhos que conduzem a outras cidades. Ela se “abre” arquitetonicamente “entre frestas” e urbanisticamente “entre” largos, para, ao mesmo tempo, também neles se “fechar”. Ora contraindo-se, abrindo-se e fechando-se novamente, em ritmos alternados. Dessa forma, os percursos diários são enriquecidos por uma rica variedade espacial, oferecendo-nos uma intensa e diferenciada experiência sensorial e perceptiva. Assim, em Diamantina, as paisagens natural e construída se encontram indissociáveis, enriquecendo-se mutuamente. Os atributos espaciais da paisagem contribuem para as sensações de proteção/aconchego e de

abertura/expansão, determinando um estado de ânimo que se transforma em uma expansão ou abertura interior, sugerindo, também, o nosso desejo de expansão e de crescimento.

#### 2.1.4.2 A relação dos habitantes com o lugar



Figura 35: Cenas do cotidiano na praça Conselheiro da Mata  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004

Em Diamantina, a maioria das pessoas desloca-se a pé, por hábito, pela pouca distância entre os lugares e pela escassez de estacionamento na área central. Como as calçadas são estreitas, as pessoas costumam se locomover no meio das ruas, apropriando-se delas (Fig. 35). Por esse motivo, os veículos passam devagar, submetidos à primazia do pedestre<sup>118</sup>, e devido também à irregularidade do calçamento e à estreita largura das ruas e becos. A escala reduzida da cidade e, conseqüentemente, a existência de um número limitado de veículos, favorecem uma convivência pacífica entre estes e os pedestres, permitindo que as ruas, além de lugares de circulação, também se transformem em espaços de convívio das pessoas<sup>119</sup>.

<sup>118</sup> Um das diretrizes contemporâneas para as cidades do século XXI baseia-se na mobilidade urbana, cujo foco assenta-se na prioridade do pedestre, de tal forma que seja incentivado a criar nos espaços da cidade uma rede contínua de circulação livre e desimpedida, na qual as pessoas possam ir e vir, sem nenhum obstáculo.

<sup>119</sup> Segundo CAMPOS FILHO (2003, p. 32), com até três veículos por minuto, há convivência pacífica entre veículos e pedestres. “Aumentando para a faixa de três a oito veículos por minuto, o nível de perturbação piora, mas se mantém tolerável. Mas, quando o seu número aumenta para mais de oito por minuto, ou seja, um veículo a cada 7 ou 8 segundos, entra-se na faixa de um nível ambiental da rua muito desagradável e os cidadãos abandonam as ruas como espaço de convívio e se isolam dentro dos lotes e suas edificações, criando barreiras protetoras entre o espaço público degradado e o espaço privado, resguardado”. Em Diamantina, em determinados horários do dia, estes índices variam, mas, de qualquer forma, na maior parte do tempo, predomina a convivência pacífica entre veículos e pedestres. Além disso, é restrita a circulação de veículos de carga com peso bruto superior a sete toneladas, na área central da cidade.

Diferente dos fins de semana ou de épocas festivas os turistas são predominantes no centro da cidade. Porém, durante os dias de semana, percebe-se a presença de muitas pessoas que moram na região, especialmente da área rural, que para ali se dirigem, a fim de utilizar serviços ou vender seus produtos.

De um modo geral, a configuração espacial da cidade oferece às pessoas pequenos locais de “descanso”, onde elas podem retomar o fôlego da caminhada, contemplar a paisagem ou conversar (Fig.36). Por exemplo, as calçadas não funcionam apenas como locais de passagem ou circulação, mas, muitas vezes, também como “lugares-de-estar”, onde as pessoas costumam se sentar para descansar. Além delas, bancos, degraus de escadas, meio-fios, soleiras, reentrâncias e muretas são utilizados como assentos ou encostos. Distribuídos pela cidade, configuram-se como microlugares que, rapidamente, se formam e se desfazem, efêmeros, hospedando as pessoas e convidando-as, a cada dia, a inverter os usos predeterminados, reinventando novas maneiras de se apropriar dos espaços públicos da cidade.



Figura 36: Cenas do cotidiano no centro histórico  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004

Algumas ruas são interligadas por passagens de pedestres (Figs. 37 e 38), cuja configuração física enriquece o percurso, oferecendo amplo panorama da paisagem e “locais de estar”, com a presença de bancos.



a)

Figura 37: Passagem rua São Francisco

a) trecho da passagem

b) ponto mais alto

Fonte: C.R.V.Ribeiro, 2006



b)



Figura 38: Passagem rua Macau do Meio

Fonte: C.R.V.Ribeiro, 2004

Notamos que a configuração dos espaços públicos da cidade permite tanto que as experiências sinestésicas das pessoas sejam intensificadas, quanto como a sociabilidade seja possível. Os espaços da cidade hospedam as pessoas, oferecendo-lhes oportunidades de usos diversos, de encontro e contemplação (Figs. 36 a 38 ). E é na vivência coletiva e cotidiana, nestes hospitaleiros espaços, que os lugares vão adquirindo a significação de um espaço-vivo



Fig. 39: Apresentação de banda  
Fonte: C.R. V. Ribeiro, 2004



Figura 40: As “Pastorinhas”  
Fonte: C.R. V. Ribeiro, 2004



Figura 41: Café no Beco  
Fonte: C.R. V. Ribeiro, 2004

Em relação à paisagem sonora, em algumas visitas, notamos o sinal da fábrica de tecidos algumas vezes ao dia. Constatamos também muitas experiências vinculadas à música acontecendo nos espaços públicos da cidade: Folia de Reis, violeiros, bandas,

pessoas cantando e tocando nas ruas, igrejas, bares, largos e becos. Por exemplo, inesperadamente, num dia de semana comum, uma banda encerra o ano letivo municipal, tocando em frente ao prédio da Prefeitura (Fig. 39). Em algumas noites, os ensaios da Banda Euterpe, no Beco do Motta, agregam pessoas que ali param para escutá-la. Em outro momento, deparamos, casualmente, com um grupo de meninas andando e cantando pelas ruas. Domingo pela manhã, a maioria do comércio fechado e no Beco da Tecla<sup>120</sup> acontecem apresentações de grupos de serestas e das “Pastorinhas<sup>121</sup>”, atraindo tanto os turistas como a população local (Figs. 40 e 41 ). Em outro momento, no Mercado Velho, um grupo de “Folia de Reis” atrai a atenção das pessoas. Certa noite, alguns habitantes da cidade, de várias faixas etárias se reúnem no largo da Quitanda, para se encontrar e conversar, muitas vezes, ao som de uma banda. Em função da atividade musical, esses acontecimentos vivificam, por momentos, os lugares.

Como vimos na parte 1 desta tese, um espaço-vivo é mutável conforme as circunstâncias. Assim, ele situa-se em limiares muito tênues, com a possibilidade sempre presente de, a qualquer momento, poder desvitalizar-se. A seguir, apresentaremos algumas destas circunstâncias observadas em campo.

#### 2.1.4.3 A hibridação dos espaços-vivos e não vivos



Figura 42: Evento da Tropeiragem no Mercado Velho  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004

<sup>120</sup> Aos domingos, acontece o “Café no Beco” no Beco da Tecla. Trata-se de um evento organizado pelos comerciantes locais que convidam alguns músicos para se apresentarem.

<sup>121</sup> Grupo de meninas que cantam e dançam em locais públicos, ao som do acordeom de D. Ambrosina Dias da Cruz (89 anos) que, há 60 anos, voluntariamente, arrecada recursos para a Igreja Nossa Senhora da Consolação, nessas apresentações musicais.

Em algumas noites de *Vesperata*<sup>122</sup>, o espaço público do Largo da Quitanda é privatizado. Um cordão de isolamento separa as mesas e as cadeiras do público pagante, em sua maioria turistas que aplaudem bandas locais tocando *New York, New York!* Em outras ocasiões, o Largo da Quitanda também é “invadido” pelos sons altíssimos dos alto-falantes dos carros em frente aos bares, próximo à Catedral. O som metálico produz uma “não-música” que ruidosamente “penetra” o centro da cidade. Em várias visitas, notamos também carros circulando pela cidade, com grandes caixas de som que anunciam estabelecimentos comerciais.

O espaço do Mercado Velho, onde se celebrava o ritual das trocas mercantis e pessoais, antigo local público de encontro por excelência da cidade, hoje destituído das pessoas que lhe conferiam sentido (a população local e os tropeiros), “pousa” numa saudosa recordação afixada em postais, vendidos em lojas de *souvenirs*, com indisfarçável nostalgia e um sentimento da perda de certa qualidade (irrecuperável) de vitalidade. A manifestação de sua tradição viva de encontro, metaforicamente, coexiste com a sua representação artificializada para ser consumida.



Figura 43: Postal do Mercado Velho com tropeiros, no ano de 1982.

Fonte: VASCONCELOS, 2004

Hoje, na maioria das vezes, o mercado possui sentido de exibição pública, cenário e vitrine para a pose de turistas. Presenciamos alguns acontecimentos que confirmaram essa postura. Por exemplo, o evento “Tropeiragem”<sup>123</sup> tentou remontar, de forma literal, o

<sup>122</sup> Evento musical realizado durante alguns sábados do ano, no qual a Banda Mirim e a do Batalhão Militar se apresentam nas sacadas dos prédios em volta do Largo da Quitanda.

<sup>123</sup> Um dos produtos turísticos lançados em Diamantina, entre 08 a 12 outubro de 2004, no evento “Diamantina Sempre Viva no jeito de ser de seu povo”, realizado pela Associação Diamantina Sempre Viva, SEBRAE, Instituto de Hospitalidade, Instituto Estrada Real, Sistema Fiemg e Governo do Estado

cenário dos velhos tempos dos tropeiros. Tal qual um teatro, burrinhos enfeitavam a cena, e os músicos das serestas foram convocados: *Vocês tocam lá, se tiver coisas de tropeiro em casa, levam pra decorar, pra enfeitar, vai ser raiz, autêntica cultura local!* (informação oral)<sup>124</sup>.

Dentro dessa mesma programação, a Praça do Mercado também foi palco da apresentação do lançamento do filme *Vida de menina* (2004)<sup>125</sup>. Neste instante, ele recuperou seu sentido público e comunitário, pois a maior parte da praça foi mantida como espaço coletivo apropriado pela população, apesar de uma parte ter sido parcialmente isolada com um cordão para acesso exclusivo de um público pagante.

Em várias noites de sexta-feira, a Prefeitura costuma contratar grupos de serestas para fazer apresentações tocando pelas ruas, partindo do Mercado Velho rumo à Praça JK. Nessas ocasiões, a maioria das pessoas que acompanha o grupo normalmente é composta por turistas. Inesperadamente, o grupo desistiu de concluir o trajeto programado pela Prefeitura pelo fato de ter poucas pessoas acompanhando. Esse fato causou um estranhamento, pois a expectativa era de que a seresta fosse uma tradição viva compartilhada pela comunidade, e não encenada apenas para pessoas de fora assistir, sem a participação dos habitantes. Esse fato nos sugeriu a coexistência da “seresta–show”, produto turístico encenado no centro histórico e a “seresta–tradição viva”, que acontece, de forma espontânea, em outros contextos (não necessariamente no centro histórico), como nos bairros, nas localidades adjacentes, por ocasião de festas de aniversário, casamentos, batizados etc.

No Mercado Velho, sábado pela manhã, acontece uma feira onde se comercializam produtos artesanais, verduras, frutas, comidas e bebidas em geral, atraindo turistas e habitantes que se reencontram com conhecidos para conversar. Som ao vivo ou mecânico em alto volume, dificultando a conversação; presença de crianças pedintes, denunciando os problemas sociais; muitos bares dentro e do lado de fora do Mercado. Nesse momento, o vazio da praça é obturado pelo grande número de carros que ali estacionam, reduzindo a sensação de espacialidade que aquele espaço produz e o valoriza. A presença programada

---

de Minas Gerais. Trata-se da remontagem do espaço do Mercado Velho tentando recuperar sua imagem dos tempos dos tropeiros.

<sup>124</sup> Trecho da fala de transeunte anônimo, ouvida ao acaso pela autora, em 2004.

<sup>125</sup> Filme baseado no livro de Helena Morley, *Minha vida de menina* foi publicado em 1942 e reeditado várias vezes.

de alguns burrinhos tenta, artificialmente, tornar presente vestígios de um passado que não existe mais.



Figura 44: Feira no Mercado Velho – manhã de sábado  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004

As igrejas são palcos de eventos públicos significativos que congregam a população, responsável pela continuidade viva das tradições religiosas, através da participação na realização das festas, rituais e missas cotidianas. Na programação da “Tropeiragem”, formatou-se um produto turístico em forma de “Missa Gregoriana”<sup>126</sup>, encenada no interior da Igreja de Nossa Senhora do Carmo. O espaço público da igreja foi privatizado, e o acesso restrito apenas às pessoas que pagaram o ingresso. Divulgada como uma missa e realizada, de fato, como um *show*, este evento não contribuiu para manter viva uma memória compartilhada coletivamente. Ao contrário, além de privatizar o que é público, tentou “vivenciar uma musicalidade” não mais compartilhada pela população.

Observamos também, no centro da cidade, a presença de algumas câmeras de vigilância, discretamente posicionadas para manter a “segurança” e o controle das pessoas no espaço público. Notamos também, dentro do centro urbano de Diamantina, a presença de alguns condomínios fechados, sugerindo-nos a coexistência de um modo de pensar individualista orientado pelo temor do outro e espacializado pelo medo da rua (Figs. 59 e 60). Normalmente, o parâmetro de condomínio, pauta-se principalmente na recusa e afastamento da esfera pública, materializado pela ruptura das permeabilidades físicas e visuais entre espaços públicos e privados. Este modelo contemporâneo de morar – e, conseqüentemente, de conceber a cidade –, se disseminado, pode alterar o conjunto urbano,

<sup>126</sup> Além da Tropeiragem, a Missa Gregoriana foi também um dos produtos turísticos lançados em Diamantina, realizado de 08 a 12 outubro de 2004, no evento “Diamantina Sempre Viva no jeito de ser de seu povo”, realizado pela Associação Diamantina Sempre Viva, SEBRAE, Instituto de Hospitalidade, Instituto Estrada Real, Sistema Fiemg e Governo do Estado de Minas Gerais. Trata-se de uma “missa” pautada por cânticos gregorianos.

e principalmente, enfraquecer o senso de participação coletiva existente que a atual configuração urbana propicia.

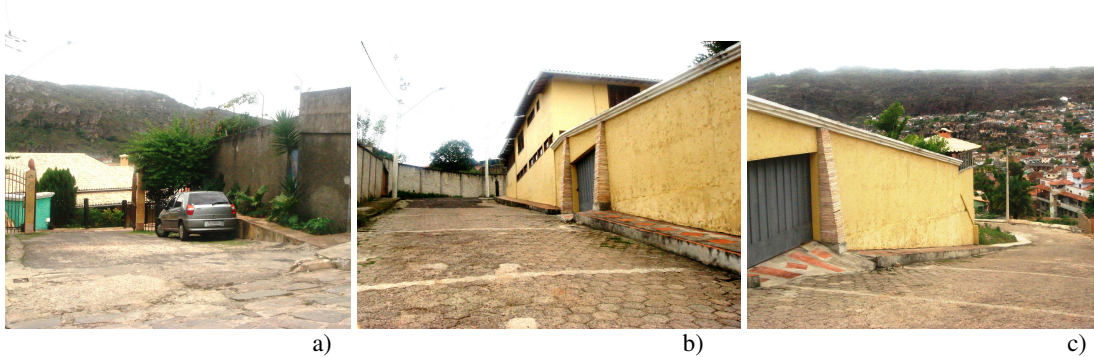


Figura 45: Condomínio Rua Macau de Baixo

- a) acesso
- b) interior do condomínio
- c) muro de uma residência

Fonte: Cláudia R.Vial Ribeiro, 2006



Figura 46: Residencial Juca Neves

- a) vista da rua
- b) muro do condomínio

Fonte: Cláudia R.Vial Ribeiro, 2006

Paradoxalmente, a presença múltipla e simultânea de espaços-vivos e não vivos também configura-se como sinal de dinamismo de uma cidade, ou seja, significa que ela não está mumificada e congelada. Pensamos que o importante está em discernir quais valores estão orientando as concepções espaciais, ou seja, em que grau elas estão contribuindo para melhorar a convivência e fortalecer a confiança entre as pessoas. Acreditamos que diferenciar e optar pelos valores que orientam um espaço-vivo, podem ajudar a construção de uma cidade mais humana e relações mais solidárias e participativas entre as pessoas.

Resumindo estes quatro últimos capítulos, apresentamos a cidade de Diamantina, contexto no qual investigaremos a noção de espaço-vivo que estamos desenvolvendo nesta

tese. Focamos a área central, fonte de sua origem e história, seus atributos espaciais geográficos, urbanos e arquitetônicos. Apresentamos os espaços de relações que a cidade hoje estabelece, mantendo vigorosa e atualizada sua vocação polarizadora. Discorreremos sobre a estrutura e a morfologia atual, capaz de esboçar direções futuras de sua expansão e crescimento. Relatamos algumas observações sobre o espaço urbano da área central, do ponto de vista de quem percorre a pé o centro histórico, realçando algumas perspectivas, enquadramentos e acontecimentos.

Na próxima parte da tese, apresentaremos a cidade de Diamantina do ponto de vista dos músicos, buscando compreender algumas significações atribuídas aos lugares vitalizados que estamos aqui denominando espaços-vivos.

## **2. 2. DIAMANTINA NA VISÃO DOS MÚSICOS**

---

Nesta tese, buscamos compreender alguns referenciais com os quais construímos as significações de lugares vitalizados que estamos chamando de espaço-vivo. Procedemos a uma investigação na cidade de Diamantina, a fim de apreender variáveis que estruturam estes espaços. Para tal, escolhemos ouvir habitantes da cidade falando sobre ela. Na escolha da amostragem destes sujeitos significativos para a nossa pesquisa, privilegiamos pessoas ligadas a atividades musicais na cidade.

Esta segunda parte da tese estrutura-se em três momentos. No primeiro, apresentaremos os músicos como sujeitos qualificados para a nossa pesquisa. No segundo, teceremos algumas considerações sobre as entrevistas com eles realizadas; no terceiro momento, vamos expor a análise interpretativa dessas entrevistas.

## 2.2.1 Os músicos como ouvintes privilegiados de um espaço-vivo

Nesta tese, privilegiamos como sujeitos de nossa pesquisa pessoas vinculadas à atividade musical em Diamantina, norteados pelos seguintes critérios: universo de 15 entrevistados, nascidos e residentes na cidade ou em suas adjacências, no exercício atual da atividade musical em espaços públicos, reconhecidos pela comunidade, com um repertório musical que enfatiza a música de manifestação popular<sup>127</sup>.

Estes músicos escolhidos atuam como organizadores de eventos musicais (pagode, quadrilhas, blocos de carnavais, grupos musicais infantis etc.), integrantes de bandas, grupos de pagode, serestas, forró, Folias de Reis, coordenadores de grupos musicais na cidade e localidades próximas, compositores e professores de música.

Como parâmetro norteador para a escolha dos músicos-sujeitos de nossa pesquisa, partimos das variáveis de hospitalidade dos espaços-vivos e da saturação de elementos temporais que neles acontecem, aspectos abordados na primeira parte da tese. É intrínseca à noção de hospitalidade a auscultação<sup>128</sup> do outro, que significa termos “ouvidos” interessados em escutá-lo e estabelecermos com ele um encontro dialógico. Quanto aos aspectos temporais, realçamos a historicidade dos acontecimentos desses lugares e o que lhes conferem vitalidade. A partir dessas duas referências, intuímos<sup>129</sup> que as pessoas vinculadas à atividade musical, por possuírem uma habilidade diferenciada de audição e de percepção do tempo, podem também ter um olhar sensível para os aspectos de hospitalidade e de temporalidade do espaço-vivo. Essas peculiaridades da pessoa do músico configuram-se como potencialidades possíveis de serem realizadas, o que não implica que todos os que exercem essa atividade, de fato, as concretizem.

---

<sup>127</sup> Limitamos-nos a estes aspectos, não considerando relevantes a faixa etária, o gênero e a classe social desses sujeitos. Para preservar a identidade dos sujeitos, todos os nomes que aparecem nesta tese são fictícios. Também tomamos o cuidado de evitar que o sujeito pudesse ser identificado por intermédio de seu discurso. Assim, eventualmente, suprimos algumas referências que, por acaso pudessem sugerir essa identificação, sem, no entanto, comprometer o conteúdo de sua narrativa.

<sup>128</sup> Auscultar significa procurar saber; inquirir; investigar (HOUAISS, 2002).

<sup>129</sup> ARMONY (1998, p. 6): *Acredito que uma intuição se forma pela apreensão de indícios vagos, mínimos, de coisa a ser intuída. Essa apreensão se passa a nível de sensorialidade, de cinestesia, de cenestesia, passando ao largo do crivo do pensamento racional/abstrato e chegando em estado puro à mente inconsciente. De lá, a intuição forçará – já como unidade – sua passagem ao mundo. Poderá receber, então, várias vestimentas: imagens, metáforas, alegorias, religião, história, ciência, antropologia, poesia, psicanálise, etc. O objetivo (ideal) destas vestes é proporcionar ao interlocutor o máximo de condições, o máximo de clima, o máximo de associações para que a intuição possa aparecer; é cercar e atravessar a intuição de tantas maneiras – criando um sem-número de conexões – que ela, por fim, venha a surgir, num repente, da mente do interlocutor.*

Os músicos aprendem a distinguir nuances de sons e relações entre eles, além de desenvolverem a sensibilidade na percepção de diferenças sutis de tempos<sup>130</sup>. Para ilustrar essa “espessura” deste tempo ao qual nos referimos, citamos Prigogine (1996), ao comparar cinco minutos do movimento da terra com cinco minutos mecanicamente medidos de uma obra de Beethoven. Enquanto, no primeiro, o tempo prossegue uniformemente, nos cinco minutos de Beethoven há abrandamentos, acelerações, repetições, antecipações de temas que aparecerão sucessivamente. Portanto um tempo muito mais independente do tempo externo e mecânico, mostrando-se complexo e autônomo. Ora, faz parte da estrutura do que chamamos de espaço-vivo essa complexidade do tempo não mecânico, tal como ilustrado pela música de Beethoven.

Ainda para compreender a singularidade das pessoas dos músicos como sujeitos privilegiado em nossa pesquisa, um outro aspecto a ser considerado diz respeito à modalidade específica do sentido da audição. Tal sentido nos presentifica a realidade como notícia<sup>131</sup>, ou seja, permite sabermos de coisas que ocorrem mesmo que estejam invisíveis, fora do nosso campo visual. Na complexidade do espaço-vivo, podemos dar notícias de coisas invisíveis que ali ocorrem pelo sentido da audição, tais como as relações “entre” pessoas, dado impossível de ser avaliado metricamente. Assim, supomos que os músicos, pela habilidade de lidar com aspectos não visuais da realidade, possam captar, como sismólogos, essas nuances de vitalidade dos espaços.

Quando é possível o espaço “entre” pessoas, ocorre a hospitalidade, noção cara nesta tese. Relembramos que um espaço-vivo acolhe as pessoas em suas expressões e dizeres significativos<sup>132</sup>. Assim, trabalhamos com a suposição de que os músicos possuem uma sensibilidade acurada para ouvir esses contrapontos dialógicos e nos apontar onde eles acontecem na cidade de Diamantina.

O músico também é treinado na escuta do outro quando executa uma obra musical de um terceiro. Para tal, ele precisa seguir a composição original desse outro, receber o autor, oferecendo-se como um canal transmissor para que a obra possa se manifestar sem deformações. A atividade musical também implica um ato de generosidade, em que a pessoa treina uma habilidade para ser capaz de receber a música e transmiti-la a outros (às vezes, um público desconhecido).

---

<sup>130</sup> HALBWACHS (1990).

<sup>131</sup> ZUBIRI (1984).

<sup>132</sup> LEVINAS (2004).

Quando tocam juntos, os músicos aprimoram a habilidade do encontro humano, relevante para a noção de espaço-vivo. Desenvolvem o sentido de integração na diversidade, quando seus pensamentos e gestos se harmonizam, um se colocando no lugar do outro em pensamento, antecipando os momentos de atuação de cada um.

Esta postura de integração e de escuta do outro vai na direção das novas diretrizes paradigmáticas da ciência pós-moderna. Lembramos que essa orientação exige o *sensus communis*, isto é, pensar por si mesmo (a máxima do esclarecimento), colocar-se no lugar de todos os outros em pensamento (a máxima da mentalidade alargada) e estar de acordo consigo mesmo (a máxima da consistência).

Retomando um outro aspecto do espaço-vivo, realçamos o seu sentido de acolhimento do tempo em forma de memória, conforme vimos no capítulo 1.2.4. O espaço é vitalizado quando se configura como um receptáculo dessas lembranças significativas. Como a música é tecida de emoções e sentimentos de uma determinada cultura, os músicos, quando tocam, fazem emergir essa memória sensível, convocando temas novamente a se apresentarem, permitindo-nos o alargamento de nossa consciência em relação a eles, re-significando-os<sup>133</sup>.

A escolha dos músicos como sujeitos de pesquisa também levou em consideração a tradição musical local. A música sempre foi uma das expressões importantes da Diamantina (Anexo 1). Em cada bairro e em cada rua da cidade, há um instrumentista que leva adiante o gosto pela música, cultivada desde o século XVIII<sup>134</sup>. O vigor da produção musical da cidade é confirmado pela grande quantidade de grupos musicais, tais como bandas, grupos de serestas, folias de reis, quadrilhas, pagodes etc.

Além dessa forte tradição musical, durante a realização dos nossos trabalhos de campo preliminares, testemunhamos vários acontecimentos fortuitos nos espaços públicos da cidade relacionados à música, tais como cantatas, Pastorinhas, Folia de Reis, violeiros, bandas, meninas andando e cantando nas ruas, músicas nas igrejas, músicas nos bares, largos e becos. Presenciamos que as pessoas freqüentavam certos espaços da cidade em função desses eventos significativos da cultura diamantinense, o que conferia vitalidade a eles.

---

<sup>133</sup> DAMÁSIO (2000).

<sup>134</sup> FERNANDES & CONCEIÇÃO (2003).

## 2.2.2 Análise dos resultados

Conforme apresentamentos no ítem Metodologias e técnicas, em nossa pesquisa sobre o espaço-vivo em Diamantina, entrevistamos quinze pessoas vinculadas à atividade musical da cidade. A conversa com esses entrevistados foi orientada por núcleos temáticos<sup>135</sup> pertinentes ao nosso objeto de pesquisa: a paisagem, os bairros, a cidade e adjacências, os hábitos cotidianos, as lembranças, as transformações, as músicas e as festas. As informações fornecidas foram organizadas em “fichas”, semantograma, e quadros<sup>136</sup> permitindo-nos visualizar e refinar as conclusões sobre os dados. A partir desse material, construímos temas-eixos pertinentes à noção de espaço-vivo, em torno dos quais os discursos se organizaram.

Pelo fato de o diálogo ser uma variável importante da noção de espaço-vivo, procuramos, por esta técnica da entrevista, estabelecer uma relação dialógica com os nossos entrevistados. Ouvimos suas narrativas sobre os espaços de Diamantina, suas experiências vividas, suas expressões lingüísticas e paralingüísticas<sup>137</sup>, discursos vivos com os quais interagimos.

Preservamos a oralidade das narrativas de nossos entrevistados por meio da gravação e posterior transcrição. O registro dessas narrativas mantém a abertura característica de uma narrativa oral, isto é, elas permanecem disponíveis para novas significações, conforme pontos de vistas, juízos de valores e *expertises* diferentes. Nesta oralidade, lidamos com a complexidade de dados imprecisos, mas procuramos manter um rigor em sua interpretação, de modo a considerar as pertinências das significações relatadas, checando-as constantemente com a realidade de nossas referências conceituais prévias e, posteriormente, num estudo comparativo dos entrevistados. Essas narrativas se abrem a livres traduções, favorecendo a amplitude dos fatos relatados e a capacidade destes continuarem a render novas analogias e conexões consistentes ao longo do tempo.

A interpretação que realizamos dessas narrativas buscou compreender os referenciais nos quais nossos sujeitos constroem as significações de lugares vitalizados que estamos chamando de espaços-vivos. Nesta análise interpretativa, trabalhamos com teias

---

<sup>135</sup> Ver o perfil das entrevistas no Anexo 2.

<sup>136</sup> Ver quadros de análise no Anexo 3.

<sup>137</sup> Comunicação não verbal.

de significações elaborando o que Geertz (1989) denomina uma “descrição densa”. Muitas vezes, as significações associadas aos lugares de Diamantina estavam contidas nestas narrativas como informação de fundo, em forma de fragmentos de experiências, traços tênues, curtos e descontínuos, exigindo-nos constantemente perguntar quais estruturas significantes estavam sendo veiculadas com essas ocorrências e determinar a sua importância.

A análise das entrevistas revelou seis lugares significativos:

- O largo D. João: o trem, a praça de esportes, a igreja do Seminário
- O Mercado Velho
- O centro histórico
- A paisagem da cidade
- O espaço das festas, rituais e músicas
- O espaço da vida cotidiana

Na compreensão significativa de cada um desses lugares, construímos representações cartográficas (mapas e/ou croquis), fotos, quadros sintéticos e textos, como apresentaremos neste capítulo.

As qualificações atribuídas aos espaços da cidade de Diamantina inscrevem sobre ela um mapa afetivo que “borda” sobre o seu solo espaços e tempo sobrepostos, atestando a existência de lugares que compõem juntos, sobre a cidade, uma trama descontínua e não linear de significações. Como um mosaico múltiplo e intertextual em construção, essa trama constituída de espaços-vivos confere aos espaços da cidade sentido e consistência.

A seguir, apresentaremos cada um dos itens resultantes da análise das entrevistas.

### 2.2.2.1 O largo D. João: o trem de ferro, a igreja do Seminário e a Praça de Esportes



Figura 47: Largo D. João  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2006

Nas entrevistas, o largo Dom João e suas áreas adjacentes<sup>138</sup> apareceu como um importante espaço de localização de um espaço-vivo acolhendo as pessoas em suas atividades cotidianas. Dos 15 entrevistados, 12 referiram-se, direta ou indiretamente ao largo. Destes 12, nove vincularam a área do largo a uma época passada, principalmente à infância, seguida pela juventude, e dez comentaram as mudanças que ali ocorreram. O largo Dom João e adjacências apareceram no contexto das perguntas sobre a imagem da cidade, o lugar mais bonito, sobre mudanças que a cidade sofreu, sobre os lugares que poderiam ser mais bem aproveitados, os lugares que “trariam de volta”, no momento em que comentaram sobre o antigo Carnaval e quando se perguntou sobre os deslocamentos internos realizados.

O largo Dom João ocupa a linha de cumeeada da parte mais alta da cidade. Configura-se como um grande espaço situado num platô com suave declividade, característica quase inexistente em outros pontos da área urbana<sup>139</sup>. O largo configura-se

<sup>138</sup> Conjunto formado pelo Largo D. João, Praça Sagrado Coração de Jesus e respectivos entornos imediatos, indo até à Praça de Esportes.

<sup>139</sup> Interessante notar que, apesar do Largo Dom João ser um “espaço mirante”, essa qualidade não foi apontada nas entrevistas. Pensamos que como ele fica situado num platô comprido e largo, cheio de

como acesso usual à cidade, vindo de Belo Horizonte, pela Avenida Sílvio Felício dos Santos, prolongamento da BR-367, atuando como o principal “portal da cidade” (Figs. 11 e 12). Na faixa ainda asfaltada deste acesso, localizam-se as concessionárias e o comércio especializado em automóveis (oficinas mecânicas, pneus, peças, acessórios, etc.). Ao chegar ao largo, os veículos encontram uma pavimentação irregular de largas lajes e se vêem forçados a reduzir a velocidade<sup>140</sup>, que anuncia, por essa modificação do tipo de calçamento, a passagem a um espaço diferenciado.

O largo Dom João configura-se como ponto convergente da população devido à sua posição estratégica de acesso à cidade e marcante presença de comércio, serviços e prédios religiosos, esportivos e educacionais. Principal ponto de chegada da cidade, o largo possui potencial espacial (espaço amplo e vazio), e o fato de estar situado na linha da cumeeada da encosta lhe confere uma posição de mirante. Nele estão instalados o Seminário Arquidiocesano de Diamantina, a Basílica do Sagrado Coração de Jesus, a praça do mesmo nome, o Mercado Novo, o Corpo de Bombeiros e o Terminal Rodoviário. Situados a uma quadra do largo, encontram-se a Praça de Esportes e a Escola Municipal Joaquim Felício dos Santos.

No largo Dom João, predomina o uso comercial, consequência do processo de evolução urbana, quando este subcentro – hoje o maior e mais complexo da cidade – passou a concentrar edificações destinadas a usos não permitidos no centro histórico, como supermercados, lojas de materiais de construção, posto de gasolina etc. Nele também se localiza o Terminal Rodoviário, agregando ao seu redor outras atividades, como hotéis, bares e serviços de pequeno e médio porte. Esse uso misto e diversificado contribui para o dinamismo e vitalidade da área, evitando que se esvazie durante períodos noturnos e fins de semana.

Antigo largo do Curral, ali foi instalado, em 1888, o Seminário e a Basílica Sagrado Coração de Jesus e logo depois, em 1914, inaugurada a Estação Ferroviária, impulsionando o crescimento local. No largo, também se instalou o primeiro cinema da cidade - Cine Esplanada -, atual Hotel Esplanada, hoje muito descaracterizado. Em frente à Basílica, havia um campo de futebol, que também era local onde os circos se instalavam quando de

---

edifícios em volta, a paisagem só pode ser percebida em alguns pontos, ao descer as encostas, por exemplo, na Rua das Mercês.

<sup>140</sup> BRUZZI (2000).

passagem pela cidade. À noite, as pessoas costumavam passear no largo, que se constituía um conjunto urbanístico e arquitetônico física e visualmente integrado.

A lista a seguir expõe as atividades e acontecimentos que foram associados, nas entrevistas, ao largo Dom João, quando se referiam a ele no passado. Logo após a lista, apresentamos alguns depoimentos utilizados para a construção destas referências.

- local de chegada do trem de ferro
- local do descaroador de algodão, a ser levado para Biribiri
- centro de comércio
- presença de fontes,
- presença de coreto,
- presença periódica de retretas,
- presença de jardins, jardim de rosas, canteiro de hortênsias
- presença de lago com peixes
- presença de parquinho,
- possibilidade de uso de jogos, como vôlei e bola
- presença de campo de futebol,
- presença periódica de circos,
- catar gabiobas, jabuticabas
- brincar de finca,
- bastante espaço,
- presença de cinema,
- missa,
- festa religiosa,
- barraquinhas,
- passear,
- local onde também se realizavam os desfiles de escolas de samba no carnaval
- presença de prédios públicos e institucionais significativos

*O Largo Dom João era mais é **brincadeira** mesmo... **bola**, né? eu lembro que... lá tinha **fonte**...É... tinha fonte... cê pode ver lá que a piscina tá tampada... eles tamparam...No Largo Dom João.... aquela praça ali foi mudada, né? num era assim... ali chamava **Jardim de Rosas** porque tinha rosas, né? então é em frente à... à Rodoviária... ali tinha duas fontes, duas piscinas... ali no Largo Dom João perto da Rodoviária tinha uma e na frente tinha... eu lembro que tinha **peixe**...(...) eu acho que o Largo Dom João é o... assim, por ser **espaçoso**, né? (Fernando, grifo nosso)*

*... onde era o **parquinho** que tinha... eram parquinhos, sabe? (...) onde tinha um cercadinho e tinha os parquinhos... aí a **gente brincava**... eles atravessavam... tinha **rede de vôlei** e essas coisas assim, sabe? (...)... não tinha... oh, não tinha aquele Mercado... **não tinha o Mercado Novo**, que é lá em cima agora... não tinha... **lá também era aberto** assim... tinha só um... eu lembro que vinha até **circo**... montaram uma vez... eles montaram um **circo** lá que veio de repente e tudo... (Félix, grifo nosso)*

Tem outra coisa que acabou em Diamantina e deixou saudades: **cinema**. O cinema era um...tinha um no Largo Dom João, outro no centro. Passava filme, o pessoal ia à noite, pagava ingresso pra assistir filme como se fosse...tipo no circo, por exemplo, viu? Igualzinho no circo, cê pagava um ingresso, ali passava aqueles filmes chic no telão, cada final de semana era um filme diferente. (Vitor, grifo nosso)

O Largo Dom João foi muito isso... de... da **proximidade** das famílias... dos amigos que a gente desenvolveu ali... teve um tempo que era menos habitado, então havia aqueles **gramados** aonde a gente fazia o **campo de futebol** e tal... então o Largo Dom João, ele passa pra mim muito essa... essa identidade da **amizade**... e... da **confiança**... (...) Porque, por exemplo, veja bem... aquele... aquela parte do... da igreja do Sagrado Coração tinha apenas as casas que eram dos funcionários da Central... e todo um **gramado na frente**, onde a **criança brincava**... e ali era o **trem de ferro**, né? e do outro lado... num mudou tanto assim... é... foi descaracterizada a plataforma do trem de ferro com certeza... (...) a gente **tinha espaço** bastante pra você... pra ir **catar gabioba**... pra ir catar jabuticaba... de brincar de finca... quer dizer, era um momento que num tinha nada eletrônico também, mas cê tinha espaço na cidade pra isso... de jogar futebol lá na... na frente do... do Sagrado Coração de Jesus... cê tinha espaço pra tudo... **espaço, muito espaço**... a minha idéia de... de criança é a idéia de espaço... (Walter, grifo nosso)

Referências citadas, agrupadas segundo categorias:

## QUADRO 2

Largo Dom João – referência ao passado

categorias	referência das entrevistas
memória e monumentos	presença de prédios significativos, públicos e institucionais cruzeiro, lembranças épocas passadas
paisagem	bastante espaço, jardins, jardim de rosas, canteiro de hortênsias, fontes, lago com peixes
lazer e brincadeira	brincar de finca, parquinho, campo de futebol, cinema, passar, catar gabiobas, jabuticabas, rede de vôlei, bola
eventos, festas e rituais	circo, festa religiosa, retretas, coreto, missa, carnaval, desfiles de escolas de samba, barraquinhas, local de chegada do trem de ferro
comércio	centro de comércio cotidiano local do descaroador do algodão a ser levado para Biribiri

As referências listadas e agrupadas em categorias revelam a existência de um centro pulsante de vida – um espaço-vivo. O espaço aberto e descampado do largo possibilitava a existência simultânea de várias atividades que, conseqüentemente, promoviam as relações pessoais e o encontrar-se em público. Essa multiplicidade de acontecimentos significativos ancoraram-se afetivamente na memória das pessoas, lembrando este espaço, principalmente, como palco de brincadeiras, um verdadeiro “quintal”.

O largo possuía vários atributos espaciais capazes de contribuir para essa vitalidade, a saber:

- topografia plana
- grande visibilidade, por estar situado na linha de cumeeada (posição de mirante)
- espaço aberto, propiciando sensação de amplitude
- espaço livre e vazio, criando diversas possibilidades de usos e apropriações, como: circo, campo de futebol, parquinho, brincadeiras etc.
- diversidade de instalações ou “lugares” para várias atividades: coreto, fontes, jardins, parques etc.
- vários acessos possíveis
- várias alternativas de conexão viária com o centro da cidade



Figura 48: Cenas do Largo D. João

Fonte: Cláudia R.Vial Ribeiro, 2006



Figura 49: Foto antiga da atual Av. Sílvio Felício dos Santos

Data provável: 1890/1910

Fonte: LAGES, [19--?]



Figura 50: Separação física entre o largo e a Praça Sagrado Coração de Jesus

Fonte: Cláudia R.Vial Ribeiro, 2006



Figura 51: Vestígio do antigo laguinho

Fonte: Cláudia R.Vial Ribeiro, 2006



Figura 52: Estrutura de um coreto

Fonte: Cláudia R.Vial Ribeiro, 2006

Em 1967, a linha ferroviária foi desativada; desde então, ocorreram aceleradas intervenções no tecido urbano desta área. Em 1971, foi inaugurado o Terminal Rodoviário e, na década de 80, o Corpo de Bombeiros instalou-se no prédio da Estação. Ao lado desta, foi construída uma quadra esportiva, o Cesu – Centro de Educação Supletiva Juscelino Kubitschek de Oliveira e a União dos Reformados da Polícia Militar de MG. Sobre o antigo virador da linha de trem, foi construído o Mercado Novo.

Essas transformações fragmentaram o espaço do largo comprometendo sua integração visual e física, como mostra a Fig.53 e também as Fig. 49 e 50. O espaço aberto e livre foi obturado por edificações, que dividiram e prejudicaram a sensação de amplidão, como identificado pelos depoimentos seguintes:

*...cê cai naquele largo enorme (...) ...por ser espaçoso...* (Fernando)

*...a gente tinha espaço bastante...* (Félix)

*...você tinha espaço pra tudo, espaço, muito espaço (...) então aquilo descaracterizou muito...* (Walter)

*... quer dizer, dividiu...* (Amélia)



Além da fragmentação visual e física, os espaços públicos das praças, ao serem redesenhados, foram destituídos dos equipamentos existentes. Essas alterações contribuíram para uma visível desqualificação do conjunto e comprometeram a sua vitalidade. A lista abaixo expõe as atividades e acontecimentos associados nas entrevistas, em relação à situação atual do largo Dom João, e logo após apresentamos alguns depoimentos relativos à estas referências:

- porta de entrada da cidade
- enorme, espaçoso
- missa
- local de compras diárias
- local de apresentação de *shows* e comícios
- telão para finais de jogos de futebol
- carnaval, fim dos desfiles das escolas de samba
- presença da estátua de JK
- presença do cruzeiro
- entardecer fantástico
- Igreja do Seminário: história de sua construção, lugar bonito, missa
- Trem de ferro: lembranças afetivas
- invasão da antiga “linha” de ferro por edificações
- Praça de Esportes: lembranças e sugestão de potencializar o seu uso
- divisão do espaço público externo com construções que antes não existiam
- construção do Mercado Novo no local do antigo virador do trem
- construção de um shopping no local do descarçador de algodão
- instalação do Corpo de Bombeiros no antigo prédio da estação
- alterações que descaracterizam, provocando degradação e desqualificação espacial
- espaço desfigurado, mal cuidado e não aproveitado

*... vou muito lá em cima no Largo Dom João pra fazer **compras**, né? porque lá que tem os melhores supermercados... aí eu vou muito... eu ando muito... (Rosa, grifo nosso)*

*Aqui o Largo Dom João e Praça do Seminário mudou muito... Olha, Largo Dom João era... era... num tinha esses... alguns prédios com dois andares... essas construções enormes... posto de gasolina num existia ali... é... alguns... algumas construções elas foram emendadas, né? É... o asfalto ele não passava aqui... aliás, nem existia asfalto... era... mas, pra ir na entrada de Diamantina era aqui pelo fundo... então hoje a entrada é por ali, né? Então... e a própria entrada também mudou muito, né? (Estêvão)*

*... quer dizer, **dividiu**... tem o Largo Dom João pra lá... e outro passo pra cá é praça do Coração de Jesus...na frente do Seminário... Uma lembrança que num era muito tratado como tá tratado agora... embora num tão tendo muito capricho com aqueles jardins... o jardim **já foi jardim bonito**... eu tenho até um retrato aí duma menina que eu tirei lá em cima sentadinha assim com um canteiro de hortência... tá aí... se ocê olhar vai achar por aí... com um canteirinho de hortência lindo, lindo, lindo.. (Amélia, grifo nosso)*

*...aqueles jardins tão horríveis, né? tá tudo ruim ali... aquela parte ali tá... tá horrível... desde quando... eu nasci ali em cima e nunca vi aquilo ali...É... **nunca vi aquilo ali bonito**... o Largo Dom João... (Fernando, grifo nosso)*

...onde hoje é um mini-shopping, era o prédio do descarçador de algodão... num é? e aquilo foi **tudo desfigurado** (...) Tá aquele shopping que tá lá... foi outra coisa que foi descaracterizado, né? então aquilo **descaracterizou** muito... (Walter, grifo nosso)

### QUADRO 3

Largo Dom João – referência atual

categorias	Referência das entrevistas - Largo D. João atual
memória e monumentos	Igreja: história de sua construção, lugar bonito instalação do Corpo de Bombeiros no antigo prédio da estação Trem de ferro: lembranças de épocas passadas. presença cruzeiro presença estátua JK
paisagem	enorme e espaçoso porta de entrada da cidade entardecer fantástico
lazer e brincadeira	apresentação de <i>shows</i> e comícios telão para finais de jogos de futebol Praça de Esportes: lembranças e sugestão de potencializar o seu uso
eventos, festas e rituais	carneval, fim dos desfiles das escolas de samba, missa apresentação de <i>shows</i> e comícios
comercio	local de compras diárias construção do Mercado Novo
transformações	alterações que descaracterizaram, dividiram degradação, desqualificação, desfigurado, mal cuidado, invasão da antiga “linha” de ferro por edificações construção de um <i>shopping</i> divisão do espaço público externo

O largo Dom João ainda mantém a vocação de ponto de encontro e de sociabilidade, palco de *shows* e comícios. A presença de edifícios significativos e a existência de um comércio diário que atende a população local são fatores que ajudam a manter a sua vitalidade. Além disso, abastece a população flutuante que está de passagem pela cidade, comandando também um considerável espaço regional. Mas as transformações espaciais sofridas no largo, seccionando o seu espaço vazio, inibiram as possibilidades de que várias atividades ali pudessem acontecer de forma espontânea e simultânea, como as que ocorriam anteriormente (como o circo, o futebol, ou mesmo o espaço vazio, para passeio e lugar de brincadeiras).

Nas entrevistas, o largo aparece como local que tem potencial físico capaz de abrigar várias atividades, mas cujos espaços não são potencializados. Estes comentários aparecem quando se referem à falta de opção de lazer na cidade nos fins de semana. E, nestes momentos, evocam épocas passadas, quando este mesmo espaço abrigou várias atividades, referindo-se às condições físicas existentes que as propiciavam:

*O Largo Dom João é uma **porta de entrada** pra mim...mesmo sendo bem mais...tem asfalto e tudo...na hora que cê cai, **cê cai naquele Largo enorme**... então eu acho que ali que tinha que ter um investimento maior, sabe? eu acho que ali é a porta de entrada pra qualquer um que entra... **a primeira coisa que vai ver é aquilo ali**...(...) cê podia ter um palco fixo ou um **coreto** fixo...cê podia ter **retreta** de banda...cê podia ter **show**...aproveitar pra...pra...qualquer coisa...desde **circo**...qualquer coisa... eu acho que... o engraçado... porque Diamantina, por ser cidade histórica... a maioria, eu não sei, eu posso tá errado, tem um **coreto** ou alguma coisa assim... e Diamantina tem e num tem mais... Diamantina já teve e num tem mais...(...) Se eu não me engano em frente à Casa São Paulo... em frente à Catedral... antigamente tinha um coreto... o Largo Dom João tinha um coreto e num tem mais...(...)É ali onde tem o Quartel dos Reformados... ali da Polícia... ali em frente... e só tá a pilastra... só tem umas colunas, sabe? tiraram as madeira... as plantas todas que tavam cercando ela, que tava fazendo um telhado... tirou tudo... então eu **acho que... faz falta, sabe?**(...) ... porque Diamantina num tem parque de eventos... Diamantina num tem um lugar de fazer um show, né? eu acho que o Largo Dom João é o... **assim, por ser espaçoso**, né?(...) mas eu acho que pra Diamantina crescer, pra ter uma área, eu acho que o Largo Dom João seria o ideal pra investir... pelo espaço físico, né? que comporta.... (Fernando, grifo nosso)*

#### 2.2.2.1.1 Lembrança do trem de ferro



Figura 54: Prédio da Estação Ferroviária, atualmente ocupado pelo Corpo de Bombeiros.  
Fonte: RESENDE, P., 2006.

Contudo, nas entrevistas, a referência ao largo Dom João vincula-se, principalmente, à lembrança do trem de ferro. Essa associação apareceu quando se perguntou qual lugar que atualmente não existe, mas que “seria bom se voltasse”. Cinco entrevistados a ele se referiram. A lembrança do trem foi associada ao movimento do Largo Dom João (dois sujeitos), a lembrança do seu itinerário (dois sujeitos) e do barulho que o trem fazia (um sujeito), a época da mocidade ou infância (cinco sujeitos) e a importância que teria hoje o trem para o turismo (quatro sujeitos). Os lugares que foram associados ao trem referem-se ao largo Dom João (cinco sujeitos), ao Mercado Novo

enquanto antigo virador (um sujeito), ao prédio da Estação (três sujeitos), ao atual mini-shopping, antigo descaroador de algodão (um sujeito).

Conforme os discursos, a antiga linha de ferro que ligava Diamantina a Corinto permanece como viva lembrança:

*Olha, eu acho que duas coisas<sup>141</sup> que acabou em Diamantina, que a maioria das vez, muitos adolescente pergunta pra gente: o que que é? eles não sabem...a ferrovia, né? que acabou há muitos anos aqui em Diamantina, que ela deveria existir que existe um... Nossa, mas são muitos adolescentes que chega perto de mim e fala o que que é...costuma falar trem de ferro, né, a máquina, né, o pessoal ainda usa falar trem de ferro...O que que é trem de ferro? Aí precisa a gente tá explicando como que é, entendeu? Às vezes, pra muitas crianças, eu já fiz até com caixa de fósforo, emendar as caixas de fósforo e mostrar pra eles como que...de tanto as pessoas perguntar muito sobre isso, né, então.... **Linha**. Linha é, aqui o pessoal usa falar muito linha mas tecendo, costurar, né? Por que que chama linha, né? a gente tem de ficar explicando pra eles alguma coisa que eu sabia, porque eu também não entendo muito de ferrovia não, mas um pouco...então o pessoal aqui usa falar....fala com bem clareza trem de ferro, né? ....então uma coisa que a **gente sente saudade....**Eu ainda lembro um pouquinho, né, porque na época que ela saiu daqui eu já tava muito criança ainda, mas ainda lembro. Eu vinha com minha mãe, **minha mãe...** quando a gente passava pela linha ela falava: “Vão passar depressa que daqui a pouco vem o trem!” (risos) Coisa de caipira mesmo, da roça, mas é verdade! (risos) (Vítor, grifo nosso)*

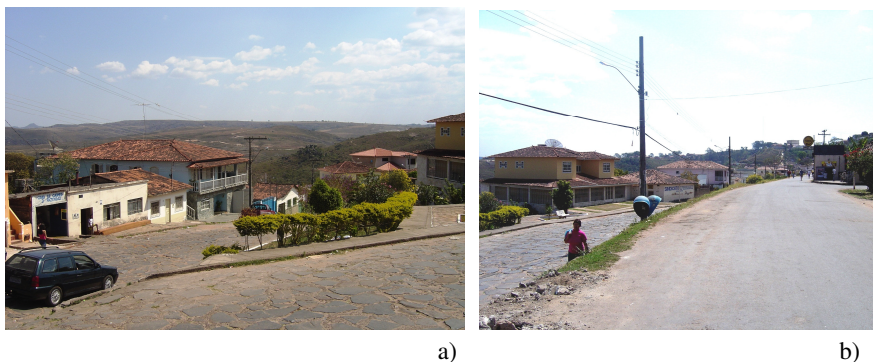


Figura 55: Antigo leito do trem de ferro, atual Av. Getúlio Vargas ou “Linha”.

a) vista em direção `a Vila Operária

b) vista em direção ao bairro Purquéria (Av. Getúlio Vargas)

Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004

Em 1914, foi aberto o prédio da estação de passageiros da EFCB, Estrada de Ferro Central do Brasil, ramal Diamantina, construído em frente à Basílica do Sagrado Coração de Jesus<sup>142</sup>. O trem de ferro trazia mercadorias para todo o comércio da cidade interligando-a a outras localidades e promovendo o fluxo de pessoas, como comentamos no capítulo 2.1.1, sobre o contexto histórico. A presença do trem de ferro era um

<sup>141</sup> A outra coisa que ele cita é o cinema

<sup>142</sup> PAO, Ademir. *Voz de Diamantina* de 01/01/2005 – A estação ferroviária de Diamantina.

acontecimento especial, sonoramente gravado e revivido nas lembranças e imagens pictóricas:

*Ah... a linha de trem de ferro, era um ponto... que a gente... toda noite... a chegada do trem, às dez horas da noite era o último momento assim do... do pessoal... ficava no Largo Dom João aqui em cima... e ia esperar o trem chegar...(...) então a gente ficava... cê já passou aqui perto do Seminário esse larguinho era a Central, era onde é o Corpo de Bombeiro hoje? Ali era... estação ferroviária... toda noite, a hora do trem chegar, a gente corria pra ver o trem... (Américo, grifo nosso)*

*Se a Central voltasse, né? mas hoje já num teria graça, porque o importante naquilo tudo seria o meu pai, né? São lembranças bobas... é da Central, né? o trem chegando e saindo... Nossa... isso aí... eu viajava bastante de trem, né? porque a gente tinha um desconto, né? 75%...(...) O trem ia daqui a Corinto, né? então a gente tava sempre indo lá... eu já fui de trem daqui ao Rio... o meu pai tava de férias, aí juntou a família, e nós fomos lá no Rio de trem... (João, grifo nosso)*

*Eu me lembro do... do trem de ferro... minha avó morava aqui... nós morávamos em São João, mas minha avó morava aqui... e... onde ela morava... a gente, lá da casa, a gente via o trem passava por cima... e... era o trem, era o trólebus... com... com o pessoal de manutenção de linha... de lá a gente via... é... a descarga do... do carvão incandescente, né? Nos locais próprios... tinha... próximo tinha uma caixa d'água que a gente chamava de mochila... onde... é... eles abasteciam o trem... então é essa lembrança gostosa que a gente tem de... de ver o trem... de... né? Acordar de madrugada com o trem passando, apitando...Essa... essa época eu tava com seis pra sete anos...Isso... essa... eu lembro dessa... desse... desse episódio... é uma coisa interessante. (Estêvão, grifo nosso)*

A estação do trem era responsável pela movimentação local, configurando-se como um ponto convergente no contexto urbano do largo Dom João. A saída do trem foi também um dos fatores que contribuíram para a desvitalização do largo D. João<sup>143</sup>:

*A Estação era ali, onde hoje funciona o Corpo de Bombeiros, em frente à rodoviária, né? cê imagina que aquilo dali era uma movimentação diferente...(...)... então é... a movimentação era em torno do... do trem de ferro... quer dizer, do passageiro, da carga, né? chegando e essa coisa toda... (Estêvão, grifo nosso)*

*...com a saída do trem acabou o movimento do Largo Dom João... (Américo, grifo nosso)*

<sup>143</sup> Segundo PÃO (A voz de Diamantina, 22 out 20005), hoje, ao observamos o que antes foi o pátio da estação, vemos que ele está totalmente descaracterizado de sua forma original. A casa dos administradores e a própria estação que sedia o Pelotão de Bombeiros foram modificadas e até mesmo desmanchadas, dando lugar a prédios modernos. Também a linha foi arrancada, os mata-burros obstruídos, para que as pessoas não trafegassem pela linha que antes conduzia o trem.

*Nós perdemos muita coisa da nossa memória aqui, que são irreversíveis... por exemplo: se você chegar em Sete Lagoas ou Curvelo, você vai ver a **memória da estrada de ferro** lá... pelo menos o... a parte da plataforma... aqui era braço final... então, por exemplo, acabou... num tem mais a memória da estrada de ferro... aquele prédio tá lá onde é o Bombeiro... num se aproveitou aquilo... onde tá o Mercado Novo, era um virador... Não, num sei se enterraram aquilo... então aquilo ali... **mataram aquilo**... ninguém sabe, ninguém explica, num é? (Walter, grifo nosso)*



Figura 56: Um dos locais por onde passava o trem de ferro, nos arredores de Diamantina.  
Fonte: RESENDE, P., 2006.

A lembrança do trem de ferro também se vincula à recordação da paisagem do percurso realizado por ele, através da Serra da Tocaia, Conselheiro da Mata e Barão de Guaicuí. A memória do trem reacende as cores dessas paisagens internalizadas, emolduradas pela janela do trem e por um tempo passado, que se torna novamente presente nessa rememoração. Alguns sujeitos evocaram a importância de registrar a memória da existência do trem de ferro, deixar vestígios de sua ocorrência, de modo a não torná-lo uma passagem gravada apenas no coração das pessoas e na memória oral e fotográfica. Assim, o contar sobre a sua existência reacende possibilidades de resgate literal do trem de ferro, por meio das sugestões de sua volta em um “circuito turístico”.

*Oh... se fosse pra mim voltar no tempo aqui em Diamantina, eu voltaria o trem de ferro pra fazer uns **passeio turístico** descendo no cerrado que tem aí... **Barão de Guaicuí**, (...) em **Conselheiro Mata** (...), seria um passeio... (...) o trem passava nesses lugar aí... se voltasse... são bonitos... é... tem a **Serra da Tocaia**... o trem passava dentro da Serra... nossa... interessante... se voltasse essa linha férrea aí outra vez, ia dar um ponto turístico muito bom... pra cidade... se eu tivesse condição de voltar isso, fechar o olho agora e falar assim: “vão fazer?”... seria interessante, viu?... (Américo, grifo nosso)*

*Olha, Diamantina eu acho que perdeu... mais ou menos há uns trinta... há uns trinta anos... **perdeu uma coisa interessante que não deveria ter acabado**... que era o trem de ferro... era a **expressão da nossa mineiridade**... eu acho que isso aí se pudesse voltar... eu voltaria (...) quer dizer, isso nós perdemos e, com, certeza... o trajeto que esse terem fazia... porque... daqui ele... esse... esse trem*

*partia daqui e ia até Rio de Janeiro, né? na época... quer dizer, olha o trajeto que esse trem fazia... hoje pra turismo em Diamantina seria, né? de uma importância muito grande... (Estêvão, grifo nosso)*

*... eu acho que aquilo num poderia ter acontecido... tinha que ter sido preservado aquilo... quem sabe, até com o... com o maquinário, como se faz em Tiradentes... porque você poderia ir para o lado de Monjolos, aonde tem a serra, que é um lugar fantástico, né? então, no meu sentimento, eu acho que é uma perda que talvez outras poderiam... fazer parte do sentimento de outras pessoas mais antigas do que eu, né? que viram outros espaços sendo modificados... (...) eu acho... como eu te disse que eu acho que o trem deveria ficar... a serra que vai pra Monjolos e... e que era o leito do trem... serra de... como é... (...), aquela serra que vai pra Monjolos, como é que é o nome daquilo lá? Serra do... da Tocaia não... da Tocaia? é um lugar extremamente... porque vai pra Monjolos... que quando o trem passava... tem aquele despenhadeiro imenso... eu acho que é a serra... num sei se é a Serra da Tocaia... eu perdi o nome agora... cê passou por ali? ali era o leito do trem de ferro... aquilo ali era uma visão fantástica, né? é um dos lugares que eu acho muito bom.. (Walter, grifo nosso)*

#### 2.2.2.1.2 Praça de Esportes



Figura 57: Praça de Esportes

Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2006

Segundo as entrevistas, um dos grandes problemas presentes na cidade é a carência de espaços de lazer e de esporte. E, neste momento, o largo Dom João foi lembrado, pois, além de guardião da memória do trem de ferro, também guarda as possibilidades de encontros promovidos pela sua vocação esportiva, pois nele situa-se a Praça de Esportes Municipal:

*...que não tem onde...onde ...onde as pessoas ir jogar bola... as pessoas ir jogar bola...e tem outros ... outro lugar muito importante... aquela Praça de Esportes...Perto da Rodoviária... tá precisando...Ali tá precisando de uma reforma muito grande, né? ali tem que ser é municipal... pro povo todo de Diamantina... não é pra... pra fulano, cicrano... num é separar fulano... cê mora no Rio Grande, cê num pode... e você mora lá na Palha, cê num pode... e você mora lá no... lá na Bela Vista cê num pode frequentar a Praça de Esportes, né? que tem uma piscina lá... que a piscina... eu acho que todos pode nadar... depois*

*de nadar, ela vai ser tratada a água, né? vai ser tratada a água... agora... fica excluindo as pessoas que pode entrar e as pessoas que num pode entrar... (Márcio, grifo nosso)*

Conforme um dos entrevistados, a Praça de Esportes foi fundada para incentivar a educação e esportes, projetando na mesma área a Biblioteca Pública Margarida Ramos Couto, hoje demolida. O prédio da Praça de Esportes foi projetado por Oscar Niemeyer<sup>144</sup> em 1950 para sediar o Clube Social da Praça de Esportes de Diamantina. Este clube começou a funcionar a partir de 1961 e, durante anos, foi utilizado pelos sócios para fins sociais, como bailes de debutantes, formaturas e horas dançantes. Atualmente, o prédio é usado como local para uma academia e outras atividades. Porém encontra-se em estado de degradação: “está todo cercado por muros, coberto por árvores (...) as estruturas estão estragadas, os vidros desapareceram (...). A construção não está sendo aproveitada para alguma atividade cultural de que toda a população pudesse participar como concertos, retretas (...) e muitas outras manifestações culturais (...)”<sup>145</sup>:

*....não existe a memória da Praça de Esportes... A Praça é onde está... mas a memória dela... é... a biblioteca Margarida Ramos Couto...Acabou... era uma grande biblioteca ... (...) Tem uma academia... naquele prédio lá do Niemeyer... por exemplo: aquilo ali é um negócio que vai terminar e vai... vai se perder no tempo... num é? (Walter)*

### 2.2.2.1.3 Basílica do Sagrado Coração de Jesus.

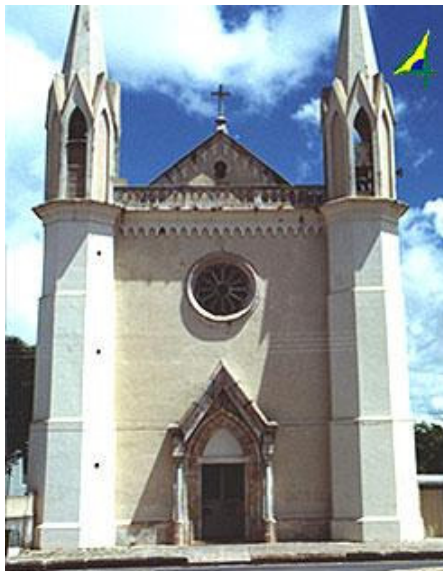


Figura 58: : Igreja Sagrado Coração de Jesus  
Fonte: COORDENADORIA DE TURISMO – DIAMANTINA, 2006.

<sup>144</sup>Como citado no Capítulo 2.1.1, Oscar Niemeyer realizou algumas obras em Diamantina.

<sup>145</sup> LOPES, Helena. Um Niemeyer escondido e esquecido. *Voz de Diamantina*, 17 jan 2004, n.127.p.3

Nas entrevistas, o largo Dom João também foi associado à presença da Basílica do Sagrado Coração de Jesus, conhecida como a Basílica ou Igreja do Seminário, por estar situada ao lado do Seminário Arquidiocesano de Diamantina. A igreja foi citada nas entrevistas como prédio bonito, referência da cidade, local de missas, eventos e atividades religiosas que envolvem a população.

*Tem que falar a verdade, né? A mais bonita é a nossa **Basílica do Seminário**... a Basílica do Seminário é a mais bonita... todas elas a gente venera os santos que tem, mas a mais bonita é ela mesmo... num tem por onde... Lá no... perto da Rodoviária... cê nunca entrou lá? Pode entrar lá que cê vai gostar... muito bonita a capela... (Amélia, grifo nosso)*

*... tem toda uma história na construção da igreja... que o Dom João Antônio dos Santos quando construiu o Seminário ele criou inclusive uma moeda em Diamantina, que perdurou por muito tempo... que é o **burrusquê**<sup>146</sup>... Era o seguinte... o burrusquê... como o bispo da arquidiocese não tinha dinheiro pra... cabou o dinheiro pra tocar as obras... então eles pagavam... eles davam um vale pro... pro pedreiro, pros trabalhadores, né? No final de semana, todo mês dava um vale... só que eles não tinham dinheiro... aí o trabalhador ia na... na venda, né? na época num era mercearia nem outra coisa... ia na venda e comprava mediante o vale... e esse vale foi passando de mão... ia passando de mão em mão e nunca retornava ao bispo pra... pra pagar... então, quer dizer, foi um... foi como uma espécie de uma moeda de troca que foi... que foi... que circulava em Diamantina... e chamava burrusquê... (Estevão, grifo nosso)*

A Basílica<sup>147</sup>, construída em 1888, deu início, junto com o Seminário<sup>148</sup>, à ocupação do largo Dom João. Em estilo neogótico, é a única igreja da cidade construída com pedras de cantaria da região, com altas torres, arcos ogivais e abóbadas cruzadas em diagonais, constituindo um marco visual da paisagem.

---

<sup>146</sup> Conforme MARTINS (2000, p. 298), “burrusquês” era uma espécie de moeda regional que circulou no Alto Jequitinhonha desde a década de 1850 até o início da República Velha. Os “burrusquês” eram vales ao portador, criados por um comerciante francês chamado Barrousque como troco de compra em sua padaria, na cidade de Diamantina. As empresas da região, e até mesmo o Bispado, passaram a emitir esses vales e pagar com eles compradores locais e mão-de-obra.

<sup>147</sup> Projetada pelo padre Júlio Clevelin (o mesmo que projetou a Igreja do Caraça) e consagrada por D. João Antônio dos Santos (Fundação João Pinheiro, 1994).

<sup>148</sup> O Seminário, além da finalidade de formar sacerdotes, preparou futuros homens públicos, sendo o mais conhecido Juscelino Kubitscheck.



Figura 59: Vitrais da Igreja Sagrado Coração de Jesus  
Fonte: DORNAS, 2006.

Em seu interior, possui vitrais coloridos vindos da França, reproduzindo os 15 mistérios do Rosário da Maria; o décimo-sexto representa a aparição do Coração de Jesus a Santa Margarida Maria. A rosácea sobre a porta principal tem no centro Jesus Cristo rodeado pelos apóstolos:

*...se entrasse à tardinha... esse horário não, que já tá escurecendo... mas... na hora que o sol tá... tá se pondo... ele reflete naqueles vitrôs, que são **vitrôs franceses**, né? Que cê percebe ali dentro daquela... daquela igreja um **ambiente de paz** tão grande, né? É uma coisa muito interessante, **chega a ser místico**, né? Então lá tem os diversos quadros da... da vida de Nossa Senhora, da... da vida de... de Cristo, né? Estampados naqueles vitrôs, que são vitrôs franceses, né? (Estevão, grifo nosso)*

*...do Seminário... como ele era... tipo assim... com lodo, sabe? mais... rústico mesmo, sabe? e eu achava muito mais bonito... eu lembro quando eles pintaram eu falei assim: “nossa, ficou feio agora”(...). era na pedra mesmo, assim... igual era a Catedral antigamente também... pintaram.... se era pintada eu num sei, mas que era tipo assim... como se fosse uma parede assim, sabe? com lodo... suja assim, sabe? eu achava muito mais bonita... (Félix)*



Figura 60: Vista da Igreja do Seminário, o traçado da antiga linha de ferro

e bairros periféricos  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004

*...se você for onde é a linha de trem de ferro, o quê que tá acontecendo? nesses quatro anos, **o que aconteceu ali foi uma aberração...** e eu...porque ali é onde o leito da estrada de ferro...se você tiver a oportunidade, você vai lá... na linha... num é? aquilo ali é um terreno federal... o quê que acontece? não tem... as pessoas... a cidade cresce, e as pessoas têm que morar... elas vão fazendo um amontoado, elas vão ocupando...Aquilo é uma **invasão...** então o quê que acontece? depois que essa ocupação vem, aí você tem que repensar esgoto, canalização de água, como que você vai fazer luz e tudo mais... (Walter, grifo nosso)*

O largo Dom João, situado na direção de um dos eixos de crescimento da cidade, localiza-se próximo aos bairros periféricos, cujas características (e problemas) abordamos no capítulo 2.1.3., sobre o espaço da cidade. Nas entrevistas, a referência ao largo também traz à tona questões urbanas, sugerindo a existência de insuficientes ações de políticas públicas e de planejamento integrado. Como as demais áreas não incluídas no perímetro tombado pelos órgãos do Patrimônio (Mapa 6), segue um crescimento acelerado e desordenado. Recentemente, o vetor de ocupação das áreas urbanizáveis se expandiu para a direção do Largo, aumentando a demanda comercial e de serviços, principalmente pela dificuldade de rápido acesso ao atual centro, hoje praticamente saturado. Esse processo fomenta o seu desenvolvimento econômico e vem alterando o seu caráter atual. Toda a ocupação mais recente da área aconteceu sem a adequada orientação ou fiscalização municipal, o que vem contribuindo para o comprometimento da imagem urbana.

### 2.2.2.2 O Mercado Velho



Figura 61: Mercado Velho  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004

Nas entrevistas, o Mercado Velho e o centro histórico foram citados juntos, de forma indistinta. O Mercado Velho, referenciado principalmente pelo seu passado, se constitui num lugar afetivo habitado e vivo na memória das pessoas. Dos 15 entrevistados, seis referiram-se diretamente ao Mercado Velho, e seis o associaram aos tropeiros e ao centro histórico. Foram feitas 13 associações ao Mercado<sup>149</sup>, sendo que 86% dessas vincularam-se à lembrança da época dos tropeiros e o restante, ao Mercado atual. O Mercado Velho, os tropeiros e o centro apareceram no contexto de várias perguntas especialmente sobre a imagem da cidade. Mas, também foram citados quando se perguntou sobre o lugar mais bonito, no momento em que se comentou sobre o antigo carnaval e sobre os lugares que “trariam de volta”. Um dos entrevistados também o associou ao trem de ferro, ao comentar que o abastecimento da cidade acontecia principalmente em dois pontos: no largo D. João, pelo trem de ferro e no Mercado Velho, pelos tropeiros.

O Mercado situa-se no centro da cidade, atual Praça Barão de Guaicuí, antigo Largo da Cavalhada Nova<sup>150</sup>. Esse local era um antigo ponto de tropeiros antes da

<sup>149</sup> Seis sujeitos estabeleceram 13 associações.

<sup>150</sup> A cavalhada velha era ponto de tropeiros vindos do Arraial de Baixo, caminho de chegada à cidade, procedente do Serro e Extração, como ilustra o MAPA 5, Capítulo 2.1.1 O contexto histórico.

instalação do Mercado em 1835 (VASCONCELLOS, 1975). Foi construído pelo tenente Joaquim Casimiro Lages para sua residência e comércio, bem como para servir como rancho para os tropeiros que traziam mercadorias para abastecer a cidade. Mais tarde, o prédio foi vendido à Municipalidade e passou a funcionar como o Mercado de Diamantina, mantendo-se como área de abrigo e comercialização dos tropeiros. O Mercado representou, durante longo tempo, o ponto inicial e terminal de trocas e o mais importante espaço de convivência da cidade, propiciando a conversa, a troca de idéias e a manifestação cultural (IPHAN, [199-], p.47).

O prédio do Mercado constitui uma das construções mais significativas da arquitetura colonial brasileira, cuja composição horizontal promove um contraponto particular na imagem da cidade. Essa condição especial determinou o seu tombamento em 1950 pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Além disso, a localização privilegiada, somada a seu uso intensificado, favoreceu a constituição de um nó urbano na formação do centro da cidade. Implantado em frente e de forma contínua a uma ampla praça e com o adensamento determinado pelo uso, toda a área em frente ao prédio foi estabelecendo a interligação de importantes ruas, muitas delas antigos caminhos originais da cidade, como as do Burgalhau, Campos Carvalho, Beco da Tecla, Espírito Santo, Rosário, Amparo e Praça Conselheiro Mata.

Quanto ao espaço, o Mercado situa-se num vasto largo vazio. Seu interior estende-se para a área externa em frente à fachada principal (Fig. 62) Os prédios e as ruas que alinham e desembocam no vazio da praça contribuem para a sensação de “fechamento/acolhimento” do espaço urbano, qualidade da urbanística orgânica que confere coesão visual e fortalece a configuração espacial ampla e aberta. O vazio da praça acolhe e valoriza o mercado que se impõe, de maneira dominante no contexto urbano, pela sua posição, tamanho, horizontalidade, forma inusitada e pelo contraste cromático azul e vermelho.

O espaço vazio em frente ao mercado configura-se como uma pausa no ritmo coeso das edificações, propiciando uma abertura rumo ao horizonte. O espaço exterior lateral se estende visualmente em direção à serra que emoldura toda a praça. A paisagem natural emoldura o Mercado como pano de fundo, e o vazio que se estende à frente prolonga-se para receber a sua forte presença. À direita, a horizontalidade do mercado se contrapõe à verticalidade da torre da Igreja do Amparo, sugerindo, no espaço público, a presença simultânea da religião e do comércio.

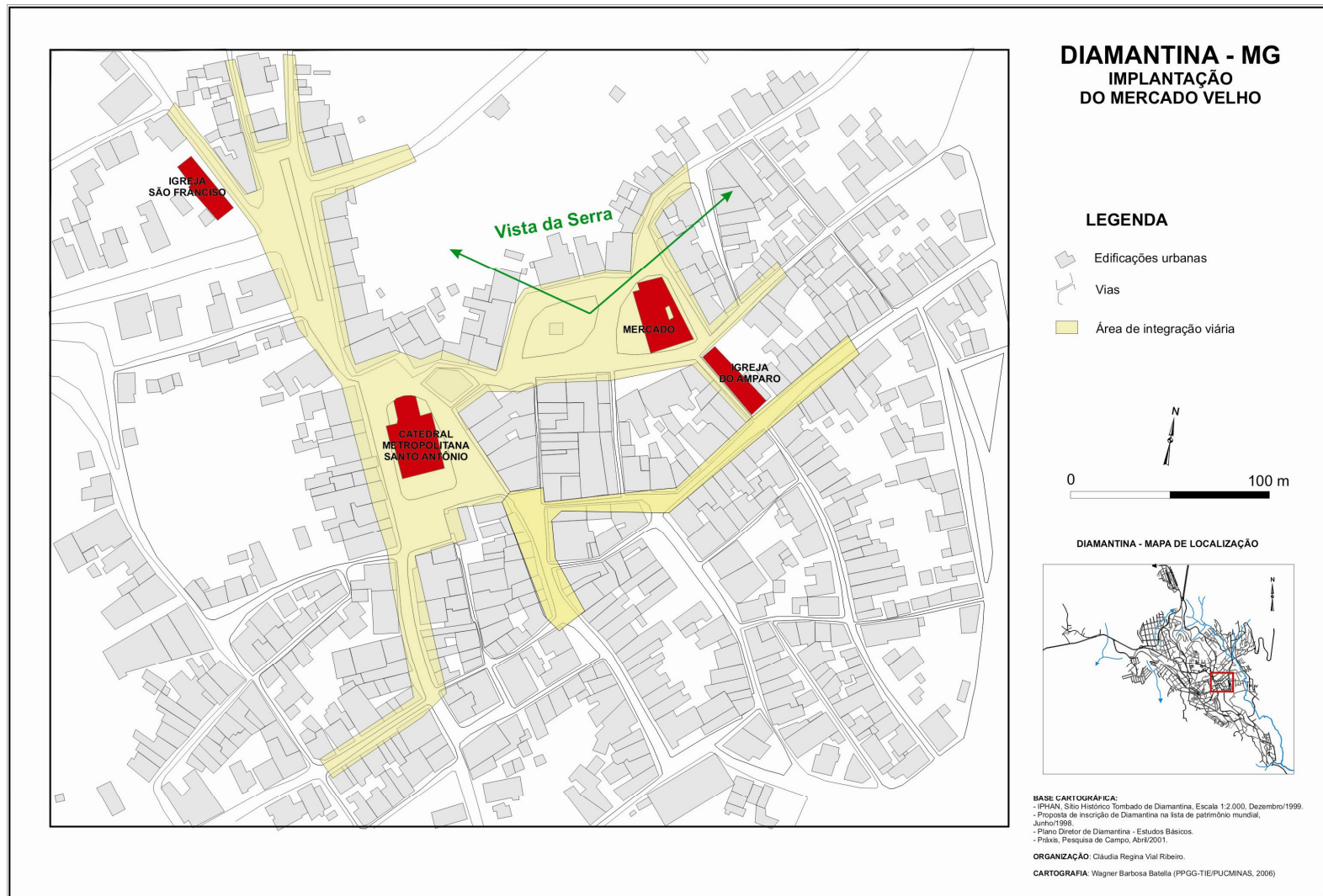


Figura 62 - Implantação do Mercado Velho

Todos os entrevistados que fizeram referência ao Mercado o vincularam aos tropeiros, à época em que a cidade era abastecida pelas mercadorias trazidas pelos burros:

*Olha, ali é onde viveu aqueles...tropeiros....* (Américo, grifo nosso)

*...e o Mercado, né? Pela sua própria estrutura, **pela sua própria história**, né? (...) as tropas que vinham do... elas vinham tanto do Vale do Jequitinhonha como vinham do Norte de Minas, né? então ali no Mercado... é... como disse um historiador aqui em Diamantina: **ali era um encontro das Minas com as Gerais...** porque traziam das Gerais... eles traziam mantimento, que era o toucinho, a farinha, a rapadura... e vendiam ali com o quê? Com o dinheiro das minas que era o ouro e o diamante...* (Estevão, grifo nosso)

*...era o Mercado, o **centro mais forte de compra de diamante** na época.* (Vítor, grifo nosso)

*A gente acampava era no Centro da cidade... a gente... a gente ranchava no Mercado... (...)...a lembrança do Mercado Velho é o seguinte, menina... quando tinha tropa, porque hoje não, hoje tá conduzindo tudo é de carro, né? Mas na época era tropa, **era maravilhoso, era muito divertido...*** (Joca, grifo nosso)  
*Ah, eu lembro de tudo que acontecia ali... ah, ali acontecia de tudo.* (Jonas, grifo nosso)

O Mercado foi lembrado como o lugar que recebia os tropeiros, permitindo que realizassem trocas comerciais, gerando, com isso, um grande movimento na cidade. O mercado era ponto de venda de mercadorias de primeira necessidade e comércio de pedras preciosas. Ali também os tropeiros acampavam, “ranchavam” e nos momentos de descanso, festejavam com música o encontro com os companheiros, estendendo as trocas mercantis para as trocas das relações pessoais.

*...então o movimento sempre era no Mercado... por tradição...* (Américo, grifo nosso)

*Aqui era o seguinte... era **todo mundo encontrava era no Mercado...** Mercado Velho... encontrava todo mundo no Mercado...* (Joca, grifo nosso)

O fator mais importante da existência do mercado era então o comércio. Mas, em suas feiras, não apenas as mercadorias circulavam e eram trocadas, mas metaforicamente, elas também possibilitavam fazer “circular um bem”, no sentido em que Mauss (1971) investigou nas Ilhas Polinésias, ou seja, propiciavam também a convivência entre pessoas e a afirmação dos laços de solidariedade entre elas, constituindo assim um ponto vital de encontro. Dessa forma, os depoimentos ilustram que a importância do Mercado não se resumia a compra em si, mas implicava a existência simultânea de diversas outras variáveis, que estavam presentes nesta ação, responsáveis pelo mérito de sua rememoração

atual. O Mercado Velho ampara lembranças afetivas constitutivas da vida das pessoas assim como da história da própria cidade, possibilitando articular a memória oficial com a memória bibliográfica, o tempo passado e o presente. Ele condensa temas significativos diamantinenses: as trocas comerciais realizadas pelas tropas, o garimpo e a música. A sua lembrança e presença expõem um dos aspectos da “matriz de sensibilidade” da cultura diamantinense, ou seja, o gosto pelo comércio, pela hospitalidade e pela música.

Ao se referirem ao Mercado, os entrevistados ressaltaram a memória olfativa, pela lembrança do cheiro da comida preparada pelos tropeiros, e a memória sonora, pelo barulho dos animais e presença da música dos violeiros. Polissensorial, o mercado aciona um amálgama de vivências afetivas povoada de sons e cheiros, revelando a presença de uma sinestesia, ou seja, a interpenetração dos vários órgãos dos sentidos, que mapeia afetivamente a memória viva da cidade.

De forma especial, foram enfatizados três aspectos, que a seguir apresentaremos:

- a preparação de comida

*Lembro... olha, lá a gente ia pra lá comprar as coisas na mão deles... ali no mercado... e ficava observando o pessoal com aqueles... **fogãozinho, aquela trempe fazendo comida, aquelas coisas... chamava muito a atenção da gente.***  
(Américo, grifo nosso)

*ali tinha fogãozinho... trempinha... muita que cê via ali dentro...**Nas trempinha, tinha as panelinha...** tinha... né? o mancebo que a gente fncava dum lado dado pra poder **coar o cafezinho...**(...) É um coador de café né? é... aí... tinha o **feijão tropeiro** que eles fazia, né? o feijão tropeiro que eles aí lá, comprava carne de porco, comprava as coisa e socava no feijão... colocava de tudo e aí a pouco tava todo mundo comendo o feijão tropeiro... Lembro... de tudo... nossa, e era bom demais... (Jonas, grifo nosso)*

*... **todo canto que ocê olhava tinha uma trempezinha fazendo comida...**Pra eles comer... eles trazia, vinha, o ... hoje não tá usando mais... eles trazia assim o... a trempe... ficava no chão... fazia o carpete... fncava... eu tinha até um, num sei da onde que foi.. eles... era o... como é que fala? Mancebo, né?(...) pra fazer a comida eles faziam lá aquela trempezinha.. e... o tijolinho que usava antigamente, fazia aquela trempezinha ali, uma de um lado e outra do outro... e dali eles faziam a comida... era comida feita com toucinho e hoje não existe quase toucinho, hoje é só óleo de soja...então... **a gente tem saudade... comida cheirava, hoje ocê num vê cheiro na comida... até o alho hoje é diferente... um alho grande, que vem de fora... o alhozinho que era daqui da região, parece que acabou a raça... então a comida saía tão gostosa, tão cheirosa e a gente ficava por ali... era rapadura, era amendoins.. tinha o... uma outra coisa que fala o ivigilim (sic)... que hoje parece que num existe também mais... isso tudo tinha no Mercado... (...) então, menina, era uma coisa maravilhosa, isso ocê encontrava no Mercado... hoje já não encontra mais nada dessas coisas... **mas era muito importante...***** (Joca, grifo nosso)

...e que chegavam as pessoas, amarravam os animais ali na frente e lá dentro do Mercado eles **preparavam a sua... a sua comida, né?** Quer dizer, com pira no chão ainda... os caldeirões nas trempes próprias... (Estêvão, grifo nosso)

- os animais (o som dos animais, as brincadeiras das crianças que acompanhavam os adultos que ali efetuavam trocas comerciais)

Oh, a gente vinha... tem o próprio Mercado, que a gente colocava... amarrava os burro... tinha ali embaixo na casa da... uma tia também... lá tinha um quarto muito grande... prendia os animal lá, né? mas comprava as coisa...(...) **Gostava... nó... eu tô vendo... ocê vê ali, oh... eu tô vendo aquele bonequinho<sup>151</sup> montado num cavalinho ali... a coisa que eu mais gostava era aquilo...Montava até no pêlo... (...) Montava no pêlo mesmo, num tinha sela, num tinha nada... a gente gostava é de montar...** (Jonas, grifo nosso)

... cê chegava ali no Mercado, cê subia, chega tropa com tropeiro dum lado, outro tropeiro do outro, os animal tudo assim... um atrás do outro trazendo mercadoria... chegava e despejava aquilo lá... (Joca, grifo nosso)

ah porque era onde vinha as tropas, né? **Eu era menino, a gente ficava correndo entre os cavalos, né?** (Reinaldo, grifo nosso)

Eu tenho lembrança da época dos tropeiros, lembro muito da época de tropa, que o pessoal chegava ali marrava o animal, quando saía era a coisa mais linda, **o barulho de cincerro** chegava a doer. Que os pessoal... alguns usa fala “polaqui” mas o legítimo seria cincerro, o pessoal falava na época...É uma ...tipo um aparelho que eles coloca no pescoço do animal e **ele bate, blem, blem**, tipo uma campainha, é um alarme, é um alarme...(...) Tipo um colar, entendeu? um colar não tem um tanto de pedrinha, então o cincerro também teria um tanto de alarmes. Cada um batia de um jeito, **então fazia aquele barulhão, blem, blem, blem, blem...** aí ...agora o “polaqui”, que o pessoal usava falar muito “polaqui”, ele era usado em quase todos os animais mas esse era pra alarme de campo, não dentro da cidade. Porque no caso de solta no pasto, aí o cara...o tropeiro levantava de madrugada pra pegar o animal e ele escutava, olha esse sino está batendo lá naquele lado e ia lá buscar o animal. (Vitor, grifo nosso)

- a música (clima de festa e confraternização)

Ah lá acontecia o sanfoneiro... aparecia as pessoa tocando **violão, viola e cantando... aquela festa que a gente fazia...** (Jonas, grifo nosso)

Era só mesmo os tropeiro que tinha... e ali costumava tinha tropeiro, vinha aqueles **violeiro, sanfoneiro...** encostava num canto lá e tocava... **todo mundo, o pessoal juntava pra ver o pessoal tocando**, o pessoal da roça tocar... então era muito animado... (Joca, grifo nosso)

As referências em relação ao Mercado Velho no tempo passado foram assim sintetizadas:

---

<sup>151</sup> Burrinho de cerâmica representando um tropeiro que estava na prateleira da sala do entrevistado e ele buscou para mostrar.

## QUADRO 4

Mercado Velho – referência ao tempo passado

categorias	Referência das entrevistas
Trocas comerciais	mercadorias dos tropeiros, venda de diamantes e ouro abastecimento da cidade
Trocas afetivas	relações pessoais relações com animais relações com a comida relações com a música

O Mercado Velho foi associado pelos entrevistados à vivência de uma época passada, experienciada na faixa etária dos 8 aos 18 anos, principalmente a infância, marcada pela presença de pessoas muito queridas:

*Ah essa época eu devia tá com 12 pra 13 anos... (Estêvão)*

O Sr. ia com quem? *Com os irmãos mais velhos. (Reinaldo)*

*Vinha com meu pai e com os tio, né? que a gente vinha da roça pra cá... (Jonas, grifo nosso)*

*... eu morava na roça e eu vinha com a minha mãe.... Eu vinha com meus pais, igual eu ti disse antes, é de geração de garimpeiros, né?, eu vinha com meus pais pra vender diamantes, aí eles vendiam e o lugar que a gente ia primeiro depois de ter um dinheirinho era no Mercado. Então isso ficou uma marca, uma lembrança... (Vítor, grifo nosso)*

*Ah eu era novo... eu era menino assim, idade assim de 8, 9 anos...(...) **Eu vinha sempre com meu pai...**(...) Senador Mourão... é... é que eu saí de lá de Inhaí eu tava muito novo, **eu tava com cinco anos...** quando eu saí de lá de Inhaí e fui pra Senador... e aí então a gente vinha com meu pai... **meu pai também ele tocava tropa...**(...) o meu pai? **Meu pai tocava garimpo...**(...) **Vinha sempre pra vender diamante, pra vender ouro... e tinha animal também... tocava lavoura também... tocava muito... tocava sanfona, tocava viola, tocava violão, tocava cavaquinho... todo instrumento ele tocava um pouco... então eu vinha com ele... sempre vinha com ele...**(...) **eu, se pudesse trazer alguma coisa de volta... eu tinha pensado em trazer meu pai...** trazer meu pai de volta, porque ele gostava assim de... muita festa, né? (Joca, grifo nosso)*

Mas hoje esse Mercado das tropas não existe mais. A partir da metade do século XX, principalmente com os novos meios de transportes e conseqüentemente, com o aumento de rodovias (como vimos no capítulo 2.1.1 - O contexto histórico), a função dos tropeiros foi gradativamente se extinguindo. Em 1993, o prédio do Mercado foi desativado e restaurado e, desde então, abriga o Centro Cultural David Ribeiro de Alcântara. A transformação do uso sugere um paradoxo, pois o mercado das tropas era,

espontaneamente, um “centro cultural”, um espaço-vivo onde a cultura e o pensamento social da cidade se manifestavam<sup>152</sup>:

*O Mercado hoje virou um ponto... praticamente turístico, né? (Jonas)*

Nas entrevistas, foram as seguintes referências relativas ao Mercado atual:

- ponto turístico
- feira de sábado
- eventos musicais: seresta, conjunto de pagode, seresteiro, sanfoneiro
- local onde acontece o *réveillon* e o carnaval
- local de eventos: exposições, cursos e reuniões.

A feira, que acontece no Mercado aos sábados pela manhã, foi citada como lugar para comprar verdura, doces, comestíveis, tomar caldo e cerveja, bater papo e encontrar pessoas:

*Aquela feira que cê vê acontecendo... foi uma luta pra nós conseguir aquela feira... (...) pedimo... fizemo um ofício e mandamo pra ele... pedindo pra ele pôr o Mercado pra funcionar... porque tava muito parado, num tinha nada... mas era pra funcionar uma tropa vim... porque era pro pessoal vim com a tropa novamente, né? pra reativar o Mercado..(...). a gente queria que era pra eles vim trazer mercadoria... que era coisa original, né? e aí num tem... começou... começou bem... com uns quatro ou cinco tropeiro fazendo isso... depois eles pegou... a venda ficou muito ruim... eles foi e desistiu... num teve mais também não... (Jonas, grifo nosso)*

*...o pessoal de fora invinha vender as coisas, né? e eles estão retomando...o dia de sábado, por exemplo, que tem feira lá. (Américo, grifo nosso)*  
*Porque o pessoal, hoje em dia, lá na Feira do Mercado, eles tão comprando em Sacolão e revendendo lá... qualquer um pode ver... ao sábado de manhã pode vim aqui embaixo... todo mundo que vende lá tá pegando verdura aqui embaixo... ao sábado de manhãzinha pode vir aqui no posto e ficar olhando pra senhora ver... e a senhora vê eles levando alface... levando tomate... cenoura... tudo pra lá... pra vender, pra revender lá... isso num é uma feira, né? (Márcio, grifo nosso).*

O mercado atual não corresponde mais à feira da cidade. Hoje se transformou em palco de eventos, principalmente voltados para o turista. A troca comercial entre cidade e campo que os tropeiros estabeleciam foi substituída pela troca comercial entre cidade e turista. As várias tentativas de rememorar o Mercado de forma literal, tanto no caso das tropas como das verduras, ou mesmo as serestas ali realizadas sextas à noite, levantam questões, por exemplo: até que ponto essas rememorações se constituem em jogo de aparências, um simulacro, um não-lugar, revelando um maneira nostálgica, conservadora e estereotipada de fazer retornar o passado, ou será que essas rememorações abrem novas

---

<sup>152</sup> Como vimos na Parte 1 desta tese, segundo GEERTZ (1989, p. 33), o ambiente natural do pensamento social de uma cultura é o pátio da casa, o local do mercado e a praça da cidade.

possibilidades de trocas, atualizando-as com as perspectivas atuais de uma cidade média, histórica e tombada pela Unesco?

O mercado também é palco para apresentações de serestas, uma vez por semana à noite, e para os ensaios da Banda Euterpe Diamantinense, que ocorrem em alguns dias na semana. A música da banda promove a aproximação espontânea das pessoas da cidade, fazendo acontecer novamente, e de outra forma, o encontro inesperado, fator que revigora o espaço urbano:

*...o ensaio tá sendo no Mercado... tá sendo até animado porque o pessoal ouve a banda tocar e vai pra lá e... acaba reunindo ali um pessoal... tá... rolando, né?*  
(Américo, grifo nosso)

*Ah o Mercado hoje... bom, eles arranjaram bastante assim... coisas... muitas tradições... assim pra... fazer uma animação... mas num é igual era de jeito nenhum... vai muito assim conjunto de pagode, vai seresteiro e... vai assim outros variedade assim de... sanfoneiro (...) mas não é igual antigamente...*  
(Joca, grifo nosso)

*...teve uma coisa no Mercado com três... as três bandas... cada qual melhor que o outro... porque a Euterpe Diamantinense é uma... uma das primeiras bandas aqui de Diamantina... que era banda do Jaime...(...) então foi lindo lá no Mercado, eles fizeram... cada um sentou num certo lugar e cada hora era uma que tocava uma música mais bonita que a outra.* (Rosa)

O Mercado Velho deixou saudades e o Mercado Novo, localizado no largo D. João não possui a força de atração deste. Sua implantação e configuração arquitetônica o fazem “fechar” sobre si mesmo inibindo as desejáveis trocas físicas e visuais com o entorno, tais como ocorria no Mercado Velho:

*....pros antigos num substitui aquele lá embaixo não... tapeia, né?* (Américo)



Figura 63: Mercado Novo

a) acesso próximo a Rodoviária

b) acesso próximo a Praça Sagrado Coração de Jesus

c) interior do Mercado

Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2006

### 2.2.2.3 O centro histórico



Figura 64: Centro Histórico  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004

Dos quinze entrevistados, oito se referiram ao centro histórico de forma direta, mas todos, de alguma forma, o citaram, quando comentaram principalmente sobre o carnaval<sup>153</sup>, o Mercado Velho<sup>154</sup> e a Antiga Sé. O centro também apareceu quando os entrevistados falaram sobre o mau estado do calçamento e os trajetos cotidianos e no contexto das perguntas sobre a imagem da cidade, o lugar mais bonito e sobre o que gostariam que voltasse no tempo. Foram as seguintes principais referências e depoimentos associados ao centro:

- ponto de referência como cidade histórica
- trajeto de turistas
- ponto físico convergente da cidade
- trânsito cotidiano das pessoas
- edifícios antigos, história antiga
- prédios significativos
- local de serviços especializados, tais como bancário, administrativo, lojas de vestuário, estabelecimentos de saúde, outros
- local de realização do Carnaval e da Semana Santa
- local de insatisfações em relação à preservação da cidade

*...que é mais no Centro da cidade... e eu acho... eu acho que os turista mais... mais... o trajeto dos turista é ali... mais ali... e eu acho que é muito... muito bonito. (Márcio, grifo nosso)*

*Olha, eu acho mais bonito é o **centro histórico** mesmo, onde era o **Mercado Velho**., o centro ali...tem muita coisa bonita, muitas coisas importantes, coisas que eu nem sei explicar quando foi construído porque não foi da minha época*

<sup>153</sup> Ver comentários no item sobre espaço das festas.

<sup>154</sup> Ver comentários no item sobre o Mercado.

(...) ... *mas as pessoas que vêm de fora, eles olham... vão olhar primeiro aquilo...*(Vítor, grifo nosso)  
*...eu vou ti falar... o meu...governo é o centro (...) O mais... o mais marcante aqui em Diamantina... (...) pra mim é mesmo é o Centro... as igrejas, que são antigas... e ... a prefeitura, o prédio da prefeitura é antigo... o palácio é antigo... a casa da Chica da Silva... essas casas mesmo do Centro que são antiga... agora o resto é coisas mais moderna, né? Agora o Centro ali tudo é coisas antiga já não faz casa no período moderno mais antiga...* (Joca, grifo nosso)

QUADRO 5  
 Atual Centro Histórico

categorias	referência das entrevistas
Memória e monumentos	imagem inalterada edifícios antigos
Acessibilidade difícil	presença de prédios significativos dificuldade de estacionamento dificuldade de andar no calçamento devido ao seu mau estado de conservação, várias ruas mal iluminadas
Festas e rituais	carnaval, Semana Santa Igrejas
Comércio	serviços especializados bancário e administrativo lojas de vestuário hospitais e saúde

O centro histórico se constitui uma das referências turísticas mais importantes de Diamantina, vitrine que a projeta e a divulga para além de suas fronteiras. Ele testemunha a idade de riqueza e prosperidade da cidade, propiciada pelo diamante e posteriormente pela indústria e comércio, como vimos no capítulo 2.1.1 - O contexto histórico.

Em Diamantina, apesar de o centro histórico ser turístico, ele funciona com vida própria. Encontra-se vinculado ao percurso cotidiano da população, pois sua posição na malha urbana faz com que seja um ponto convergente e de passagem para vários bairros. Nele também se encontram os serviços especializados, como bancário, administrativo, lojas de vestuários e instituições de saúde, fator que aumenta o seu poder de atração:

*... meu trivial de... de andar é ali... “Catredral”, Mercado Velho eu gosto muito do Centro da cidade... é... então a gente sai daqui do bairro e vai pro Centro...* (Joca, grifo nosso)

*Trocar de roupa pra ir lá assim, passear no centro, não vou não, não precisa...só se comprar remédio, uma comida, um banco, prefeitura...* (Jaime, grifo nosso)

*...só a questão de banco e de loja mesmo de vestuário é que são no Centro...* (Sônia, grifo nosso)

Segundo as entrevistas, a percepção de mudanças na área central foi pouco acentuada devido à preservação da imagem de conjunto e da unidade visual de sua arquitetura. Apesar de ser percebido como “inalterado”, o centro histórico não estabelece com o passado uma relação estática e imóvel, mantendo em movimento um passado continuamente re-experimentado:

*Ah... as ruas são as mesmas... as casas são as mesmas... que o Patrimônio num deixa mudar, né? geralmente elas... por dentro elas são diferente, mas do lado de fora são as mesmas... eu acho que **num mudou nada não**, Cláudia. (Rosa, grifo nosso)*

*... eu acho que Diamantina... sobretudo no Centro histórico e na... na área preservada... ela... por mais que algumas coisas foram deterioradas... **ela ainda conserva boa parte bem... as pessoas têm essa preocupação...** (Walter, grifo nosso)*

O centro histórico de Diamantina se configura como importante cena da vida religiosa da cidade, abrigando grande número de igrejas que se apropriam de suas ruas nas festividades religiosas. No Carnaval, as ruas do centro são tomadas pelas pessoas. Palco de vários eventos musicais que ali se apresentam, a área central da cidade abriga pousadas e comércio especializado de *souvenirs*.

A Catedral Metropolitana marca o centro principal de Diamantina e abriga lembranças da Antiga Sé de Santo Antônio, demolida para dar lugar à Catedral.



Figura 65: Antiga Sé – década de 1920  
Fonte: ALKIMIM, 2005, p.90.



Figura 66: Catedral Metropolitana  
Fonte: Cláudia R.Vial Ribeiro, 2006

Nas entrevistas, a Antiga Sé apareceu vinculada às lembranças de épocas passadas, vivenciadas com pessoas significativas, especialmente na infância, e com ela as referências a acontecimentos importantes:

*Lembro muito criança... a simplicidade que era aquela igreja... a frequência também.... eu fui batizada nessa Sé Velha... (...) porque eu lembro que com nove anos eu cantei nessa Sé ... foi a primeira vez que eu cantei... tinha aquela vaidade de cantar sozinha, né? e todo mundo... todo mundo não, as pessoas que tava lá perguntou: “quem é que cantou?”... a gente ficava toda cheia de vida... (Amélia, grifo nosso)*

*... coroação... lindas... noh, do lado de fora da rua... eles faziam caixote um em cima do outro, um em cima do outro... e vinha com aquelas gazes... antigamente tinha gazes, né? é... aquelas... aqueles pano fininho... todo... eu lembro como se fosse hoje, porque eu já coroei Nossa Senhora num sei quantas vezes... então eles punham estrelinha... fazia aqueles forro assim e punha estrelinha... era lindo... a gente achava... a gente achava que tava abafando, né? e eu cantava demais... (...) Ah, isso me dá uma recordação... ah, eu voltaria à Sé... eu voltava... ah, me dá uma recordação tão boa... (Rosa, grifo nosso)*

A antiga Sé foi construída em 1750 para substituir a capela levantada pelos bandeirantes no Arraial do Tijuco. A frente da igreja era voltada para a Rua Direita e a lateral, em frente ao prédio da Câmara, se prolongava em direção a uma praça. Esse espaço abrigava um monumento<sup>155</sup>, árvores com sombra, bancos<sup>156</sup> e um coreto onde as bandas de músicas faziam apresentações de retretas<sup>157</sup>. Os coretos, palcos cobertos destinados à realização de espetáculos musicais, promovem uma reunião festiva, um acontecimento que qualifica o espaço urbano, estimulando o encontro entre as pessoas:

*... porque Diamantina por ser cidade histórica... a maioria, eu não sei, eu posso tá errado, tem um coreto ou alguma coisa assim... e Diamantina tem e num tem mais... Diamantina já teve e num tem mais... Se eu não me engano, em frente à Casa São Paulo... em frente à Catedral... antigamente tinha um coreto... (Fernando, grifo nosso)*

*Antigamente no lugar da Catedral, tinha um lugar lindo que era a Sé... a Igreja da Sé...(...) ... porque lá a gente cantava muito missa lá, sabe? tinha um... um coreto na frente da igreja... da igreja... um coreto com jardim lindo... que a gente passava... era tão lindo... tão lindo mesmo... (Rosa, grifo nosso)*

*Eu voltaria minha idéia pra Catedral Velha... chamava Sé... chamava Sé... Velha...(...) Em volta da igreja, tinha... pro lado de fora tinha um escadaria,*

<sup>155</sup> Localizado na foto de Chichico Alkimim (SOUZA; FRANÇA, 2005).

<sup>156</sup> As árvores e bancos foram localizadas na mesma foto e Fernandes, Conceição (2003, p. 60) comentam sobre bancos e árvores com sombras.

<sup>157</sup> FERNANDES; CONCEIÇÃO (2003).

*tinha um patiozinho... plantada algumas coisa onde hoje é a Casa São Paulo, né? (...) eu sei que tinha um jardimzinho...* (Amélia, grifo nosso)

Em 1933, a Antiga Sé foi demolida para dar lugar à atual catedral, em estilo neobarroco. Segundo Fernandes e Conceição (2003, p. 62), “a motivação para essa demolição e construção da Catedral da Sé, assim como a alteração do espaço público adjacente, deve-se muito mais à necessidade de afirmação institucional da recém-criada Arquidiocese de Diamantina, do que efetivamente, aos aspectos estéticos e arquitetônicos”:

*Ah eu gostava... gostava muito da Sé... (...) quando demoliu foi uma tristeza pra muita gente...(...) muito bom, fez outra coisa...(...) se existisse o Patrimônio, ela não era destruída...(...) acho que foi na igreja de São Francisco que ficou funcionando a Catedral... até construir... demorou muito tempo pra construir... mas por isso não deixou de fazer as reza que tinha(...) honra seja feita: a Catedral lá é muito bonita... tem arquitetura muito bonita... mas a Sé Velha... madeira mesmo, madeira de lei como se diz...* (Amélia, grifo nosso)

*Aí mudou... fizeram a Catedral... ninguém deu duro... ficou assim por isso mesmo...* (Rosa)

A catedral ocupou uma área construída muito maior do que a da Antiga Sé, fazendo uso do espaço da antiga praça (Fig. 65 e 66 ). Sua frente é voltada para a atual Praça Joubert Guerra, para onde o coreto foi transferido. Em 1938, este espaço foi desmanchado para dar lugar ao atual estacionamento de táxi<sup>158</sup>. Observamos que essas transformações alteraram a qualidade dos espaços públicos em volta da igreja, reduzindo substancialmente a diversidade de usos possíveis de serem apropriados pela população. Anteriormente, o espaço em volta do prédio oferecia opções e oportunidades de enriquecimento da vida pública. Hoje, restam apenas ruas em torno da catedral, um espaço uniforme de circulação. A Fig. 67 sintetiza e ilustra os vários momentos e a gradativa diminuição de opções de aproveitamento e de formas de apropriação do espaço público. As alterações substituíram as múltiplas possibilidades de usos das pessoas pelo uso exclusivo do carro.

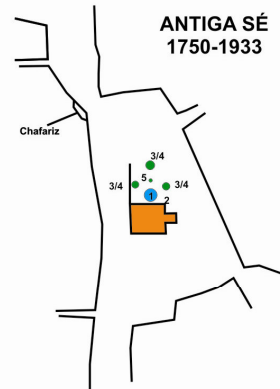
---

<sup>158</sup> PÃO, Ademir. Onde estão os coretos de Diamantina? *Voz de Diamantina*, 11/06/2005. n. 200.

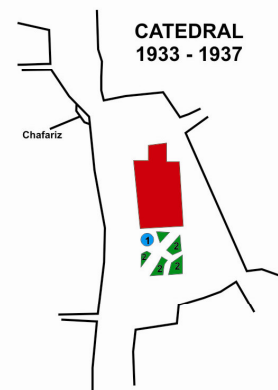
## Croquis de transformações do entorno urbano da Catedral



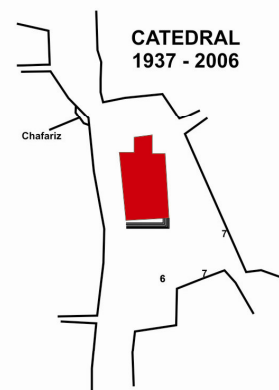
Fonte: ALKIMIM, 2005, p.90.



Fonte: HORTA, 2003, p. 63.



Fonte: REIS, 2003, p. 73.



0 — 50 m  
Escala aproximada

### Legenda

- |             |                    |
|-------------|--------------------|
| 1 - Coreto  | 5 - Monumento      |
| 2 - Jardim  | 6 - Ponto de Taxi  |
| 3 - Árvores | 7 - Estacionamento |
| 4 - Banco   |                    |

Figura 67 - Croquis de transformações do entorno urbano da Catedral  
Fonte: Organização Cláudia Regina Vial Ribeiro - Arte Wagner Barbosa Batella (PPGG-TIE/PUCMINAS, 2006)

No entanto, a catedral continua como palco dinâmico da vida pública, referência do centro histórico e guardião da memória de sua própria história, tanto no coração das pessoas como em seu próprio espaço interior, ao conservar nele os antigos retábulos em talha barroca da Antiga Sé, talhados em madeira de lei.



Figura 68: Antigos retábulos da Sé  
Fonte: Cláudia R.Vial Ribeiro, 2006

Alguns entrevistados apontaram dificuldades que encontram em relação ao centro. Paradoxalmente, elas dizem respeito à restrição e insuficientes áreas para estacionamento e à insatisfatória manutenção do calçamento que, algumas vezes, dificulta a locomoção:

*... a única coisa que eu tô achando perigoso é ocê andar de carro no Centro... tá impossível...(...) Ah, primeiro: **ocê num tem um lugar pra estacionar carro...** segundo: **o pessoal de Diamantina gosta de andar no meio da rua...** eu nunca vi... é ... e terceiro: **é difícil você querer resolver alguma coisa no Centro se ocê for de carro... cê tem que ir a pé mesmo...** (Fernando, grifo nosso)*

*Às vezes, cê tem necessidade de andar de carro por questão de... de tempo, né? Mas até... até porque hoje é difícil... durante a semana, cê andar de carro em Diamantina... cê não acha estacionamento...(...) durante a semana, depois de nove horas, **difícilmente cê consegue um estacionamento...** ali embaixo... então, às vezes cê vai num banco ou vai resolver qualquer coisa... a distância que cê vai deixar o veículo é preferível cê descer a pé, né?* (Estêvão, grifo nosso)

*O nosso piso... ele deixa muito a desejar... tanto para veículo quanto pra pedestre, né? é... o nosso calçamento é muito irregular... não houve assim uma... uma manutenção adequada.* (Estêvão)

*O calçamento tá péssimo, muito ruim...* (Amélia)

*O... essa porcaria dessas pedras aí que a gente num pode andar de salto... porque sai cavacando... catando cavaco... porque... horrível, o calçamento aqui... é horrível... (Rosa)*

Nas entrevistas, no contexto das perguntas sobre o lugar mais bonito, a imagem da cidade e sobre a originalidade de Diamantina, destacou-se também o Passadiço da Glória:

*Por aqui... é mesmo é o Centro mesmo da cidade, né? É o Centro mesmo da cidade.....(...) é coisa importante... o Colégio Nossa Senhora... o antigo Colégio Nossa Senhora das Dores... ele travessa... **Eu acho importante**, porque... o pessoal passa por cima, a rua tá embaixo, o pessoal passando por cima... tipo um túnel, né? Então o pessoal passa por baixo, e o Colégio vem por cima... a parte de um lado, a parte do outro... e a passarela... (Joca, grifo nosso)*

*Aquele passadiço ele... é uma... é uma **referência** que a gente... eu pelo menos não conheço outro local... nem por foto nem por nada... não conheço nenhum passadiço daquela forma como ele foi construído ali... (Estêvão, grifo nosso)*

*Olha... é... a foto mais bonita é aquele passadiço da Rua da Glória...(...) É muito bonito e tal, mas eu acho que aquele passadiço da Rua da Glória dá uma foto linda... (...) A **lembrança** daquele colégio... interno, né? Minhas irmãs moraram ali todas duas... estudaram ali... colégio rígido... e... então a gente tem essa lembrança daquele colégio... a gente freqüentava **ali aos domingos pra ir lá visitar as irmãs**... minhas duas irmãs que morava lá, né? Então era ponto de... visita aos domingos... muito interessante pra nós na época, né? Depois acabou... (Américo, grifo nosso)*

Esse edifício “ocupa, de modo bastante original, dois prédios fronteiros, de épocas e estilos diferentes interligados por um passadiço de madeira sobre a Rua da Glória. O mais antigo, de construção setecentista, pertenceu inicialmente à Coroa Portuguesa, tendo sido mais tarde adquirido por dona Josefa Maria da Glória, daí provindo a denominação de “casa da Glória”, como ficou conhecido<sup>159</sup>”. Em 1813, foi comprado pela Fazenda Real para residência oficial dos intendentos do Distrito Diamantino, quando tornou-se famoso pelas grandes recepções e festas luxuosas de que foi palco. Em 1867, nele foi instalado o Educandário Feminino de Nossa Senhora das Dores, que, mais tarde adquiriu o sobrado em frente, datado de meados do século XIX. Foi então que se construiu, no nível dos segundos pavimentos, o passadiço de ligação entre os dois prédios do colégio. Atualmente ali funciona o Instituto Casa da Glória, que abriga o Centro de Referência em Cartografia Histórica, órgão complementar do IGC- Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>159</sup> FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (1994, p. 340 -343). O edifício da Casa da Glória não é amparado por medida de tombamento direto. Ele está compreendido no acervo arquitetônico e paisagístico da cidade, tombado em seu conjunto pelo IPHAN.

#### 2.2.2.4 A paisagem da cidade



Figura 69: Diamantina e o Pico do Itambé  
Fonte: RODRIGUES, 2004.

Nas entrevistas, as referências à paisagem da cidade apareceram em vários momentos, como nas perguntas sobre o lugar mais bonito (tanto dentro quanto fora da cidade), sobre a originalidade de Diamantina e sobre qual a cor associada à cidade. A paisagem apareceu também quando se comentou sobre os deslocamentos externos e internos e na percepção das transformações ocorridas na cidade. De um modo geral, a paisagem foi associada à percepção do sítio e do traçado urbano, a alguns pontos mirantes da cidade, à luminosidade e ao clima atmosférico, ao contato com a natureza, e à degradação ambiental (topocídio). A seguir, analisaremos cada uma dessas associações.

#### 2.2.2.4.1 A percepção do sítio e do traçado urbano:

Nas entrevistas, a percepção do traçado urbano e do sítio em que a cidade está inserida evidencia a presença necessária do corpo no deslocamento diário. Andar a pé implica a funcionalidade de resolver coisas sem o uso necessário de automóveis, o que é ainda possível nesta cidade. As caminhadas, ao mesmo tempo que se destinam à resolução de afazeres funcionais, são também passeios. Elas têm uma função ritual, que permite ao morador estar em contato permanente com as pessoas e os eventos do seu universo social mais imediato. É andando a pé que se fica sabendo das coisas. Além disso, permite que as várias perspectivas e ângulos da cidade sejam constantemente renovados e descobertos:

*Eu gosto muito de andar a pé... palmilhar essas ruas... escorregar nesses calçamentos. (Estêvão)*

*Aqui é cheio de altos e baixos. (João)*

*...só que cansa, clima quente e muito morro... (Fernando)*

*Diamantina tem muita subida, muito morro, quando chega lá no alto tem só que suspirar... agüenta coração. (Amélia)*

*... porque aqui ocê não vê a cidade... **ela é montanhosa, né? Ocê... é... enxerga pouca distância...** aí no centro... **cê sai daqui, por exemplo, da Romana, pra ir ao centro, **cê só vê essa área aqui, né?****.(Américo)*

*Lá do alto a gente vê as ruas tudo traçado assim, né? (faz com gesto os traçados da rua) De lá, a gente enxerga essa parte toda, só não enxerga pro lado da Vila Operária, né? Enxerga essa parte toda aí, né, **as ruas traçadinhas, né?** (Jairo)*

Nas entrevistas, a paisagem também apareceu nas letras das músicas escolhidas como as mais bonitas da cidade: “Diamantina em serenata” (considerada o hino da cidade) e “As ruas e as serestas”, transcritas a seguir. Notamos que ambas dão notícia da topografia, do traçado urbano e da paisagem. Nas letras, os espaços públicos das ruas são apropriados pela atividade musical. As pessoas, o sítio e o traçado urbano, o passado e o presente, estão todos envolvidos e participam desse momento musical, num “clima” de ternura e de saudade.

## Diamantina em serenata

Pe. Celso de Carvalho – Lícia Pádua Coelho

Quando à noite a linda lua  
Torna as pedras cor de prata  
Diamantina sai à **rua**,  
Transformada em serenata.  
Seresteiros indormidos,  
Dedilhando violões,  
Levam música aos ouvidos  
E **saudade** aos corações.

A seresta apaixonada  
Corre **as ruas do Macau,**  
**Capistrana, Carvalhada,**  
**São Francisco e Burgalhau.**  
Estas **ruas serpentes**  
É tão fácil entendê-las  
**Descem doidas por diamantes,**  
**Sobem ávidas de estrelas.**

**O Itambé** mesmo de longe,  
Ouve os sons, quase em surdina.  
Ergue as mãos azuis de monge  
E abençoa Diamantina.  
Se de um sonho nada resta,  
Só saudade, só, mais nada,  
Como é linda uma seresta  
Numa noite enluarada!

## As ruas e as serestas

Pe. Celso de Carvalho / Fabiano Pimenta

Foi um sonho tresloucado,  
Que **galgou estas ladeiras,**  
Semeando, sem traçado,  
Tantas **ruas feiticeiras**  
Um **presépio** que fascina,  
E seu nome é Diamantina.

Por aqui passaram antes  
Senhoris Contratadores,  
Intendentes arrogantes  
E Sinhás, com seus Senhores;  
Hoje passam, tresnoitados,  
Seresteiros, namorados...

Bastam vozes, bastam flautas,  
Cavaquinhos, violões,  
Pois as **ruas** são as pautas  
E o luar faz as canções

Vós passais tão descuidados!  
Tendes olhos e não vedes:  
**Há tesouros enterrados**  
**Nestas chãos, nestas paredes;**  
Há **saudades** debruçadas  
Nos balcões destas sacadas!

A cantar, na noite clara,  
Pelas **ruas da cidade,**  
A seresta encarna a alma  
Da **ternura** e da **saudade,**  
Que jamais esteve ausente  
Das canções de  
antigamente.

**Estas ruas sabem lendas**  
Mil histórias deslumbrantes,  
Dolorosas, estupendas,  
De mucamas e diamantes,  
De pequenos e de grandes,  
De Isidoro e João  
Fernandes.

Tanto prantos elas viram  
**Pobres ruas! Que parecem**  
**Ter braços que se atiram**  
**Para o alto, numa prece,**  
Suplicando o esquecimento  
Para tanto sofrimento...

#### 2.2.2.4.2 Pontos mirantes:

Da cidade avista-se se o Pico do Itambé, de 2002 metros de altura, um dos marcos referenciais de Minas Gerais. Conhecido como “farol granítico dos viajantes”<sup>160</sup>, o Itambé forneceu direção e confiança às expedições bandeirantes, atuando como “bússola” para poderem prosseguir em suas jornadas. Nas entrevistas, o Itambé aparece como ponto distintivo da cidade onde os entrevistados moram, importante fator de referência espacial na constituição da própria pessoa, propiciando uma sensação de confiança no espaço em que ela habita. Portanto, até hoje, o Itambé<sup>161</sup> norteia a direção das pessoas:

*Aqui é um pouco escondido, mas logo na frente, ali a gente vê... quando o tempo tá limpo, a gente vê o Pivô do Itambé, né? (Américo)*

*Eu tenho uma visão, que eu acho sensacional no meu modo de ver... é uma visão (...) você pegando a praça do Mercado e o **Itambé lá no fundo... o pico do Itambé...** (...) eu acho que é a visão que realmente mexe muito comigo.... cê pega a praça do Mercado todo com o Mercado e o **Itambé de fundo...** (Walter, grifo nosso)*

Outro aspecto realçado nas entrevistas, diz respeito a determinados lugares mirantes da cidade, como o cruzeiro luminoso no alto da Serra dos Cristais, o Caminho dos Escravos<sup>162</sup> e o alto da caixa d’água da Copasa, destacando-se as experiências espaciais de vastidão e de amplidão (Fig. 1 e Mapa 14).

*Lá do Cruzeiro, eu aprecio a cidade quase toda. (...) **Lá de cima, a vista da gente vai lá...**(...) e a gente daqui olha pra lá...(...) a gente olha assim aquela **amplidão** assim... **vê a mão de Deus ... como Deus é bom... como Deus é caprichoso...** fazer tanta coisa pra gente apreciar. (Amélia, grifo nosso)*

*Eu vou lá em cima... quer dizer, de lá cê tem uma **visão ampla da cidade...** também é uma forma de... e vou muito levando pessoas que, às vezes, vêm nos visitar: “fulano, vamo conhecer Diamantina na sua totalidade?” (...) cê vê, por exemplo, os **pontos das igrejas**, né? (...) De lá também cê tem uma... cê tem uma visão geral da cidade... quer dizer, uma visão panorâmica... Costumo... (ir lá) pra me inspirar em escrever música... (...) **É, eu, às vezes...** (...) eu escrevo algum texto, alguma poesia, alguma coisa... (Estêvão, grifo nosso)*

<sup>160</sup> SANTOS (1956).

<sup>161</sup> Retomaremos a referência ao Itambé vinculada ao valor da confiança, no ítem sobre “o espaço da vida cotidiana”.

<sup>162</sup> Antiga via de acesso que ligava o Arraial do Tijuco a Mendanha, aberta no século XVIII e usada para o escoamento dos diamantes. Construída sobre trecho da antiga estrada Real, hoje resta uma parte do caminho que foi todo calçado pelos escravos no início do século XIX. ((SEBRAE-MG:2003).

*Da caixa d'água da Copasa... na subida da avenida...(...) Ah, é bacana porque cê vê tudo, né? cê vê... cê olha prum lado, cê vê... cê consegue **ver as igrejas praticamente todas**, assim... cê olha pra cima, cê enxerga (...) cê vê as **outras igrejas**... cê enxerga praticamente tudo assim, oh... num enxerga é os bairros que tão lá pra trás, né? mas dá pro cê ver bem... cê enxerga até o... acho que cê enxerga o Curralinho, sabe? à noite, cê enxerga as luzes do Curralinho, que tá perto... (Félix, grifo nosso)*

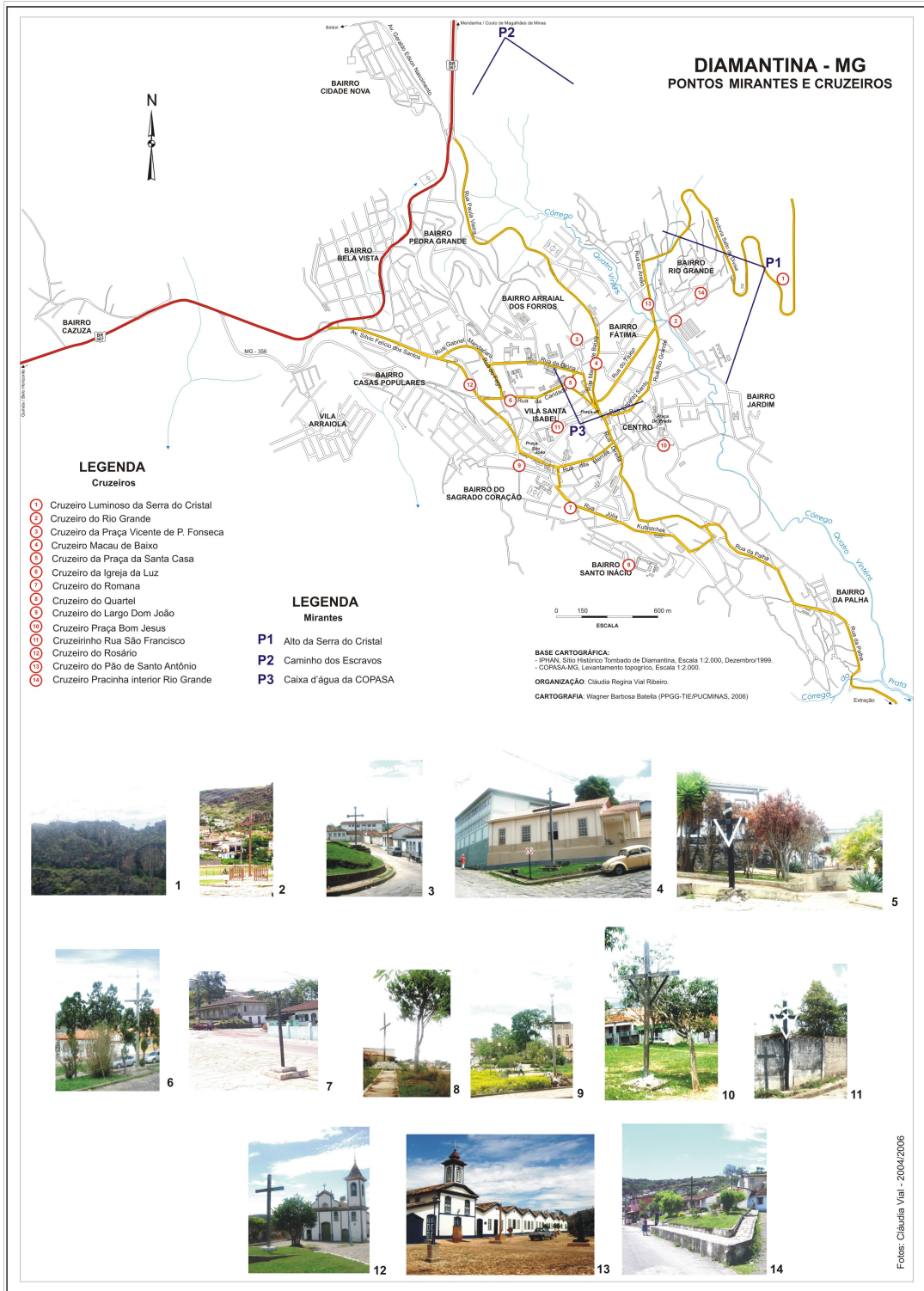
A sensação de amplidão espacial apareceu também nas entrevistas quando os entrevistados se referiram à Praça JK, especialmente às escadarias da Igreja de São Francisco:

*Eu achava um ambiente assim, sei lá, **amplo**... eu gosto muito de ficar ali... sentado na porta da Igreja de São Francisco, ali assim... eu acho que é um lugar bacana... dá procê... dali cê enxerga o Cruzeiro, né? é bem de frente... cê senta na porta ali da Igreja de São Francisco... cê fica olhando o Cruzeiro... tá bem de frente assim, sabe? (Félix, grifo nosso)*

*Costumo... eu vou de vez em quando... aos domingos assim... eu vou lá direto aos domingos... fico lá uma hora, uma hora e meia sentado... **só vendo as paisagens**... (Márcio, grifo nosso)*

Também os vários cruzeiros espalhados pela cidade atuam como “marcos” (LYNCH, 1997) que ajudam a estruturar a imagem desta, afirmando a presença religiosa nos percursos cotidianos; muitos deles configuram-se como “mini-mirantes”, pequenas pausas ou intervalos de onde se avista a Serra e a cidade (Mapa 14).

*... na **rua de São Francisco** também tem um **Cruzeirinho** lá que eu num sei contar a história dele... aqui como cê já viu tem outro Cruzeiro... **lá na frente da Igreja do Rosário**, lá descendo pra ir pro Cruzeiro, pro **Pão de Santo Antônio** tem um também que até remodelou também agora... aqui no nosso Quartel também tem outro... tinha um Cruzeiro que chama a Cruz do Cula... era lá adiante...(...) O cruzeiro (do Quartel) é muito bonito pra ficar lá e num vai ninguém... é outro lugar também que a gente aprecia... vê também uma boa parte da cidade (...) Num sei contar... mãe que falava... é a Cruz do Cula... era um Cruzeiro grande que tinha lá pra lá pra lá pra lá... (Amélia, grifo nosso)*



Mapa 14 - Diamantina: pontos mirantes e cruzeiros

Outra referência à paisagem foi a imagem da cidade percebida como um presépio:

*Na estrada do... dos escravos... cê vê Diamantina... (...) Parece um **presépio** mesmo... é... eu acho lindo... lindo, lindo... ocê... se você for lá, cê vai gostar...(...) Ah...o Cruzeiro Luminoso...ah... de lá... de lá você vê a cidade toda... então você... arrumando um binóculo, cê... catar pontinho em pontinho é uma maravilha, né? (...) Olha, é... **um presépio**... de lá de cima a gente olha assim as casinha aqui... como se fosse um presépio, **aquela quantidade de casinhas**... interessante... muito bonito assim... parece um **presépio** mesmo...(Américo, grifo nosso)*

*Caminho dos Escravos... de lá a gente vê muita coisa... e eu gosto de ver a cidade de cima... É... muito diferente... de cima, parece um **presépio**...(...) então lá de cima pra mim é a beleza de Diamantina, sabe? (Sônia, grifo nosso)*

*... lá em cima, lá no fim do Caminho dos Escravos... é dali cê vai ver vista pra cá... é maravilhoso...Dá uma vontade de sentar com um violão lá e... deliciar-se de algumas músicas, né? (...) Nossa... lá é um lugar assim... aonde a brisa sopra assim... deliciosamente... então... e a gente... de lá cê vê a cidade como um **presépio**... cê sabe?... então as inspirações até pra composições e tudo...(...) **lugares não muito... de barulho... porque eu acho que o músico, ele num gosta muito desse negócio de muito barulho não...** ele é mais de recantos, né? então, de lá cê pode ver então a beleza da cidade, né? porque ela se mostra, **ela se abre** assim lá daquele mirante... e dá assim **aquela sensatez de... e vem à mente, né?** aqueles acordes melódiosos que a gente... que tem em mente e que às vezes está... é... estão... é... como que dormindo, né? (João, grifo nosso)*

Curiosamente, a figura religiosa do presépio empresta à cidade a imagem de miniatura, de algo pequenino e reduzido que pode ser abarcado de uma só vista. Nessa idéia de miniatura, encontra-se implícita uma verticalidade, ou seja, a cidade vista do alto, por isso miniaturizada: ... e eu gosto de ver a cidade de cima. Lá de cima a vista da gente vai lá... Paradoxalmente, do alto, contempla-se o muito pequeno (presépio/miniatura) e também o grande espaço da imensidão (horizonte, o vasto mundo). Como vimos na Parte 1 da tese, a contemplação da imensidão de um panorama espacial determina um estado de ânimo que imediatamente se transforma em uma abertura interior, favorecendo também o desejo de expansão da pessoa.

Segundo Carballo (1960, p. 64), nestas experiências de amplidão vivenciadas nos grandes espaços, “o homem sente crescer, como se uma força exterior o deslocasse; o sentimento de dignidade própria se dilata e qualidades que possuímos e que comprimidas em nosso interior, nos serviam para fortalecer nossa confiança, se desenvolvem agora, dando-nos plena consciência de nosso valor humano<sup>163</sup>”.

<sup>163</sup> *En los grandes espacios el hombre se siente crecer, como si una fuerza exterior le descoyuntase; el sentimiento de la própria dignidad se dilata y virtudes que poseemos y que, apelmazadas en nuestro interior, nos servían para fortalecer nuestra confianza, se despliegan ahora, dandonos plena consciencia de nuestro valor de hombres.*

Concluindo, notam-se nos discursos sobre a paisagem ressonâncias com vivências religiosas, destacadas por associações que se referem à experiência de amplidão, à “mão de Deus”, aos cruzeiros, às igrejas, e à imagem de presépio. Essa experiência espacial contemplativa, proporcionada pela visão da paisagem, cria um clima religioso e um certo lirismo “envolvente” na cidade.

#### 2.2.2.4.3 Luminosidade, cor e condições climáticas:

A luminosidade da cidade apareceu nas entrevistas como fator de influência no estado de ânimo das pessoas. Diamantina foi associada à claridade e, conseqüentemente à abertura, à leveza e à alegria, fundamentais para o tema desta tese – espaço-vivo:

*.....a questão das tardes... aquele costume inglês de se tomar chá e de se produzir música é uma... uma marca muito grande aqui em Diamantina...(...) porque o sujeito lá pro garimpo... no final da tarde... é... num horário como esse aqui, né? vamo considerar no horário antigo... tava se fazendo música (...) era o costume aqui, né? de almoçar 5 horas... 6 horas... a música e os saraus... então, essa luminosidade na tarde aqui, ela... ela leva a esse estado de espírito... ela inspira...(...) o entardecer aqui é bellissimo, né? e, por sinal, aqui pro lado do Itambé é onde o sol nasce... que é um espetáculo também (...) Diamantina, no conjunto, é uma cidade aberta...(...) eu acho que passa por essa luminosidade... (Walter, grifo nosso)*

*Diamantina já tem aquele ar mais claro...(...) é mais leve...(...) aquele ar livre... (Fernando, grifo nosso)  
Diamantina é uma velha regateira... então eu gosto disso... eu gosto da alegria de Diamantina... eu acho Diamantina uma cidade totalmente alegre...(Sônia, grifo nosso)*

A luminosidade amplia o espaço, fazendo com que a cidade seja percebida como “aberta”, onde nada oprime ou estreita. Essa densidade luminosa contribui para este sentimento de realidade viva – que ativa o ar, o renova e afeta o estado de ânimo das pessoas, revelado nas entrevistas como alegre. A cidade favorece essa predisposição, que vemos também relatada no texto sobre os monumentos históricos e artísticos mineiros do círculo do Diamante.

*Além da sugestividade própria de cidade histórica, Diamantina ostenta a fisionomia de uma cidade alegre, uma cidade musical. Essa alegria, longe de ser simples reflexo de um traço psicológico fundamental de seus habitantes, é um elemento de tradição inarredável da cultura peculiar que ali se moldou ao longo dos séculos XVIII e XIX<sup>164</sup>.*

<sup>164</sup> FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (1994, p. 274).

Esse humor, de certa maneira, também se reflete e se confirma na atmosfera festiva da cidade, gerando um ambiente vitalizado – um espaço-vivo.

Diamantina foi associada a determinadas cores, quando nas entrevistas perguntamos sobre a cor com que a pintariam (ou a cor que combina com a cidade). Na ordem, as cores mais citadas foram o azul (azul-céu), o azul e branco, o branco, o verde e o amarelo. A maioria das associações vincularam as cores ao centro histórico (telhados, mercado, casas antigas, igrejas), à paisagem natural (céu, serra), à luminosidade e ao “clima” de alegria e tranquilidade da cidade:

*Eu acho que tinha que colorir Diamantina de azul... Ah, eu vejo quase tudo em Diamantina azul... acho que porque **mistura com o céu...** (...) eu acho Diamantina muito azul... acho que **mistura com a serra, com o céu...** acho que azul seria o tom ideal... (Sônia, grifo nosso)*

*Porque eu acho que sim... eu acho que Diamantina... as casas justamente mais antigas, quase todas, têm é o azul-céu... é... exato... preste atenção nisso... **essas casas mais antigas quase todas é o azul céu...**(Joca, grifo nosso)*

*Eu acho que **azul e branco** combina... é a cara de Diamantina...É porque o azul e branco é uma cor... bom... uma cor que pega bem... porque o... porque o branco é o **lugar da paz**, né? Diamantina diz que tem muita paz... o pessoal... é... vê que num tem violência, num tem nada aqui, né? muito pouco... e o azul... é uma firmeza, né? (...) O azul é firmeza... então... de qualquer lugar que a pessoa vem... todo mundo gosta, né? um **lugar que cê sente firmeza... cê pode andar pela rua tudo que cê num tem preocupação com... com assalto... com essas coisa, né?** (Jonas, grifo nosso)*

*Eu gosto muito do amarelo, né? agora... é sempre uma **tonalidade clara**, porque eu acho que Diamantina... isso, essa tonalidade clara, ajuda que aqui em Diamantina mantenha... **Diamantina é uma cidade de muita luminosidade...** A luminosidade de Diamantina... eu acho ela muito grande... (Walter, grifo nosso)*

*Porque eu acho que o **amarelo** traz uma **alegria...** (Rosa)*

*Você olha pro **Mercado** ali... tem aquela tonalidade de **vermelho e do azul**, né? Num tem como não contrastar com o **branco**, né? (Estêvão, grifo nosso)*

*Ah o **branco** é... sinal de tudo... sinal da pureza... sinal de tudo... sinal da **claridade...** o branco tem... (...) uai, **alegra**, né? eu acho que o branco **alegra** muito, puxa muito, chama muito atenção... (Amélia, grifo nosso)*

As associações cromáticas foram sintetizadas no quadro a seguir:

QUADRO 6  
Associações cromáticas

ASSOCIAÇÕES/ CORES	azul	azul e branco	branco	verde	amarelo	
% respostas	29,5	23,5	18	18	11	%
casas antigas, centro histórico, mercado velho, igrejas, telhados.	x	x	xx		x	23
paisagem natural:céu, serra	xx			xx		18
claridade, luminosidade e leveza		x	xx		xx	23
alegria	x	x	x		x	18
paz	x	xx	x			18

Segundo Bollnow (1969), as cores provocam sensações internas e são sentidas como uma “atmosfera” ou um “clima” que impregna todo o lugar, causando uma impressão global que invade o estado de ânimo da pessoa. Elas criam estados de “espíritos”, evocam sentimentos generalizados e incorporam sensações à percepção visual. As diferentes impressões que emanam do ambiente são, algumas vezes, efeitos da cor. No caso das entrevistas, essas impressões foram de tranquilidade, abertura, paz e, principalmente, de alegria.

Nas entrevistas, apareceram referências às condições atmosféricas da cidade, percebido como mais frio do que em outras localidades. Essa referência faz alusão à origem da região, chamada pelos índios de Hivituruí que significa “montanhas frias”, sempre açoitada por ventos<sup>165</sup>, assim como também presente no nome da antiga Comarca do Serro Frio, a qual pertencia ao Arraial do Tijuco. No depoimento a seguir, o clima atmosférico foi considerado motivo de originalidade da cidade, anunciando a sua aproximação.

*Eu... eu acho que é o clima, sabe? o clima em Diamantina é doido... a gente fala que faz as quatro estações num dia só, né? mas eu acho que o clima de Diamantina é muito gostoso, né? eu acho que ajuda... num sei se é por causa da serra... eu num sei... mas eu acho que o clima em Diamantina faz muita diferença... é isso que eu... que eu noto quando eu viajo, quando volto... **eu acho que tô chegando em casa... cê sente aquele clima: “tô chegando em casa”... então eu acho que o interessante é isso...(...) é sempre mais frio, né? mas é conhecido o frio... quando cê vai chegando perto... perto de casa, né?(...) Sinto... isso aí é pra qualquer um que sai... vão supor: eu estava no Rio de Janeiro durante quatro anos... na hora que a gente vinha pra cá... noh, na hora que começava a ir pra serra, louco pra chegar em casa...(Fernando, grifo nosso)***

<sup>165</sup> HORTA(2002).

#### 2.2.2.4.4. Contato com a natureza:

A paisagem também foi enfatizada no contexto das perguntas sobre a originalidade e o que achavam mais bonito fora da cidade. As respostas referiram-se especialmente à presença das cachoeiras<sup>166</sup>. A cachoeira dos Cristais foi citada pela sua beleza, mas também considerada perigosa pelo fato do poço ser profundo. Ela é uma das cachoeiras mais freqüentadas pelos banhistas. Possui duas quedas d'água que formam uma piscina natural e localiza-se a 16 km de Diamantina, na estrada que vai para Biribiri<sup>167</sup>.

As cachoeiras da Toca e da Sentinela foram mencionadas, nas entrevistas, como lugares aprazíveis e de lazer. A cachoeira da Toca possui uma queda d'água de 15 metros de altura e é a cachoeira mais próxima da cidade (2 km). A cachoeira da Sentinela encontra-se a 10 km da cidade, próxima a Cristais. Eis os que dizem os entrevistados sobre as cachoeiras do município de Diamantina:

*Ela é, menina, uma cachoeira assim, que a água nasce assim numa chapada... um chapadão assim... e desce e cai dentro do... dentro do caixote, né? Então ela cai, ela forma um poço muito bonito... o pessoal gosta demais...(...) sempre eu vou lá... principalmente em época de carnaval... nossa, é maravilhoso na época do carnaval...(...) Menina... lá é o seguinte... a multidão de pessoa que fica lá, cê vê, cê olha pra todo canto quase que cê num vê o chão... o chão é pessoas... uns **tomando banho**, outros sentado, outros às vezes até **tocando, cantando**, então eu acho maravilhoso...(Joca, grifo nosso)*

*...nós aqui, aqui não temos mar, né, cidade que não tem praia, então a cachoeira é uma prioridade muito grande pra nossa comunidade, sabe? Porque é muito falado, muito...entendeu? muito procurado...tanto nós aqui de Diamantina tanto os turistas que vêm de fora. Vai chegando em Diamantina, o sol esquentou... cachoeira da **Toca e dos Cristais**, são dois lugares muito, viu?...muito prioridade pra Diamantina.(Vítor, grifo nosso)*

*...eu acho lindo, maravilhoso... os **Cristais, a Sentinela, a Toca**... e tem outras... o **Barão de Guaicuí**, que ninguém... quase ninguém nunca falou nessa... nessa cachoeira... é linda... é suja dentro... devia... sabe? quando chove tem pedaços de madeira, tudo caído lá dentro... tinha que limpar... mas é linda... (Rosa, grifo nosso)*

*... eu gosto mais da **Sentinela** porque ali não tem poço fundo, né? Pra... pra afogar os menino... lá é rasinho, então a gente gosta mais é da Sentinela... na hora que termina a gente costuma ir lá no **Biribiri** tomar um guaraná com um espetinho, então eu freqüento mais ali... tem outras cachoeiras aí... mas eu freqüento mais a Sentinela... porque ali é... eu acho melhor... Cristais ele é muito fundo... cê conhece a cachoeira dos Cristais?... (Américo, grifo nosso)*

<sup>166</sup> Nas redondezas de Diamantina, existem muitas cachoeiras. Além das citadas pelos entrevistados, existem outras, como as cachoeiras do Mendanha, Batatal, Telésforo, Fada, entre outras. BUREAU, 2006.

<sup>167</sup> CICLOPE, 2006.

*O que eu gosto de Diamantina é as belezas naturais... cachoeira... quando eu tenho a oportunidade, eu vou pra Gruta do Salitre... vou lá me entranhar no meio das pedras lá, né? (Fernando, grifo nosso)*

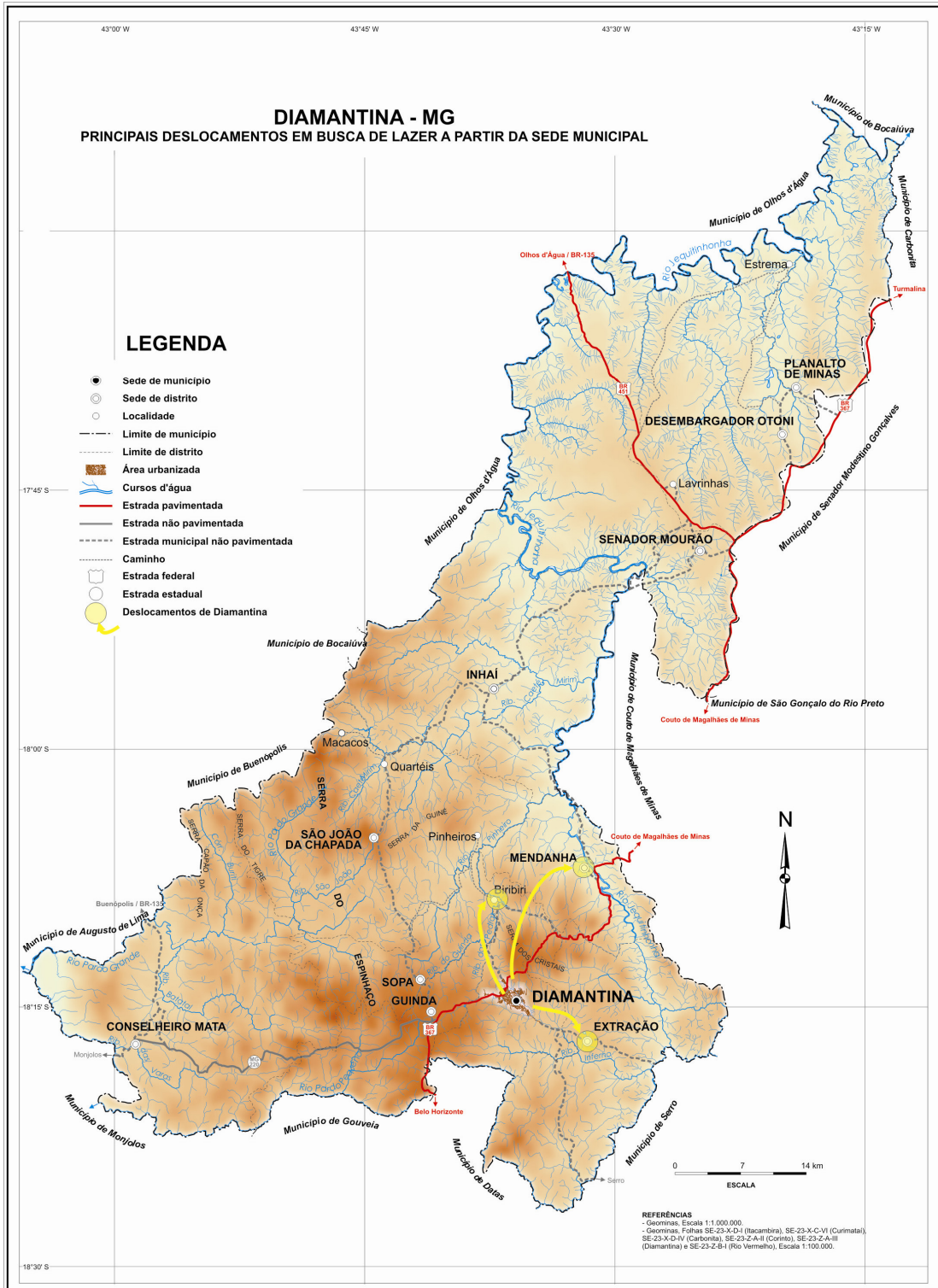
Outra referência à natureza foi a Gruta do Salitre, considerada um dos locais mais bonitos fora da cidade. Localiza-se a 9 km de Diamantina, na estrada que vai para Curralinho. No século XVIII, a gruta foi o principal local de extração de salitre, usado na fabricação de pólvora<sup>168</sup>. Forma um enorme *canyon* com paredes de pedras que chegam a 80m de altura e grutas subterrâneas de até 15m de profundidade. Frequentemente, concertos de bandas são realizados nos espaços da gruta<sup>169</sup>, eventos também citados nos depoimentos:

*O mês que vem, na véspera da Festa do Rosário, a banda Euterpe vai fazer uma apresentação lá... já está programado... vai ser na semana da Festa do Rosário... mais no fim do mês... de outubro... e a gente todo ano a gente leva a banda... pra tocar lá... tem uma missa para as almas dos escravos mortos lá... então tem uma família que faz isso aqui em Diamantina... (...)... todo ano ele patrocina a banda pra ir lá tocar na Gruta do Salitre... é celebrada uma missa...para os mortos lá... a banda toca, faz uma apresentação. (Américo)*

---

<sup>168</sup> MINISTERIO DO TURISMO, 2006.

<sup>169</sup> CICLOPE, 2006.



Mapa 15 - Diamantina: principais deslocamentos em busca de lazer, a partir da sede municipal

Além da Gruta do Salitre e das cachoeiras próximas a Diamantina, também outras localidades foram citadas como lugares procurados para lazer (Fig. 85 ), como Biribiri<sup>170</sup> (nadar, churrasco), Mendanha<sup>171</sup> (pescar) e Extração<sup>172</sup>(nadar):



Figura 70: Mendanha  
Fonte: C R. V. Ribeiro, 1996.



Figura 71: Biribiri  
Fonte: CICLOPE, 2006.



Figura 72: Extração  
Fonte: CICLOPE, 2006.

*Eu particularmente acho Biribiri... eu acho Biribiri muito bonita... aquela visão cá de cima é um negócio... é... na minha visão, sensacional, né? (Wander)*

***Biribiri** é um lugarzinho pertinho daqui, criado pelo Bispo Dom João Antonino dos Santos, que é o primeiro Bispo de Diamantina... ele criou esse lugarejo lá... e lá ele criou uma fábrica de tecidos... exatamente pra dar trabalho às moçoilas que saíam do orfanato aqui da... do Colégio Nossa Senhora das Dores, né? então lá hoje é um lugar **gostoso**, **aconchegante**... (...) .. o Biribiri... é um lugarzinho lindo... (...) eu gosto muito dali... inclusive, de vez em quando, em férias, eu vou pra lá com a família... aí eu faço **churrasco** lá assim... atrás lá da fábrica... acaba **brincando** ali... é muito bom..(João, grifo nosso).*

*Bonito? é... **Biribiri**... Biribiri... eu emocionado com Biribiri...Biribiri é uma cidade muito pequenininha, certo? e tem uns povoados lá... e tinha a... antiga fábrica... antiga fábrica... eu acho lá muito importante... lá é muito... muito bonito...(...) ... eu conheço lá... eu conheço lá demais, certo? porque no **tempo do meu pai** nós ia lá direto... direto... ia com a família de manhã e só voltava à tarde... passava o dia lá, **brincando** na quadra, **pescando** lambari na vara, **nadando**, jogando bola... é muito importante lá... (Márcio, grifo nosso)*

<sup>170</sup> Biribiri fica a 15 km de Diamantina. Antiga fábrica têxtil da Companhia Industrial de Estamparia, uma das primeiras indústrias têxteis de Minas Gerais, criada em 1897, com modelo auto-suficiente e abrigando seus trabalhadores. Projetada inicialmente para 400 funcionários, a Vila recebeu duas outras fábricas e, na década de 60, foi comprada pela família Mascarenhas, a quem pertence até hoje. Desativada em 1973, atualmente o povoado abriga apenas alguns empregados, responsáveis por sua manutenção. A região em torno da vila foi transformada em Parque Estadual de Preservação Ambiental. Embora o parque não esteja de fato implantado, o lugar atrai turistas e a população das cidades próximas, em busca de lazer nos fins de semana.

<sup>171</sup> Distrito de Diamantina, localizada a aproximadamente 26 km da sede. O núcleo da cidade é cortado ao meio pelo rio Jequitinhonha, com praia em uma de suas margens. Possui estreita relação com os tropeiros, pois ali faziam sua última parada antes de atingir Diamantina.

<sup>172</sup> O Distrito de Extração é também conhecido como Currallinho e formou-se a partir do garimpo, no século XVIII.

*Ah, tem **Biribiri**, um lugarzinho...la é muito bom...**Currão** também ali...tem a barragem, pra quem ta qui, vai pra lá fica satisfeito porque...tem uma barragem lá, é grandão, pode **nadar**, muito bom...um passeio bom e é pertinho...10 km. (Jairo, grifo nosso)*

*Eu gosto de ir pra Mendanha...**Igreja**, panorama muito bonito lá ...no alto da igreja a gente olha....a vista... É uma beleza...Eu gosto muito de ir lá passear, pescar,... né? (Reinaldo, grifo nosso)*

Assim, Diamantina é uma cidade que possui lugares de lazer próximos, possibilitando um contato direto com a natureza (cachoeiras, nadar, pescar, brincar, passear). Esse convívio corporal com o espaço natural (não contemplativo) propicia o revigoramento do estado de ânimo das pessoas, mais um dos elementos do espaço-vivo. Carballho (1973, p. 194) enfatiza a importância desse contato. Segundo ele, para que o homem seja verdadeiramente humano, tão importante como as relações com outros homens, são as relações com o espaço natural e, singularmente, com as coisas vivas. Um homem que cresce sem relação com o mundo animal e vegetal fica sempre com algo inumano dentro dele.

A paisagem apareceu também associada ao topocídio, ou seja, à percepção de sua destruição, aspecto que abordaremos a seguir.

#### **2.2.2.4.5 Topocídio:**



Figura 73: Vista do córrego Quatro Vinténs, no bairro Rio Grande  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004

O topocídio apareceu nas entrevistas, nos comentários sobre a poluição do córrego dos Quatro Vinténs, no bairro Rio Grande, local onde o esgoto da cidade é despejado a céu aberto, mas que, em épocas passadas, era ponto de lazer da cidade:

*Ah gente, era bom demais... a gente tomava banho no rio... quando podia tomar banho, né? agora, quem que vai tomar banho nessas porcaria? (Amélia)*

*... e ver se dá um jeito nesses córrego nosso aí, em céu aberto... em tempo de calor, tá doido, viu? é difícil demais... (Márcio)*

Mas, o topocídio surgiu nas entrevistas vinculado principalmente aos danos irreversíveis causados pela atividade mineradora:

*... e a gente percebe também que o garimpo, ele danificou tanto a natureza, né? (...) e se você andar no redor de Diamantina, cê vai perceber que... que a cidade... os locais estão esburacados... quer dizer, houve uma depredação muito grande... se eu percorrer aqui pertinho que tá aqui do município... quer dizer, o Rio Jequitinhonha tá secando em função do... do garimpo... então eu acho que esse num... num volta mais não... (Estêvão, grifo nosso)*

A ação do faisqueiro (garimpeiro manual) sobre a paisagem se recompõe pelo ciclo natural, mas o garimpo realizado por tratores ou máquinas, muitas delas pertencentes a grandes empresas, comprometem a paisagem. Grandes empresas utilizam dragas de alcatruzes para explorar o diamante. Segundo Nunes (2004), estas máquinas foram expulsas da África do Sul porque a destruição que causam é irreparável. Esse tipo de equipamento foi instalado em Diamantina, mais precisamente no rio Jequitinhonha, em 1962. Esse recurso tecnológico de extração suprime toda a mata ciliar e as margens, perfura a impermeabilidade do fundo do rio, alcançando profundidade de 18 metros. Essas máquinas, comparadas a um prédio de três andares, ocupam uma área de 2000 m<sup>2</sup> e são lubrificadas em regime aberto, deixando grande quantidade de óleo e graxa fluuando rio abaixo.

Alguns entrevistados mantiveram ou ainda mantêm a atividade do garimpo ou possuem membros da família que nele trabalharam ou trabalham. Essa atividade extrativista contribui para um topocídio em duplo sentido. Primeiro, um topocídio literal, a olhos vistos, aniquilando a paisagem natural. Segundo, um topocídio mais sutil, mas tanto quanto destruidor, minando os pilares sociais que alicerçam a cidade. O garimpo continua a ser uma das principais atividades econômicas da cidade (SEBRAE-MG, 2003). Assim, além dos danos ambientais, o garimpo também afeta a questão social, pois grande parte da população dedica-se direta ou indiretamente a essa atividade. Porém, conforme Furtado (2005), o garimpo não é mais capaz de sustentar as dezenas de milhares de moradores de

Diamantina e cidades próximas, que não encontram oportunidade de trabalho fora desta atividade:

*....o crescimento de Diamantina depende do garimpo (...). Então o garimpo aqui é prioridade pra muita gente aqui (...) inclusive pra mim, é meio de vida pra muita gente. Então se tem aii... se alguém tá construindo prédio, construindo alguma coisa, mas o garimpo faz parte do desenvolvimento da cidade... as coisas que rola em Diamantina têm a participação do garimpeiro. (Vítor, grifo nosso)*

*Eu mexia com garimpo... meu pai às vezes ia pro garimpo, e eu trabalhava com ele no garimpo... (...) Ô menina... o garimpo... uns anos atrás, o garimpo era bom demais... o garimpo, uns anos atrás, ele dava diamante, dava ouro... a gente sobrevivia só do diamante e do ouro... agora hoje tá muito explorado. Muita gente já foi embora daqui pra procurar emprego, porque não acha mais assim... o diamante e o ouro conforme... o garimpo vai acabando, então vai acabando tudo, né?(...) A cidade... hoje a cidadeenfrenta muita dificuldade... porque... aqui falta emprego pra muita gente... a maior parte do pessoal vive desempregado... e num acha onde se empregar, né? Eu... o pessoal tinha muito... é, assim... trabalhava no garimpo... é homem, mulher, menino, criança... tudo trabalhava no garimpo... todo mundo tirava diamante, todo mundo tirava ouro... ninguém preocupava... (Joca, grifo nosso)*

A atividade mineradora retira da terra e nada retorna a ela e, muitas vezes, nem à cidade em forma de benefícios fiscais e econômicos. Segundo Nunes (2004), muitas máquinas de extração trabalharam sem pagar *royalties* durante anos. Conforme contatos informais realizados durante a pesquisa de campo, a principal atividade econômica da cidade é o diamante, mas ninguém fala porque grande parte dela é ilegal, ou seja, o imposto sobre ela não é declarado.

*Todo mundo na cidade mexe com garimpo. Tem uns caras que ficam parados no (...) a gente conhece, eles compram diamante. (Joca)*

Segundo esses relatos informais, a pedra bruta é vendida para o pequeno, médio ou grande comprador, e esse último é quem realmente lucra com a atividade. Eles vendem a pedra bruta ou lapidada para Rio de Janeiro ou São Paulo, mas grande parte da produção sai do País de forma ilegal<sup>173</sup>. As transações comerciais de diamante não são feitas de forma ostensiva. O comércio de diamante é pulverizado pelos espaços da cidade de forma discreta, desenhando fluxos, hierarquias e referências espaciais num mapa “invisível” e mutante. Os vendedores, compradores e atravessadores estão todos posicionados em pontos estratégicos na cena urbana cotidiana. Dessa forma, o garimpo mapeia cenas

<sup>173</sup> Aparece então um dos elementos importantes do imaginário mineiro que é a noção de segredo e com ela a da conspiração e do contrabando.

“invisíveis” na cidade, pontuando-a de pontos e personagens reconhecidos e codificados pela população local, mas não percebidos pelo olhar “estrangeiro”.

#### 2.2.2.4.6 Paisagem sonora

*...lugares não muito.... de barulho.. porque eu acho que o músico, ele num gosta muito desse negócio de muito barulho não... ele é mais de recantos, né? (João)*

Os relatos das entrevistas nos permitiram esboçar alguns aspectos da paisagem sonora da cidade de Diamantina, vinculada tanto ao passado como ao presente. Os principais sons citados foram assim listados:

#### QUADRO 7

Paisagem sonora – tempo passado

##### SONS AGRADÁVEIS

sino das igrejas	centro
serestas, retretas <sup>174</sup> , bandas	ruas do centro
Anjo da Meia-Noite <sup>175</sup>	centro – largo da Catedral
presença de pianos nas casas, saraus	interior das casas no centro
pássaros	centro
cincerro dos animais	Mercado Velho
música dos tropeiros	Mercado Velho
Ofício de trevas	interior das igrejas
trem de ferro	Largo D. João
fogos de artifício	ruas da cidade
silêncio	ruas da cidade

#### QUADRO 8

Paisagem sonora – tempo presente

##### SONS AGRADÁVEIS

Guarda Romana <sup>176</sup> – Semana Santa	ruas do centro
Música da Festa do Divino	ruas do centro
Músicas, quadrilhas e forrós	bairros periféricos
chuva caindo	

##### SONS DESAGRADÁVEIS

som do alto falante	igrejas
músicas de Carnaval	centro
carros com som alto ligado	ruas do centro
percepção de aumento do barulho da cidade	

<sup>174</sup> Audição popular de uma banda musical nos coretos, jardins ou praça pública. (FERNANDES; CONCEIÇÃO, 2003, p. 59).

<sup>175</sup> Evento musical baseado na música *La Mezza Noite*, cuja composição oferecia a possibilidade de enfatizar a provocação musical contida em sua melodia, tradição esta mantida nas retretas militares de Diamantina. Este evento acontecia nos espaços públicos (em frente à Catedral), onde os músicos se posicionavam nas sacadas das casas. (FERNANDES; CONCEIÇÃO, 2003, p. 59).

<sup>176</sup> Apesar de ter sido citada como som presente nas atuais comemorações da Semana Santa, a Guarda Romana, e especificamente o som marcante que ela produz nesta ocasião, faz parte da tradição da cidade, portanto, também presente no época passada. O mesmo ocorre com a música da Festa do Divino.

## QUADRO 9

Tipos de sons – passado e presente

tipos de sons - passado	tipos de sons - presente
música	<ul style="list-style-type: none"> <li>• serestas,</li> <li>• retretas,</li> <li>• bandas,</li> <li>• Anjo da Meia-Noite</li> <li>• saraus, piano</li> <li>• música de tropeiros</li> </ul>
natureza	<ul style="list-style-type: none"> <li>• pássaros</li> <li>• burrinhos</li> </ul>
transporte	trem de ferro
outros	<ul style="list-style-type: none"> <li>• sinos</li> <li>• fogos de artifício</li> <li>• silêncio</li> </ul>
música	<ul style="list-style-type: none"> <li>• guarda romana</li> <li>• música divino</li> <li>• quadrilhas</li> <li>• forrós</li> <li>• carnaval</li> </ul>
equipamentos de som	<ul style="list-style-type: none"> <li>• carros</li> <li>• alto-falante</li> </ul>
natureza	<ul style="list-style-type: none"> <li>• chuva</li> </ul>

Comparando-se os quadros que se referem ao tempo presente e ao passado, notamos algumas transformações sofridas na paisagem sonora de Diamantina. Essa alteração no ambiente acústico da cidade nos indica diferentes condições sociais que o produziam e que o produzem. Por exemplo, no passado aparecem os eventos religiosos (sinos das igrejas, fogos de artifício), as reuniões de pessoas em função da música, tanto nos espaços públicos da cidade (retretas, bandas, serestas, Anjo da Meia-Noite) como no interior das casas (pianos, saraus), o encontro das pessoas mediante as trocas comerciais (cincorro dos animais e música dos tropeiros), a chegada e saída do trem de ferro e a notícia da natureza (pássaros) no espaço urbano. Os sons produzidos no interior das igrejas e das residências somavam-se aos sons da cidade, predominantemente musicais. Os depoimentos mostram que a cidade produzia mais silêncio, especialmente pelo fato de possuir uma população e extensão espacial muito menores do que as atuais. Esse fato levou-nos a supor que as pessoas participavam de uma vasta troca de silêncio, responsável talvez pelo “clima” de tranquilidade e caráter lírico de Diamantina:

*A gente ia, né? Fazer serenata, com a turma, a gente saía na rua, ia cantando. Parava na escadaria ali, oh... (aponta com o dedo para a escadaria da igreja de São Francisco) e continuava cantando, cantando. Não tinha tanto barulho como tem hoje, né? Tanto carro...aquele silêencio... (Reinaldo, grifo nosso)*

*A vida da gente é tão atribulada que a gente não pára para reparar....quando chove a gente ouve mais a chuva do que em cidade maior....Agora acabou foguete com calda... que soltava nas festas. Principalmente depois que a cidade virou patrimônio tem uma preocupação... mas tinha todas as festas, principalmente as relacionadas às festas religiosas, durante as procissão, durante a semana toda da festa. Antes das festas tinha novena, então... durante a novena também... (Walter, grifo nosso).*

Comparando-se os dois quadros referentes ao tempo passado e ao atual, observamos a redução de acontecimentos significativos que promoviam a sociabilidade entre as pessoas (exceção Semana Santa e Festa do Divino) e, conseqüentemente, os sons que os acompanhavam. Além disso, notamos que os sons citados como constitutivos da paisagem sonora do passado referiram-se principalmente aos sons produzidos no dia-a-dia das pessoas, sem necessariamente estarem vinculados a uma festa oficial, como ilustram os depoimentos a seguir:

*Retreta... **retreta** é uma apresentação de banda de música na rua, né? mas assim... **sem a característica de show... era mais natural, entendeu? não é porque a cidade tá cheia ou isso ou aquilo, que vai ter uma retreta...** simplesmente a banda saía a pé, naturalmente, né? tocando... caminhando e tocando... porque hoje a banda vai de ônibus, de microônibus e tal... e vai tocar naquele lugar... mas o legal que eu acho da banda é ela sair tocando pela cidade... sabe? e o povo se juntar, né? e sair atrás...*

Isto não acontece mais?

*Não... não.. a retreta normalmente é parada... sabe? só que a banda ía a pé... a banda desfilava pela cidade a pé, tocando... então era aquela coisa de “estava à-toa na vida, o meu amor me chamou, pra ver a banda passar”... sabe? aquela coisa assim: “corre, que a banda tá passando”... a Banda Mirim até passa a pé, mas ela num passa tocando, ela passa marchando, sabe? então o que eu tô falando é aquela questão da **banda passar devagarinho, caminhando pela cidade e tocando... em retreta...** (Sônia, grifo nosso)*

*O meu irmão, quando era menino, já assistia Vesperata, que chamava Anjo... Anjo da Meia-Noite... **então eles tocavam lá no...(...) coreto...** na frente da... naquelas sacadas da Rua Direita, sabe? e depois é que sumiu... acabou... cabou, cabou... é... resolveram levantar agora de novo... (Rosa, grifo nosso)*

*...**seis horas a música e os saraus...** então, essa luminosidade na tarde aqui, ela... ela leva a esse estado de espírito... ela inspira... e isso era... era comum aqui nas famílias, né? e **muito piano**, né? num sei se ocê já tem essa informação... muito piano aqui no século XVIII... e esse costume de se tocar à tarde... (Walter, grifo nosso)*

*Toda casa aqui... quase toda, quase toda... tinha **piano**... e todo mundo sabia tocar um instrumento... cê num vai numa casa que ninguém toca um instrumento qualquer, né? ? (...) ...nós fazia **sarau**... toda tarde nós fazíamos sarau na minha casa, chorando ou sem chorar... meu pai obrigava... a gente tocava, cantava e saía, como eu já te falei...(...) era muito bonito mesmo... e eu... eu falo mesmo... que tinha muitas famílias aqui assim, viu? (Rosa, grifo nosso)*

A paisagem sonora da cidade atual destaca-se pelos sons de músicas executadas em momentos festivos do calendário oficial (Semana Santa, Festa do Divino e Carnaval). Os sons dos bairros se tornaram presentes, especialmente pelas músicas dos forrós e das quadrilhas e desapareceram os sons referentes à natureza. Alguns sons foram considerados

de forma negativa, tais como o alto volume do som dos carros, o alto falante das igrejas e certas músicas do Carnaval:

*...essa **música boba** que a gente vê zoando na rua aí... mas num passa adiante não, só fica nisso .... só músicas... essas música boba que a gente vê rolando aí, então é essa bobaiada, mesmo....* (Jonas, grifo nosso)

Em relação ao som produzido pela música, um entrevistado o vinculou à presença de pessoas de fora, que estão na cidade por motivo de estudo, à introdução de novas músicas. Neste comentário, destaca-se, especialmente, a inserção de novos hábitos que interferem, de forma negativa, na paisagem sonora da cidade, predominantemente silenciosa:

*... cresceu em termos de escolas, né? as Faculdades... inúmeras... e... tem o lado bom e tem o lado ruim, né? porque tem uma invasão de... de novas culturas... de músicas que interferem na musicalidade tradicional da cidade... às vezes, cê tá fazendo uma serenata, por exemplo, e tem que parar, porque **tem tanto carro de som ligado que atrapalha, né?*** (Sônia, grifo nosso)

*Às vezes, tá na rua ... tá tendo um... fazendo uma seresta...o som dos carro prejudicam muito a gente... **som muito alto**... atrapalha muito a gente... solta por todo o canto... mais este pessoal novo acham que pode fazer... som que a gente não agüenta...* (Joca, grifo nosso)

*Carro...carro... muito **som agudo**... **som de carro pertuba**... carro com potência de som muito grande... fica muito agudo... tem muito filho de papai... toma conta da cidade, acha que são dono da cidade... **sons não têm jeito... de fugir dele. Qualquer maneira tem de ouvir o som....*** (Jonas, grifo nosso)

*Sobretudo invasão do axé, com **estes carros com som potente**... tem crescido muito... talvez que é próprio da juventude atual... eles escutam muito alto... e toca muito música sertaneja muito alta... A cidade tá aumentando barulho... som da lotação, carros, caminhão, não que me incomoda, mas noutro tempo não era assim... normal de uma modernidade, né?* (Walter, grifo nosso)

Muitos sons, que constituíam a paisagem sonora da cidade, hoje não existem mais e se constituem “souvenirs sonoros<sup>177</sup>” lembrados hoje com afeição, tais como os sinos das igrejas, o som do trem de ferro, dos animais e das músicas dos tropeiros no Mercado, eventos musicais nos espaços públicos da cidade espontaneamente promovidos pela população local:

*...então é essa lembrança gostosa que a gente tem de... de ver o trem... de... né? Acordar de madrugada com o trem passando, apitando....*(Estêvão)

---

<sup>177</sup> SCHAFFER (2001).

Todos esses sons citados configuravam-se como marcos sonoros constitutivos da comunidade, vinculados a acontecimentos significativos que ocorriam nesses lugares. Estes sons fundamentais, provavelmente não ouvidos conscientemente pelos que viviam neste ambiente, são lembrados com afeto quando mudam ou desaparecem:

*...quando eu morrer eu quero... cortou esse negócio de bater no sino, mas vai baier... (...) Não, cabou esse negócio de dobrando... Num sei... isso eu não sei te responder... cabou esse negócio de dobrando nas igrejas ....(...) agora fala no alto-falante... fala lá no alto-falante e muita gente num escuta... ontem mesmo, o padre tava falando do sétimo dia de uma pessoa conhecida, e eu num fiquei sabendo... agora quando batia no sino, quantas vezes eu subi aquela ladeira ali... pra ir olhar... batia o sino do Rosário, às vezes, né? quem é que tinha morrido... **bate ali, bate cá... a pessoa fica sabendo...** cortaram... num sei o porquê... num sei qual o motivo... (Amélia, grifo nosso)*

Os sinos tocavam nas igrejas de Diamantina anunciando as festas, os nascimentos, as mortes, os casamentos etc., atuando como verdadeiros calendários acústicos. Importante marco sonoro que inscrevia sua assinatura em toda a comunidade, o sino produzia um som centrípeto que atraía e congregava as pessoas, do mesmo modo que unia os homens a Deus.

A substituição dos sinos pelos alto-falantes empobreceu a comunicação não verbal entre as pessoas, rompendo o seu sentido original. O som do sino sempre expressou o poder divino. A alta e forte sonoridade buscava irradiar o som de maneira uniforme para todas as direções na intenção de “captar o ouvido de Deus<sup>178</sup>”. Dessa forma, o sino da igreja envolvia a comunidade com um encanto protetor. Ao contrário, o alto-falante impõe, de forma mecânica e ruidosa, a voz humana, projetando-a numa direção específica, dispersando as pessoas. Além disso, substituiu a comunicação sonora, não verbal e lírica do sino pela comunicação verbal e literal do enunciado.

O interior da igreja também reverberava eventos acústicos especiais, como o Ofício de Trevas, ritual que acontecia na quarta-feira da Semana Santa. Esse acontecimento ocorria num ambiente com pouca luminosidade, envolvido pelos sons das orações, cantos e músicas em latim, e culminava no grande som final produzido pelo barulho dos pés dos fiéis sobre o assoalho da igreja, fazendo-o ressoar e vibrar nas pessoas, favorecendo aflorar nelas um sentimento religioso de júbilo, de exaltação e de alegria:

---

<sup>178</sup> SCHAFFER (2001: 82).

*Ofício de Trevas era muito bonito... agora Dom Paulo tá fazendo... mas muito simplificado... mas é uma coisa que te... que ocê sente bem... a pessoa que tem religião, sente bem com aquele Ofício de Trevas...(...)... é na ocasião da Semana Santa... faz... quarta... só na ocasião da Quaresma...(...). faz lá o Ofício de Trevas e mais as **orações**, que agora a gente entende porque é tudo em português, né? tem o texto, a gente segue direitinho... e tem aquelas coisas... as sete velas, né? três dum lado, três do outro e a do meio... a do meio significa Cristo... Jesus... que todas apagam... eles apagam no certo tempo que tá rezando apaga, apaga, apaga... até ficar só a acesa que é Jesus...(...). eles **cantam**... ah, agora é muito, muito diferente... a gente assistia **aquelas música em latim**... tá lá... tá lá no coisa de, de... quantas missa de latim que a gente cantava...(...) num sei, menina, por quê que tirou essa coisa que pôs a língua vernácula, né? que é a nossa língua... cada um com sua língua... eu até num sei se é por causa de falta mesmo, de incompreensão... ninguém sabe falar as palavras, ninguém sabia nada, né? num compreendia nada... a gente também num compreendia nada do Ofício de Trevas... eu, uma vez, eu fiquei... veio um texto que tinha um lado latim e o português... a gente então seguia ali... e, nossa, eu gostava demais... meu Deus do céu... e depois apaga as luzes toda.... **faz aquele barulhão lá**...*

*Ainda acontece nos dias atuais?*

*Apaga, **mas num tem barulhão**... fecha todas as luzes... as pessoas saem no escuro... (Amélia, grifo nosso)*

De forma semelhante, o som produzido pelo bater ritmado das lanças metálicas da Guarda Romana sobre as pedras do calçamento da cidade na procissão da marcha fúnebre, na sexta-feira da Paixão, constitui-se num dos momentos mais esperados deste evento. Este som se inscreve como instante único na memória das pessoas, ao relembrares a Semana Santa e também das suas músicas preferidas.

*Aquela Guarda Romana e aquele toque da Banda Militar... com aquele (imita o som)... parece que num se sabe de... de quem é a música...Sim... aquela... **aquela música, ela... ela é muito marcante pra gente que viveu aqui, né?** (Walter, grifo nosso)*

*...uma coisa tocante na gente é a música da procissão da Paixão... que sai com os guardas... tocando, batendo, né? Só toca na Semana Santa... (Amélia)*

*Tanto da Guarda Romana quanto da música que a banda toca, né? **acho marcante... acho que é assim uma coisa que quem escuta num esquece**... ficar com medo do Guarda bater no pé da gente assim, sabe? ficar com medo do Guarda bater no nosso pé da gente... noh... (Fernando, grifo nosso)*

*É essa... é a Marcha... é a **Marcha Fúnebre**... que eles falam que é de... de desconhecido, né? compositor desconhecido... e que só toca aqui em **Diamantina**... e de vez em quando um vem, grava e leva pra fora... e eu fico danada da vida... **porque não podia sair daqui** .... (Rosa, grifo nosso)*

Como vimos anteriormente no item sobre o Mercado Velho, sua lembrança encontra-se fortemente vinculada à sua paisagem sonora, especialmente no que se refere ao

barulho dos animais e das músicas tocadas pelos tropeiros que propiciavam um tom festivo e afetivo neste evento comercial:

*Eu tenho lembrança da época dos tropeiros, lembro muito da época de tropa, que o pessoal chegava ali, marrava o animal, quando saía era a coisa mais linda, o **barulho de cincerro** chegava a doer. Que os pessoal...alguns usa fala “polaqui”, mas o legítimo seria cincerro, o pessoal falava na época...É uma ...tipo um aparelho que eles coloca no pescoço do animal e **ele bate, blem, blem**, tipo uma campainha, é um alarme, é um alarme...(...) Tipo um colar, entendeu? um colar não tem um tanto de pedrinha, então o cincerro também teria um tanto de alarmes. Cada um batia de um jeito, **então fazia aquele barulhão, blem, blem, blem, blem...** ai ...agora o “polaqui”, que o pessoal usava falar muito “polaqui”, ele era usado em quase todos os animais, mas esse era pra alarme de campo, não dentro da cidade. Porque no caso de solta no pasto, aí o cara...o tropeiro levantava de madrugada pra pegar o animal, e ele escutava, olha esse sino está batendo lá naquele lado e ia lá buscar o animal. (Vítor, grifo nosso)*

*Ah lá acontecia o sanfoneiro... aparecia as pessoa tocando **violão, viola e cantando... aquela festa que a gente fazia...** (Jonas, grifo nosso)*

*Era só mesmo os tropeiro que tinha... e ali costumava... tinha tropeiro, vinha aqueles **violeiro, sanfoneiro...** encostava num canto lá e tocava... **todo mundo o pessoal juntava pra ver o pessoal tocando**, o pessoal da roça tocar... então era muito animado...(Joca, grifo nosso)*

Os sons da natureza, representados pela sinfonia dos pássaros, também apareceram como compoendo a paisagem sonora da cidade, assim como a constatação atual da ausência desta rica polifonia. Os sons dos pássaros eram reconhecíveis, nomeáveis<sup>179</sup> e balizavam a passagem do tempo:

*... eu tô aborrecida... que a gente **acordava de madrugada e ouvia o pio dos pássaro preto...** cabou... ah ambição... eu falo que é isso... a ambição do homem, que pôs esse agrotóxico na terra e ele tá acabando com os nosso passarinho... num tem mais não... **cê num vê um passarinho quase cantando...** aqui pro nosso lado num tem não... às vezes, **de madrugada um pássaro preto piava... a gente: “ali é de madrugada”...** é... bem-te-vi... muito bem-te-vi... até quando eu mudei praqui ainda tinha... muito bem-te-vi, muito pássaro preto... todas qualidade... **eu tenho anotado aí na minha agenda os passarinho de antigamente...** tem uns pau-dadinho aí do distrito, mas eu cuido deles, tadinho... eles comem um pão... Como eles se chamam?  
*Pau-dar... pau-dar... era uma bicharada, **uma gritaiada...** cabou gente... eu lembro (...) Uma árvore muito bonita ficava assim deles... eu lembro deles tacando “adrianim” lá pra espantar os pardal porque tava fazendo muita... gente é a natureza de Deus... deixa os bichinho... **eu tô sentindo uma falta danada da cantoria dos passarinho...** (Amélia, grifo nosso)**

<sup>179</sup> Segundo SCHAFFER (2001, p. 59), só percebemos aquilo que podemos nomear.

### 2.2.2.5 o espaço das festas, rituais e músicas



Figura 74: Cena da procissão na Semana Santa – rua do Contrato  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004

As festas, os rituais e as cerimônias são eventos que suspendem temporariamente o ritmo da rotina cotidiana, dramatizando alguns de seus aspectos. O que é colocado em foco por essa dramatização desloca-se e altera-se, mudando o seu significado ou mesmo, adquirindo um novo sentido, capaz de alimentar a reflexão e a criatividade. Nestes acontecimentos, as ordens das coisas ficam suspensas e invertidas, colocando alternativas e sugerindo caminhos na ordem cotidiana<sup>180</sup>.

Ao mesmo tempo, esses eventos manifestam o que se deseja perene, ou mesmo eterno, numa cultura. Constituem estados passageiros que sugerem nas pessoas a esperança de poderem permanecer no gozo do encontro e da liberdade, despertando nelas a promessa de que estes momentos extraordinários possam continuar, ao mesmo tempo em que vislumbram a continuidade delas próprias como grupo.

Portanto, os acontecimentos festivos, as cerimônias e os rituais agem no sentido contrário ao do isolamento, fortalecem o sentimento de pertencimento e constituem veículos da permanência e da mudança, do retorno transformado à nova ordem ou da criação de uma nova ordem ou alternativa. São momentos vivenciados como perenes e duradouros, marcados pela alegria, comunhão, participação coletiva e a presença constante da música.

---

<sup>180</sup> DA MATTA (1980).

As várias modalidades destes momentos expressam maneiras diferentes de determinada cultura perceber, interpretar e representar certos aspectos de si mesma, que periodicamente são contados (nunca falados<sup>181</sup>), em brincadeiras, encenações, cantos e músicas.

Assim, destacou-se, nas entrevistas, a riqueza das festas da cidade, momentos extraordinários que possibilitam o encontro e comunhão, o fortalecimento dos laços de solidariedade e confiança e a transformação das pessoas, fatores fundamentais para a noção do objeto desta tese: o espaço-vivo.

Doze entrevistados se referiram aos eventos festivos, principalmente no contexto das perguntas sobre a originalidade da cidade, os lugares mais bonitos, as transformações ocorridas e os lugares que trariam de volta o tempo. O quadro a seguir apresenta os eventos e os respectivos lugares citados pelos entrevistados:

#### QUADRO 10

As festas e os os lugares onde ocorrem

as festas	os espaços das festas
festas religiosas	interior das igrejas (missas e ritos litúrgicos) rua: barraquinhas, procissões, cortejos e encenações
barraquinhas	exterior das igrejas
novenas	Igreja de Nossa Senhora Aparecida, Pão de Santo Antonio.
carnaval	ruas do centro, Mercado Velho, Largo Dom João, Hotel Tijuco
serestas	ruas do centro, Mercado Velho, Hotel Tijuco
forró	ruas do bairro Bela Vista
quadrilha	ruas dos bairros Rio Grande, Vila Operária, Bela Vista
<i>réveillon</i>	Mercado Velho
antigos bailes	Hotel Tijuco, Clube Acaiaca
folia dos Reis	ruas dos bairros Rio Grande e Cidade Nova
pagode	ruas do bairro Rio Grande
<i>hip-hop</i>	ruas dos bairros Rio Grande e Palha
capoeira	ruas do bairro Rio Grande

<sup>181</sup> GEERTZ (1989).

As festas, rituais e cerimônias exigem espaço e tempo próprios e limitados. Nota-se, nas entrevistas, a predominância do espaço público das ruas como palco privilegiado e fundamental para a realização dos rituais e das festas. Neste momento, o trânsito e o comércio se fecham de modo que as pessoas possam ocupar o espaço público sem problemas. As ruas, praças e largos adquirem um movimento próprio, são tomados pela população que se apropria da cidade de forma diversa do uso cotidiano:

*Uai, o que eu noto assim nas cidades maiores assim é justamente essas festas religiosas... por exemplo uma Semana Santa... lá em Belo Horizonte num tem... tem Semana Santa, lá? Assim de **festas, de procissão de rua**, a procissão dos guardas... da Sexta-feira da Paixão, né? (...) eles **manifestaram lá na rua... essas coisa religiosa toda manifestou...** (Amélia, grifo nosso)*

*Fazer serenata, com a turma, a **gente saía na rua, ia cantando. Parava na escadaria ali** oh (aponta para a escadaria da Igreja São Francisco) e continuava cantando, cantando... (Reinaldo, grifo nosso)*

*tem **quadrilha na rua**... Aqui tem.. aqui em vários lugar... eles fazem aqui no Diquinho... faz as... as quadrilha na porta dele... (...) **outra hora é lá em cima na rua...** .tem a **rua Nossa Senhora da Aparecida também...** (Joca, grifo nosso)*

As festas e rituais instalam um tempo especial, proporcionando uma pausa na duração da vida cotidiana e ancorando o tempo no ritmo dessas celebrações. As pessoas incorporam este tempo vivo, mutante e permanente, e se transformam com as festas. As experiências são organizadas e balizadas por estes momentos de tal forma que o calendário é regido pelas festividades coletivas:

*...a gente já viveu muita coisa boa, muito **mês de Maria bonito, mês do Coração de Jesus...**(...) **mês de maio**, as procissão de Nossa Senhora .... a procissão do Corpo de Deus...**dá sempre mês de junho...**(...) **dia doze** (de outubro) vai ter a procissão de Nossa Senhora Aparecida saindo de lá. (Amélia, grifo nosso)*

*São **eventos...** é... **passageiros**, né?(...) principalmente no mês de junho... **junho e julho**, né? Na época do forró em Diamantina, tem forró por... o ano... parece que é o **ano todo...** (Estêvão, grifo nosso)*

*Eu acho a Festa do **Rosário** a mais bonita... Acontece... é... **outubro**, né? E a do Divino sempre sai em julho... **junho ou setembro...** devido à festa de São João da Chapada agora, ela vai ser **mês de junho**, né? Num vai ter mais em **setembro...** (Joca, grifo nosso)*

As festas e rituais representam também uma tradição participativa em que as pessoas se colocam tanto como espectadoras, tanto como autoras, “fazendo a festa acontecer”. Para que as festas se realizem, exige-se uma preparação antecipatória coletiva, de tal forma que precisam ser cuidadosamente preparadas ao longo do tempo. Isso mobiliza a ação de muitas pessoas e implica uma integração respeitosa e obrigatória ao conjunto. São momentos em que as pessoas se aglutinam em volta de um objetivo comum, que é a festa, exercitando a participação democrática e solidária, promovendo o encontro, renovando e firmando os sentimentos de confiança e de pertencimento entre elas:

*... peço dinheiro de casa em casa... pra comprar o couro, pra fazer a... pra consertar as alabardas, os capacetes, as capas... (...) saímo de casa em casa, pedindo dinheiro...(...) ..... Quando eu quero fazer minha... **minha Semana Santa** eu vou nas costureiras, que é no bairro Penaco, né? (Rosa, grifo nosso)*

Os acontecimentos festivos das celebrações e rituais também são marcados pela sonora presença da música. A recordação dos sons que escutamos no passado se torna presente quando lembrados, compondo, de forma imperecível, os lugares e os momentos que vivenciamos, internalizamos e que nos constituem. Sua rememoração recupera, no presente, a vivacidade experimentada no passado, que então se renova e novamente se manifesta. Além disso, os acontecimentos musicais nos fornecem a noção do tempo, de sua continuidade, como se, metaforicamente, fossem um texto sobre o qual podemos anotar e organizar os momentos em que vivemos:

*...uma coisa tocante na gente é a música da procissão da Paixão... que sai com os guardas... tocando, batendo, né? Só toca na Semana Santa... (Amélia, grifo nosso)*

*É essa... é a Marcha... é a **Marcha Fúnebre**... que eles falam que é de... de desconhecido, né? compositor desconhecido... e que só toca aqui em **Diamantina**... e de vez em quando um vem, grava e leva pra fora... e eu fico danada da vida... **porque não podia sair daqui**... .. porque tem a **música do Divino também**... num sei ocê já ouviu falar... é uma música mais alegre... é uma marcha alegre que é... é... num sei de que compositor... eu num sei, não... mas é da... **só da festa do Divino**... só... e a nossa é uma beleza de música, cê tem que gravar... (Rosa, grifo nosso)*

*A Festa Junina... na época de Festa Junina, as músicas de Festa Junina também balançam o pessoal... (Márcio, grifo nosso)*

Nas entrevistas, no contexto da pergunta sobre qual música mais bonita é tocada nas festas da cidade<sup>182</sup>, destacou-se a música da Procissão da Paixão<sup>183</sup>, antigo moteto executado na Semana Santa desde os períodos coloniais. Os entrevistados (55% deles) a consideraram “fúnebre”, “marcante”, “original” e “quem escuta não esquece”. A “Folia do Divino” apareceu também como uma das músicas mais bonitas (30% dos entrevistados). Estas duas músicas possuem caráter exclusivo, pelo fato de tocarem apenas nestas festas e de serem peculiares à cidade de Diamantina. Interessante notar também que evocam sentimentos contrastantes, uma triste, a outra alegre, somando dualidades antagônicas, numa vivência festiva unificada.

Nas entrevistas, as festas de cunho religioso foram as mais destacadas, seguidas do Carnaval e das serestas. A seguir, faremos breves comentários sobre essas festas citadas pelos entrevistados e alguns aspectos que eles realçaram.

#### **2.2.2.5.1 Festas religiosas**

A religião, especialmente a fé católica, constitui um marcante traço da cultura mineira, “não só por tradição, mas por vocação”<sup>184</sup>. Portanto a religião “constitui para o diamantinense um componente existencial tão arraigado e sincero como essencialmente o é para o mineiro das velhas cidades de formação colonial”<sup>185</sup>. “A religiosidade em Minas começou nos primeiros atos de devoção dos bandeirantes. Diante do oratório do santo devoto, o capelão do grupo celebrava a missa e proferia orações. Em seguida, o fluxo religioso aumentou nas capelas que se estabeleceram nos caminhos do ouro, implantando os embriões da vida urbana dos arraiais. Mais tarde, muitas destas capelas se transformaram em igrejas, dominaram visualmente a paisagem das vilas mineradoras assim como a sua vida política e social, porque ali se resolvia tudo. Diferente das igrejas do litoral, as igrejas mineiras foram realizadas como obra de conjunto da própria população local, que se organizou espontaneamente, erguendo as primeiras capelas e posteriormente as sedes das Ordens Terceiras e Irmandades, visto ter sido proibida a permanência das

---

<sup>182</sup> Alguns entrevistados referiram-se a algumas músicas de serestas, como comentamos.

<sup>183</sup> Nas entrevistas, essa música recebeu várias nomeações como Marcha da Paixão, Marcha Fúnebre, Procissão do Enterro, Motetos dos Passos.

<sup>184</sup> LIMA (1983).

<sup>185</sup> FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (1994).

ordens religiosas em Minas<sup>186</sup>. A “população encontrava nestas corporações uma estrutura eficiente e legal, uma forma orgânica para expandir suas necessidades e reivindicações coletivas”<sup>187</sup>.

Desta forma, as festas religiosas eram uma das manifestações mais frequentes na vida urbana, marcada por cerimônias e rituais que se estendiam nos espaços públicos das ruas, principalmente nas procissões e cortejos. Segundo Da Matta (1980), nas procissões, o santo é o ponto-chave, o símbolo focal da festa, o que lhe dá, ao mesmo tempo, um motivo, um sentido e uma unidade. Nas procissões, sabe-se, numa palavra, o sentido da festividade. E é precisamente isso que provoca o congregar, o aglutinar e finalmente o incorporar-se. Pois é preciso haver um alvo comum para que as pessoas possam se associar.

Além disso, segundo o mesmo autor, as procissões possuem características conciliadoras, pois seu núcleo é formado por pessoas que carregam a imagem do santo, e tais pessoas estão rigidamente hierarquizadas: são as autoridades eclesiásticas, civis e militares. Mas, também esse núcleo é formado e seguido por um conjunto desordenado de todos os tipos sociais: penitentes que pagam promessas, homens comuns que apenas demonstram devoção ao santo etc. Assim, as procissões (assim como os desfiles carnavalescos) estabelecem o encontro legitimado de categorias e grupos sociais e possibilitam unir o alegre ao triste, o sadio ao doente, o puro ao pecador e, o mais importante, as autoridades ao povo. Pois, ao mesmo tempo em que o santo homenageado está num andor e separado do povo, por sua natureza e pela mediação das autoridades que o cercam, ele caminha com o povo e dele recebe na rua suas orações, cânticos e piedade.

Nas entrevistas, a referência aos momentos festivos religiosos de Diamantina dizem respeito a algumas festas tradicionais, à lembrança das barraquinhas e às novenas. A festa

---

<sup>186</sup> Segundo MELLO (1985), este fato é único no Brasil, pois, nas demais regiões, instalaram-se os jesuítas, franciscanos, carmelitas e beneditinos que, à parte suas obrigações devocionais, tinham como meta a catequese dos gentios e a difusão da educação católica, bem como a prática da caridade cristã nas Santas Casas para tratamento de enfermos e ainda recolhimento em asilos para órfãos e idosos. Conforme LIMA (1983), o que a Coroa temia era menos o relaxamento dos costumes dos cleros, como apregoava, do que a força e o prestígio de comunidades religiosas, muitas vezes se colocando ao lado do povo e denunciando as tiranias dos Governadores e da Metrópole. Além desse fator, MELLO (1985, p. 54) aponta que a Coroa Portuguesa desejava os religiosos afastados das regiões de mineração, pois, “sem a informação mais precisa das ordens religiosas, o Vaticano não teria conhecimento real dos tesouros aqui encontrados para fazer maiores reivindicações junto à Coroa Portuguesa.”

<sup>187</sup> MELLO (1985, p. 56).

considerada mais bonita pelos entrevistados (47%) foi a Semana Santa, seguida da Festa do Rosário (33%), do Divino (13%) e também de Nossa Senhora Aparecida (7%):

*Ah, eu sou de Semana Santa e num... num troco... (Rosa)*

*Eu gosto da Semana Santa, né? porque é mais folclórica, né? tem a Guarda Romana, tem as procissões, os passos de Cristo e tudo... (João)*

A Semana Santa foi considerada “bonita e triste” e associada, principalmente, à “Guarda Romana” e à “Procissão do Enterro”. As comemorações da Semana Santa amenizam o “recolhimento grave e piedoso da ocasião com o aspecto solene e colorido das encenações então realizadas, em que vários episódios da paixão de Cristo são rememorados ao vivo dentro de uma imponência quase teatral”<sup>188</sup>. Outro momento festivo religioso destacado nas entrevistas como um dos mais bonitos da cidade foi a festa do Rosário:

*Rosário..... eu acho que é a riqueza dos detalhes, né? dos negros... aquela turma..(Fernando)*

*Oh, é do Rosário... é a Festa do Rosário... Menina, eu não sei porque que é... o pessoal acho que tem mais entusiasmo pra Festa do Rosário, né? ... O império é muito bonito... (Joca)*

Nas entrevistas, a festa do Rosário foi vinculada aos negros, ao “império”, à “riqueza dos detalhes” e ao “entusiasmo” com que a pessoas participam e se envolvem. A festa do Rosário integra ofícios religiosos e tradições folclóricas do congado, como danças, subida do mastro, espetáculos pirotécnicos e números musicais. Ela reproduz simbolicamente a história do líder tribal africano Chico Rei que, na época colonial, conseguiu se libertar e formar, em Vila Rica, um estado congo dentro da sociedade mineradora. Dessa forma, este ritual reproduz a coroação dos reis do Congo, a representação das lutas entre as monarquias negras e contra o colono escravizador etc. Em Diamantina, essa festa é marcada pelo colorido das roupas e pelo ritmo cadenciado das músicas e danças<sup>189</sup>:

*...a do Divino já é uma festa mais de elite, né? uma festa aonde se mostra **poderio**, né? porque isso...essa festa, ela já iniciou assim... tanto é que o primeiro Imperador aqui foi um Contratador de Diamantes, né? e que era diamantinense também o... deixa eu ver o nome dele... eu num lembro o nome dele... o quinto Contratador de Diamante... ele foi o primeiro... é... Imperador aqui do Divino... então com **muita pompa**, né? com **muita riqueza** e tudo... e isso*

<sup>188</sup> FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (1994, p. 275).

<sup>189</sup> FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (1994, p. 275).

*veio... então até hoje quem pega essa festa é quem tem mais ou menos um poderiozinho pra gastar... porque o que ganha de... com bandeira e as coisas é irrisório, né? então tem que sair do bolso mesmo...(João, grifo nosso).*

A festa do Divino foi considerada pelos entrevistados a mais “pomposa” e “onde se mostra o “poderio”. Esta festa é promovida pelos grupos mais representativos da sociedade diamantinense, que elegem todos os anos um festeiro, o Imperador, responsável pela sua realização. A programação compreende principalmente a “folia”, que desfila em procissão da casa do festeiro até à Imperial Capela do Amparo, acompanhada no final por uma banda de música. Após a realização da missa solene, o cortejo do Divino retorna à casa do Imperador, onde há outras comemorações e distribuição de doces, perdurando os festejos por dois ou três dias. Esta festa tem origem na festa do Divino Espírito Santo, introduzida no Brasil no século XVI. Apesar das transformações sofridas, preservou, contudo, como se verifica em Diamantina, algumas características essenciais, como a coroação do Imperador, a coleta de donativos, a distribuição de esmolas e comida e a manutenção dos principais símbolos: a bandeira, a coroa e o cetro distintivos do Império. A Festa do Divino também associa elementos religiosos e folclóricos, o que acrescenta às festas um caráter lúdico, pois possibilita reunir às expressões religiosas uma série de expressões pagãs que resultam no aspecto recreativo e mesmo “carnavalesco” destas manifestações<sup>190</sup>.

A festa de Nossa Senhora Aparecida também foi citada nas entrevistas como uma das mais bonitas da cidade (7%). Comemorada em 12 de outubro, esta festa representa um momento muito significativo para a população, não apenas do bairro Rio Grande, mas para grande parte dos habitantes da cidade. Nesta ocasião, desde a madrugada, a Igreja recebe centenas de pessoas que a ela se dirigem, vindas também das localidades adjacentes, muitas a pé, pagando promessas:

*Dia 12, vai ter a **procissão de Nossa Senhora Aparecida saindo do Pão de Santo Antônio** (...) ... é gente demais... graças a Deus... e todo mundo vai ali naquela piedade... rezando... (...) ... milagre vem das mãos de Deus... ela intercede por nós... que muita gente num acredita, mas eu acredito... ela intercede por nós... faz a gente criar fé... se a gente não recebe é porque não está em condições de receber... mas assim que chega condições a gente recebe... pelo menos ela dá paciência pra gente aceitar o que tá passando na vida da gente, né? (Amélia, grifo nosso)*

---

<sup>190</sup> MELLO (1985).

Nas festas religiosas, a exteriorização da fé inicia-se no interior da igreja e se estende às ruas em forma de procissões e cortejos, mapeando, por instantes, “percursos sagrados” sobre o profano espaço urbano cotidiano. Nas procissões, o espaço público das ruas e largos é ocupado por algumas horas (uma manhã ou uma tarde), num percurso previamente estipulado:

*Tem a procissão do Santíssimo, depois tem a Bênção do Santíssimo, solene na porta da Catedral.. (...) tem a procissão da Ressurreição, do domingo da Ressurreição, que percorre só um trechozinho da cidade... (Amélia, grifo nosso)*

Em Diamantina, depois das procissões, era comum as pessoas se reunirem na área externa da igreja para participar da quermesse ou “barraquinhas”, onde eram vendidos doces e bebidas como meio de angariar fundos para ações religiosas e filantrópicas. Eram famosas as barraquinhas do Pão de Santo Antônio, do Sagrado Coração de Jesus, da Consolação e do Bom Jesus<sup>191</sup>. Após os rituais e celebrações, a presença das barraquinhas prolongava, no espaço público, o tempo do ritual religioso e promovia a sociabilidade entre as pessoas. Conforme Da Matta (1980), ali era criado um ambiente de encontro e comunhão, muito semelhante ao do Carnaval. A eliminação desta comemoração gerou uma abrupta interrupção no desfechamento da festa e nos sugere um empobrecimento nas chances de encontro e de sociabilidade que essas comemorações propiciavam:

*Tinha barraquinha em certas festas, como aqui embaixo tinha, mas demoliram... porque acabaram com esse negócio de barraquinha... lá na serra mesmo tinha... teve no Pão de Santo Antônio... mas o padre de olho pra render pro Pão de Santo Antônio... porque tinha aquelas paralelas, né? falava que era pra igreja e num era... aqui embaixo também teve muita gente que fez o pé de meia, mas que eu num quero pra mim... um pé de meia furado... num quero pra mim, não... ficou trabalhando, falando que é pra capela e num era... num era pra capela, num prestava conta na capela... lá na... na serra também... o padre falou: “num quero mais barraquinha aqui na porta”. (Amélia, grifo nosso)*

*....cortou as barraquinhas. Disse que era acender uma vela pra Deus, outra pro diabo; o cara reza na missa e bebe lá fora. (Estêvão)*

As novenas também apareceram nas entrevistas associadas à igreja de Nossa Senhora Aparecida e ao Pão de Santo Antônio<sup>192</sup>. Elas integram as cerimônias religiosas de

<sup>191</sup> BARBOSA (2004).

<sup>192</sup> Associação do “Pão de Santo Antônio” é uma obra de assistência social aos idosos, fundada em 1902 (antigo Recolhimento dos Pobres do Pão de Santo Antônio). Possui uma capela e localiza-se no bairro Rio Grande.

Diamantina, marcando o ritmo do tempo, congregando as pessoas e permitindo que os espaços religiosos das igrejas penetrem nos espaços privativos das casas.

*A Basílica de Nossa Senhora Aparecida também... ela é bonita porque tem um ambiente muito bonito também, muito preparado, muito arrumadinho... mas a **beleza** que eu acho nessa capela é pela **ocasião das novenas, a quantidade de gente que frequenta...** (...) Agora mesmo que eu tô indo lá pra **novena** da Nossa Senhora Aparecida, né?(...) Ah o que eu acho muito notável aqui em Diamantina... muito bonito que eu gosto mesmo... é do Pão de Santo Antônio...(...) **Eu já cantei** lá muitos anos... a **Trezena... a Trezena** de Santo Antônio... eu cantei...(...) Vou sempre... outro dia mesmo eu fui lá à tarde **pagar uma promessa** que eu fiz...(...) Tem a capela muito boa... também agora tá ampliada... ficou maior... muito bom... mas aquela capela tem um mistério... porque num é possível... a quantidade de gente que entra ali naquela capela... quando sai é que a gente vê... parece que tem a **bênção de Deus primeiro e depois de Santo Antônio...** porque parece que ela vai abrindo... porque num é possível... gente, eu fico encantada de ver que quantidade de gente que sai daquele pedacinho. (Amélia, grifo nosso)*

As festas religiosas ocupam os espaços da cidade por breves momentos e durante o ano todo regem o calendário das pessoas que se orientam por estes ritmos festivos. As festas acontecem no interior das igrejas, onde se realizam as missas e os ritos litúrgicos, estendem-se rumo aos espaços públicos das ruas nos cortejos e procissões e terminam (ou terminavam) no espaço exterior da igreja, nas barraquinhas. E, em todos esses momentos, a música está presente, dando o tom à festividade, expressando os sentimentos que, naquele momento, estão sendo re-representados, como a alegria, a liberdade, a compaixão e a fé. Esses momentos permitem que os espaços públicos e privados percam a usual rigidez de seus limites físicos e que “toda a cidade” seja vivenciada como um espaço coletivo de pertencimento – um espaço-vivo.

#### **2.2.2.5.2 Carnaval**

Dissemos que os rituais exigem um local especial para a realização. A diferença do carnaval é que a área selecionada é muito maior e a ocupação muito mais prolongada, pois, nesta festa, a ocupação do espaço público dura ao menos três dias. Nesse período, as ruas do centro são tomadas pelo povo, que ali assiste ou brinca o carnaval. Conforme Da Matta (1980), no Carnaval, as ruas se transformam num palco de um teatro sem texto fixo, onde acontecem dramatizações espontâneas, improvisadas por quem está fantasiado, numa relação de participação intensa entre os falsos “atores” e os falsos “espectadores”. Neste espaço, as rotinas do mundo diário são rompidas e pode-se observar, discutir ou criticar o

mundo cotidiano, visto “de pernas pro ar”. O Carnaval é um ritual de inversão. Todos podem misturar-se e trocar de lugar, os homens se vestem de mulher, os pobres de ricos, abrindo-se mão dos papéis tradicionais.

No Carnaval, não apenas os papéis sociais são alterados, como também se esfumaça a rígida dicotomia espacial entre a casa e a rua. Os espaços público e privado se juntam, como se tivesse sido criado um espaço especial, fora da casa e acima da rua, onde todos podem estar sem as preocupações de relacionamento ou filiação com seus grupos de nascimento, casamento e ocupação. A cidade é vivenciada como um grande espaço lúdico habitado, onde todos podem mudar de grupos e criar novas relações de insuspeitada solidariedade. Conforme Da Matta (1980), neste momento a palavra mais ouvida é loucura. “Loucura porque estamos na rua que subitamente se torna um lugar seguro e humano<sup>193</sup>”. Loucura, finalmente, porque nosso mundo social, tão preocupado com as hierarquias, está oferecendo mais aberturas do que aquelas em que podemos realmente entrar. O Carnaval é uma festa descentralizada, inclusiva e de caráter comunal.

O espaço desta festa gera um andar despreocupado, sem destino e, também, altamente ritualizado e alegre. No Carnaval, os trajetos diários se invertem. Não importa muito aonde se quer chegar e o modo como se chega, mas simplesmente caminhar sem rumo e sem direção, gozando intensamente o ato de andar, ocupando as ruas do centro comercial.

O Carnaval é uma festa de todos, sem um dono. Não está centrada num patrono, num santo, nem num herói, mas no canto e na dança, onde se celebram a alegria, o luxo e a brincadeira. O que se busca nesse momento é o vivo contentamento, o prazer e a música, o que permite a formidável abertura que termina por religar (como um verdadeiro momento religioso) todos com todos, como simples foliões. Relacionar-se com o mundo pela brincadeira e pela música, cantando e dançando, abre possibilidades metafóricas que significam também relacionar-se, descobrir que estamos todos numa mesma sociedade, num mesmo mundo e que somos, a despeito de todas as hierarquias, necessários e responsáveis uns pelos outros<sup>194</sup>.

Em Diamantina, o Carnaval é uma festa marcante que atrai milhares de pessoas. Nas entrevistas, o Carnaval apareceu nas perguntas sobre alterações sofridas na cidade ou

---

<sup>193</sup> DA MATTA (1980, p. 91).

<sup>194</sup> DA MATTA (1980).

o que gostaria que voltasse no tempo. Os entrevistados referiram-se ao antigo carnaval de modo saudoso, comparando-o, inevitavelmente, ao atual.

Há uns anos atrás, existiam os desfiles das escolas de samba e dos blocos carnavalescos que partiam do centro rumo ao Largo Dom João. O percurso das escolas atravessava a cidade, integrando os espaços do centro histórico e do Largo Dom João, assim como as pessoas que entre eles circulavam:

*Saía lá na Rua Direita... direto ali... passava... passava na estaltua (sic) de Juscelino na Praça JK e parava na porta da Escola Normal... as escolas de samba... as escolas de samba todas paravam ali. (Márcio).*

*... Largo Dom João e no Centro da cidade que era os ponto...(...) na época do Carnaval tudo era igual...(...) circulavam... entre um e outro... o povo ficava doído pra encontrar com o bloco... um bloco ia, o outro vinha e encontrava... era muito divertido, né? muito bom... (Jonas, grifo nosso)*

Além dessa integração espacial, existiam vários “nichos musicais” espalhados pelo centro histórico, cada qual com sua banda e população, onde as pessoas encontravam-se e realizavam o carnaval. A diversidade desses focos musicais, pulverizados na área central, favorecia a circulação das pessoas entre os vários espaços da cidade, contribuindo para a integração, tanto social como física entre o centro e o largo Dom João. Neste momento, o espaço público, impessoal e desarticulado, tornava-se pessoal, comunitário e sobretudo criativo:

*...porque antes tinha... colocavam palco na Baiúca... lá na praça do Mercado... um de frente pra Catedral... um lá na praça Juscelino... agora não... eles colocam um na praça do Mercado e um no Largo Dom João...(...) Era assim... por exemplo: tinha... ali na praça do Mercado tinha um palco, né? então lá... “x” bandas tavam tocando, né? (...) por exemplo: na Baiúca, tocava a Bartucada... num palco em frente ali à Rua Direita, ficava a Batcaverna... em frente à Cátedra, tinha o Clube dos Peraltas, né? costumava lá embaixo ter outros eventos... (Félix)*

*No Centro... subia pro Largo Dom João, né?...(...) cê tinha em frente à Catedral... você tinha no Mercado, você tinha aqui na Praça JK... então você espalhava... o povo tinha pra onde ir, né? hoje não. (Fernando, grifo nosso)*

As ruas e becos funcionavam como “artérias” que “alimentavam” de vitalidade os dois principais espaços de concentração. As pessoas circulavam, de tal maneira, que “toda a cidade” se transformava num espaço integrado e vivo:

*Ah, muitas vezes a gente pulava no meio, né? num agüentava não... aquilo a gente sambava aí e molhava o corpo no meio da turma, lá, né? era tão bom... mas hoje cê num vê isso mais, né? (Jonas)*

Atualmente, o fim dos desfiles das escolas de samba implicou o término do trajeto entre o centro e o Largo dom João, fator que contribuía para que toda a cidade fosse um palco vivo de acontecimentos. Este fato interrompeu o trânsito e a articulação entre os vários espaços locais. As “artérias” comunicantes entre os dois principais pontos de concentração foram cortadas, eliminadas (Fig.75). Além disso, os palcos musicais se unificaram e passaram a se concentrar apenas no Mercado Velho e no Largo Dom João, colaborando para a redução da diversidade de “acontecimentos”, que foram fatores de integração e vitalidade dos espaços:

*... pelo menos o Carnaval era mais movimentado aqui embaixo, sabe? era mais interessante... hoje o que eles fizeram? Colocaram tudo que tinha num palco só... ali na praça do Mercado... aquele monte de gente... cê imagina, né? na Rua Direita... o que ficava na... na Catedral, o que ficava na... o que ficava na porta da casa... juntou aquilo tudo... era mais espécies, né? e juntou tudo... eles colocam um aqui e um lá em cima... colocam lá, né? (Félix, grifo nosso)*

*....tinham blocos que num tem mais... escola de samba já acabou... cê num vê ruas enfeitadas como antigamente...é localizado no Mercado Velho... antigamente não... (Fernando)*

*Insistentemente... tem alguns blocos, que teimam em... em continuar... mas com muita dificuldade, né? tem o Sapo Seco que é um bloco super-antigo, que procura continuar... mas assim... na hora que entra a multidão... isso... dilui... (Sônia)*

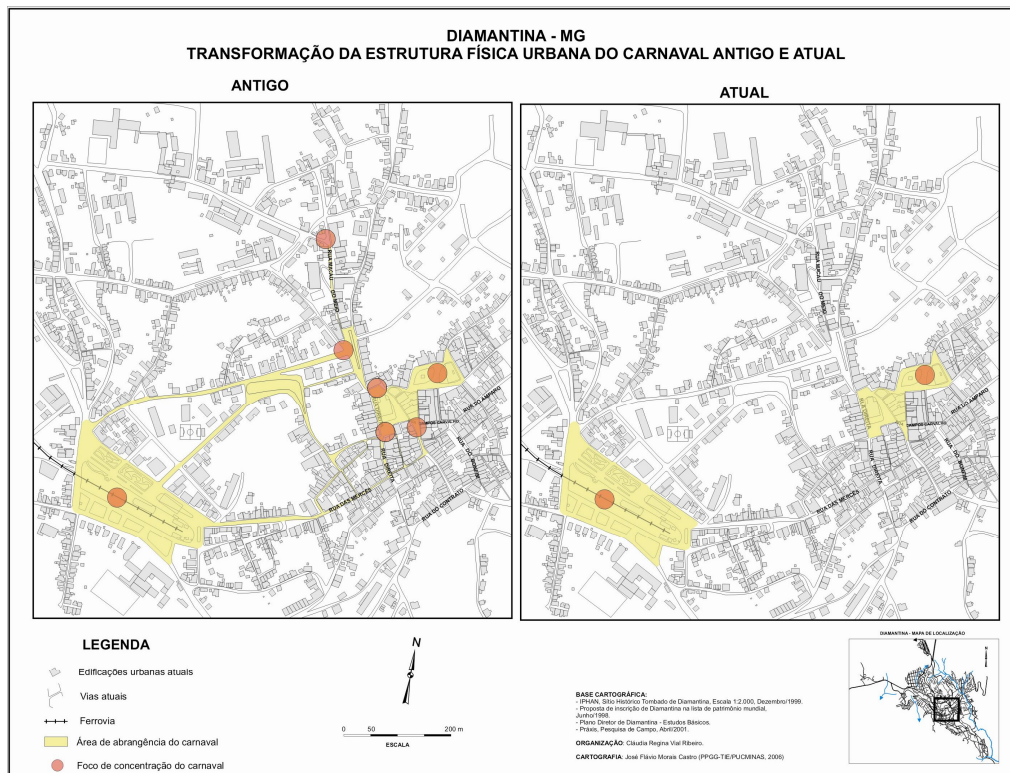


Figura 75 - Transformação da estrutura física urbana do carnaval antigo e atual

Na estrutura espacial do carnaval antigo, espaços integrados permitiam a simultânea convivência entre os habitantes da cidade e os turistas. A divisão espacial atual também implicou segregação social:

*..acaba que acontece uma segregação assim, sabe? o pessoal... da periferia... normalmente o pessoal mais da periferia fica lá em cima... o pessoal mais aqui do centro com os turistas... o pessoal que vem de fora fica aqui embaixo, entendeu? então acontece muito disso... (Félix, grifo nosso).*

*Hoje Carnaval cê num tem pra onde ir com a família... porque ou cê olha de longe... ou cê olha de longe... porque é muita gente, né? ... e o pessoal de Diamantina num tem aonde ir... então fica calacrado lá no meio com o pessoal de fora, né? então fica impossível cê sair... (Fernando)*

*... a cidade cheira muito mal... num é em todo lugar que cê pode passar, nem pisar, nem levar os meninos... (Sônia)*

Por sua vez, essa segregação espacial implicou a privatização do espaço público da área do Mercado (como também acontece no *Réveillon*), delimitando, com um cordão de isolamento, o público pagante do não-pagante. Esses fatores exarcebaram a exclusão e desvirtuaram a essência do Carnaval como festa pública. “Não se tratava de um espetáculo, portanto, que por definição separa os espectadores dos atores, mas de uma excitante experiência popular de autonomia, a suspender temporariamente as distâncias sociais e a rigidez das categorias profissionais próprias de uma sociedade heterônoma”<sup>195</sup>. Dessa forma, as implicações espaciais do atual Carnaval sugerem um comprometimento do sentido comunal e público desta festa, inibindo que a cidade possa ser apropriada como um todo pela população:

*Porque o antigo Carnaval aqui é.... pra mim, ele era voltado pro povo de Diamantina... num era um Carnaval pra se mostrar... era um Carnaval pra ser curtido, né? (...) Hoje está ...comercial... muito comercial... assim... tá voltado pra fora e não pra dentro... então tá se perdendo a raiz do que era aqui dentro... mesmo tentando resgatar o que tem... mas num tá voltado pro povo de Diamantina... porque quem faz o Carnaval é o povo de Diamantina... então eu vejo que tá perdendo... tá perdendo o... aquele... aquela... a mágica... porque o pessoal vai porque quer, porque gosta, né? eu acho que é isso que tá perdendo... tá muito comercial e tá localizado num lugar só... (Fernando, grifo nosso)*

A alteração na configuração e no uso dos espaços urbanos ajuda – ou não – a promover tanto a integração como a exclusão das pessoas. A transformação na estrutura espacial do Carnaval, antes diversificada e integrada, foi substituída por uma forma centralizada e excludente. A antiga estrutura contribuía para que toda a cidade fosse um

---

<sup>195</sup> PIERUCCI (2006).

espaço-vivo apropriado pela população, e essas alterações, entre outros fatores, inibiram a sua plena realização.

*...essa música boba que a gente vê zoando na rua aí... mas num passa adiante não, só fica nisso .... só músicas... essas música boba que a gente vê rolando aí, então é essa bobaiada mesmo.... (Jonas)*

*...acho que tinha até que acabar assim... sabe? ficar um ano sem Carnaval pra voltar... eu sou alucinada... num deixo de participar, não... adoro... Carnaval pra mim é a festa melhor do ano... mas é uma pena, porque é muito... assim, tá muito desgastado... (Sônia)*

### 2.2.2.5.3 Serestas

Nas entrevistas, as serestas apareceram no contexto da pergunta sobre o que gostariam que voltasse no tempo e sobre a música mais bonita que é tocada nas festas da cidade. Elas foram associadas principalmente ao tempo do Presidente Juscelino Kubitschek, que apreciava as serestas e costumava se juntar aos músicos para “fazer uma serenata”. O ponto de encontro musical era nas escadarias da Igreja São Francisco, em frente ao largo, que mais tarde passou a se chamar Praça JK, e onde, hoje se encontra uma estátua em sua homenagem. Mais uma vez, a referência às serestas também afirma o espaço público da rua como palco de encontro entre as pessoas e a atividade musical, espontaneamente, agregando-as e transformando aquele tempo e espaço significativo e memorável:

*Era assim...está vendo aqui o largo?... (aponta para o largo da Praça JK) a gente reunia uns quatro ou cinco aqui e aparecia para cantar, e ia enchendo, sabe, aí... cantava choro, bolero, rumba... e era animado... eu tenho saudade porque era muito animado....(...) **eu estava no ginásio...aí a diretora me dispensava: Oh, Juscelino tá ti chamando pra tocar. A gente ia, né? Fazer serenata, com a turma, a gente saía na rua, ia cantando. Parava na escadaria ali oh** (aponta com o dedo) **e continuava cantando, cantando. Não tinha tanto barulho como tem hoje, né? Tanto carro...aquele silêncio ...**(Reinaldo, grifo nosso)*

Em Diamantina, existem muitos grupos de serestas e vários entrevistados pertencem a mais de um. Costumam tocar em datas comemorativas, festas de aniversários, casamentos etc. Apresentam-se também nas sextas à noite no Mercado Velho, por iniciativa da Prefeitura Municipal, porém, nestes momentos, predomina a presença de turistas, como comentamos nas observações realizadas em campo.

*....a seresta é coisa antiga, mas a seresta era assim... o povo de Diamantina. Hoje o povo de Diamantina... eles num.... praticamente eles num vê a seresta ... (Vitor)*

*Num sei... preguiça... é, depois da televisão cabou Diamantina. (Rosa)*

*Toda sexta-feira tem um grupo na rua saindo daquele mesmo local... toda sexta... (Américo)*

#### **2.2.2.5.4 Outras festas**

Nas entrevistas, outras festas também se destacaram como as quadrilhas, o forró, o *Réveillon*, a Vesperata e os antigos bailes da cidade. Também foram mencionadas as comemorações de Folia de Reis e a existência de grupos de pagode, capoeira e *hip-hop*:

*Os eventos que tem na periferia normalmente são de iniciativa do pessoal de lá mesmo... (Félix)*

*Tem quadrilha... tem..... eles fecham essa rua principal aqui ó...(...) Costuma ter o forró do Salvador aqui que já é tradicional... o forró do Leco..... essa é também uma tradição muito forte aqui na cidade. (Estêvão, grifo nosso)*

*Tem o bar do Salvador também que é muito falado... cê já ouviu falar, num já? Lá é forró todo final de semana. Tem forró, tem pagode... tem muito grupo aqui no bairro, né? ... é... tem a capoeira...(...) Existe muitos grupos de Quadrilha... existe o do Salvador... o de Lex... da Vila Operária... existe o do Mandacaru... do EPIL... existe muitos grupo... (Márcio, grifo nosso)*

A festa do *Réveillon* acontece no Mercado Central. Nesse momento, mais uma vez, esse espaço é privatizado para atender um selecionado público pagante, inibindo o seu caráter original de espaço público de encontro:

*No final do ano, eles fazem um reveillon... é... faz uma grande confraternização, né? Com baile à noite... com música a noite toda...(...) eles vendem mesa, né?(...) . e às vezes, a gente, nem a gente consegue... não consegue comprar, adquirir as mesas, né? É vendido com bastante... bastante antecedência, né? (Estêvão)*

De forma semelhante, o espaço público também é privatizado no evento musical Vesperata. Pelos depoimentos dos entrevistados:

*tem gente que eu acho que nunca nem assistiu... eu acho... sabe? tanto é que não é... não é divulgado...(...) num faz divulgação desses eventos e nem nada nos bairros, não... (Félix)*

*O meu irmão, quando era menino, já assistia Vesperata, que chamava Anjo... Anjo da Meia-Noite... então eles tocavam lá no...(...) coreto... na frente da... naquelas sacadas da Rua Direita, sabe? e depois é que sumiu... acabou... cabou, cabou... é... resolveram levantar agora de novo...(...) cê vê que cê vai na Vesperata, cê num vê ninguém de Diamantina... (Rosa)*

Alguns entrevistados recordaram os marcantes saraus que aconteciam na cidade, momentos de encontro social e musical:

*Toda casa aqui... quase toda, quase toda... tinha **piano**... e todo mundo sabia tocar um instrumento... cê num vai numa casa que ninguém toca um instrumento qualquer, né? então... aqui, antigamente, a minha mãe falava que **teatros portugueses** vinham muito... há influência de Portugal aqui, né? e vinha... tinha muito teatro... teatro mesmo e tudo... e muita música...(...) cê vê lá em casa... (...) todos... era todo... nós fazia **sarau**... toda tarde nós fazíamos sarau na minha casa, chorando ou sem chorar... meu pai obrigava... a gente tocava, cantava e saía, como eu já te falei...(...) era muito bonito mesmo... e eu... eu falo mesmo... que tinha muitas famílias aqui assim, viu? (Rosa, grifo nosso)*

Famosos também eram os antigos bailes da cidade, guardados na memória de alguns dos entrevistados:

*Ah... tinha uns bailes aqui... os **bailes daqui eram bailes, viu, Cláudia?** de vestidos longos... quem num tava de vestido longo... vestido bonito... os homens todos de terno... a gente vestia muito elegante aqui em Diamantina...(...). Os bailes aconteciam no **Acaiaca**, que era... toda vida foi o... não... toda vida Acaiaca, não... era casa de família, depois é que virou Acaiaca... tinha... em cima do... da farmácia, ali no Ponto Chic... cê sabe onde é o Ponto Chic? em cima era Flamengo... (Rosa, grifo nosso)*

*Ah.....há muitos anos..... no **Hotel Tijuco**...na época do Juscelino, tinha baile, ficava cheio...virava baile... (Reinaldo, grifo nosso)*

*Porque o **baile no Hotel Tijuco** foi o que... o que mais me encantou na **adolescência** ...(...) Com essas pessoas... esses músicos tradicionais, que a gente conta a história...(...) ... esses músicos é que tocavam lá... eram bailes...(...) ... então **o meu pai** sempre frequentou o Hotel Tijuco e eu, se quisesse, podia ir com ele...(...) tinha os **bailes de Carnaval** com esses mesmos músicos... música ao vivo... todo mundo tinha que ir fantasiado... (Sônia, grifo nosso)*

Todas estas festas citadas pelos entrevistados sugerem um clima festivo que periodicamente toma conta dos espaços públicos de Diamantina, convidando a população a celebrar a continuidade da confiança, da alegria e da participação solidária.

### 2.2.2.6 o espaço da vida cotidiana



Figura 76: Cena do cotidiano – Praça Joubert Guerra  
Fonte: Cláudia R. Vial Ribeiro, 2004

De certa maneira, os itens até então relatados como resultado das entrevistas correspondem aos espaços do cotidiano das pessoas, mas os destacamos como itens à parte pela sua importância para o objeto desta tese: o espaço-vivo. Alicerçado na confiança, a possibilidade de que este espaço aconteça encontra-se presente no dia-a-dia, no ordinário e no simples de nosso presente.

Como vimos na primeira parte da tese, Schutz (2001, p. 28) delinea três pressupostos fundamentais que alicerçam o cotidiano:

- Na vida cotidiana, confiamos na estabilidade do mundo, isto é, acreditamos que o mundo, tal como é conhecido por nós até o momento, persistirá, e que, por conseguinte, o “acervo de conhecimento”, obtido de nossos semelhantes e formado mediante nossas próprias experiências, seguirá conservando sua validade fundamental.
- Confiamos na validade de nossas experiências anteriores e, a partir delas, podemos antecipar e repetir nossos atos.
- Confiamos na capacidade de operar sobre o mundo de determinada maneira, mantendo em aberto a possibilidade de refazer determinada ação.

Assim, nos espaços do dia-a-dia, ancoram possibilidades de o espaço-vivo acontecer, firmando nossa confiança na estabilidade das coisas, de tal forma que a estrutura espacial diária fortalece a nossa estrutura emocional. Por exemplo, confiamos que todos os dias, ao comprarmos o pão, a padaria vai estar lá e que, ao acordar em Diamantina, o Pico do Itambé (mesmo não o vendo, pois muitas vezes fica escondido pelas nuvens) também não terá mudado de lugar ou desaparecido:

*O Itambé... é... constantemente, né? (Sônia)*

*Ele sempre fica com... nublado... aquela área lá... (Américo)*

#### **2.2.2.6.1 Som dos sinos**

As entrevistas revelaram essa confiança e estabilidade do mundo em momentos anteriores, por exemplo, ao destacarem a marcação do calendário pelo ritmo das festas. Este fato coloca em ação uma “espera”, uma expectativa que baliza a ordenação do plano do dia, do mês, do ano, da própria vida da pessoa. Possibilita que ela antecipe, planeje e projete a sua vida balizada neste plano temporal e espacial.

De forma semelhante, os sinos das igrejas marcam o ritmo do tempo cotidiano. Antigamente em Diamantina, os sinos das igrejas tocavam diariamente<sup>196</sup>. Além de anunciar mensagens que eram decodificadas pelos habitantes, os sons dos sinos ajudavam a organizar o ritmo cotidiano, unificando o tempo e o espaço, tornando-os simultaneamente presentes. Essa tradição sonora se rompeu, e a substituição dos sinos pelo som mecânico dos alto-falantes empobreceu a experiência urbana cotidiana espacial e temporal:

*Quando eu morrer, eu quero... cortou esse negócio de bater no sino, mas vai bater..(...) cabou esse negócio de dobrando nas igrejas... agora fala no **alto-falante**... fala lá no alto-falante, e muita gente num escuta... ontem mesmo o padre tava falando do sétimo dia de uma pessoa conhecida, e eu num fiquei sabendo... agora quando batia no sino, quantas vezes eu subi aquela ladeira ali... pra ir olhar... batia o sino do Rosário às vezes, né? quem é que tinha morrido... **bate ali, bate cá... a pessoa fica sabendo**... cortaram... num sei o porquê... num sei qual o motivo... (Amélia, grifo nosso)*

#### **2.2.2.6.2 Missas**

As igrejas destacam-se na paisagem de Diamantina, principalmente pela quantidade, pela tipologia diferenciada, pela escala, verticalidade e importância.

<sup>196</sup> Atualmente, algumas igrejas tocam o sino para anunciar a missa.

Curiosamente, um dos entrevistados comentou que a igreja do Bom Jesus está instalada num dos pontos mais altos da cidade para abençoá-la, enquanto a Igreja da Consolação fica embaixo para “consolar” as pessoas. A posição geográfica e topográfica das duas igrejas, situadas na extremidade de uma diagonal (igrejas 2 e 11 do Mapa 16), gerou uma “imagem poética”, como se, metaforicamente, de fato, protegessem a cidade.

Presença marcante e constante, as igrejas configuram-se como referências de estabilidade do mundo, garantindo que, periodicamente, tanto as festas e as novenas se realizarem, como também as missas. Desde a época do Tijuco, as missas aos domingos<sup>197</sup> eram oportunidades ímpares para tornar pública a posição ocupada por cada um na sociedade e representavam o principal espaço de sociabilização, onde todos viam, eram vistos e, principalmente, tinham voz, participando ativa e voluntariamente nas atividades coletivas. Assim, as missas cumprem um papel que ultrapassa o ato religioso, transformando-se também em oportunidades de encontros entre as pessoas e de participação em atividades comunitárias, fator que promove o sentimento de pertencimento e confiança:

*.. mas aqui na Paróquia a gente... nós somos... é... **participantes ativos**, né? (...) eu tava preparando uma palestra para o encontro... o encontro de noivos... então **na igreja** a gente gosta de ter uma participação muito grande... **quer dizer, na cidade**... (Estêvão, grifo nosso)*

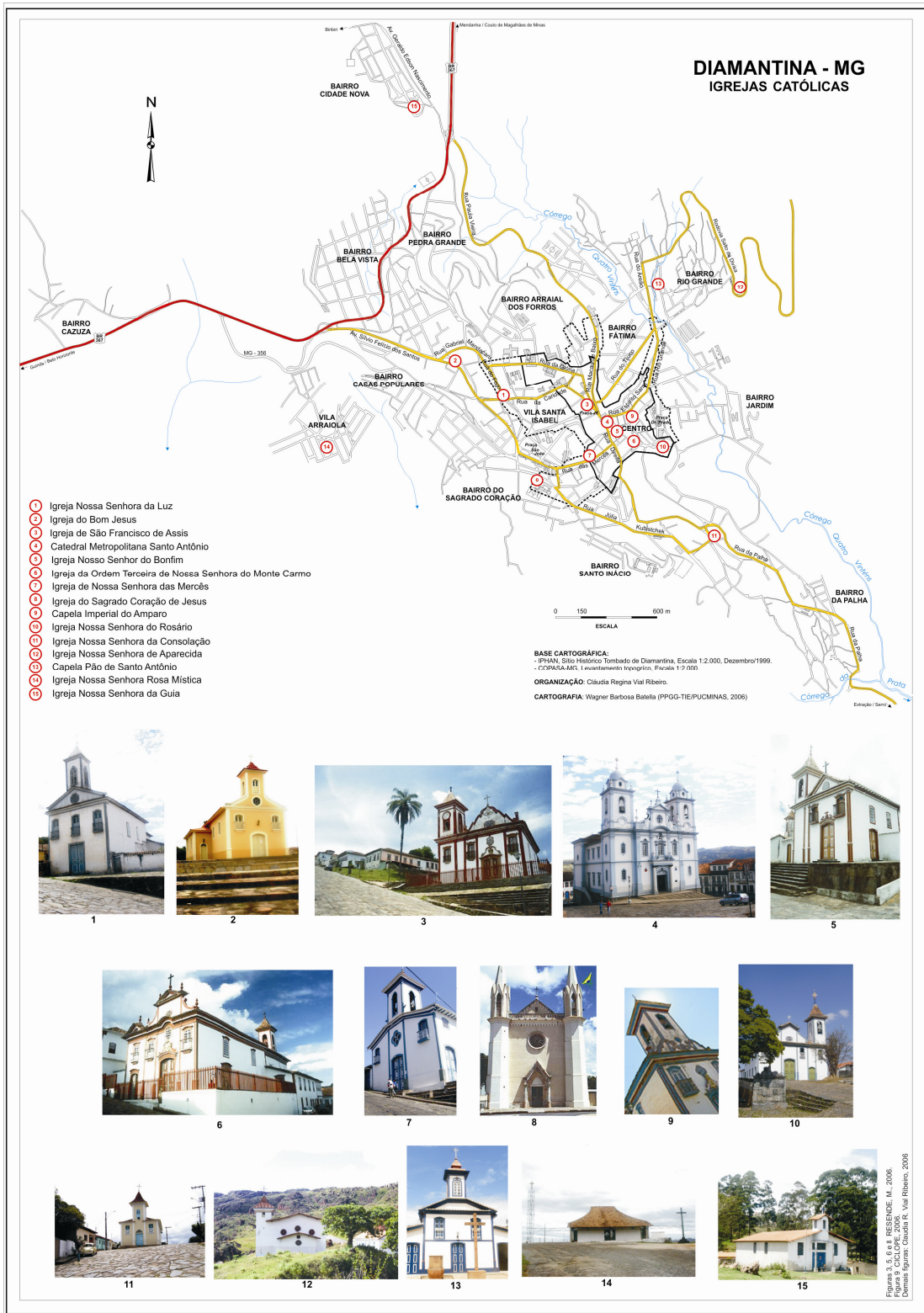
*....aonde eu freqüento mais é a igreja.... (...) ... **todo final de mês tem missa lá** na Igreja das Mercês... e a **gente vai**... quando eu num vou pra lá, eu vou no Seminário ou então na Igreja da Luz... são as três igrejas que eu freqüento... é... Igreja da Luz, Seminário e Igreja das Mercês que a gente freqüenta... vou nas outras também, mas é mais difícil... só quando tem festa... aí que eu vou nas outras...(Joca, grifo nosso)*

*..., a não ser as igrejas...(...) só igreja... eu num freqüento outra coisa, não... a minha cultura que eu tenho, que eu num tenho cultura de estudo... mas a minha cultura que eu tenho é a cultura religiosa... (Amélia)*

*Não tenho costume de sair, a não ser pra **tocar**, pra **ensaiar** ou pra ir à missa **rezar**. (Américo, grifo nosso)*

---

<sup>197</sup> FURTADO (2003, p. 138,158).



Mapa 16 - Diamantina: igrejas católicas

### 2.2.2.6.3 Nome das ruas

O espaço do cotidiano tece e fornece a matéria-prima da rememoração, atestada por alguns depoimentos citados, como a lembrança do trem chegando diariamente, as missas na Sé, o comércio semanal das tropas no Mercado etc. Nas entrevistas, apareceram também as alterações no nome das ruas. Por exemplo, o Largo D. João era o antigo Largo do Curral (Walter), o bairro Penaco era a Chácara do Bispo (Amélia), a Vila Operária chamava-se Buraco do Cachorro, Palha era Arranha Gato (Jonas) e Alto do Bom Jesus era Morro do Capeta:

*...tem um lugar que chama **Buraco do Cachorro** aqui na frente ali... é um nome até difícil de falar, né? Hoje num é Buraco do Cachorro mais porque mudou... chama **Vila Operária**... é... tem a Vila Operária... tem o **Arranha Gato**... que hoje é **Palha**, mas era Arranha Gato... Arranha Gato porque o povo brigava de graça, né? porque qualquer coisinha tava dando os tapa no povo lá... chamava Arranha Gato... (Jonas, grifo nosso)*

*Oh, tinha... como eu tô te falando, tinha... lá pelo menos aonde é a igreja do Bom Jesus... **ali chamava até Morro do Capeta**... depois é que foi batizado Alto do Bom Jesus... tirou o Morro fora... diz que lá tinha... tem umas meninas aqui até que ainda garante... umas que já tão maduras, que mora aqui embaixo... Num sei... é ma-assombrado. Ela contava que desceu um dia... descendo assim um pouquinho negócio de nove, nove e tanto, num era tarde... que desceu na frente dela uma cachorrada puxando lata... com aquela barulhada, com aquela... só afastaram pra poder deixar passar... elas viram... chegaram em casa em tempo de pôr a alma pra boca de medo... viram isso aí, elas que contavam... (Américo, grifo nosso)*

Os nomes dos lugares e das ruas propiciam uma imersão cotidiana na história, e tendem a se tornar monumentos, como testemunhos e recordações. Revelam narrativas ali ancoradas espacialmente e abrigam memórias coletivas capazes de serem reconstituídas:

*....o **Beco da Tecla**.. (...) ela mesmo perguntou por que Tecla... agora depois falaram... é... falaram que tinha uma dona que tocava piano... ninguém tava sabendo contar a história, não... que ela tocava piano, então falava que ela era a dona da tecla, porque tocava muito bem... então ficou chamando Beco da Tecla... eu soube por alto... num sei se é verdade assim, não... (Amélia, grifo nosso)*

### 2.2.2.6.4 Bairros

Os bairros configuram-se como os lugares comuns da vida cotidiana e atuam como espécies de âncora no espaço urbano, fornecendo às pessoas, no retorno diário a eles, a necessária recomposição física e emocional. No cotidiano, os lugares adquirem significações a partir das pessoas que neles moram e deles usufruem diariamente:

*... meu trivial de... de andar é ali... “Catredral”, Mercado Velho... eu gosto muito do Centro da cidade... é... então a gente sai daqui do bairro e vai pro Centro... (Joca, grifo nosso)*

*Olha, eu acho mais bonito é o centro histórico mesmo, onde era o Mercado Velho... o centro ali.... tem muita coisa bonita, muitas coisas importantes, coisas que eu nem sei explicar quando foi construído porque não foi da minha época, então aquilo ali acho que ... chama muito atenção, (...) **porque eu tô vendo direto, eu gosto, eu amo....**(Vitor, grifo nosso).*

É no cotidiano dos subcentros dos bairros que as necessidades do dia-a-dia são resolvidas, como vimos, por exemplo, nos comentários das entrevistas sobre o Largo D. João. Esses lugares do comércio diário configuram-se como nós de vitalidade urbana, compondo uma rede de espaços-vivos:

*O bairro aqui inda tem a fábrica<sup>198</sup> aqui, tem **padaria**, tem fábrica, tem posto ali de saúde, tem dois **posto de saúde**, **posto de gasolina**, tem **farmácia**, tem **xerox**, tem tudo, né? E...então **a gente fica satisfeito, tem as coisa completa ali, né?** (Jairo, grifo nosso)*

***Tudo a gente resolve aqui...** resolve aqui... no bairro mesmo, a gente... é... tem um telefone de contato pros pessoal do bairro mesmo... aí a gente resolve aqui mesmo, né agora, aí se precisar da Prefeitura, a gente vai procurar, né? (Márcio, grifo nosso)*

O cotidiano vivido nos espaços dos bairros ajuda a fortalecer os sentimentos de pertencimento, construídos por meio de ações corriqueiras e banais, como a ida à farmácia, à padaria e a participação em determinados eventos que aglutinam as pessoas em função de objetivos comuns:

*Essa aí é da caminhada<sup>199</sup>, tem oitenta, cem pessoas...**sai na rua....**(...) A caminhada é benefício, pra pessoa não ficar atrofiada dentro de casa, porque tá parado, né? Desenvolve, sente bem, perde peso... Segunda, quarta e sexta. Hoje não teve porque o posto tá fechado porque amanhã é sete de setembro, entendeu como é que é, né? Sai do posto, olha a medida, olha a pressão da gente, pesa,....não pesa todo o dia não, né?...mas ali.... **todo mundo ali é .... é muito bem tratado, entendeu?** Muito bem...Sai de lá, desce aqui abaixo, passando por ali... então... então aí, despede. Ah, sai na base de oito horas.....e chegando nove horas, dez, dez e meia quando muito... é muito bom, distrai a gente... (Jairo, grifo nosso)*

Nas entrevistas, os sentimentos de confiança, solidariedade e hospitalidade em relação a outras pessoas refletiram-se nos espaços cotidianos e públicos da cidade, vivenciados como amigáveis, onde nada ameaça ou causa temor. A escala reduzida dos

<sup>198</sup> Neste caso, trata-se do bairro Rio Grande, onde se encontra instalada a fábrica de tecidos Antonina Duarte.

<sup>199</sup> Este entrevistado mostrou umas fotos de momentos de sua vida.

bairros e da própria cidade também favorece que as pessoas, ao circularem nos espaços públicos das ruas, sejam vistas umas pelas outras. O ver/reconhecer e ser visto/reconhecido constitui um fator facilitador da aproximação entre as pessoas e entre a esfera pública e a privada. Dar notícia do que ocorre na rua promove a confiança e coloca cada um como co-responsável pelo outro e pelo o que acontece no espaço público. Conta que a pessoa vai também se preocupar com os demais, e esta confiança torna-se requisito básico para a redução do temor pelo estranho, instalando a “segurança” necessária ao movimento e trânsito livres pelos espaços da cidade<sup>200</sup>. Retomando Rocha (2006), a essência da cidade é a liberdade e ela “não foi feita para termos segurança, mas para termos confiança uns nos outros”:

*...a vizinha vem aqui... passa aqui todo dia de manhã, pra descer com a minha filha pro trabalho, né? (...) Eu, às vezes eu deixo meu carro aberto... com a chave na ignição... quê que acontece? A criança vem e fala: “o carro do senhor tá aberto e vai chover”... “o senhor deixou a chave na ignição”. (Estêvão)*

*...eu deixo minha casa aberta, janela aberta... saio e volto, acho tudo no mesmo lugar... ninguém deixou nada pra mim e nem levou nada. (Rosa)*

*Menina... aqui é **pacífico** demais. (...) a vizinhança aqui é tudo muito... é... o pessoal aqui são um pessoal muito pacífico... e o pessoal aqui... deu a noite... **silêncio**, sabe? Tudo silêncio... então **cê pode dormir tranqüilo... muito tranqüilo**... (Joca, grifo nosso)*

*Olha, Diamantina tem uma coisa muito interessante, Cláudia, que é a **hospitalidade**, é o povo... é povo... (...) você conhecer as pessoas, você conversar, você parar pra conversar com as pessoas... (Estêvão, grifo nosso)*

*Acho que é a **liberdade**, sabe? Andar assim, **livre, tranqüilidade**. Eu acho...Aqui eu ando tranqüilo(...) Eu ando aqui pra qualquer lugar... (Reinaldo, grifo nosso)*

*... eu sou uma pessoa que jogou **futebol** nos times dos bairros... pelo fato de trabalhar com **música**, né? eu tenho um envolvimento com as pessoas simples e tal... eu me **sinto muito à vontade** nos... nos bairros... (Walter, grifo nosso)*

*Aqui a **gente não tem medo** pelo seguinte, pra começar que a gente **conhece todo mundo e todo mundo conhece a gente, né?** (Vítor, grifo nosso)*

*Eu... eu gosto da **população toda**, né? que eu me **sinto à-vontade**... conheço o pessoal... me gostam... me gostam, né? e me transmite uma **paz** muito... muito... muito assim... positiva, né?(...) Passo tranqüilo... em todo canto, eu passo tranqüilo, né? porque eu sou **bem conhecido**, né? (Márcio, grifo nosso)*

---

<sup>200</sup> JACOBS (2000).

Nos espaços dos bairros, as pessoas transitam e se dão a conhecer, freqüentam lugares comuns, traçam trajetos comuns, têm a oportunidade de participar de eventos coletivos e também se reúnem para resolver problemas imediatos, como saneamento, transporte, calçamentos, lixo etc. Contudo ressaltamos que o fato de freqüentar lugares comuns, de ver/reconhecer, ser visto/reconhecido e “conhecer todo mundo” e ser “conhecido por muitos” não implica, necessariamente, estarem todos vinculados uns aos outros por interesses comuns, integrados participativamente num projeto coletivo. A coexistência diferencia-se da convivência<sup>201</sup>. Mas a própria escala de bairro, muitas vezes, pode incentivar a participação e o envolvimento comunitário, e este compartilhamento pode extrapolar o limite físico do bairro, fazendo com que toda a cidade seja vivenciada como um espaço próprio, à qual se pertence e com a qual se identifica:

*Na verdade, Diamantina pra nós é um bairro, né?...(...) a amizade, graças a Deus... a nossa amizade é tão grande que pega lá do... do Rio Grande e vai até o Cazuza que é o último bairro aqui, né? (Estêvão, grifo nosso)*

Apesar de as entrevistas terem realçado o “clima” de tranqüilidade da cidade, constatou-se também a percepção da violência (principalmente nos bairros periféricos) e a preocupação com o seu crescimento. A violência foi vinculada ao uso de bebidas e drogas, ao grande número de pessoas de fora que chegam à cidade por ocasião das festas (principalmente no Carnaval) e à grande ociosidade de jovens desempregados, agravada pela carência de espaços de lazer dentro da cidade:

*Eu percebo muito aqui em Diamantina... é essa tranqüilidade... ainda... que me preocupa, né? Eu tenho... eu tenho sempre falado isso com as pessoas... que isso me preocupa...(...) Diamantina hoje é uma pequena metrópole que... no Carnaval, a gente tem aí uma média de quarenta a cinqüenta mil visitantes... na Vesperata, a gente tá tendo aí um grande número de pessoas... e Diamantina... ela precisa cuidar... é... da sua própria segurança... (Estêvão, grifo nosso)*

*Ah.... tem lugar que a gente foge por causa daquele negócio que a pessoa usa hoje em dia... não gosto nem de falar sobre isso, né? ... então às vezes... então acha a pessoa assim... tonta... lugar assim não quer dizer que a gente não gosta do lugar... mas a gente foge. (Jairo, grifo nosso)*

*... e eu acho também que Diamantina tá ficando muito violenta... (...) cê vê muita briga... o outro tomou facada... que deu tiro não sei em quem... isso toda cidade tem, mas Diamantina num era igual é agora... eu acho que... eu acho que*

<sup>201</sup> Como observa MARIAS (2000, p. 10), *coexiste todo lo que existe juntamente y a la vez. Las cosas coexistem, y el hombre con ellas; convivir es vivir juntos, y se refiere a las personas como tales*, ou seja, a coexistência é espacial e o fato de as pessoas se encontrarem em um mesmo espaço não significa que convivem umas com as outras.

(falta) é mais opção de lazer mesmo. (...) ... dar divertimento praquela pessoa... porque num adianta cê ficar só trabalhando e num se divertir... você estressa, cansa... é por isso que tá cheio de stress aí pra baixo e pra cima... porque a pessoa num tá tendo nenhum tipo de lazer, né? ou tá perigoso às vezes... eu acho que tá faltando é isso... (...) **tá esquecendo do povo...** (Fernando, grifo nosso)

A cidade, ela... já tá começando a **acontecer crimes...** e que ainda num bateu aqui no Centro de uma forma pesada... mas isso tá... **já tá na periferia e só tá aumentando...**(...) tá começando... essa preocupação tá começando a acontecer... **a cidade tá começando a ficar uma cidade violenta...**(...) A cidade tá inchando... Diamantina tá virando um centro de serviço... é... eu penso que os **projetos têm que ser pensados de uma forma regionais...** regional... então o quê que tá acontecendo? ela tá absorvendo pessoas das cidades circunvizinhas... e as pessoas tão vindo à procura de emprego... como a cidade tá virando uma cidade prestadora de serviço, não vai ter emprego... só vai ter emprego pra quem é... pra quem é qualificado... e isso tá gerando uma... uma **ociosidade** muito grande... e isso tá fazendo com que a **violência aumente...** como também a questão da... do envolvimento da juventude com a droga...(...) **tem que ser desenvolvido projetos com jovem... e não... é... sobretudo na periferia...** porque senão, essa questão da violência, ela vai aumentar muito mais... o jovem tá perdido aqui, sem opção de nada... não tem espaços de entretenimento e de lazer... (Walter, grifo nosso)

Alguns lugares de Diamantina foram mencionados pelos entrevistados como locais de evitamento associados ao imaginário, mapeando os espaços da cidade com histórias e lendas (Mapa 17):

... o que a gente preferia não ir, não passava e ninguém passava mesmo era esse cantinho aí... (...) **Beco do Mota...** (Amélia, grifo nosso)

... era o beco que terminava no Beco do Mota, onde era a zona... (Rosa)

Agora teve uma história muito engraçada também, né, num sei se é certo ou se é história... de dois... duas pessoas... uma envinha passando, vinha já tarde da noite, era quase meia-noite... e sozinho... e aí: “meu Deus do céu, como é que eu vou passar na frente do **cemitério**? É quase meia noite”... quando é daqui a pouco, ele olha pra trás vinha uma pessoa que vinha atrás dele... falou assim: “ô moço, que bom que cê chegou aqui... que eu morro de medo de passar aqui no cemitério... porque”... é... não... é... “tô com medo de passar aqui no cemitério e medo das alma”... “ô moço, eu também quando eu era vivo”... ele tinha morrido de medo... só, num sei, contaram que ele soltou... “eu também quando era vivo tinha esse mesmo medo de passar por aqui”... num sei se é verdade, num sei se é piadas, né? coisa pra distrair a gente... (Amélia, grifo nosso)

....inclusive tem um barzinho que ficava atrás do **cemitério**, e eu ia lá do mesmo jeito... fazia o violãozinho lá e tal... e de lá ocê via até... certas vezes... o fogo-fátuo, né? que é queima de ossos... então lá cê via ali dentro do cemitério... e aquilo num gerava nada de pânico, não... porque a gente sabe que... eu acho... é... que os mortos não se convivem com os vivos não... acho que é ao contrário... os vivos é que... é que ficam se preocupando aí com os mortos... (João, grifo nosso)

...acho que... as lendas permanecem, né? eu me lembro de... de... lá no **Terceiro Batalhão...** é um prédio não tão antigo... mas... quer dizer, contam-se... conta-

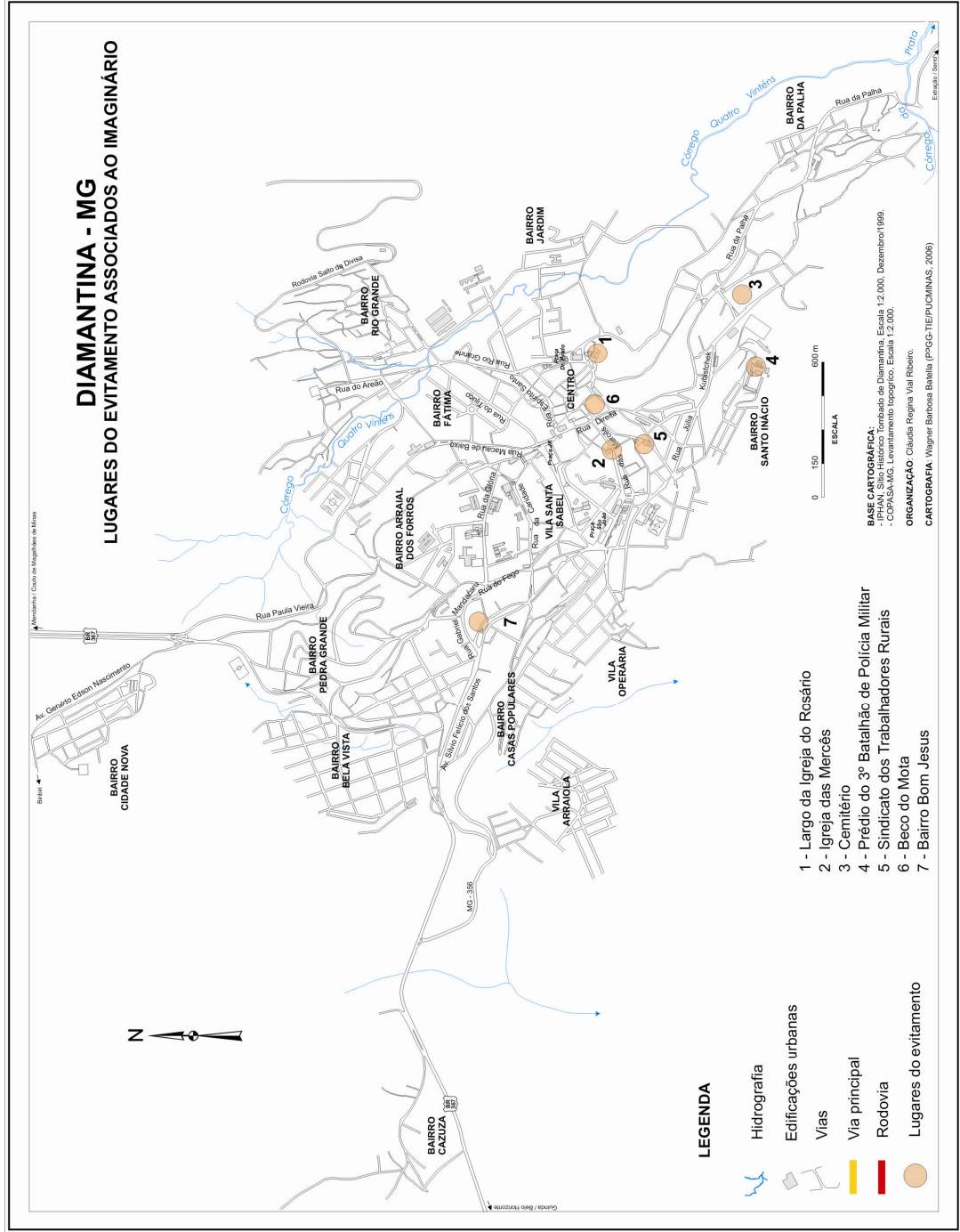
*se histórias que a gente não pode falar que é verdadeira... quer dizer, verdadeira não é... mas... eu conheço pessoas, né? que ainda tão trabalhando na Polícia Militar... que, quando vieram aqui fazer estágio, dizem que ouviu alguém descendo escada, subindo escada... mas num é... é porque é muito... muito material de madeira... escada de madeira, o corrimão de madeira, né? e Diamantina... hoje não... hoje ela tem uma... uma temperatura mais ou menos estável... mas às vezes esquentava muito durante o dia e esfriava à noite... então a dilatação... da madeira... estala e “oh, tem sombração”... (Estêvão, grifo nosso)*

*...eu lembro que tinha a Rua das Mercês, onde que minha mãe morava (...), lá em cima... “oh, num sobe aí não”...(...)... “num sobe, num passa em frente à Igreja das Mercês meia-noite, não, porque tem uma noiva de branco” (...) né? então tem histórias... minha mãe contava histórias que meu avô contava... assim... que é trouxa rolando... barulho de corrente de madrugada... sabe? (Fernando, grifo nosso)*

O imaginário faz emergir lembranças significativas desta cultura, como as vinculadas à tradição do garimpo. Muitos entrevistados vincularam lugares evitados ao garimpo, principalmente pela lembrança de muito sofrimento associado a essa atividade:

*Diamantina é uma cidade que... teve muito sofrimento aqui, num é? muita perseguição... a história nossa tem esse lado negro... então o diamante, ao mesmo tempo que ele produziu riqueza, ele também... ele produziu pobreza... porque a pobreza também ela é produzida... e acho que isso traz também uma carga muito grande... então eu sinto... talvez pela minha forma de ser... é... **alguns lugares**... é... são totalmente **carregados**... então tem alguns... tem lugares que, num é que eu num vou, mas que eu... eu procuro evitar...(...) às vezes, em algumas situações, uma **carga negativa**... talvez fruto desse... de tudo isso que... que aconteceu aqui... (Walter, grifo nosso)*

*... o **Largo do... do Rosário**... as pessoas às vezes num gostavam de passar de noite... porque eles falavam que ali era um **local de suplício**, né? (Estêvão, grifo nosso)*



Mapa 17 - Diamantina: lugares de evitamento associados ao imaginário

O imaginário associado ao garimpo também se vincula ao passado de opulência da cidade, fator de enriquecimento de muitas famílias. A paixão de achar a pedra movimentava a cidade. Procurar, esconder e guardar (o segredo da descoberta e a própria riqueza) são os verbos que marcaram a história local, produzida nos bastidores, feita de riscos, medos e segredos. Assim, o imaginário aciona a esperança de achar um tesouro, algum diamante enterrado escondido por algum escravo. Os tesouros que jazem escondidos nos subterrâneos das minas, das casas, das igrejas, de alguma forma, representam a mesma ânsia de liberdade simbolizada pela descoberta do diamante. Povoam o imaginário histórias de “almas” que protegem tesouros, dos quais, em vida, não puderam usufruir. Essas “almas”, muitas vezes, se manifestam como luzes, querendo afastar as pessoas ou avisando-as da existência do tesouro. Dessa forma, o imaginário outorga aos espaços da cidade tanto valores negativos, em função do sofrimento, como positivos, pois “qualquer lugar” guarda a esperança possível da descoberta de uma riqueza e com ela do alcance da liberdade:

*... e veio uma luz, Cláudia, mas muito impressionante mesmo... veio uma luz redonda... e sabe quando faz um zoom? Fez o zoom... assim ela chegou perto de mim... tornou a voltar... e acabou... mas eu num tive medo... falei: “oh, se for alguém... me ensinando alguma coisa eu vou cavacar”... porque diz que lá tem muito tesouro... (Rosa, grifo nosso)*

*... eles **tinha** visão... acho que era **tesouro que tinha guardado**, né? Aí, quem comprou a casa primeiro removeu a casa toda por dentro... com certeza tirou, né? o tesouro... e cabou a... a sombração acabou...(...) Porque aquela pessoa que pôe... aquilo lá guardado com a intenção de... de um dia ele voltar e tirar aquilo, né? o cabra morreu... ficou guardado lá na...(...). Fica tomando conta... então por isso que existe assombração... (Jonas, grifo nosso)*

#### **2.2.2.6.5 Atividades comunitárias voluntárias**

As entrevistas revelaram que 70% dos entrevistados participam de atividades comunitárias voluntárias: atuam na organização de eventos coletivos, festas religiosas e arrecadação de dinheiro para igrejas, assistência aos velhinhos do Pão de Santo Antônio, colaboração na educação musical e associações de bairros:

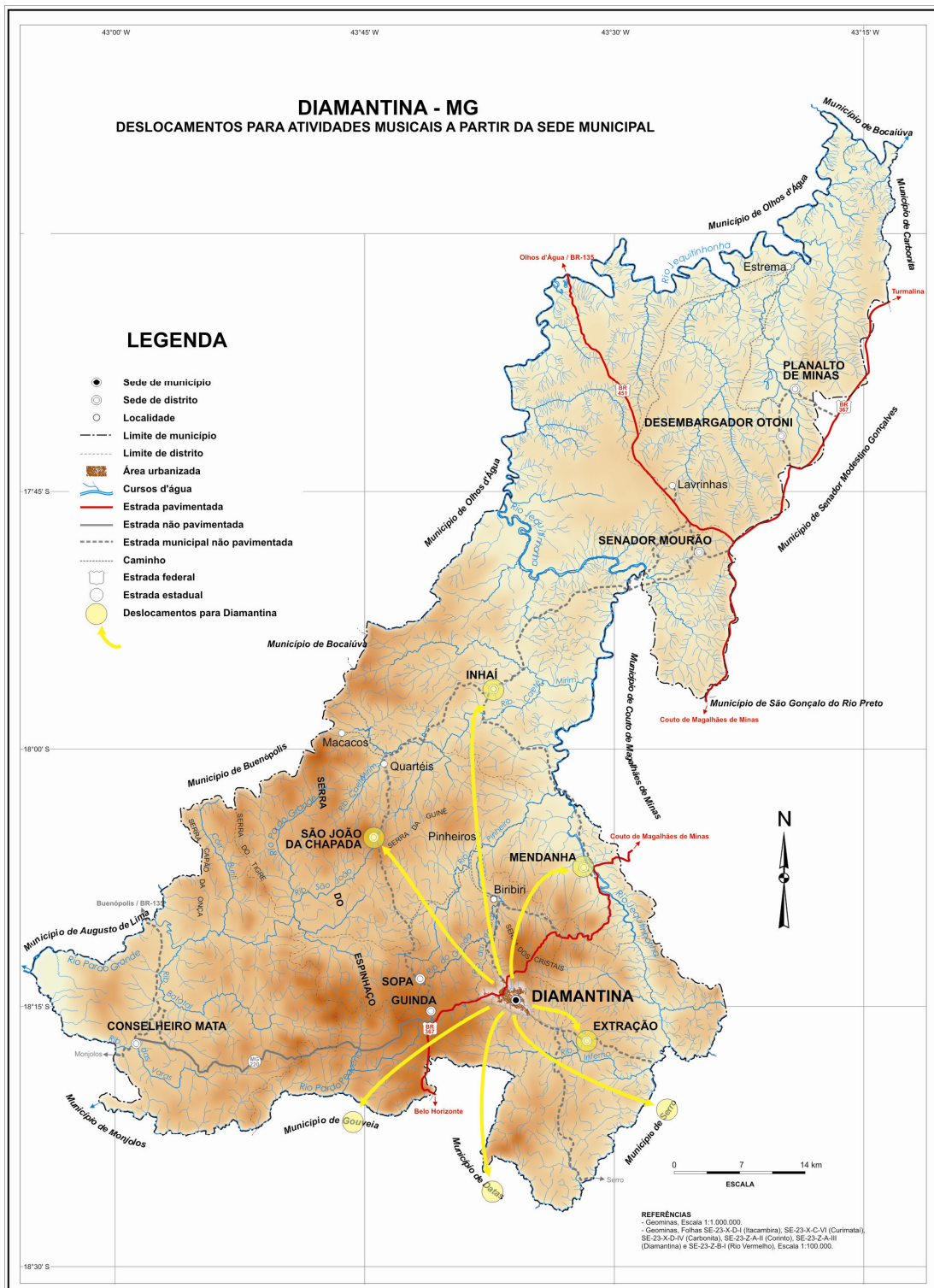
*Eu **participo** assim... **com trabalho de Folia de Reis em pró da Associação**, em pró da comunidade....a gente ....inclusive esse ano agora tô pensando em trabalhar diferente, ajudar um pouco a Igreja, mas ajudar crianças carentes também, que muitas crianças que precisam, que dependem da gente, entendeu? (Vitor, grifo nosso)*

*É prioritário... tudo... a Associação acha prioritário tudo... A Associação é importante porque ela... ela tem um... ela tem uma... uma aliança com a Prefeitura, que só pelas Associações que a Prefeitura vai trabalhar... por exemplo: uma pessoa tá precisando de uma coisa na casa dele... tem um esgoto furado... ele vai procurar não é a Prefeitura... vai procurar a Associação primeiro... aí a Associação vai na casa dele e vê se tá realmente precisando... que por isso tem o Conselho Fiscal da Associação pra isso...(Márcio, grifo nosso)*

*... as pessoas têm essa **confiança** de nos procurar pra... pra discutir algumas questões... pra oferecer, né? Eu falo que... se a gente for, hoje... é... se eu... se eu for me abrir pra tudo que tem... tudo... todas as propostas que têm me aparecido, os pedidos que têm me aparecido, eu não dou conta... porque **todo mundo quer que a gente participe de alguma coisa**, né? (...) somos muito procurados pra participar de... de **associação comunitária, de creche, de... de eventos** que as... as entidades promovem... então a gente sempre é muito... muito requisitado, né? (Estêvão, grifo nosso)*

Muitos entrevistados se deslocam para localidades próximas (Mapa 18) para tocar gratuitamente em eventos religiosos, assim como por outros motivos vinculados à atividade musical, como promover encontros de bandas e organizar grupos musicais:

*A gente vai sempre assim em festas religiosa... **a gente vai em festa religiosa**... costuma às vezes também a gente **vai tocar** também... costuma às vezes ter alguma... ter algum evento... nessas cidades assim pequenas... **eles chamam a gente e a gente vai**... Sempre tem... tem as cidadezinhas tipo **Inhaí, São João da Chapada, Gouveia, Serro**... sempre a gente vai... **Currão**... agora festa em Currão é muito simples... Currão é o lugar que a festa é mais simples é Currão... acho que cê nunca foi... mas eu vou sempre em festa em Currão, **sempre a gente vai é... tocar a missa**, né? (Joca, grifo nosso)  
Pra tocar em aniversário... festas religiosas... essas coisas assim num paga não... eu costume dizer que... é... um grupo de boa vontade... se sair um cachêzinho é bem-vindo... bem-vindo... mas se num sair, a música acontece de qualquer forma... (Américo)*



No espaço da vida cotidiana, contamos com o outro e ele também conosco, de tal forma que nos sentimos responsáveis por ele. Por exemplo, nas entrevistas, o cuidado com os idosos que vivem no Pão de Santo Antônio revela que os velhinhos contam que alguém vai cuidar deles,

estabelecendo assim uma relação recíproca de confiança e solidariedade. Neste aspecto, o Pão de Santo Antônio, além de associado a eventos religiosos, agrega o valor da participação comunitária no cuidado aos idosos, assim como também ancora lembranças de infância, constituindo-se num importante ponto de referência, tanto para o bairro Rio Grande como para toda a cidade:

*Aqui em Diamantina... ah o que eu acho muito **notável** aqui em Diamantina... muito bonito que eu gosto mesmo... é do Pão de Santo Antônio...(...)... em primeiro lugar, eu gosto muito de apreciar o Pão de Santo Antônio... principalmente agora que tá remodelando tudo, que tá tudo muito limpo, muito bonito... mas tá bonito mesmo... tão... é... consertando o **largo** que pertence... tem um largo lá que pertence ao Pão de Santo Antônio... um largo muito grande... então... e também a gente gosta... Eu gosto... pra mim me atrai muito... depois aqueles pobrezinho que vivem ali... eu fico com tanta dó... dá uma pena...eu gosto, **eu sinto bem** de fazer uma horinha. (Amélia, grifo nosso)*

*Aqui ...a praça ali embaixo do Pão do Santo Antonio é um lugar... é uma distração ali, mas inda vai ser melhor ainda depois que eles acabar direitinho de formar a praça ali, né? que eles tão formando uma praça ali, né? (...) vai tocar lá sempre a Folia, nós tocamos lá a **Folia** também, né? Tem até retrato dela aí... (...) Puder a gente sentar, prosar, quiser tocar uma músicazinha a gente toca, se os doente lá do Pão, **pessoal lá do Pão, é...necessitar, quiser escutar a gente vai lá tocar pra eles, né?** (Jairo, grifo nosso)*

*....transmite uma... uma **alegria** pra gente... que tem os idosos... que a gente aos domingos pode ir lá brincar com os idosos, né? brincar... brincar de bola com eles... conversar, contar piada, rir, brincar com os idosos... saber deles também, né? saber deles também as... perguntar pra eles... e... incentivar eles mais, né? pra eles num ficar triste... pra eles... que sempre a gente vai tá junto deles... **é muito importante o Pão de Santo Antônio**...(...) Eu lembro mais é do Pão de Santo Antônio mesmo... que eu ia lá mais... **mais era lá brincar**... ia lá mais é brincar nos pés de manga... na horta do Pão de Santo Antônio tinha muitas mangas...(...) Tem essa horta... existe essa horta... mas ela é... é fechada hoje... hoje é proibido entrar...(...). **coisa de criança... é muito importante.** (Márcio, grifo nosso)*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese, buscamos compreender alguns referenciais com os quais construímos as significações dos lugares. Privilegiamos os lugares que possuem uma vitalidade e que estamos

denominando de espaço-vivo, ao contrário de locais impessoais, reificados e deteriorados. Partimos de algumas hipóteses e fomos verificá-las investigando-as na cidade de Diamantina. Escolhemos como sujeitos pessoas vinculadas à atividade musical para ouvir o que tinham a dizer sobre a cidade. Realizamos entrevistas cuja análise revelou alguns lugares que os sujeitos privilegiam como focos de vitalidade de Diamantina, a partir dos quais conferimos as categorias elaboradas para a construção conceitual do espaço-vivo.

O recurso metodológico das entrevistas possibilitou a ampliação dessas referências teóricas iniciais. Essas entrevistas também nos proporcionaram o acesso a informações preciosas, que nos permitiram interpretar as significações que qualificam um lugar como “vivo”. O resultado dessa interpretação nos auxiliou na construção teórica do conceito de espaço-vivo que viemos tecendo ao longo desta tese.

Nos lugares privilegiados pelos nossos sujeitos, alguns aspectos favoráveis à construção de um espaço-vivo se destacaram, tais como:

- a presença dos sentimentos de confiança, alegria e hospitalidade em relação à esses espaços;
- mistura de usos num mesmo lugar e contato visual entre o espaço público e o privado;
- memória destes lugares, vinculada à lembrança de acontecimentos significativos, muitas vezes relacionados à infância ou à juventude e à presença de pessoas afetivamente importantes;
- forte presença da paisagem natural como fator de orientação e segurança (a Serra dos Cristais, o Pico do Itambé);
- diversidade de lugares que possibilitam a contemplação da paisagem natural, promovendo uma sensação de abertura e sugestão de movimento em quem as contempla;
- a atmosfera luminosa da cidade inspirando, de modo geral, um estado de ânimo alegre;
- marcação do tempo do cotidiano influenciado pelo calendário das festas coletivas da cidade, especialmente religiosas;
- predominância dos espaços públicos, especialmente as ruas, como palcos privilegiados do encontro entre as pessoas;
- a disposição dessas pessoas para a afirmação da esfera pública refletida na participação comunitária voluntária dos entrevistados;
- revelação de alguns lugares significativos, fora do circuito turístico oficial da cidade, especialmente por abrigarem acontecimentos populares importantes para os diamantinenses, tais como a festa de Nossa Senhora Aparecida, as missas e o cuidado

com os velhinhos no Pão de Santo Antônio, as quadrilhas de rua e os forrós em alguns bairros.

Nos lugares privilegiados pelos nossos sujeitos, destacamos também aspectos prejudiciais à constituição de um espaço-vivo, tais como:

- descaracterização de alguns lugares da cidade, cujas transformações comprometeram a sua vitalidade;
- risco de degradação do meio ambiente promovido pelas atividades mineradoras e pela própria urbanização;
- vínculo entre violência urbana e carência de espaços de lazer voltados para a população, especialmente nos bairros periféricos;
- privatização do espaço público em alguns eventos coletivos da cidade;
- não participação efetiva da população nos processos de tomadas de decisões sobre a cidade.

A atividade do garimpo, as atividades musicais e as festas religiosas são alguns meios de expressões coletivas significativas de Diamantina, ou seja, fazem parte de um “estilo de vida diamantinense”. A ocorrência destes acontecimentos ajuda a construir a matriz de sensibilidade dessa cultura. À medida que os habitantes, desde cedo, a eles assistem e deles participam regularmente, familiarizam-se com esses acontecimentos e com o que eles têm para lhes transmitir. Esses fatos educam seus sentimentos e emoções, pois como um texto coletivo, capaz de ser lido e compreendido, os habitantes aprendem a sentir. Por exemplo, desde crianças, os habitantes de Diamantina são educados a participar de eventos musicais e, mesmo que escolham outra profissão, mantêm o vínculo com a música. De forma semelhante, desde pequenos, os habitantes tem contato – direto ou indireto – com o garimpo:

*...então a musicalidade aqui, ela é nata e é crescente..... então cê vê um garoto... se ele num toca nada, ele é afinado e tem ritmo... (João, grifo nosso)*

*É (a música)... muito bonita... desde criança eu conheço... então toda Festa do Divino tem que tocar a Folia do Divino... mas eu gosto de todas as músicas... eu tando tocando, eu estou feliz... porque a música pra mim... é desde novinho, desde criança eu já comecei a estudar a música.....(Américo, grifo nosso)*

*Eu mexia com garimpo... meu pai às vezes ia pro garimpo, e eu trabalhava com ele no garimpo... trabalhei com meu pai muito tempo... o tempo de mocidade mesmo... trabalhei muito tempo no garimpo... (Estêvão, grifo nosso)*

*Olha, da minha família, os que eu conheci foram todos... todos foram garimpeiros... .. Desde meus bisavós, até... essa geração agora que... nem sei ti explicar que agora que realmente que tem criancinhas, outros que ainda vão nascer...mas com certeza vai ser garimpeiro porque tá no sangue.... isso é coisa que vem de tradição (risos)*

*Olha...inclusive eu não sei se tá errado, mas o mais velho ele estuda mas é garimpeiro.(...) Vai (garimpar), não assim todos os dias, porque ele estuda, mas nas época de férias ele sempre vai comigo... ele gosta de ser garimpeiro... Já tá afetado... ... Acho que, na minha família, a doença de garimpeiro não tem cura. (Vítor, grifo nosso)*

A ocorrência desses acontecimentos transmite, de forma velada, determinados temas que ensinam e revelam aos habitantes quem eles são e como se constitui a sua cultura. Conforme Geertz (1989, p. 212), eles *formam e descobrem seu temperamento, e o temperamento de sua sociedade, ao mesmo tempo, ou mais exatamente, formam e descobrem uma faceta particular deles.*

Por exemplo, a atividade musical reúne os verbos: hospedar, receber, multiplicar, integrar, participar, afinar, ajuntar, dar, oferecer, escutar, comunicar, encontrar, comungar. A extração do garimpo reúne os verbos: tomar, tirar, pegar, expropriar, explorar, depredar, aniquilar, ganhar, descobrir, esconder, calar, desconfiar, vigiar, fascinar, enganar, iludir, viciar, contagiar, imobilizar, cobiçar, arriscar, herdar – e os substantivos: obsessão, pensamento mágico, jogo, loteria, sorte e azar. Por sua vez, as festas religiosas mobilizam toda a população local, afirmam a unidade espiritual dos habitantes em relação à desigualdade de *status* e projetam uma disposição de amabilidade e confiança.

Esses “temas” revelam-nos alguns aspectos dessa cultura e de habitantes que se mostram amáveis e hospitaleiros, orgulhosos de sua terra cantada em verso e prosa, herdeiros de finas letras e selecionadas melodias, mas emudecidos sobre o garimpo, assim como escondido e dissimulado é o seu comércio. Fator de origem e riqueza da cidade, a atividade do garimpo, hoje, a coloca em risco de destruição econômica, ambiental e social. Devagar e silenciosamente, a periferia dá o alarme. Aumenta o número de desempregados. Cresce o índice de crimes, roubos e violência. Os rios e as paisagens onde o garimpo acontece são irreversivelmente aniquilados.

Diamantina encontra-se em processo de mudança de sua configuração urbana, colocando-se diante do desafio de escolher quais direções valorativas tomar em relação a essas transformações. Desejamos que a noção de espaço-vivo desenvolvida nesta tese e, conseqüentemente, a disposição efetiva de ouvir as pessoas que constroem cotidianamente a cidade, possam ajudar a orientar essas decisões, de tal maneira que as qualidades e significados que constituem os espaços-vivos de Diamantina possam ser preservados e ampliados, tecendo sobre ela uma rede de lugares hospitaleiros e humanos.

Apresentaremos como conclusão um quadro comparativo do que chamamos espaço-vivo e espaço não-vivo, no intuito de elucidar o conceito de espaço-vivo desenvolvido nesta tese. O que chamamos de espaço-vivo corresponde a certos lugares construídos pelo homem, ricos em

significados que promovem a nossa humanidade. Consideramos aqui como aspecto fundamental nessa humanização o outro diverso de nós, que nos solicita nossa voz como resposta a ele, numa relação de convivência. Apesar das várias formas através das quais somos tocados pelo o que é diverso de nós, tal como a natureza, privilegiamos, na construção do espaço-vivo, o outro como pessoa autônoma e em inter-relação conosco, expressando-se pela linguagem, por meio do diálogo. São as pessoas que conferem vida aos espaços, atribuindo-lhes significados vitais e os construindo cotidianamente por meio de suas ações. Lembramos que este outro pode estar presente frente à nós de forma concreta ou presente em pensamento, como no diz Hanna Arendt (1995) na idéia de *sensus communis*, ou Mead (1972) na noção de o “outro generalizado”.

Sendo assim, consideramos que a natureza do espaço humano ou espaço-vivo é sempre pública, orientada pela gestão do bem comum, o que chamamos de responsabilidade e cidadania. Portanto o espaço-vivo é o espaço de cidadãos voluntariamente comprometidos a discutir como viver juntos.

Por conseguinte, tais aspectos percorrem todos os conceitos tratados neste quadro.

**QUADRO 11**  
Espaço-vivo – Espaço não-vivo

ESPAÇO-VIVO		ESPAÇO NÃO-VIVO	
Sentimentos e valores	Características espaciais	Características espaciais	Sentimentos e valores
Convivência entre diversos	Diversidade de usos Trânsito de pessoas diversas	Homogeneização do uso Público “selecionado”	Massificação
Confiança Redes de solidariedade	Permeabilidade entre domínio público e privado: trocas físicas e/ou visuais	Medidas de segurança: excesso	Medo
Abertura e movimentos de expansão	Amplitude	Confinamento	Construção
Limite Apoio Intimidade ou recolhimento Proteção e abrigo	Delimitação	Fechamento	Isolamento
Possibilidades de transformação	Tensão entre mudança e permanência Flexibilidade de uso	Mumificação Fixação de uso	Conservadorismo Reificação
Crescimento pessoal Revigoração do estado de ânimo	Beleza Presença da natureza	Estereótipo Ausência da natureza	Imobilização Desvitalização
Quietude Silêncio	Conforto físico	Desconforto físico	Perturbação
Diálogo Solidariedade Responsabilidade	Distância pessoal Locais de relações pessoais	Distância impessoal Locais de relações impessoais ou instrumentais	Desinteresse Descompromisso
Hospitalidade Acolhimento Morada	Receptáculo de atividades humanas significativas	Receptáculo de atividades desumanizantes	Individualismo Destrutividade
Tempo e memórias afetivas	Receptáculo de lembranças significativas	Cenários ou pastiches	Reificação Valor mercantil

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004. 142p.
- AGAMBEN, Giorgio. A zona morta da lei. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 mar 2003. Caderno Mais!
- ALKIMIM, Chichico. Igreja da Sé – década de 1920. In: SOUSA, Flander de; FRANÇA, Verônica A. (Orgs.). *O olhar eterno de Chichico Alkimim*. Belo Horizonte: Editora B, 2005. 108p., p. 90.
- ALKIMIM, Chichico. Vista do Macau do Meio e Macau de Baixo. [19--?]. In: SOUSA, Flander de; FRANÇA, Verônica A. (Orgs.). *O olhar eterno de Chichico Alkimim*. Belo Horizonte: Editora B, 2005. 108p., p.88.
- ALEXANDER, Christoff. *El modo intemporal de construir*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1981.
- ALONSO-FERNÁNDEZ, Francisco. Espacialid y temporalidad. In: ALONSO-FERNÁNDEZ, Francisco. *Fundamentos de la psiquiatria actual*. 3. ed. Madrid: Editorial Paz Montalvo, 1976. Tomo 1. cap. 9, p.236-262.
- ALMG - ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Municípios mineiros – Diamantina*. Belo Horizonte: ALMG, 2006. Disponível em: <<http://www.almg.gov.br>>. Acesso em 28 maio 2006.
- ALTMAN, Irwin, LOW, Setha M. *Place attachment*. New York: Plenum Press, 1992.313p.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. *Contribution a l'étude des villes moyennes au Minas Gerais, Formiga et le Suduest du Minas Gerais*. Bordeaux, 1973. 361 p. Tese de doutorado.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. *Sociedade & Natureza, Revista do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia*, Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1999, ano 11, n. 21, 22, p. 67-88, jan/dez.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. *Introdução à pesquisa geográfica*, a pesquisa geográfica em seu conjunto. Belo Horizonte, 2001, Não publicado e mimeografado.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. *Reflexões sobre as tendências teórico-metodológicas da geografia*. Belo Horizonte: Instituto de Geociências, UFMG. 1985. n.2. 56p.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Patos de Minas: uma cidade média em Minas Gerais e sua região. *Revista Geografia*, Rio Claro, AGETED, 1978, p.69-98.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Formiga. *Revista Geospacios*. La Serena: Universidad de la Serena, 1997. (Series Urbanas: Ciudades intermédias.).
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Topofilia, topofobia e topocídio em Minas Gerais. DEL RIO, Vicent.; OLIVEIRA, Lívia. (Orgs.). 2. ed.: *Percepção ambiental; a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel, 1999. p. 139-152.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; ABREU, João Francisco de. Imagem, representação e Geopolítica. In: *Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea*. MENDONÇA, F.; KOZEL., S. (Orgs.) Curitiba: UFPR, 2002, 265p., p.233-251.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; DICKENSON, John P. *Geografia experiencial: uma perspectiva binacional*. *Caderno de Geografia*, Belo Horizonte: PucMinas, 1996. v.6, n.7, p. 23-32

- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; ARRUDA, Maria Aparecida. Os sistemas urbanos. In: BDMG - BANCO DE DESENVOLVIMENTO DE MINAS GERAIS. *Minas Gerais do século XXI: reinterpretando o espaço mineiro*. Belo Horizonte: Rona, 2002. v.2. cap.5. p.185-248.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; SENA FILHO, Nelson. *A morfologia das cidades médias*. Goiânia: Editora Vieira, 2005. 116p.
- ANDRADE, Manuel Correia de. *Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico*. São Paulo: Atlas, 1987. 143p.
- ARANTES, Otília Beatriz Fiori. A cidade como não-lugar. *Revista AU*, fev/mar., n. 58, p. 83-85, 1995.
- ARENDRT, Hannah. A tradição e a época moderna. In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997, 348p. p. 43-68.
- ARENDRT, Hannah. O conceito de história – antigo e moderno. In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997, 348p. p. 69-126.
- ARENDRT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 375p.
- ARENDRT, Hannah. *A vida do espírito; o pensar, o querer, o julgar*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995. 392p. Apêndice – O Julgar, p. 369-392.
- ARMONY, Nahman. *Bordeline, uma outra normalidade*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998. 177p.
- ARQUITETURA da destruição. Direção de Peter Cohen. São Paulo: Playtime Pictures, 1994. 121min.VHS, color.,legendado.
- ARRUDA, Maria Aparecida; AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Os sistemas urbanos. In: BDMG - BANCO DE DESENVOLVIMENTO DE MINAS GERAIS - *Minas Gerais do século XXI: reinterpretando o espaço mineiro*. Belo Horizonte: Rona, 2002. Cap.5, p. 185-248.
- ATLAS das áreas de atuação de órgãos públicos no Estado de Minas Gerais. Governo de Minas Gerais – Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente – IGA/CETEC/FAPEMIG. Belo Horizonte, 1994.
- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 1994. 111p. (Coleção Travessia do Século.).
- AVILA, Affonso; GONTIJO, João Marcos M.; MACHADO, Reinaldo Guedes. *Barroco Mineiro - glossário de arquitetura e ornamentação*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996. 232p. (Coleção Mineiriana.).
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 242 p.
- BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. 135p.
- BALANDIER, Georges. *A desordem; elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 266p.
- BARENBOIM, Daniel; SAID, Edward. *Paralelos e paradoxos, reflexões sobre música e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 188p.
- BARBOSA, Joaquim Ribeiro. Editorial. *Voz de Diamantina*, Diamantina, 26/06/2004, n.150, p.2.
- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.
- BARTHES, Roland. *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.364p.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulações*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

- BAUMANN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 141p.
- BECHTEL, Robert; MARANS, Robert; MICHELSON, William. *Methods in environmental and behavioral research*. 2. ed. Melbourne: Krieger Publishing, 1990. 415p.
- BENJAMIM, Walter. O narrador. In: BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política; ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas, 1). p.197-222.
- BENEVISTE, Émile. A hospitalidade. In: BENEVISTE, Émile. *O vocabulário das instituições indo-européias*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 1995. v.1. p. 87-101.
- BENTLEY, Ian et al. *Entornos vitais; hacia un diseño urbano y arquitectónico más humano*. Manual Prático. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1999. 151p.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar; a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. 360p.
- BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 437p.
- BOLLNOW, Otto F. *Hombre y espacio*. Barcelona: Editorial Labor, 1969. 277p.
- BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. Hermenêutica, história e arquitetura; o problema da restauração da Igreja do Carmo em Mariana. In: *Revista Aqui*. Belo Horizonte, AP Cultural, 1999, n.1 p. 67-70.
- BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. Monumentalidade e cotidiano: a função pública da arquitetura. In: *MCD Revista de arquitetura e urbanismo*, Belo Horizonte, Oficina 3 Consultores Associados, 2006. n. 3, p. 4-9.
- BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. Arquitetura residencial no barroco mineiro. In: *Revista AP*, AP Cultural, Belo Horizonte, 1997. n. 7.
- BRUCKNER, Pascal. *A tentação da inocência*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 275p.
- BRUZZI, Heloísa. *Largo Dom João, uma experiência para a prática do desenho urbano em Diamantina*. 2000. 103p. Monografia. (Especialização em Revitalização Urbana e Arquitetônica) - Escola de Arquitetura, UFMG, Belo Horizonte.
- BOHM, David. *Sobre el diálogo*. Barcelona: Kairós. 1997.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória; ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 219p.
- BUBER, Martin. *Sobre comunidade*. São Paulo: Perspectiva, 1987.p. 136.
- BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 1982. 171 p.
- BUREAU, Travel Brazilian. *Diamantina*. Rio de Janeiro: Travel Brazilian Bureau, 2006. Disponível em <<http://www.brasilviagem.com>>. Acesso em: 16 maio 2006.
- CAGE, John. *De segunda a um ano*. São Paulo: Hucitec, 1985. 169p.
- CALDEIRA, Altino B. Um réquiem para Mariana. In: *Revista Aqui*, Belo Horizonte: AP Cultural, IAB-MG, 1999. n.1, p. 63-66
- CALLIGARIS, Contardo. Nova Orleans e a confiança básica no mundo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 08 set 2005. Caderno Ilustrada.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 150p.

- CAMPOLINA, Joel. Notas sobre a qualificação ambiental de Ouro Preto/MG: possíveis referenciais para o desenho do habitat coletivo intra-urbano atual. In: *Caderno Brasileiro de Arquitetura. Desenho Urbano II*. São Paulo: Editora Projeto, 1984. v. 13. p 19-28.
- CAMPOS FILHO, Cândido M. *Reinvente seu bairro*; caminhos para você participar do planejamento de sua cidade. São Paulo: Editora 34, 2003. 223p.
- CANETTI, Elias. Massa. In: *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 487p., p. 13-74.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica*; ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993. 238 p.
- CAPRA, Fritjhof. Espaço-Tempo. In: *O Tao da Física*; um paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental. São Paulo: Editora Cultrix. 1991. cap. 12.
- CARBALLO, Juan Rof. *Violencia y ternura*. 3. ed. Madrid: Editorial Espasa, 1997. (Colección Austral, 19). 394p.
- CARBALLO, Juan Rof. *Entre el silencio y la palabra*. Madri: Aguilar, 1960. 358p.
- CARBALLO, Juan Rof. Encontro del hombre com el paisaje. In: *El hombre como encuentro*. Madri: Alfaguara, 1973. 536p.cap. VI.. p. 183-218.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O turismo e a produção do não-lugar*. In: YAZIGI, E. *Turismo, espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 2002. p.25-37.
- CASTELLO, Lineu. Dona Fifina é pós-moderna (e nem sabia). In: *Revista Vitruvius*, São Paulo: Romano Guerra, 2001. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br>> Acesso em 15 ago. 2005.
- CASTELLO, Lineu. A percepção em análises ambientais, o projeto MAB/UNESCO em Porto Alegre. In: DEL RIO, Vicent; OLIVEIRA, Livia (Orgs). *Percepção ambiental*; a experiência brasileira. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. p. 23-38.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci. A pista das cinzas: negar a tradição, reinventá-la. In: *Revista Aqui*, Belo Horizonte, AP Cultural, IAB-MG, 1999, n.1, p. 56-62
- CASTRIOTA, Leonardo Barci (Org.). *Arquitetura da modernidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. 309p.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1981. 125p. (Coleção Primeiro Passos).
- CHAUÍ, Marilena. Sobre o medo. In: NOVAES, Aduino (Org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras. p. 35-75.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 19. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. 996p.
- CICLOPE. *Cidades históricas brasileiras*. Belo Horizonte: Ciclope, 2006. Disponível em: <<http://www.cidadeshistoricas.art.br/diamantina>> Acesso em: 12 julho 2006.
- COUTO, Soter. *Vultos e fatos de Diamantina*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1954. 286p.
- COORDENADORIA DE TURISMO - DIAMANTINA. Basílica Sagrado Coração de Jesus. In: BUREAU, Travel Brazilian. *Diamantina*. Rio de Janeiro: Travel Brazilian Bureau, 2006. Disponível em <<http://www.brasilviagem.com>>. Acesso em: 16 maio 2006.
- CORREA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito chave na geografia. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo C. da Costa; CORREA, Roberto L. (Orgs.). *Geografia, conceitos e temas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005. p. 15-48.
- CRUZ, Adriana M. R. da. A história e o ensino musical em Diamantina. *Voz de Diamantina*, Diamantina, 2 out. 2004, n. 164.p.13

- CULLEN, Gordon. *Paisagem urbana*. Lisboa: Edições 70, 1983. 205p.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. 272p.
- DAMÁSIO, Antônio. A produção da consciência central. In: *O mistério da consciência; do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 474p., p.218-250.
- DEL RIO, V.; OLIVEIRA, Livia (Orgs.). *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. 265p.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 471p.
- DIAMANTINA: Patrimônio cultural. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1979. v.9, n.7. Número especial.
- DIAMANTINA. Prefeitura Municipal. Plano Diretor. Diamantina: Prefeitura Municipal de Diamantina, 1999.
- DICIONÁRIO de ciências sociais. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 52,53.
- DICKENSON, John P., AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Geografia experiencial: uma perspectiva binacional. In: *Caderno de Geografia*, Belo Horizonte: PucMinas, 1996.v.6, n.7, p.23-32.
- DORNAS, Maria Lucia. [Vitrais da Igreja Sagrado Coração de Jesus]. In: Mineiros-uai. *Diamantina-MG*. [S.l]. Mineiros-uai, 2006. Disponível em <<http://www.mineiros-uai.com.br>>. Acesso em- 16 maio 2006.
- ELLIN, Nan (Org.). *Architecture of fear*. New York: Princeton Architectural Press. 1977. 320p.
- ENTRALGO, Pedro Lain. El otro como objeto. In: *Teoria y realidad del otro*. Madri: Alianza, 1988. 697p. Cap. V., p. 547-576.
- FERNANDES, Antônio C.; CONCEIÇÃO, Wander. *La Mezza notte; o lugar social do músico diamantinense e as origens da Vesperata*. Diamantina: Maria Fumaça, 2003.115p.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. *Os significados urbanos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2000. 185p.
- FERREIRA, André V. B. *A formação da rede urbana no Vale do Jequitinhonha – Minas Gerais*. 1999. 140p. Dissertação (Mestrado em Geografia). IGC, UFMG, Belo Horizonte.
- FIEMG – FEDERAL DAS INDUSTRIAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Perfil do potencial turístico da área de influência da Estrada Real*. Belo Horizonte: Rona, 2003. 100p.
- FREMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Livraria Almedina, 1980. 275p.
- FJP - FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *Minas Gerais: Monumentos Históricos e Artísticos-Circuito do Diamante*. In: *Revista Barroco*. Belo Horizonte, FJP, 1994. (Coleção Mineiriana, 16). p.259-421.
- FURTADO, Bernardino. Diamantina na encruzilhada; catando as migalhas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 jun 2005. Caderno Gerais. p. 21-23.
- FURTADO, Júnia F. *Chica da Silva e o contratador de diamantes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 403p.
- FURTADO, Júnia F. *O livro da capa verde; o Regimento Diamantino de 1771 e a vida no Distrito Diamantino no período da Real Extração*. São Paulo: Anna Blume, 1996. 234p.

- GABEL, Joseph. Espaço e sexualidade. In: *Sociologia de la alienación*. Buenos Aires: Amorrortu, 1970. 225p. Cap. 3. p.125-142.
- GARCIA, Ely Bonini. *A dialogia possível*. Belo Horizonte: SID-APA, 1992. 34p Mimeografado.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 214p.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997. 366p.
- GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 247p.
- GIL, José. *Portugal, hoje: o medo de existir*. Lisboa: Relógio D'água, 2005. 143p.
- GOETHE, Johan Wolfgang von; GIANNOTTI, Marco. Efeito sensível-moral da cor. In: *Doutrina das cores*. 2. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 1993. 175p. , p. 128-157.
- GOULD, Peter; WHITE, Rodney. *Mental maps*. Ontário: Pelican Books, 1974. 203p.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva nos músicos. In: *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990. 188p. (Coleção Vértice, Sociologia e Política.)p. 161-187.
- HALL, Edward T. *A dimensão oculta*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1981. 180p.
- HARTSHORN, Truman. A perception of the city. In: HARTSHORN, Truman *Interpreting the city, an urban geography*. New York: John Wiley & Sons, 1980. 498p.
- HORTA, Alves Assis. Vista panorâmica da praça em frente a nova igreja da Sé, em 1937, anterior à reforma do prefeito Joubert Guerra. Destaque para a presença do coreto. In: FERNANDES, Antônio C.; CONCEIÇÃO, Wander. *La Mezza notte; o lugar social do músico diamantinense e as origens da Vesperata*. Diamantina: Maria Fumaça, 2003. 115p., p. 63.
- HORTA, Dirceu de Vasconcelos. *Capistrana da vida*. Rio de Janeiro: Destaque, 2002. 203p.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Objetiva, 2002.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico de 2000*. Brasília: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2006. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em 25 fev 2006.
- INDI - INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Municípios Mineiros - Diamantina*. Belo Horizonte: Indi, 2006. Disponível em: <<http://www.indi.mg.gov.br>>. Acesso em 26 maio 2006.
- IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E HISTÓRICO NACIONAL. *Bens Tombados - Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da cidade de Diamantina- MG*. Brasília: Ministério da Cultura, 2006. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>> Acesso em 28 maio 2006.
- IPHAN - Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional. Bens Tombados de Diamantina. Brasília. [199-].
- JACQUES, Paola B. (Org.) *Apologia da deriva; escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. 160p.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 510p.
- JENCKS, Charles; BAIRD, George. *El significado en arquitectura*. Madri: H. Blume, 1975. 319p.
- JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005. 157p.

- JEUDY, Henri-Pierre Revitalização petrifica cidades, diz filósofo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 06 jun 2005. Caderno Cotidiano.
- KAFKA, Franz. *O castelo*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1966. 379p.
- KELLER, Helen. *História de minha vida*. São Paulo: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2001.
- LAGES, Laércio. [*Largo D. João*]. Diamantina: [s.n.], [19--?]. Acervo particular.
- LAMAS, José M.; RESSANO Garcia. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para Ciência e Tecnologia. 2000. 590p.
- LANGER, Susanne K. Espaço virtual. In: *Sentimento e forma*. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 1980. Cap.5: p.73-90.
- LANGER, Susanne K. Os modos do espaço virtual. In: *Sentimento e forma*. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 1980. Cap.6: p. 91-110.
- LARA, Fernando. Admirável urbanismo novo. In: *Revista Vitruvius*. São Paulo: Romano Guerra, 2001. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br>> Acesso em 16 dez. 2004.
- LARA, Fernando. Vizinhos do Pateta. In: *Revista Vitruvius*. São Paulo: Romano Guerra, 2001. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br>> Acesso em 16 dez. 2004.
- LENCIONI, Sandra. *Região e geografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- LEVINAS, Emmanuel. A morada. In: *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980. cap.4. p.135-156.
- LEVINAS, Emmanuel. Primeira lição Judaísmo e revolução. In: *Do sagrado ao santo: cinco novas interpretações talmúdic*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 204p. p. 13-57.
- LIMA, Alceu de Amoroso. *Voz de Minas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 124p.
- LOPES, Helena. Um Niemeyer escondido e esquecido. *Voz de Diamantina*, Diamantina, 17 jan 2004. n. 127, p.3.
- LYNCH, Kelvin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 227p.
- MACHADO, Lucy Marion C. Philadelpho. Paisagem valorizada: a Serra do Mar como espaço e como lugar. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). *Percepção ambiental; a experiência brasileira*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. p. 97-120.
- MACIEL, Carlos Alberto. Modernidade ainda que tardia. *Revista Mínimo Denominador Comum MDC*, Belo Horizonte: Oficina 3 Consultores Associados, 2006. vol.1, p.4-5.
- MARANDOLA JR, Eduardo. Humanismo e abordagem cultural em geografia .In: *Revista Geografia*. Rio Claro, AGETEO, 2005. n.3, v.30, p.393-419.
- MARÍAS, Julián. *Tratado sobre la convivencia; concordia sin acuerdo*. Barcelona: Martinez Roca, 2000. 220p.
- MARTINS, Marcos Lobato. *A presença da fabrica no “Grande empório do norte”*: surto industrial em Diamantina entre 1870 e 1930. In: IX Seminário sobre Economia Mineira, 2000, Diamantina: Cedeplar, 2000. Disponível em <<http://www.cedeplar.ufmg.br>> Acesso em 22 maio 2006.
- MASSEY, Doreen. *Um sentido global do lugar*. In: ARANTES, Antônio A. *O espaço da diferença*. Campinas: Papyrus, 2000. p. 176-185.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia y antropologia*. Madri: Tecnos, 1971. p.160-176.

- MEAD, George H. La persona. In: *Espiritu, persona y sociedad*. 3. ed. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1972. 393p. p. 167-244.
- MELO, Hygina Bruzzi de. *A cultura do simulacro: filosofia e modernidade em J. Baudrillard*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. 280p.
- MELLO, Susy de. *Barroco mineiro*. São Paulo: Brasiliense, 1985. 287p.
- MENUHIN, Yehudi; CURTIS, Davis W. *A música do homem*. São Paulo: Martins Fontes, Editora Fundo Educativo Brasileiro, 1981.319p.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. O espaço. In: *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1971. 464p. p. 249-303.
- MINAS GERAIS, monumentos históricos e artísticos – Circuito do Diamante. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1994. (Coleção Mineiriana, Barroco 16.).
- MINAS GERAIS EM MAPAS. Documentos dos Períodos Colonial, Reino Unido e Imperial. Catálogo do Acervo do Centro de Referência em Cartografia Histórica – CRCH. Diamantina: Instituto de Geociências, UFMG, Instituto Casa da Gloria, 2003.
- MINISTERIO DO TURISMO. *Portal Brasileiro do Turismo*. Brasília: Ministério do Turismo, 2006. Disponível em: <<http://www.mtur.gov.br/site/br/cidades>>. Acesso em: 12 julho 2006.
- MINKOWSKI, Eugène. Hacia una psicopatologia del espacio vivido. In: *El tiempo vivido*. México: Fondo Cultura Económica, 1973, 402p. p 368-383.
- MOLES, Abraham. *As ciências do impreciso*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. 371 p.
- MOORE, Charles, ALLEN, Gerald. *Dimensiones de la arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1976. 196 p.
- MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Peirópolis, 2000. 263 p. (Série Nova Consciência.).
- MORIN, Edgar. *O método 6: ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005. 222p.
- MUNFORD, Lewis. *Vida doméstica urbana medieval*. In: A cidade na história; sua origem, transformações e perspectivas. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982, 741p., 307-342p.
- NEGRI, Antonio; COCCO, Giuseppe. O monstro e o poeta. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 03 mar 2006, p. A3.
- NETTO, J. Teixeira Coelho. *A construção do sentido na arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 1999. 178 p.
- NORBERG-SCHULZ, Cristian. *Genius loci: towards a phenomenology of architecture*. New York: Rizzoli, 1980. 213p.
- NORBERG-SCHULZ, Cristian. *Arquitectura occidental*. 3. ed. Barcelona: Gustavo Gilli, 1999. 240p.
- NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.
- NUNES, Fábio Barbosa. As promessas da mineração. *Voz de Diamantina*, Diamantina, 28 fev. 2004, n.133, p.3.
- OSTROWER, Fayga. *A sensibilidade do intelecto*. 13. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998. 305p.
- PAULA, Tanya Pitanguy de. *Abrindo os baús: tradições e valores das Minas e das Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 168p.
- PÃO, Ademir. O apito do trem. *Voz de Diamantina*, Diamantina, 22 out. 2005, n.219. p. 3

- PÃO, Ademir. A Estação Ferroviária de Diamantina. *Voz de Diamantina*, Diamantina, 01 jan. 2005. n. 177. p.3
- PÃO, Ademir. Onde estão os coretos de Diamantina? *Voz de Diamantina*, Diamantina, 11 jun. 2005. n. 200.
- PAPASPYROU, Konstantino do Athanase Fernandes. *O desenvolvimento urbano de Diamantina; sob o olhar fotográfico de Chichico Alkmim -1910/1940*. 2001, 61p. Monografia. Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina, Departamento de História, Universidade do Estado de Minas Gerais.
- PICKLES, John. As bases fenomenológicas da geografia. In: *Phenomenology, science and geography*. Tradução Oswaldo Bueno Amorim Filho. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. 202p. p. 41-45. Mimeografado.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. A invenção do carnaval. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 fev. 2006. Caderno Mais! p.4-5.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema de Bibliotecas. Padrão PUC Minas de normalização: normas da ABNT para apresentação de trabalhos científicos, teses, dissertações e monografias. Belo Horizonte, 2006. Disponível em <http://www.pucminas.br/biblioteca> .
- PRIGOGINE, Ilya. *Do ser ao devir*. São Paulo: Editora UNESP; Belém: Editora da Universidade Estadual do Paraná, 2002. 85p.
- PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. 199p.
- PRIGOGINE, Ilya. *O nascimento do tempo*. Lisboa: Edições 70, 1991. 75p.
- QUINTANA, Mário. 5. ed. *Caderno H*. São Paulo: Globo, 1989.
- RAPOPORT, Amos. *Aspectos humanos de la forma urbana*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1978. 381 p.
- REIS, Carlos Ricardo dos. Sacadas da rua Direita. In: FERNANDES, Antônio C.; CONCEIÇÃO, Wander. *La Mezza notte; o lugar social do músico diamantinense e as origens da Vesperata*. Diamantina: Maria Fumaça, 2003. 115p., p. 73.
- RELPH, Edward. *Place and placelessness*. London: Pion Limited, 1976. 156p.
- RESENDE, Marcelo JB. *Revista Virtual de Turismo*. Belo Horizonte: [s.n], [2006]. Disponível em <<http://www.idasbrasil.com>>. Acesso em: 12 out. 2006.
- RESENDE, Pedro Paulo. A estação em 1998. In: GIESBRECHT, Ralph Mennucci. *Estações Ferroviárias do Brasil*. São Paulo: [s.n.], 2006. Disponível em:< <http://www.estacoesferroviarias.com.br>>. Acesso em: 26 maio 2006.
- RIBEIRO, Cláudia R. Vial. *A dimensão simbólica da arquitetura; parâmetros intangíveis do espaço concreto*. Belo Horizonte: FUMEC-FACE, C/Arte, 2003. 112p.
- RIBEIRO, Cláudia R. Vial. Tensão e tradição. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 jul. 2000. Caderno Pensar. p 2-3.
- ROCHA, Paulo Mendes da. Somos todos homeless. In: *Casa Vogue Brasil*, ed. 249. São Paulo:Carta Editorial, 2006.p.56-59.
- ROCHA, Paulo Mendes da. *Obra em progresso*. In: *Revista Au - Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo: Editora Pini, 2006. n. 146.p. 38-39.
- ROCHA, Paulo Mendes da. Somos o projeto de nós mesmos. In: *Revista Au - Arquitetura & Urbanismo*. São Paulo: Editora Pini, 2005, n. 131. p. 52-56.

- RODRIGUES, Bia. *[Imagens de diamantina]*. Diamantina: [s.n.], [2004?]. Postal.
- ROSA, Guimarães J.. *No Urubuquaquá, no Pinhém*. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984. 253p.
- ROSA, Guimarães J.. Minas Gerais. In: ROSA, Guimarães J. *Ave Palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 269-275.
- ROSA, Guimarães J.. *Tutaméia*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 227 p.
- ROSA, Guimarães J. *Grandes sertões, veredas*. 27. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986. 538p.
- ROSSET, Clément. *Alegria: a força maior*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. 102 p.
- ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SCHAFER, R. Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991. 399p.
- SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo*. São Paulo: Unesp. 2001, 381p.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A queda do *Angelus Novus*: o fim da equação moderna entre raízes e opções. In: *A gramática do tempo*; para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006. p.577p. Cap. 1., p.51-92.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; RODRIGUES, César Rodrigues. Introdução: para ampliar o cânone da produção. In: SANTOS, B. S. *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 514p., p. 23-77.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Da ciência moderna ao senso comum. In: *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2001. p.55-118.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. As armadilhas da paisagem: para uma epistemologia do espaço-tempo. In: *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 189-195.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Uma cartografia simbólica das representações sociais: o caso do direito. In: *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2001. Cap. 3. p. 197-224.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Não disparem sobre o utopista. In: *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2001. Cap. 6. 329-383.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as Ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 2001. (Coleção História e Idéias, 1.). 59p.
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira et al. *Quando a rua vira casa; a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. 3. ed. São Paulo: Projeto, 1985. 156p.
- SANTOS, Joaquim Felício dos. *Memória do Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio*. 3. ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1956. 472p.
- SEBRAE –MG. *Diamantina: diagnóstico municipal*. Belo Horizonte: Sebrae- MG, 2003. 70p.
- SENA FILHO, Néelson; AMORIM FILHO, O. B. *A morfologia das cidades médias*. Goiânia: Vieira, 2005. 116p.
- SENNET, Richard. O pronome perigoso. In: *A corrosão do caráter; conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2001. Cap. 8. p. 163-176.
- SENNET, Richard. The search for a place in the world. In: ELLIN, Nan (org). *Architecture of fear*. New York: Princeton Architectural Press. 1977. p. 61-70.

- SERESTAS SEMPRE VIVAS. Diamantina: Conservatório Estadual Lobo de Mesquita, 1998. 68p.
- SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. Las estratificaciones del mundo de la vida. In: *Las estructuras del mundo de la vida*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001. p.315. Cap. 2., p.41-110.
- SIMÃO, Maria Cristina Rocha. *Preservação do patrimônio cultural das cidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 189p.
- SILVA, Almir Neves Pereira da. *Diamantina: roteiro turístico*. 2. ed. Belo Horizonte: Lions Clube Belo Horizonte-Independência, 1975. p.123
- SITTE, Camillo. *A construção das cidades segundo seus princípios artísticos*. São Paulo: Ática, 1992. p.239.
- SOARES, Magda B.; FAZENDA, Ivani (Orgs.). Metodologias não-convencionais em teses acadêmicas. In: *Novos enfoques da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1992. p.121-128.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi. *Diferencias; topografía de la arquitectura contemporânea*. 3. ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1998. 185p.
- SOUSA, Flander de; FRANÇA, Verônica A. (Orgs.). *O olhar eterno de Chichico Alkimim*. Belo Horizonte: Editora B, 2005. 108p.
- STRAWINSKY, Igor. *Poética musical*. Madrid: Taurus, 1983.137p.
- SUAREZ, Alfonso Garcia. Critérios y experiência. In: *La lógica de la experiencia; Wittgeinstein y el problema del lenguaje privado*. Madri: Tecnos, 1976. Cap.8. p.155-176.
- TAYLOR, Jonathan G. et al. Landscape assessment and perception research methods. In: BECHTEL, Robert; MARANS, Robert; MICHELSON, William. *Methods in environmental and behavioral research*. 2. ed. Malabar: Robert E. Krieger Publishing Company, 1990. Cap.12. p.361-393.
- TEIXEIRA, Carlos M. *Em obras: história do vazio em Belo Horizonte*. São Paulo: Cosac & Naify, 1999. 336p.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980. 288p.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, 1983. 250p.
- TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.374p.
- UNAMUNO, Miguel de. *São Manuel Bueno, mártir*. Porto Alegre: L&PM, 2000.77p.
- VAN EYCK, Aldo. La interioridade del tiempo. In: JENCKS, Charles; BAIRD, George. *El significado en arquitectura*. Madrid: H. Blume, 1975. p.185-188.
- VASCONCELOS, Jorge. *Mercado dos Tropeiros – julho 1982*. Diamantina: [s.n.], [2004?]. Postal.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. Formação Urbana do Arraial do Tejuco. In: SILVA TELLES, A.C.S. et al. *Arquitetura Civil II*. São Paulo: FAUUSP; Brasília: MEC-IPHAN, 1975. p. 99-114.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. Formação das povoações de Minas Gerais. In: *Arquitetura no Brasil, pintura mineira e outros temas*. Belo Horizonte: UFMG, 1959. p. 5-6.
- VIDA de menina. Direção de Helena Solberg. Rio de Janeiro: Radiante Filmes, 2004. 101 min. Color.
- YAZIGI, Eduardo (Org.). *Turismo, espaço, paisagem e cultura*. São Paulo, Hucitec, 2002.

WILHEIM, Jorge. Cidades: o que há de novo? In: *Revista AU Arquitetura & Urbanismo*. São Paulo: Editora Pini, 2005. ano 20. n. 137. p. 62-69.

WHYTE, Anne V. T. *Guidelines for field studies in environmental perception*. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 1977, 118p.

ZUBIRE, Xavier. Estrutura de la impresion de realidad. In: *Inteligência sentiente: inteligência y realidad*. 3. ed. Madri: Alianza Editorial, 1984. 314p. Cap. 2. p. 99-126.

## **ANEXO 1- a música e a cidade de Diamantina**

A tradição musical da cidade de Diamantina não é uma característica exclusiva, mas integra-se num quadro mais amplo do processo urbano, social e econômico da formação das vilas mineradoras em Minas Gerais, cuja análise ultrapassa o escopo desta tese. Gostaríamos de ressaltar, entretanto, que um dos fatores que propiciou a riqueza musical em Minas Gerais, de uma forma geral, foi a existência de ouro e diamante suficientes para manter profissionalmente músicos no século XVIII. A assimilação e a transformação de várias influências culturais também afetaram a produção musical, gerando uma manifestação rica e peculiar, de modo semelhante ao que aconteceu em todas as expressões artísticas desta época, como vimos no contexto histórico.

No século XVIII, o conjunto formado pelos setores da mineração e do comércio, somado a um diversificado público consumidor, legou ao Arraial do Tijuco um grande dinamismo, suficiente para a população desenvolver costumes refinados semelhantes aos das elites européias. No que diz respeito à música, muitos mulatos e crioulos, livres ou alforriados, empenharam-se também na arte musical, tanto em busca de independência econômica como de afirmação social perante os brancos. Entretanto, segundo Fernandes e Conceição (2003), o fator de relevância para a compreensão da musicalidade do Arraial do Tijuco encontra-se no interior das ordens terceiras e irmandades, que, livremente, contratavam seus músicos para compor nas ocasiões religiosas, tais como missas cantadas, retiros, terços, procissões, ladainhas, novenas, trezenas e tríduos. Assim, a música era um ofício, produzido e incentivado pelas irmandades que competiam entre si pela sua melhor produção.

Além desses eventos religiosos, chegavam constantemente ao Tijuco músicas européias, com as quais os músicos realizavam pequenas reuniões residenciais e apresentações em festas das autoridades dirigentes da época. Este contexto gerou um ambiente de grande fertilidade musical, onde se destacou a presença do mulato José Joaquim Emérico Lobo de Mesquita que, vindo do Serro, instalou-se no Tijuco e produziu músicas sacras reconhecidas internacionalmente. Essa qualidade musical setecentista de Diamantina estendeu-se aos séculos seguintes<sup>202</sup>.

---

<sup>202</sup> FERNANDES; CONCEIÇÃO (2003).

A partir da segunda metade do século XIX, Diamantina assistiu a um ambiente modernizador e progressista que alavancou o seu desenvolvimento industrial, como vimos no item sobre o contexto da cidade. Neste momento, as irmandades passaram a ficar subordinadas ao bispado, inviabilizando sua capacidade financeira de continuar contratando músicos profissionais. Dessa forma, ao longo do século XIX, paulatinamente, os músicos vão se tornando amadores.

A possibilidade de profissionalização do músico passa a ser então quase que exclusivamente por intermédio das bandas da Corporação Militar. Outros músicos se tornaram semiprofissionais, dividindo a sobrevivência com outras atividades paralelas. Surgem também as bandas de música independentes. As bandas musicais, integrantes do cenário cultural geral das cidades do interior, além de tocarem em momentos oficiais e religiosos, exerciam a função social de concorrer para a educação artística das pessoas por meio de manifestações de caráter comunitário, com apresentações gratuitas nos espaços públicos para a população da cidade. Além disso, os músicos atuavam em diversas situações fora da banda, executando instrumentos variados, praticando as funções de instrumentistas, cantores, seresteiros e animadores<sup>203</sup>.

À medida que a cidade foi se desenvolvendo, o comportamento urbano também foi se transformando e ganhando novos requintes e hábitos. O comércio local passou a oferecer vários tipos de produtos estrangeiros, e os teatros portugueses, periodicamente, apresentavam-se na cidade, no antigo Teatro Santa Isabel<sup>204</sup>. Pianos ingleses se proliferaram no interior das casas e nas residências das elites locais, consolidando-se o costume dos saraus, normalmente nos finais das tardes. Esses encontros musicais de característica lítero-musical promoviam a reunião das pessoas para tocar, dançar, cantar e recitar.

Nos espaços públicos da cidade, as bandas apresentavam a *retreta*<sup>205</sup>, evento de caráter público e gratuito, que promovia o encontro das pessoas. O largo da antiga Sé era um dos palcos para esse acontecimento, também servia de cenário para a apresentação inovadora dos “desafios”, provocações musicais entre solistas

---

<sup>203</sup>FERNANDES; CONCEIÇÃO (2003).

<sup>204</sup> Este teatro, inaugurado em 1841, foi demolido em 1912. Localizava-se quase ao lado da Igreja do Rosário, onde era a antiga Cadeia Pública.

<sup>205</sup> Audição popular de uma banda musical nos coretos, jardins ou praças (FERNANDES; CONCEIÇÃO, 2003).

posicionados nas sacadas dos prédios em volta e o maestro no centro do largo<sup>206</sup>. “As retretas continuaram acontecendo nas décadas seguintes à de 30, com uma frequência cada vez menor, devido ao surgimento de novas oportunidades de lazer para a população, como a criação de clubes e de sociedades de entretenimento<sup>207</sup>”.

Dessa forma, entre as décadas de 40 e 50, Diamantina viveu um momento de efervescência cultural, exaltada pela presença constante do diamantinense Juscelino Kubistcheck<sup>208</sup>, apreciador das serestas e de todas as formas de manifestações musicais da cidade. Ganharam destaque os bailes de gala, os bailes de carnaval nos clubes, os bailes vesperais dançantes e as serestas pelas ruas da cidade. Formaram-se orquestras e corais, como a *Acayaca* e o *Jazz Band* da Polícia Militar, que preenchiam de sons os salões dos bailes diamantinenses.

Nos espaços públicos da cidade, também aconteciam as serestas, apreciadas já no antigo Tijuco. A seresta corresponde a uma composição musical melodiosa, mesclada de alegria e saudade. Possui cadência langorosa e certo acento nostálgico. Em época remota, as serestas se restringiam a pequenas reuniões íntimas em casas de família, mas, com o tempo, passaram a ser cantadas também nas ruas, tornando-se famosas e peculiares à cidade de Diamantina. Normalmente, as serestas são executadas por um grupo de músicos que tocam à noite ao ar livre e expressam a disposição boêmia, expansiva e alegre do diamantinense<sup>209</sup>.

A tradição musical da cidade de Diamantina atravessou os séculos e até hoje a música se faz presente em todos os momentos da vida da população (nascimentos, batizados, aniversários, casamentos etc.) tornando-se elemento indispensável nas manifestações sociais. Em cada rua de Diamantina há um instrumentista, e são tantos, que a população costuma dizer que, debaixo de cada pedra do calçamento da cidade, há um músico.

---

<sup>206</sup> Segundo FERNANDES; CONCEIÇÃO (2003), os músicos que se apresentavam nestes desafios ao som da música *La Mezza Notte*, eram conhecidos como “casacas pardas”, *anjos da arte da urbis diamantinense*.

<sup>207</sup> FERNANDES; CONCEIÇÃO (2003, p. 79)

<sup>208</sup> Quando governador, Juscelino Kubitschek baixou o ato de criação dos Conservatórios Estaduais Mineiros. Em 1971, foi criado em Diamantina o Conservatório Estadual de Música Lobo de Mesquita, que proporciona ensino musical regular gratuito para 1890 alunos provenientes da cidade e de localidades próximas. Importante elemento pedagógico e social para a comunidade, conta com 73 professores e incentiva também a formação de corais, grupos de serestas, folclóricos e musicais eruditos e populares. (CRUZ, 2004).

<sup>209</sup> FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (1994).

## ANEXO 2- Perfil da entrevista elaborada

Nome, idade, estado civil.

Local de nascimento

Você sempre morou aí? Onde morava antes ? Pretende continuar morando aqui no futuro? Por quê?

Onde vocês ensaiam e se encontram para tocar?

Qual a frequência com que toca?

Exerce outra atividade?

O que você acha mais bonito em Diamantina? O que te encanta, enche os olhos?

O que você acha que é um privilégio ter e tem dó de a gente de Belo Horizonte que não tem?

O que mais ama na cidade?

Se você fosse morar fora, qual lembrança levaria da cidade, o que você sempre recordaria?

Se você fosse desenhar ou pintar (ilustrar, representar com uma imagem) Diamantina para uma pessoa que não a conhece, o que você desenharia primeiro?

Se você fosse colorir, representar a cidade em cores, qual seria a cor (ou cores)? Por quê?

Qual o lugar da cidade você mais gosta de ir ou de ficar? Quais lugares você acha hoje bacanas? Considera mais importantes?

O que você acha que faz a originalidade de Diamantina? Ou seja, o que a cidade tem que só ela tem diferente de outras cidades?

Qual lugar aqui é legal de se ver a cidade?

Como você costuma locomover pela cidade de um lugar para outro? Você costuma andar a pé?

Do que não gosta da cidade? Qual lugar ou lugares não são muito legais, de quais você não gosta?

Quais os sons chamam atenção na cidade?

O que acha que pode melhorar na cidade? Quais lugares podem ser melhorados ou mais bem aproveitados?

E aqui no seu bairro? O que pode melhorar?

O que você mais gosta no seu bairro?

Onde as pessoas se encontram? Tem associação de bairro? Você participa? Por quê?

Você frequenta outros bairros? Quais? Por quê?

Você costuma ir a algum lugar aqui perto da cidade? Fazer o quê?

Qual o lugar (ou lugares) aqui próximo(s) de Diamantina você acha mais bonito(s)?

Se fosse morar fora, qual lembrança você levaria da cidade, do que você sempre se recordaria?

A cidade mudou muito ? O que mudou?

Quais lugares mudaram muito aqui e você lembra deles como eram?

Se você fosse voltar ao tempo, qual lugar traria de volta?

Qual a festa mais bonita da cidade?

Qual a música mais bonita que toca nas festas da cidade?

Frequenta alguma atividade religiosa? Missa? Onde?

Anexo 3 - Fichas e quadros de análise das entrevistas

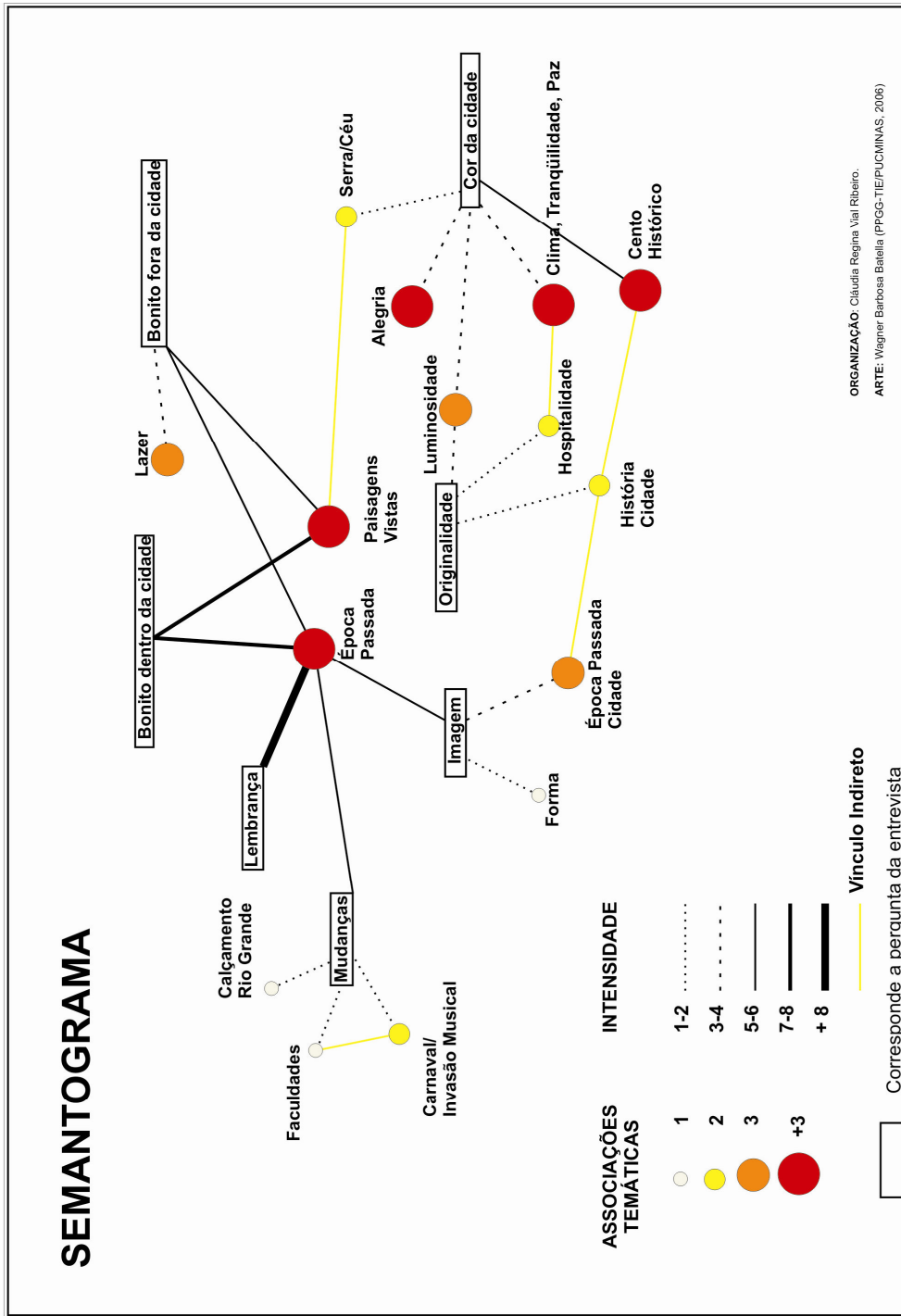


Figura 77 - Semantograma de associações de algumas perguntas/respostas

TABELA 5  
Aspectos e lugares mais repetidos

		infância	Tranqüila.	ressalva	Carnaval	Época JK	Largo D..João	Trem linha	Igreja Seminário .	Praça esportes	Praça Seminário	Cinema	Praça JK	Mercado	Antiga Sé	Ser cruz vis	Caminho eseravos	Itambé	Pão Santo	teatro	Futebol
		1 5	1 3	7	6	2	1 1	5	4	2	3	2	3	6	2	6	3	3	3	3	3
1	Américo	x	x	x			x	x							x						
2	Amélia	x					x		x							x				x	
3	Rosa	x	x		x		x								x		x				
4	Estêvão	x	x	x	x		x	x	x						x						
5	Félix	x			x		x		x		x		x								x
6	Fernando	x	x	x	x		x				x										x
7	Jairo	x	x	x													x			x	
8	Joca	x	x				x		x						x		x			x	
9	Jonas	x	x	x	x		x				x				x		x				
10	João	x	x	x				x										x			
11	Reinaldo	x	x			x							x		x		x				
12	Márcio	x	x		x					x			x				x		x		x
13	Sônia	x	x		x	x	x										x	x			x
14	Vítor	x	x				x	x				x			x						x
15	Walter	x	x	x			x	x		x		x								x	x

TABELA 6  
Matriz de intensidade com que alguns itens ou lugares repetidos foram enfatizados

entrevistados	Camaval	Mercado	Antiga Sé	Praça JK	Casa Gloria	L. Dom João	Igreja sem	Pç. Seminário	Trem linha	Pç. Esportes	Cruzeiro Serra	Caminho dos escravos	Itambé	Época jk	Pão S. Antonio
1 Américo		●	●		●	●			●		●	○	○		●
2 Amélia			●				●					○			●
3 Rosa			●			○						○			
4 Estêvão		●		●	●	●	●		●		●				
5 Félix	●			●			●	●							
6 Fernando	●					●		○							●
7 Jairo															●
8 Joca		●				○	○				●				●
9 Jonas	●	●				●		○			●				
10 João									●			●			
11 Reinaldo	●	●		●							●	○		●	●
12 Márcio	●									●		○			●
13 Sônia	●				●	○					●	●	●	●	
14 Vítor		●							●			●			
15 Walter	○					●		○	●	●			●		

maior intensidade      média intensidade      pouca intensidade      sem intensidade



**QUADRO 12**  
Lugar mais bonito da cidade

número respostas	referencia	associações
5	Mercado Velho Centro/Praça do Mercado	Tropeiros/ comercio/ movimento bancas/ desordenado/ comida / comercio / movimentação/ tropeiros centro/ infância/comida / comercio/musica/tropeiros centro / infância/ tropeiros / barulho animais/ comercio visão do mercado com Itambé ao fundo
3	Caminho Escravos	Vista, presépio fonte inspiração/abertura/ presépio forma do caminho sugere uma pauta musical/ ver a cidade por cima, presépio
1	Pão Santo Antônio	Cantava c/ irmão, reforma largo/ idosos, rituais e festas religiosas
1	a vista, a serra	panorama
1	Cachoeira Toca	infância
2	praça JK	centro, trajeto turistas, b- paisagem namorar, ver a vista, coqueiros, escadaria igreja
1	praça sagrado Coração de Jesus	bonito de ver

referencia extra: lugar mais bonito do bairro em que moram: referencia local :Pão de Santo Antonio/ Bairro Rio Grande

Resumo	Cód	Associações	Ocorrências	%
14 respostas, 15 associações	A	lembrança época passada	7	47
	B	vista, visão contemplativa	8	53

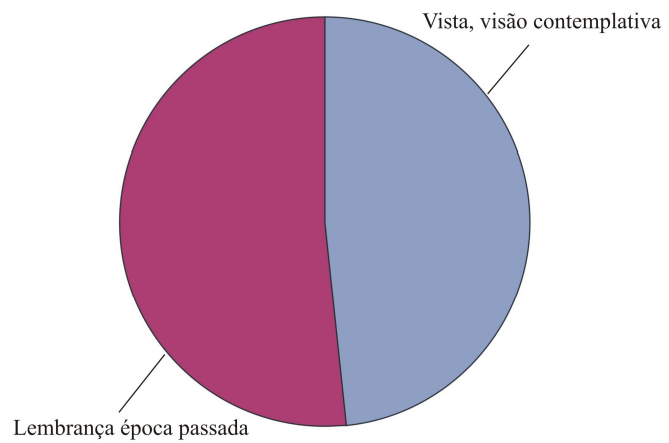


Gráfico 3: Lugar mais bonito da cidade  
Fonte: Pesquisa direta

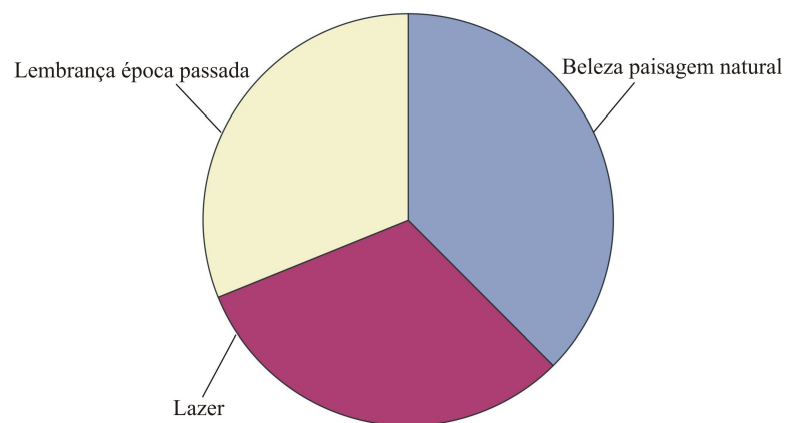


Gráfico 4: Lugar mais bonito fora da cidade  
Fonte: Pesquisa direta

**QUADRO 13**  
Lugar mais bonito fora da cidade

número respostas	referencia	associações
2	Gruta do salitre	Beleza natural
3	Cachoeiras Toca e Cristais	Cristais - lazer, beleza que fica no carnaval em função do grande número de pessoas Toca e Cristas / muito bonita
3	Biribiri	Lazer, infância brincadeiras, lugar bonito
1	São João da Chapada	infância, onde nasceu, serra azulada, lazer
1	Milho Verde	infância, família do pai, coisas antigas
1	Currálinho/ Extração	Barragem, nadar, infância, serestas, danças
1	Capão Maravilha	Onde passou infância, vista da serra, lazer
1	Itambé	Visão do Itambé, <i>ele é constantemente</i>

Resumo	Cód	Associações	Ocorrências	%
13 respostas, 16 associações	A	beleza paisagem natural	6	37,50
	B	lazer	5	31,25
	C	lembrança época passada	5	31,25

QUADRO 14  
Imagem da cidade

número respostas	referencia	associações
2	Passadiço da rua da Gloria	Domingo visita irmãs internas no Colégio <i>Não conheço nada parecido com a forma do passadiço</i>
1	Mercado Velho	Historia e espaço físico que ocupa
1	Conservatório	Ambiente, o tempo que estive lá
1	Um conjunto musical	Fotografia vários companheiros músicos no alto serra
1	Centro	Coisas antigas
1	Igrejas	<i>Eu fui criado sempre vendo a igreja são Francisco</i>
1	Rua da luz	Lugar que vivi maior parte da vida, casa da mãe
1	Catedral e mercado Velho	Infância

Resumo	Cód	Associações	Ocorrências	%
9 respostas, 9 associações	A	lembrança época passada	8	89
	B	peculiaridade formal do edifício	1	11

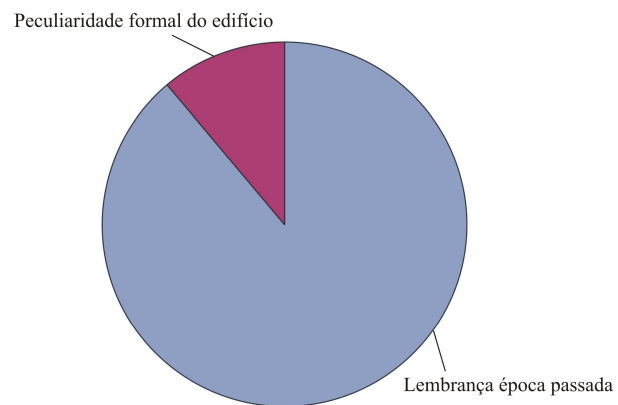


Gráfico 5: Imagem da cidade  
 Fonte: Pesquisa direta

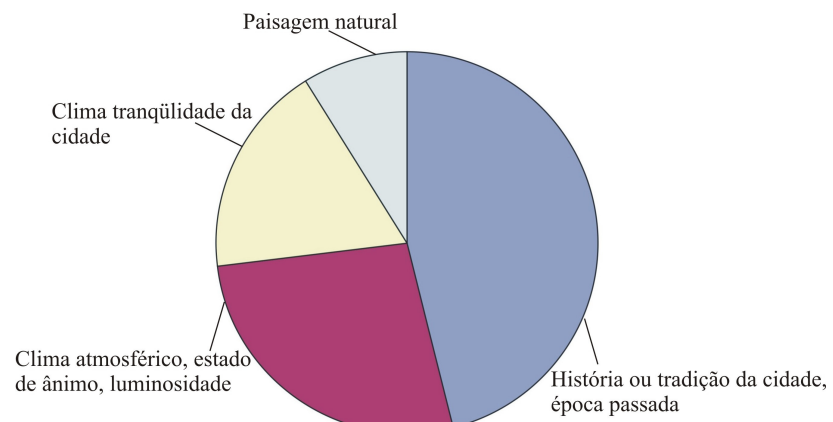


Gráfico 6: Originalidade da cidade  
 Fonte: Pesquisa direta

QUADRO 15  
Originalidade da cidade

número respostas	referencia	associações
1	Tipo de calçamento	Estilo antigo, compara com o calçamento do Serro
1	Festas religiosas nas ruas	Procissão de rua, procissão de guardas. Ofício de Trevas
1	Liberdade	Poder andar tranqüilo
1	Alegria	Compara com Ouro Preto, velha tristonha , fechada e sombria
1	Clima	Clima mais frio / clima mais leve e clara do que Ouro Preto
1	luminosidade	Tardes belíssimas, tardes em que aconteciam os saraus e musicas, a luminosidade leva a um estado de espírito que inspira
1	Locação da cidade	Assentada sobre diamantes
1	Lenda de garimpo	Cidade do ouro e do diamante
1	Não copiamos de ninguém	Qualquer garoto aqui sabe cantar <i>A ti flor do céu, Diamantina em serenata</i> , são coisas nossas
1	Cachoeiras toca e cristais	<i>Não temos mar nem praia, as cachoeiras são prioridades para a comunidade, muito procuradas</i>
1	Hospitalidade	poder parar e conversar com as pessoas , tranqüilidade, confiança, povo solidário

Resumo	Cód	Associações	Ocorrências	%
11 respostas, 11 associações	A	historia ou tradição da cidade, época passada	5	46
	B	clima tranqüilidade da cidade	2	27
	C	clima atmosférico, estado de animo, luminosidade	3	18
	D	paisagem natural	1	9

**QUADRO 16**  
Lembrança da cidade que traria de volta

número respostas	referência	associações
5	Trem de ferro	Percurso, movimento largo D. João / expressão da mineiridade, infância, percurso / pai, infância / mãe, infância / infância, largo Dom João
3	Mercado Velho	tropeiros, lugar movimentado/ a- meu pai, a gente acampava no centro, animação, comida, musica, comercio / mercado, infância, comida, pai e tio, brincadeiras, cavalo /a- juventude, carnaval : integração centro largo D.João
3	Carnaval	Infância, varias bandas espalhadas no centro e não apenas uma no mercado /.ele era voltado pro povo da cidade, a- infância, clubes, ruas enfeitadas, escolas de samba, integração largo D. João / desfiles escolas, pais,a- infância
2	Catedral da Sé	Infância/ batizada/ onde cantou primeira vez/ onde mãe cantava / barraquinhas / escadaria, patiozinho com jardim/ infância, coroação, missa, coreto.
3	Época do JK, bailes no hotel Tijuco.	época do JK, hotel tijuco, baile, largo JK, reunia pra cantar, animado. a- Infância e juventude, pai, sábado restaurante musica ao vivo, bailes carnaval / musico Expedito/Rua da Gloria, infância
1	Cinema	Largo dom João, centro, juventude, irmãos mais velhos, como o circo

Resumo	Cód	Associações	Ocorrências	%
17 respostas, 16 associações	A	lembrança época passada	16	100

QUADRO 17  
Transformações ocorridas na cidade

número respostas	referencia	associações
3	Crescimento urbano/ demográfico	Centro continua o mesmo, mas vários bairros cresceram e a população aumentou/ Bela Vista era plantação uva e café / Bela vista cresceu muito/ a serra foi ocupada
7	Largo D. João	Mudou acesso a cidade, construções emendadas, dois pavimentos, asfalto / praça do Seminário parquinho, infância, aspecto fachada da igreja do Seminário, circo, futebol, vôlei, brincadeiras, calçamento/ trem de ferro, praça dos esportes, antiga linha trem foi ocupada (invadida)
2	Bairro Rio Grande	Nadava e pescava / poluição córrego / crescimento população
3	Centro, Praça da rua Bonfim, Catedral	Critica a demolição da Antiga Se, infância/ Tinha banquinhos, flores, <i>a praça ficou triste.</i>
2	Novas culturas	Fator negativo: invasão de novas musicas no Carnaval , a cidade cheira mal, muita gente de fora. Invasão de novas culturas que interferem musicalidade tradicional da cidade/ aumento violência Fator positivo: Pessoas estranhas trazendo a cultura de fora para cá

Resumo	Cód	Associações	%
17 respostas, 4 associações	A	transformações físicas de determinados lugares comparando-os a épocas passadas	60
	B	crescimento urbano	18
	C	alteração negativa da paisagem (topocídio)	11
	D	novas culturas	11

53% alterações consideradas negativas , 47 % alterações positivas

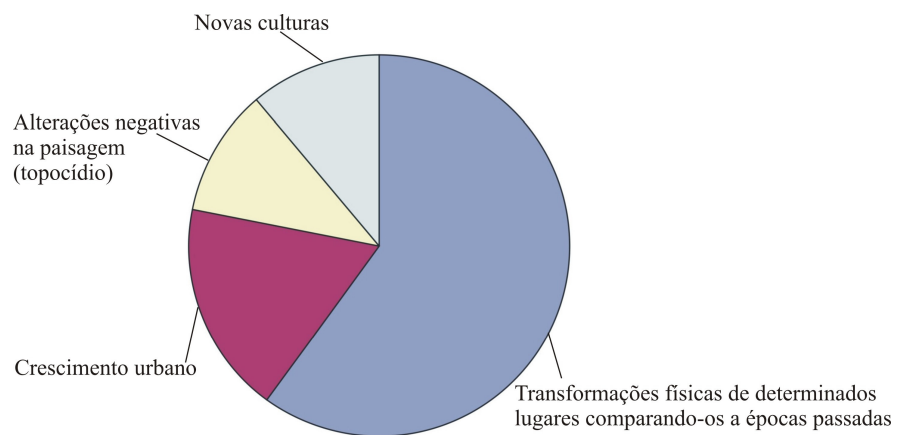


Gráfico 7: Transformações ocorridas na cidade  
 Fonte: Pesquisa direta

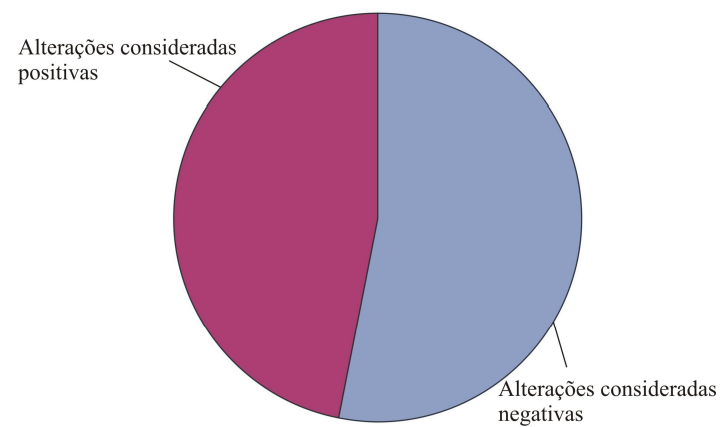


Gráfico 8: Transformações positivas e negativas ocorridas na cidade  
 Fonte: Pesquisa direta

**QUADRO 18**  
Resumo parcial da análise de algumas respostas

Perguntas:	Associações %						
	lembrança época passada	paisagem natural, beleza, visão contemplativa	lazer	clima tranquilidade	clima atmosférico, estado ânimo	festa religiosa	crescimento urbano – novas culturas
mais bonito dentro cidade	47	53					
mais bonito fora cidade	31,25	37,50	31,25				
imagem cidade	89	11					
originalidade	37	9		18	27	9	
lembrança voltaria	100						
transformações	60	11					29

QUADRO 19  
Resumo respostas: espaço-vivo

Resumo	Cód	Associações	%
31 respostas selecionadas como associadas ao espaço vivo	A	Largo Dom João	26
	B	Mercado Velho	16
	C	Festas, rituais	16
	D	Centro	13
	E	Paisagem	13
	F	Cotidiano	11
	G	Outros	5

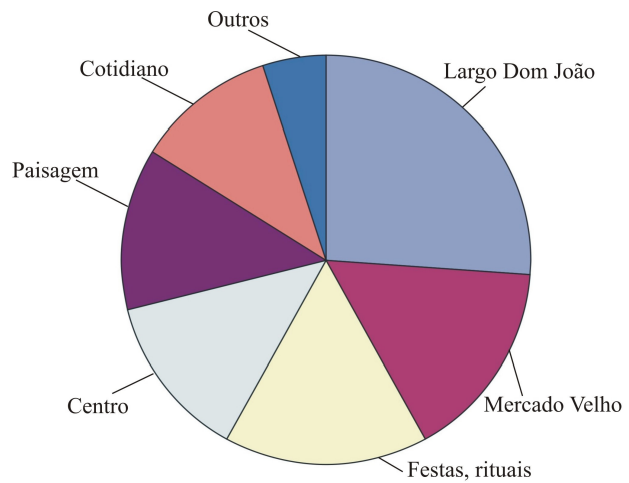


Gráfico 9 – Resumo respostas: espaço-vivo  
Fonte: Pesquisa direta

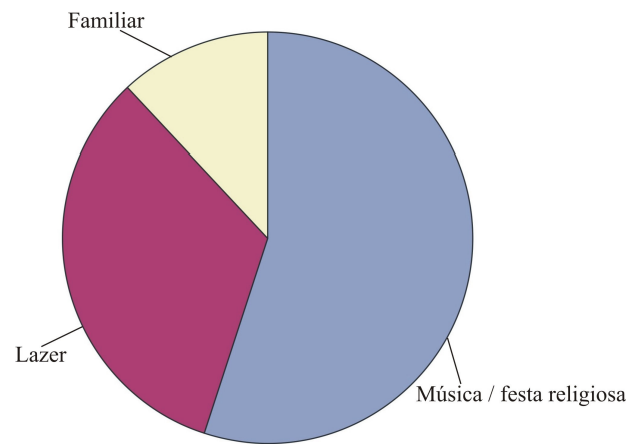


Gráfico 10 – Deslocamentos externos  
Fonte: Pesquisa direta

TABELA 7  
Deslocamentos externos

local	mais bonito	infância	família	lazer/ passeio	festa religiosa	música
Cachoeira Sentinela	x			x		
Cachoeira Toca	x	x		x		
Cachoeira Cristais	x			x		
Gruta do Salitre	x					x
Biribiri		x		x		
Curralinho / Extração		x		x	x	x
Mendanha				x	x	x
Gouveia					x	x
Datas		x	x			x
São João da Chapada	x		x		x	x

Resumo	Cód	Associações	%
	A	Música / festa religiosa	55
	B	Lazer / passeio	33
	C	familiar	12

QUADRO 20  
Igrejas citadas

	Catedral	Igreja do Rosário	São Francisco	Amparo	N. Sra. Aparecida	N. Sra. Mercês	Capela do Pão de Santo Antonio	Sagrado Coração de Jesus	Igreja da Luz	Igreja do Bom Jesus
Américo								Freqüenta		
Amélia	Lembranças da antiga Sé / pesar pela demolição				Bonita, por ocasião novenas, tanta gente que vai		Lugar mais bonito e que mais gosta	Igreja mais bonita		
Rosa	Lembranças da antiga Sé / pesar pela demolição									
Estevão		Lugar evitamento						Lugar místico, muito bonito	Freqüenta	participa
Félix	Carnaval	Concerto, recital	Escadarias - ambiente amplo, avista o cruzeiro	Concerto, recital				Infância, era mais bonita antes de pintar		
Fernando						Evitamento		Infância		
Joca	Vinculada ao centro					Freqüenta por causa do grupo de seresta		Freqüenta	Freqüenta	Freqüenta
Jonas	Mais bonito do centro/carnaval em volta dela/ freqüenta									
Reinaldo			Reunião largo/ escadaria serenata JK	Divino procissões						
Márcio			Escada vendo paisagem		Mais bonito do bairro					
Vítor	Vinculada ao centro									
Walter								Infância		

QUADRO 21  
Bairros citados

	Dom João	Centro	Rio Grande	Bom Jesus	Bela Vista	Cidade Nova	Cazuza	Vila Operária	Palha
Américo	Trem								
Amélia	Igreja	Estado do calçamento	Pão de S. Antonio / infância/ Igreja NS Aparecida/ nadava						
Rosa	Compras	Estado do calçamento/ não mudou							
Estêvão	Igreja, trem	Estado do calçamento, dificuldade estacionamento		Bonito, tranquilo, quadrilha	Forró				
Félix	Carnaval, infância	Carnaval	Grupos pagode, <i>hip hop</i>		Forró			Tranquilo	<i>hip hop</i>
Fernando	Carnaval, infância	Não mudou/ bonito/ muitos serviços/ Carnaval	Crescimento urbano	Crescimento urbano	Crescimento urbano		Cachoeira Toca		Crescimento urbano
Jairo	Compras	serviços	Bonito, serviços, Pão de Santo Antônio, alegre		Forró, música				
Joca	Compras	Bonito, mercado	Melhor bairro, Pão de Santo Antônio		Forró, silêncio	Violência – drogas/ muita gente de fora		tranquilo	Violência - drogas
Jonas	Carnaval	Bonito, Carnaval, mercado	Ressabiado passar à noite		Tranquilo durante o dia Bares violência à noite			Evitamento assombração Buraco do Cachorro	Evitamento assombração Arranha Gato
João	Trem, Seminário				Bares- violência		Cachoeira Toca, poderia ser melhor aproveitado		
Reinaldo			nadava e pescava		Crescimento urbano				
Marcio			quadrilhas, Pão de Santo Antônio, NSra. Aparecida, poluição córrego						
Sônia	compras	serviços							
Vitor	Cinema, trem de ferro	Mercado, cinema				Tranquilo			
Walter	Trem,	Infância							

QUADRO 22  
Festas

	Divino	Semana Santa	Rosário	Corpus Christi	Carnaval
Américo	Festa dos ricos, mais bonito cortejo de rua, eles saem mais pomposos		Mais bonita, mais tradicional		
Amélia	Música alegre, só toca nesta festa, você tem de gravar	Mais bonita, domingo da ressurreição / originalidade de Diamantina manifestação na rua/ mas a Semana Santa está muito menos, num tem aquela piedade, vão diminuindo muita coisa, ex Ofício de Trevas tá simplificado - tá meio fraquinho, mas tá indo		Uma das festas mais bonitas com a Procissão do Santíssimo	
Rosa		Mais bonita, tem a Via Sacra, a Guarda Romana			
Estêvão	Uma das festas mais importantes/ musica é a <i>folia que não tem partitura, mas que passa de pai pra filho</i>	Uma das festas mais importantes/ <i>A musica mais bonita é a da Semana Santa que é a marcha da paixão</i>	Uma das festas mais importante e também a mais bonita / musica é a que ele compôs " <i>Marcha Festiva NS do Rosário</i> ".		Preocupação com a quantidade de pessoas que a cidade recebe.
Félix		Gosta mais- procissão enterro	Missa quilombo.		Lembrança que voltaria
Fernando			Preferida, riqueza dos detalhes, dos negros....		Lembrança que voltaria
Joca	Gosta do Império		mais bonita, pessoal tem mais entusiasmo. O mais bonito é o Império		
Jonas		mais bonita			Lembrança
João	Mais de elite, onde se mostra o poderio, muita pompa	mais bonita, mais folclórica, procissões, Guarda Romana, passos de Cristo			
Reinaldo	Música mais bonita, procissão				
Sônia	Festa mais bonita, não pela beleza da festa mesmo, mas pelo vestuário, festa mais rica. sou apaixonada pelo dobrado do Divino	Festa mais bonita, especificamente Quarta-Feira que é a Procissão do Encontro e a Sexta da Paixão que acho lindo a Guarda Romana			
Walter		Mais bonita			

**QUADRO 23**  
**Mercado Velho - memórias da infância**

Entrevistado	Idade anos	Pessoa Ref.	Observações	Contexto em que o Mercado aparece
Estêvão	12,13		<i>Olha, eu conheci o Mercado com... cheio de bancas, né? E lembro assim muito vagamente de... dos tropeiros, né? Mas isso já, assim, numa lembrança muito vaga... e que chegavam as pessoas, amarravam os animais ali na frente e lá dentro do Mercado eles preparavam a sua... a sua comida, né? Quer dizer, com pira no chão ainda... os caldeirões nas trempez próprias... eu lembro vagamente disso</i>	Quando pergunta sobre a imagem da cidade
Joca	8,9	pai	<i>Tenho... a lembrança do Mercado Velho é o seguinte, menina... quando tinha tropa, porque hoje não, hoje tá conduzindo tudo é de carro, né? Mas na época era tropa, era maravilhoso, era muito divertido... cê chegava ali no Mercado, cê subia, chega tropa com tropeiro dum lado, outro tropeiro do outro, os animal tudo assim... um atrás do outro trazendo mercadoria... chegava e despejava aquilo lá... e... ele ia... todo canto que ocê olhava tinha uma trempezinha fazendo comida... Pra eles comer... eles trazia, vinha, o ... hoje não tá usando mais... eles trazia assim o... a trempe... ficava no chão... fazia o carpete... fincava... eu tinha até um, num sei da onde que foi... eles... era o... como é que fala? Mancebo, né? (...) pra fazer a comida eles faziam lá aquela trempezinha... e... o tijolinho que usava antigamente, fazia aquela trempezinha ali, uma de um lado e outra do outro... e dali eles faziam a comida... era comida feita com toucinho e hoje não existe quase toucinho, hoje é só óleo de soja...então... a gente tem saudade... comida cheirava, hoje ocê num vê cheiro na comida... até o alho hoje é diferente... um alho grande, que vem de fora... o alhozinho que era daqui da região, parece que acabou a raça... então a comida saía tão gostosa, tão cheirosa e a gente ficava por ali... era rapadura, era amendoins.. tinha o... uma outra coisa que fala o ivigilim (sic)... que hoje parece que num existe também mais... isso tudo tinha no Mercado... era muito... Aqui na cidade geralmente a gente vinha praqui... era mesmo o Centro da cidade... era onde a gente... a gente acampava era no centro da cidade... a gente... a gente ranchava no Mercado... então a gente vinha... antes a gente acampava sempre no Mercado... e aí direto dando um dinheiro pro Mercado... então a gente vinha... antes a gente acampava sempre no Mercado... e aí direto dando um dinheiro pro Mercado... era animado o Mercado, menina... Não... aqui era o seguinte... era todo mundo encontrava era no Mercado... Mercado Velho... encontrava todo mundo no Mercado...</i>	Quando fala sobre a imagem da cidade Pai dele era tropeiro, garimpeiro e músico <i>O meu pai? Meu pai tocava garimpo... Vinha sempre pra vender diamante, pra vender ouro... e tinha animal também... tocava lavoura também... então sempre trazia... tropa, às vezes até dos outro... porque... o pessoal gostava muito de... assim de trabalhar... pôr ele pra trabalhar com eles... ajudando... tocar tropa... ajudando mexer com gado... então meu pai ele era muito estimado... então, em Senador Mourão, quando ele morreu, foi um fracasso, menina... o pessoal "nossa, eu gostava demais"... ele era... ele era farrista, gostava de festa que cê nem imagina... todo final de semana ele fazia um... um forró... tocava muito... tocava sanfona, tocava viola, tocava violão, tocava cavaquinho... todo instrumento ele tocava um pouco... então eu vinha com ele... sempre vinha com ele... Olha... eu, se pudesse trazer de volta... eu tinha pensado em trazer meu pai... trazer meu pai de volta, porque ele gostava assim de... muita festa, né? Ele era assim... uma pessoa assim... ele era assim muito popular com o povo... ele fazia festa todo final de semana... então eu lembro dessas coisa...</i>
Jonas	13, 14	Pai, mãe, tios	<i>Ali acontecia de tudo Cheiro comida, música, clima festa. Lembra andando pelo burro, andando por vários bairros. Lembra dos nomes antigos de vários bairros que hoje sofreram alteração. Lembrança olfativa. Hoje virou praticamente ponto turístico Lutaram com a Prefeitura para fazer voltar funcionar a feira sábado, mas tiveram decepção, pois, hoje, os burros foram trocados por carros.</i>	Pergunta se ele vinha muito a Diamantina, ele diz que entregava cargas como tropeiros, pergunto como era a vida de tropeiro, ele começa a contar e aparece o mercado
Reinaldo	11	Irmãos mais velhos	Brincadeiras/ Correndo entre os cavalos.	Quando pergunto qual o primeiro lugar que ele levaria alguém de fora pra conhecer a cidade.
Vítor		Mãe, pais	Tropeiros, animais, o barulho cincerro, vinham vender diamante. O Mercado era o centro mais forte de venda de diamante /	Imagem da cidade

QUADRO 24  
Mercado Velho – outras referências

Entrevistados	Idade anos	Pessoas referências	Observações	Contexto em que o Mercado aparece
Américo	18/20		<p>Lembranças <i>fogãozinho</i>, comida. <i>Lugar mais movimentado</i> Estão voltando – feira sábado atual, costuma ir Ensaio banda....., comenta que o pessoal ouve a música, <i>vai chegando e aí acontece!</i></p>	Qual lugar mais bonito
Estêvão	12/13		<p>Sábado manhã costuma ir - encontra pessoa, encontra amigos, toma um caldo, uma cervejinha, bate um papo e aproveita e faz a feira Ensaio banda..... Vaga lembrança da época dos tropeiros lembra da comida, animais, banca.... <i>Olha, eu conheci o Mercado com... cheio de bancas, né? E lembro assim muito vagamente de... dos tropeiros, né? Mas isso já, assim, numa lembrança muito vaga... e que chegavam as pessoas, amarravam os animais ali na frente e lá dentro do Mercado eles preparavam a sua... a sua comida, né? Quer dizer, com pira no chão ainda... os caldeirões nas trempes próprias... eu lembro vagamente disso...</i> Mercado hoje: local de feira, exposições, Réveillon – eles vendem mesa... às vezes a gente não consegue comprar.... Mercado – local de movimentação – encontro das Minas com os Gerais.</p>	<p>Um dos lugares mais bonitos junto com o “ Centro histórico” Aparece mercado enquanto movimentação dos tropeiros quando fala do trem de ferro – Dom João Praça Seminário – “ movimentação diferente” de passageiros e de cargas e imediatamente associa ao mercado – tropas que vinham de vários lugares .....</p>

QUADRO 25

Largo Dom João, Igreja do Seminário, Praça Sagrado Coração de Jesus – memórias de infância

Entrevistado	Idade/anos	Pessoas referências	Observações	Contexto em que Largo.....a.parecem
Estêvão	6 a 7	Casa da avó	<i>Aquilo dali era uma movimentação diferente.</i> <i>Era em torno do trem, do passageiro, da carga chegando, e essa coisa toda.</i>	Quando perguntado o que traria de volta ele responde o trem de ferro e ao falar do trem fala do largo dom João e da Praça do Seminário
Walter	Criança	Professor de português – saía pra passear com os alunos e cobrava a ferradura do dono do bar. Ele foi formador de cinco gerações e envolvia com os problemas da gente	<i>Igreja seminário: estória de sua construção e a moeda “ burrusquê”, descrição da igreja – parece uma “serra” por dentro / influência européia/ à tardinha, luz nos vitrôs franceses</i> <i>Largo Dom João - praça bonita / lugar de infância / não granitos. que a gente desenvolveu ali... passa pra mim essa identidade de amizade...e da confiança. foi ali que a gente desenvolveu a amizade de pessoas... O Largo Dom João chamava-se largo do Curral. Missa das nove da manhã com o padre Calovini, a gente ficava depois para receber bala. Gramado onde a gente fazia o campo de futebol. Jogar futebol em área na praça do Sagrado Coração de Jesus. Era liberdade e espaço, muito espaço. Catar gabirola, brincar de finca, jogar futebol. Aquele espaço maior, aonde abrigou a estrada de ferro... Seminário – lodo, rústica, suja, era linda. Pintaram ficou feia.</i>	Comentando sobre imagem da cidade, cita o Mercado para que o Seminário também é um ponto referencial.
Félix	Criança			Pergunta qual lugar mais mudou na cidade ele fala praça do Seminário  Largo dom João aparece também. de forma secundária quando comenta sobre os shows que acontecem na cidade, pra não abalar estrutura centro colocam “ lá em cima” .
Fernando			Porta de entrada, espaçoso poderia ter coreto, palco fixo <i>shows</i> , circo, retreta. Praça das rosas. Lá faz comício.... nasci e nunca vi ali bonito... infância brincadeira, bola, fontes, peixe,.....  <i>No centro subia pro largo Dom João ....</i>	Pergunta de algum lugar ele acha que está mal aproveitado  Aparece quando comenta sobre o Carnaval
Jonas			<i>Praça do seminário - Lugar mais bonito pra vê, a gente passa lá.</i>  <i>Largo Dom João e o centro da cidade eram os pontos ...era tudo igual.</i>	Praça do Seminário aparece quando pergunta sobre qual o lugar mais bonito. Largo dom João aparece quando ele está comentando sobre o carnaval
Sônia			Largo Dom João - lugar compras diárias.	Aparece largo quando pergunta se precisa ir para outro bairro

QUADRO 26  
Largo Dom João – referência trem de ferro

Entrevistados	Idade/ anos	Pessoas Referên.	Observações	Contexto em que o trem de ferro aparece
Américo	18 anos		<p>Linha de trem de ferro  <i>Toda noite na hora do trem chegar a gente corria pra ver o trem.</i>  <i>Com a saída do trem, acabou o movimento do Largo Dom João</i> (ênfata várias vezes o trem como fator de movimento do lugar)            Voltaria trem fazer passeio turístico. Ele passava em Barão de Guacuí, Conselheiro Mata, Serra da Tocaia....</p>	Quando perguntado sobre uma lembrança da cidade e que não existe mais. Aparece novamente quando perguntado se pudesse voltar no tempo, o que traria de volta.
Estêvão	6 a 7 anos	Avó	<p>Casa da avó, <i>lembrança gostosa, ver o trem, acordar de madrugada com o trem passando, apitando..</i>            Associa trem de ferro ao Largo Dom João e à Praça do Seminário e também ao Mercado Velho (locais de movimentação) - o trem como responsável pela movimentação do trem do Largo Dom João . Comenta que o trajeto do trem para o turismo hoje seria muito importante.</p>	Quando perguntado se pudesse voltar no tempo, o que traria de volta.
João	10/16	Pai	<p><i>São lembranças bobas... e da Central, né? o trem chegando e saindo... Nossa... isso aí... eu viajava bastante de trem, né? porque a gente tinha um desconto, né? 75%... O trem ia daqui a Corinto, né? então a gente tava sempre indo lá... eu já fui de trem daqui ao Rio... o meu pai tava de férias, aí juntou a família e nós fomos lá no Rio de trem... Na época eu vi, (o mar) né? isso foi em 64... já tem anos, né?</i>  <i>“O senhor gostaria que alguma dessas lembranças voltasse a ser realidade?”</i>  <i>Se a Central voltasse, né? mas hoje já num teria graça, porque o importante naquilo tudo seria o meu pai, né? que ele era jovial... então... seria bom se... inclusive economicamente, né? pra Diamantina... mas são agora... hoje são lembranças, né? e eu tive uma infância assim... com muitos colegas pra molecar... assim, no bom sentido, né? de brincar e tudo...</i></p>	Quando perguntado de lembranças que não existem mais.
Vítor	Criança	Mãe	<p><i>Ela devia existir, nossa... a gente sente saudade...eu tava criança, mas ainda me lembro, Eu vinha com minha mãe, minha mãe...quando a gente passava pela linha, ela falava: Não passar depressa que daqui a pouco vem o trem! (risos) Coisa de caipira mesmo, da roça, mas é verdade! (risos) ....</i></p>	Perguntado qual lugar traria de volta
Walter	Infância		<p><i>Nós perdemos muita coisa da nossa memória aqui, que são irreversíveis... por exemplo: se você chegar em Sete Lagoas ou Curvelo, você vai ver a memória da estrada de ferro lá... pelo menos, o... a parte da plataforma... aqui era braço final... então, por exemplo, acabou... num tem mais a memória da estrada de ferro... aquele prédio tá lá onde é o Bombeiro... num se aproveitou aquilo... onde tá o Mercado Novo, era um virador... Não, num sei se enterraram aquilo... então aquilo ali... mataram aquilo... ninguém sabe, ninguém explica, num é?</i>  <i>.....eu tenho uma lembrança muito grande do trem de ferro... ele fez parte da minha infância... e aí eu acho que aquilo num poderia ter acontecido... tinha que ter sido preservado aquilo... quem sabe, até com o... com o maquinário, como se faz em Tiradentes... porque você poderia ir para o lado de Monjolos, aonde tem a serra, que é um lugar fantástico, né? então, no meu sentimento, eu acho que é uma perda que talvez outras poderiam... fazer parte do sentimento de outras pessoas mais antigas do que eu, né? que viram outros espaços sendo modificados... mas o... o que é muito forte na minha infância, é a estrada de ferro... e mataram a memória dela...</i></p>	Transformações

QUADRO 27  
Pão de Santo Antônio

Entrevistados	Ida de anos	Pessoas referências	Observações	Contexto em que aparece
Amélia			<p>Ela responde: <i> muito bonito que eu gosto.....</i></p> <p>Vínculos: reforma no largo (citou três vezes ) que estão fazendo no largo, que está ficando bonito... pobres asilo, gosta de fazer uma horinha</p> <p>- vai pagar promessa... de onde sai a novena da Nossa Senhora Aparecida. O pão e a Basílica Nossa Senhora Aparecida aparecem muito associados, principalmente em função da procissão que acontece em 12 de outubro</p>	Quando pergunta qual lugar mais bonito
Jairo			<p>Distração</p> <p>Reforma da praça vai melhorar, a gente vai poder sentar, tocar música... Lugar movimentado.</p> <p><i>Aqu ...a praça ali embaixo do Pão do Santo Antonio é um lugar... é uma distração ali, mas inda vai ser melhor ainda depois que eles acabar direitinho de formar a praça ali, né? que eles tão formando uma praça ali, né, construindo, o prefeito tá construindo uma praça ali que... futuramente vai ficar bonitinho pra valer,né, puder a gente sentar, prosar, quiser tocar uma musicazinha, a gente toca, se os doente lá do Pão, pessoal lá do Pão, é... necessitar, quiser escutar a gente vai lá tocar pra eles, né?</i></p> <p><i>... lugar movimentado mesmo é no largo do Pão, por aí afora.. .é... quer dizer, movimentado assim, dentro do limite porque o lugar é pequeno, ne?....</i></p>	Lugar mais bonito (do bairro)
Joca		Filhos dele pequeninos	<p><i>Ah eu tenho muita lembrança... que lá foi o seguinte... eu criei meus filho... tava tudo pequenininho e... a gente saía da minha casa e a direto pro Pão do Santo Antônio... sentava em volta ali do Pão do Santo Antônio com meus menino tudo assim em volta de mim... então isso eu lembro muito... tava tudo pequeno... então a lembrança que mais tenho é de lá...</i></p> <p>De vez em quando, ele vai ao Pão cantar seresta para os velhos.</p>	Qual lugar voltaria – responde Rio Grande, melhor bairro, onde criou os filhos.
Márcio		Pai (repetiu quatro vezes)	<p>Lugar mais bonito do bairro. <i>Transmite uma alegria pra gente, que tem os idosos domingo vamos brincar com eles, jogar bola, conversar, saber deles também, né? pra eles num ficar triste...que a gente sempre vai ta junto deles....</i></p> <p><i>Eu lembro... mais é do Pão de Santo Antônio mesmo... que eu ia lá mais... mais era lá brincar... ia lá mais é brincar nos pés de manga... na horta do Pão de Santo Antônio tinha muitas mangas... Tem essa horta... existe essa horta... mas ela é... é fechada hoje... hoje é proibido entrar... hoje é proibido entrar lá, né? a gente brincava lá de pé de manga... pegava manga, né? é... e a gente pegava sal em casa escondido e ia pra lá... pegava manga verde... é coisa de criança, né? coisa de criança... é muito importante...</i></p>	<p>Lugar mais bonito (do bairro)</p> <p>Lembranças infância</p>

QUADRO 28  
Antiga Sé

Entrevistados	Idade/anos	Pessoas referências	Observações	Contexto em que a Antiga Sé aparece
Amélia	9/10	mãe	<i>Lembro muito criança.....</i> Onde foi batizada. Primeiro lugar onde cantou sozinha. Tinha uma escadaria, um patiozinho com jardim. Crítica a demolição da Sé.	Quando pergunta qual lugar ela voltaria.
Rosa	Criança		Cantava na missa/ Participou de muita coroação de Nossa Senhora /Tinha coreto com jardim. Crítica a demolição da Sé.	Quando pergunta sobre quais lugares mudaram.

QUADRO 29  
Carnaval

Entrevistado	Idade/nos	Pessoas referências	Observações	Contexto em que aparece
Félix			Crítica. Comenta que prefere o carnaval quando várias bandas tocavam em lugares distintos no centro e não como é hoje que concentra num palco apenas no Mercado	Aparece quando pergunta o que ele gostaria que voltasse a ser como antes.
Fernando	Criança Matinê e ver desfile  adolescente Saía no bloco fantasiado de mulher	Pai, mãe	Lembrança e crítica. O antigo Carnaval – descreve como era – desde menino até adolescente. Clubes Acide e Acaiaca, blocos e escolas, ruas enfeitadas. <i>Era voltado para o povo, não era para se mostrar.</i> <i>Hoje muito comercial, voltado pra fora, não pra dentro, perdendo a mágica, localizado num lugar só</i> <i>Hoje cê num tem pra onde ir com a família no Carnaval.</i>	Quando perguntado o que traria de volta.
Jonas	12/14 anos	Companheiro e primos	Lembrança e crítica. Desfile, blocos, contágio da animação, integração do centro e o Largo Dom João, as pessoas circulavam entre os dois lugares Mas hoje ... <i>essa música boba que muita gente vê zoando na rua aí... mas num passa adiante não, só fica nisso... hoje está mais indisciplinado, bobaiada mesmo.</i>	Quando pergunta por qual outro motivo (além das tropas) ele vinha a Diamantina.
Márcio	15	Pai e mãe	Desfiles escolas de samba <i>eu dava a mão pra minha mãe e meu pai ainda pra ir assistir a Escola de Samba... Saía lá na Rua Direita... direto ali... passava... passava na "estátua" de Juscelino na Praça JK e parava na porta da Escola Normal, as Escolas de Samba... as Escolas de Samba todas paravam ali...</i> <i>Acabou por causa... incentivo mais é da Prefeitura não ajudando... não ajudando... e o pessoal também ia, né? gastando dinheiro do bolso, né?</i> <i>Tinha... tinha Unidos do Rio Grande.. Se tiver apoio, ela volta... ela volta, certo? ela volta... mas ela num tem apoio... num tem apoio, certo? tem a Pena Branca... como... tinha a Pena Branca... Era a Escola de Samba lá da... lá do... da Consolação... da Consolação... e... Tinha a da Vila Operária... Vila Operária, Unidos do Rio Grande, Pena Branca... é... esqueci o nome da outra... tinha umas cinco... tinha umas cinco...</i> <i>Ah, era legal demais, só... muito bom... muito mesmo... é... só todo ano que não acaba é as Domésticas... as Domésticas, né?/ É os bloco... o bloco... que os turista mesmo que fazem, né? que... Tem um pessoal aqui que faz a Doméstica... e os turista também pode entrar... pode entrar, certo? aí fica aquela maravilha danada...</i> <i>Tem os blocos de dia, né? tem a Vila Formosa, tem o Vai Quem Quer.../ Tem o... o bloco do Vila Formosa que passou a sair da nossa rua mesmo... que é um bloco só de... de criança que toca, certo? criança... aí... de dia que sai, né? de dia... onze horas da manhã que sai esse bloco...</i>	Quando pergunta coisas e lugares que mudaram.  Percurso.  Acabou por falta apoio da Prefeitura.  Nome das escolas que acabaram, mas se tiver apoio voltam.  Nome de blocos que ainda existem.  Bloco das domésticas.
Sônia	Adolescente	Pai	Críticas. marchinhas, cidade cheira mal, lotado, nem todo lugar você pode passar / Lembranças. Bailes carnaval Tijuco – musica ao vivo, todo mundo fantasiado.	Quando pergunta se a cidade mudou muito e ela responde sobre a invasão musical promovida pelas faculdades e pelo carnaval Quando pergunta qual lembrança viva ela traz na memória ela fala baile Hotel Tijuco, com músicos das serestas e recorda dos bailes de carnaval

QUADRO 30  
Comentários sobre a vista

Entrevistado	Observações
Américo	Cruzeiro – <i>catar pontinho por pontinho, aqui da Cidade você enxerga pouca distância.</i> Presépio.
Amélia	Cruzeiro - Beleza a cidade à noite. <i>De lá, eu aprecio a Cidade toda... de lá de, cima a gente ...a vista da gente vai lá... (...) e a vista da gente olha pra lá... a gente olha assim aquela amplidão assim... vê a mão de deus... como deus é bom... como deus é caprichoso... fazer tanta coisa pra gente apreciar.</i> Cruzeiro. Quartel – <i>é outro lugar que a gente aprecia ... vê também uma boa parte da cidade</i>
Rosa	Caminho dos escravos – <i>cê vê Diamantina... parece presépio. Apresentação via sacra porque cê tinha a impressão que era Jerusalém sem fim... a cidadezinha pequenininha assim no fundo</i>
Estêvão	Cruzeiro – visão ampla – <i>de lá consegue enxergar pontos, igrejas situadas estrategicamente....</i> (como Jonas) <i>youcê olha a Cidade como um todo</i> (como Sônia) Vincula a vista à fonte de inspiração musical
Félix	Falando da Praça JK – <i>dali cê enxerga o cruzeiro... é bem de frente... cê senta na porta da Igreja São Francisco ...cê fica olhando o cruzeiro ...ta bem em frente assim, sabe?</i>
Fernando	Quando fala da cor – <i>a cidade está num buraco, sobe a serra que sobe ao céu</i> (como Sônia). <i>O marco pra mim é a Serra, chove ela fica limpinha brilhando... parece que lavou</i>
Jairo	<i>Outro lugar mais bonito do Rio Grande é o “jardim”, onde tem o Cruzeiro. Lá do alto a gente vê as ruas tudo trançado assim... a gente enxerga esta parte toda, só não enxerga a Vila Operária... enxerga esta parte toda aí, as ruas trançadinhas</i>
Joca	<i>Mesmo a Cidade mal locada, a gente vê que ela tem uma vista. Do cruzeiro, a gente avista assim quase tudo, a Cidade inteira- e o importante é ver o centro da cidade... assim a noite é muito bonito.</i>
Jonas	Foto do cruzeiro ele mandaria – <i>vê vários pontos da Cidade, vê a Cidade de canto a canto. Os pontos que mais chama atenção são as igrejas</i> (como Estêvão )
João	Lugar mais bonito – mirante no fim do caminho dos escravos - fonte de inspiração musical. <i>Dá uma vontade de sentar com um violão lá e... deliciar-se de algumas músicas, né? então a gente... a exemplo do... do Joaquim Emérico e do Lobo de Mesquita, que foi um dos grandes músicos do mundo e que nasceu aqui, né? e também era esse... esse homem que se deslumbrava com... com as paisagens... e aquilo é que dava a ele inspirações pra que ele compusesse... como ele tem grandes, né? composições... do clássico... é... litúrgico e... né? então... lá é um lugar assim... aonde a brisa sopra assim... deliciosamente... então... e a gente... de lá cê vê a cidade como um presépio... cê sabe?... então as inspirações até pra composições e tudo... e eu até tenho algumas composições... mas eu fiz pras minhas filhas e tudo... então eu tenho alguma coisa que foi inspirada assim, né? de lugares sombrios... assim... lugares não muito... de barulho... porque eu acho que o músico, ele num gosta muito desse negócio de muito barulho, não... ele é mais de recantos, né? então, de lá cê pode ver então a beleza da Cidade, né? porque ela se mostra, ela se abre assim lá daquele mirante... e dá assim aquela sensatez de... e vêm à mente, né? aqueles acordes melódiosos que a gente... que tem em mente e que às vezes está... é... estão... é... como que dormindo, né? então esses acordes, eles se apresentam e a gente tem usado muito deles pra... as canções da gente... então... porque isso aí é como diziam alguns pastores de antigamente, né? dão à gente aquela euforia pra compor... pra ter sons determinados... e melodias lindas, né? ... então a musicalidade aqui, ela é nata e é crescente... então cê vê um garoto... se ele num toca nada, ele é afinado e tem ritmo... então, quer dizer, ele tem tudo pra chegar, né? com a harmonia crescente... uma harmonia fundada em terças e em quintas... isso deixa a gente bem à vontade pra isso, né?</i>
Reinaldo	Mais bonito da cidade - <i>a vista, o cruzeiro, a serra lá...</i>
Sônia	Lugar mais bonito - Caminho dos escravos – <i>eu gosto de ver a cidade de cima. ... parece presépio... aquele conjunto todo... Quando pergunta cor – azul, mistura com a serra com o céu</i> (como Fernando) Lugar próximo mais bonito – Itambé.
Walter	Escolheu mais bonito a imagem do Mercado com o Itambé ao fundo. Itambé é onde o sol nasce, espetáculo. Entardecer muito bonito, luminosidade especial.

**QUADRO 31**  
**Comentários gerais sobre a cidade de Diamantina**

Entrevistado	Observações
Américo	<p>Sugere voltar o trem para turismo. Sugere fazer bondinho pro pessoal passear no Cruzeiro</p> <p><i>Qualquer lugar aqui é tranqüilo...(...) num pode passar porque é perigoso, ainda não, né?</i></p>
Amélia	<p>“Está aborrecida” porque não está mais ouvindo o pio do pássaro preto na madrugada assim como tem notado a falta de vários outros passarinhos (ela vai falar que é por causa do agrotóxico e a ambição do homem) <i>pau dar , pau dar, era uma bicharada, cabou gente....</i></p> <p>Lembra que tomava banho no rio– passeava com a mãe na Gruta de Lourdes e na beira do rio onde tomava banho <i>...quando podia tomar banho, né? agora quem vai tomar banho nessas porcarias? Uai, tá poluído tão jogando ...quase não tem rio mais, cadê o rio do Rio grande</i></p> <p>Comenta que tinha parreiral para fabricação de vinho. Ficava onde hoje é Penaco (chamava Chácara do Bispo) e tinha outro parreiral onde hoje é o bairro Boa Vista, chamava Formação . Declara amor por Diamantina várias vezes</p>
Rosa	<p><i>Falam que tem ladrão, mas eu deixo minha casa aberta, janela aberta... saio e volto, acho tudo no mesmo lugar... ninguém deixou nada pra mim e nem levou nada...</i></p>
Estêvão	<p><i>Morar aqui é morar em terra sagrada... quem não conhece Diamantina não conhece metade do mundo. Diamantina pra nós é um bairro... ce encontra as pessoas .... a amizade graças a Deus ...a nossa amizade é tão grande que pega do Rio Grande e vai ate o Cazuzza que é o ultimo bairro daqui... confiança.../ tranqüilidade... povo solidário... aqui é um cantinho do céu... O ambiente que a gente vive é muito tranqüilo.</i></p>
Félix	<p><i>Eu num quero mudar daqui não...eu num saio daqui de jeito nenhum</i></p> <p>Segundo ele, o turismo abriu oportunidades para o músico tocar em outros espaços, e a Prefeitura apóia mais.</p> <p>Falta TEATRO, lugar para receber maior número de pessoas e também para ter opções de apresentações que normalmente ocorrem apenas nas igrejas.</p>
Fernando	<p><i>A vontade de ir embora é grande... porque Diamantina acomoda muito a gente...justamente pra crescer, em questão profissional ...senão nós vamos crescer, se a gente ficar parado aqui no que está, a gente vai morrer parado no que está, entendeu? A oportunidade é muito pouca...eu tenho de desenvolver, eu tenho de crescer, eu tenho de procurar...</i></p> <p>Comenta que a música no Vale do Jequitinhonha é mais ligada ao folclore, mais enraizada, não é tão comercial, então não valorizam o profissional, por isso vontade de ir embora. Quer ir pra uma cidade pequena que esteja se desenvolvendo e <i>que tenha um fluxo de gente mais espalhada....</i> porque aqui o desenvolvimento fica concentrado com poucos.</p> <p>O clima para ele é o mais gostoso e o que mais diferencia Diamantina – um clima mais frio. Quando de viagem, sabe que esta “chegando em casa” pelo clima.</p> <p>Pouco investimento no lazer, coisas muito concentradas num lugar só: no centro. O maior problema é o lazer. A cidade está ficando muito violenta. Em relação a lugar que evita andar, responde: <i>Nunca tive problema com lugar nenhum.</i></p> <p>Critica as muitas placas de trânsito que, segundo ele, enfeiam a cidade</p>
Jairo	<p><i>...pra mim todo lugar aqui é bom... eu sou conhecido na cidade inteira, né...ando de peito...de cabeça erguida, de peito largo pela rua, satisfeito, eu sei que ninguém tem raiva de mim...se tiver aí vai ser questão que não é Deus, né, mas....</i></p>
Joca	<p><i>A cidade... hoje a cidade enfrenta muita dificuldade... porque... aqui falta emprego pra muita gente... a maior parte do pessoal vive desempregado... e num acha onde se empregar, né? Eu... o pessoal tinha muito... é, assim... trabalhava no garimpo... é homem, mulher, menino, criança... tudo trabalhava no garimpo... todo mundo tirava diamante, todo mundo tirava ouro... então ninguém preocupava... inclusive a cidade num tem assim... indústria quase nenhuma... a única indústria que tem aqui é uma fábrica de tecido lá no Rio Grande... no mais é o Quartel... tirando disso num tem outro emprego... mas tem supermercado que às vezes emprega aí uns 10, 15 pessoa... às vezes até pode empregar mais... e a prefeitura... mas cabou... tirando disso num tem como empregar... então tem muita dificuldade...</i></p>

**QUADRO 32**  
**Comentários sobre a música**

Entrevistados	Idade anos	Pessoas referências	Observações
Américo	Desde criança		Todos os seus filhos sabem música. Comenta que o grupo de música é grupo da boa vontade, se sair um cachê é bem vindo, senão a musica acontece de qualquer forma. <i>É... e toda vida eu participei de de tocar, de seresta, de banda... festa religiosa, tocava em igreja... muitas vezes mesmo... Eu tando tocando eu estou feliz... porque música pra mim, é desde novinho, desde criança eu já comecei a estudar a música.</i>
Amélia	8/9	Mãe, irmãos	Cantava o Pão de Santo Antônio. Cantou a primeira vez, aos nove anos de idade, na antiga Se.. <i>tinha aquela vaidade de cantar sozinho, né? e todo mundo... todo mundo não, as pessoas que tava lá perguntou: "quem é que cantou?"... a gente ficava toda cheia de vida...</i>
Rosa	Criança e adolescente	Pai, irmãos	Pai e irmãos tocavam. Ganhava serenata dos namorados, fazia serenata para os seminaristas. Lembrança dos sarau. Lembrança dos bailes com orquestra nos clubes Acaiaca e Flamengo. Bailes de Carnaval que aconteciam nestes clubes/ Todas as casas tinham piano e todo mundo sabia tocar um instrumento Teatro e música vinham de Portugal, a mãe dizia. Anjo da Meia-Noite (hoje Vesperata) acontecia nas sacadas da Rua Direita.
Estêvão			42 anos dedicado à musica.
Fernando	12		Começou a tocar na Banda Mirim.
Jairo		Irmão	<i>Violão, aprendi a tocar quando era pequeno assim, rapazinho assim ó (faz gesto com a mão mostrando a altura) Gostava de escutar as pessoas tocar, então eu gravava aqui tudo (aponta para cabeça) e quando saía dali saía assoviando aquelas música... e meu irmão tinha comprado uma viola, reformado uma viola e pedíamos umas pessoas lá pra afinar a viola. Então afinava o violão, e eu tocava, ia aprendendo a tocar, e então... e assim eu aprendi, assim sozinho. Ai eu inventei a aprender e aprendi de tocar umas musicazinhas. Mas infância eu passei em Extração e Curralinho, né... lá eles fazia uma seresta por todo o canto, tanto pra lá, tanto pra cá, uma assanhada toda andava todo mundo gostava muito, gostava demais da minha seresta, e... dançava muito... dançava... sábado, domingo aquela confusão toda... distraía, né?</i>
Joca		Pai	Pai "farrista, gostava de festa", tocava sanfona, viola, violão e cavaquinho, todo instrumento ele tocava um pouco.
Jonas	14	Pais e tios	Irmão também é músico e tem cds gravados. A família "todo mundo artista"
João			<i>é como que, por encanto... eu num sei nem falar... é quase... é... todo mundo bate um... um violãozinho... gosta de uma flauta, uma gaita... e sempre é ligado à seresta e às coisas daqui, né?</i>
Sônia	8	Pai / músicos	Bailes hotel Tijuco época JK, música ao vivo. Bailes de Carnaval, também no Tijuco .
Vítor			<i>Olha, eu pretendo porque eu não tenho outra profissão, né, que eu possa exercer essa profissão e abandonar o garimpo. Mas se eu tivesse uma outra oportunidade, entendeu?... eu trocaria. Principalmente se eu tivesse uma chance ao lado da música, nossa, é a coisa que eu amo, a coisa que eu gosto, a coisa que, né?... então... nossa, eu pegaria de unha e dente como diz o pessoal, diz que a onça faz assim, pega com unha e dente então eu ia ser também uma onça.</i>
Walter	18		<i>A riqueza musical é um processo mineiro, não é exclusivo de Diamantina. O que criou esta oportunidade em MG foi o fato que aqui tinha ouro e diamante suficiente para manter o músico como profissional do século XVIII. O acesso ao que se produzia de melhor na Europa. O mulato e o crioulo é que vão desenvolver esta musicalidade. Para tentar ascender socialmente tinham de exercer o ofício da melhor forma possível e por esses motivos Minas teve músicos de extrema qualidade. Especificamente em Diamantina, acredita que, além destes fatores... a luminosidade pode ter sido motivo de inspiração musical. O entardecer em Diamantina é belíssimo. Costumava-se almoçar às 17:00, às 18:00 tinha música e sarau, então a luminosidade da tarde levava a um estado de espírito que facilitava a inspiração. Era comum também a maioria das casas ter piano.</i>

**QUADRO 33**  
**Comentários sobre o garimpo**

Entrevistados	Idade anos	Pessoas referências	Observações	Associações
Estêvão	Dos 7 aos 13/14	Pai	<p><i>O nosso diploma de primário era ir trabalhar com o pai no garimpo, né?</i></p> <p><i>Eu num tenho saudade do garimpo... época muito sofrida...o garimpo é igual... é um jogo... num é igual, não, é um jogo, né? Quer dizer, parece que a terra te dá e depois ela te toma...(...) a gente levava uma vida muito sofrida... então, é... eu realmente... eu não tenho saudade, né?</i></p> <p><i>o garimpo ele pode... é um jogo, é uma loteria... então, às vezes as pessoas se enriquecem da noite pro dia... mas também empobrecem da noite pro dia, né?</i></p> <p><i>Diamantina foi criada em função disso, né? o próprio nome já diz... mas Diamantina nunca... nunca tirou proveito do... do grande potencial de... da riqueza que saiu daqui... pelo contrário... quer dizer, Diamantina mandou... Diamantina soergueu Portugal, né? Diamantina ajudou na guerra da... da Rússia, né? e... mas até hoje nós não temos um... um imposto sobre o material extraído... quer dizer, as grandes... é... as grandes empresas... elas pegavam o diamante e passava por cima daqui... ia passando de avião... quer dizer, então o garimpo pra Diamantina... hoje o que nós temos que garimpar é a cultural, é o turismo, é a música, né?</i></p> <p><i>A gente percebe também que o garimpo, ele danificou tanto a natureza, né? ...então, quer dizer... isso também a própria natureza foi alterada com isso... e se você andar no redor de Diamantina, cê vai perceber que... que a cidade... os locais estão esburacados... quer dizer, houve uma depredação muito grande... se eu percorrer aqui pertinho que tá aqui do município... quer dizer, o Rio Jequiitinhonha tá secando em função do... do garimpo... então eu acho que esse num... num volta mais não...</i></p> <p><i>E esse garimpo ele num... ele num tem trazido... hoje ele... nós num podemos dizer... como eu disse... se ele gerasse imposto pra cidade sobreviver por ele, tudo bem... mas já num gera mais... Diamantina tem outras... que não tá sendo explorado... mas nós temos outros produtos que... que são interessantes... que na verdade... nós temos artesanato, nós temos a culinária, nós temos a... é... alguns outros produtos da terra, como... como outros minérios... que na verdade são muito pouco explorados, né?</i></p>	<p>Associações</p> <p>Sofrimento</p> <p>Jogo de azar</p> <p>Ganha e perde</p> <p>Diamantina não tirou proveito</p> <p>Hoje garimpar o turismo</p> <p>Degradação ambiental</p>
Joca			<p><i>Eu mexia com garimpo... meu pai às vezes ia pro garimpo e eu trabalhava com ele no garimpo... trabalhei com meu pai muito tempo... o tempo de mocidade mesmo... trabalhei muito tempo no garimpo...</i></p> <p><i>Ó menina... o garimpo... uns anos atrás o garimpo era bom demais... o garimpo, uns anos atrás, ele dava diamante, dava ouro... a gente sobrevivia só do diamante e do ouro... agora hoje tá muito explorado... pro cê tirar um diamante hoje cê gasta demais... nossa... as despesa é muita e às vezes nem compensa... então a gente... a maior parte dos garimpeiro largou o garimpo... e poucos venderam depois... porque... o diamante subiu de preço na verdade... mas acontece que tá difícil... tem muito diamante ainda pra tirar, mas... só que a dificuldade é demais.../</i></p> <p><i>Tem muita gente que ainda vive do garimpo... mas a maior parte já largou... muita gente já foi embora daqui pra procurar emprego, porque não acha mais assim... o diamante e o ouro conforme...</i></p> <p><i>Aqui de diamante? Tem muita gente... eu mesmo já tirei muito diamante... só que a gente tirava e gastava tudo...eu já tirei muito diamante... inclusive essa casa que vivo... maior parte dessa casa foi com diamante... eu fechava (...) ia garimpar... então a gente tirava os diamante... a gente vendia... inclusive essa casa mesmo eu tirei um diamante... eu tirei dois diamantes... eu tirei um diamante que pesou... é seis quilate... foi, sei quilate... eu empreguei tudo aqui... e depois eu parei... larguei pra lá, num vou mexer com mais não... é muito sofrido, hoje tá muito sofrido o diamante... o garimpo vai acabando, então vai acabando tudo, né? Porque o pessoal vivia era do garimpo... agora hoje não... tá tendo os turista, tá tendo alguma... fábrica... e... muito comércio... que lá vai mantendo a cidade...</i></p>	<p>Dificuldade de viver de garimpo hoje em dia</p> <p>Tirar e gastar</p> <p>Sofrimento</p> <p>Garimpo acaba e as pessoas têm de sair da cidade</p>